



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Faculdade de Educação

Ludivia Serrato Martínez

Mulheres guerreiras:
aproximação à experiência de vida de mulheres que pertenceram aos
grupos armados da guerrilha na Colômbia

Rio de Janeiro

2013

Ludivia Serrato Martínez

**Mulheres guerreiras:
aproximação à experiência de vida de mulheres que pertenceram aos grupos armados
da guerrilha na Colômbia**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Formação Humana, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Eloiza da Silva Gomes de Oliveira

Rio de Janeiro

2013

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

S487 Serrato Martinez, Ludivia.

Mulheres guerreiras: aproximação à experiência de vida de mulheres que pertenceram aos grupos armados da guerrilha na Colômbia / Ludivia Serrato Martinez. – 2013.

220 f.

Orientadora: Eloiza da Silva Gomes de Oliveira.

Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação.

1. Guerrilha – Colômbia _ Participação feminina (1980-1990) – Teses. 2. Mulheres – Opiniões sobre política - Colômbia – Teses. 3. Movimentos de libertação nacional – Colômbia - Teses. I. Oliveira, Eloiza da Silva Gomes de. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação. III. Título.

rc

CDU 355.425.4(861)-055.2

Autorizo apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação.

Assinatura

Data

Ludivia Serrato Martínez

**Mulheres guerreiras:
aproximação à experiência de vida de mulheres que pertenceram aos grupos armados
da guerrilha na Colômbia**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Formação Humana, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em 22 de janeiro de 2013.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a. Eloiza da Silva Gomes de Oliveira (Orientadora)
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Prof.^a Dr.^a. Marcia Souto Maior Mourão Sá
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Prof.^a Dr.^a. Maria Paula Nascimento Araujo
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

2013

DEDICATÓRIA

A Dios...

A mi familia en Colombia y en Brasil

A todas las mujeres que participaron en esta disertación y que con sus relatos compartieron un pedacito de la historia de nuestro país

AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas com seu amor, sua companhia, sua solidariedade, sua motivação e seu apoio tornaram esse trabalho possível. Aos meus pais, Rafael e Virgelina que são junto com Myriam, Ferney, Diego, Checho, Dianita, Daniel, David Romero, Henry, David Calvo, Sofia e Carlos meus grandes tesouros e amores. Agradeço a Deus porque eles são minha família e os seres que sempre cuidam de mim.

Danny pelo seu amor, sua companhia, sua solidariedade e seu desejo de caminhar juntos. Obrigada por ser uma benção na minha vida.

Para meus outros amores que fazem parte dessa família que construí durante toda minha vida... As famílias Schreiber Kruger e Monteiro... Eu sou eternamente grata com o cuidado e o amor de Mery, Waltraud e Humberto. Obrigada pela solidariedade, carinho e amizade de Kathrin, Suelly, Samira, Ana Maria, Giovanny, Priscilla, David, Talita, Juliana, Oscar, Jean Antônio e David.

Minha outra família colombiana: Rincón Garcia... Maria Antonia e Alejandra por todo seu amor e John Jairo por todos os grandes ensinamentos que me deixaram sua companhia e seu amor.

Obrigada com meus amigos, amigas e cúmplices... Liz, Constanza, Patricia, Adriana, Nathalia, Mariana, Aurita, Miyi, Luna, Jesús e Andres.

Na UERJ, a ajuda acadêmica oferecida por minha orientadora, a Prof. Eloiza da Silva Gomes Oliveira foi fundamental para o desenvolvimento da dissertação. Além disso, seu apoio e seu carinho me ajudaram em tudo meu processo desde que cheguei ao Rio e ao PPFH. Também a inestimável ajuda de meus amigos e representantes discentes André Luís Toríbio Dantas e Lorene Figueiredo, suas palavras, ações e apoio incondicional foram muito importantes para poder voltar e finalizar meu mestrado. Minha gratidão eterna para eles. Fico muito agradecida com Felipe B. Campanuci, Luzinete Cardoso Ildione e Samira Meletti, da secretária do PPFH, pela ajuda oferecida durante minha permanência no mestrado e no Rio. Especial agradecimento aos professores do PPFH e também agradeço às diretoras do Programa de Pós-graduação e ao povo do Brasil pela oportunidade oferecida a mim para estudar no seu país.

RESUMO

SERRATO MARTÍNEZ, Ludivia. **Mulheres guerreiras**: aproximação à experiência de vida de mulheres que pertenceram aos grupos armados da guerrilha na Colômbia. 2013. 220f. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas e Formação Humana) - Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

O tema das mulheres e sua relação com a guerra e a política começou a ser investigado na Colômbia durante a última década. Com o objetivo de colaborar para a compreensão deste fenômeno – mais especificamente, a participação de mulheres em grupos guerrilheiros –, nesta dissertação se busca analisar a trajetória de vida de cinco mulheres que ingressaram no Exército de Libertação Nacional entre os anos de 1980 e 1990. As categorias centrais manejadas neste trabalho foram: trajetórias de vida, gênero e conflito armado, concepções desenvolvidas com base nos postulados teóricos de Joan Scott e Pierre Bourdieu. Metodologicamente foram utilizadas ferramentas da história oral na abordagem dos relatos de histórias de vida com o fim de traçar pontes entre o sujeito, as condições sociais e a estrutura. Da mesma forma, realizou-se uma análise do Exército de Libertação Nacional como um campo social a partir do qual se pode abordar as relações entre homens e mulheres em temas como sexualidade, maternidade, relações de casais e referentes identitários. Enquanto se avançou em direção a uma aproximação à história dessas cinco mulheres dentro do grupo guerrilheiro, surgiram novas perguntas relacionadas com a trajetória política de cada uma delas no âmbito da vida civil.

Palavras-chave: Mulheres. Guerrilha. Exército de Libertação Nacional. Gênero. Conflito armado.

RESUMEN

SERRATO MARTÍNEZ, Ludivia. **Mujeres guerreras:** aproximación a la experiencia de vida de mujeres que pertenecieron a los grupos armados de la guerrilla en Colombia. 2013. 220f. Disertación (Maestría en Política Pública y Formación Humana) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

El tema de las mujeres y su relación con la guerra y la política comienza a ser investigado en Colombia durante la última década. Con el fin de aportar en la comprensión de este fenómeno y específicamente en la participación de las mujeres en los grupos guerrilleros, con esta disertación se busca analizar las trayectorias de vida de cinco mujeres que ingresaron al Ejército de Liberación Nacional entre los años de 1980 a 1990. Las categorías centrales fueron: trayectorias de vida, género y conflicto armado, desarrolladas dentro de los postulados teóricos de Joan Scott y Pierre Bourdieu; metodológicamente se utilizaron herramientas de la historia oral y los relatos de vida con el fin de trazar puentes entre el sujeto, las condiciones sociales y la estructura. De igual forma, se realizó un análisis del Ejército de Liberación Nacional como un campo social para realizar el abordaje de las relaciones entre hombres y mujeres en temas como sexualidad, maternidad, relaciones de pareja y referentes identitarios. Si bien, se avanzó en una aproximación a la historia de estas cinco mujeres dentro del grupo guerrillero, surgen nuevas preguntas relacionadas con la trayectoria política de cada una de ellas en el ámbito de la vida civil.

Palabras clave: Mujeres. Guerrilla. Ejército de Liberación Nacional. Género. Conflicto armado.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Grafico N° 01 - Procedimientos diseño metodológico.....	59
Gráfico N° 02 - Relaciones al interior del ELN - (Campo político y militar de la organización).....	131

LISTA DE TABLAS

Tabla N° 01 - Ejes centrales – Entrevista Semiestructurada.....	59
Tabla N° 02 - Perfil de las mujeres excombatientes participantes de la investigación.....	61
Tabla N° 03 - Línea de tiempo – trayectorias de vida.....	62
Tabla N° 04 - Participación de mujeres en el ELN por periodos históricos del grupo	124
Tabla N° 05 - Igualdad y diferencia.....	143

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ELN	Ejército de Liberación Nacional
FARC	Fuerzas Armadas Revolucionarias de Colombia
DN	Dirección Nacional
COCE	Comando Central.
NUPALOM	Consigna del ELN: Ni Un Paso Atrás, Liberación o Muerte!
ELENAS O ELENOS	Nombre dado a los miembros del ELN
EPL	Ejército Popular de Liberación.
UP	Unión Patriótica.
JUCO	Juventud Comunista.
MIR – PL	Movimiento de Izquierda Revolucionario – Patria Libre.
MOEC	Movimiento Obrero - Estudiantil - Campesino
MRL	Movimiento Revolucionario Liberal
M-19	Movimiento 19 de Abril
UIS	Universidad Industrial de Santander.
CEBS	Comunidades Eclesiales de Base.

SUMÁRIO

	INTRODUCCIÓN	12
1	MUJERES Y GUERRA EM COLOMBIA: APROXIMACIÓN BIBLIOGRÁFICA	15
2	REFERENCIAL TEÓRICO	23
2.1	Género, trayectorias de vida y conflicto armado	24
2.2	Género: reflexiones frente al desarrollo conceptual de la categoría	26
2.2.1	<u>Los debates de género em Colombia</u>	29
2.2.2	<u>El género como categoría de análisis</u>	33
2.3	Trayectorias de vida em el marco de los postulados teóricos de Pierre Bourdieu	36
2.3.1	<u>La trayectoria de vida como categoría de análisis</u>	41
2.4	Precisiones conceptuales sobre conflicto armado y violência política	43
3	MARCO METODOLÓGICO	48
3.1	Sujeto y testimonio: debates sobre memoria e historia em el contexto colombiano	51
3.2	Enfoque cualitativo y reflexiones sobre el uso de la entrevista como técnica para recolección de la información	55
3.3	Diseño metodológico	58
4	TRAYECTORIAS DE VIDA DE MUJERES QUE HICIERON PARTE DEL GRUPO GUERRILLERO, EJÉRCITO DE LIBERACIÓN NACIONAL - ELN	65
4.1	Antecedentes del conflicto armado contemporâneo em Colombia	66
4.1.1	<u>Génesis de las guerrilhas em Colombia</u>	67
4.1.2	<u>Aproximación histórica al surgimento del Ejército de Liberación Nacional (ELN)</u>	70

4.2	Años sessenta y setenta. La familia y los recuerdos de la infância ...	73
4.3	Primeros passos de las mujeres em la militância política y militar. Años ochenta	77
4.3.1	<u>Teologia de la liberación y revolución</u>	83
4.4	Militancia política y militar dentro de las filas del ELN (1983-1999)	88
4.4.1	<u>Escuela de Combatientes</u>	90
4.4.2	<u>Clandestinidad y vida guerrillera</u>	95
4.5	El retorno: encuentros y desencuentros em la vida civil	107
4.6	El conflicto armado em la actualidad y el ingreso de nuevas mujeres combatientes al ALN	110
4.6.1	<u>Multinacionales y nuevas guerras: rearme paramilitar y narcotráfico</u>	113
5	MUJERES Y EJÉRCITO DE LIBERACIÓN NACIONAL (ELN): APORTES AL ANALISIS DE LAS RELACIONES DE GENERO	122
5.1	Ejército de Liberación Nacional. Esbozo de la participación de las mujeres em su historia política y militar	122
5.2	Héroes y heroínas: símbolos e identidad sobre el ser hombre o mujer em el ELN	132
5.3	Normatividad y regulación de la vida cotidiana em el ELN: permanências y câmbios em temas como sexualidade, relaciones de pareja y maternidad	136
5.3.1	<u>Sexualidad y relaciones de pareja</u>	137
5.3.2	<u>Maternidad y guerra</u>	140
5.4	El problema de la igualdad y la diferencia em el ELN: roles de género, lo político y lo militar	142
	CONSIDERACIONES FINALES	146
	REFERÊNCIAS	152

APENDICE A – Analisis Vertical de Trayectorias de Vida de Mujeres que Asumieron Cargos de Mando Dentro del ELN	159
APENDICE B – Analisis Vertical de Trayectorias de Vida de Mujeres (Miliciana y Combatiente) Dentro del ELN	176
APENDICE C – Analisis Vertical de Trayectorias de Vida de Mujeres (Miliciana y Combatiente) Dentro del ELN	182
APENDICE D – Analisis del ELN Como Campo Y de las Relaciones de Género	193
APENDICE E – Aspectos Transversales de las Entrevistas	208

INTRODUCCIÓN

Colombia ha vivido por más de seis décadas un conflicto armado interno que aún está por resolverse. Después de varios intentos de paz con las guerrillas de las FARC-EP (Fuerzas Armadas Revolucionarias de Colombia – Ejército del Pueblo) y del ELN (Ejército de Liberación Nacional), estos grupos continúan haciendo presencia política y militar en varias regiones del país.

En este contexto, se han venido adelantando una serie de investigaciones sobre violencia, conflicto armado y paz, generando una gran producción documental en estos temas, permitiendo por un lado, comprender mejor la lógica de un conflicto de larga duración que ha sido catalogado como un fenómeno excepcional dadas sus condiciones de existencia y sus características; y por otro, generar amplios debates sobre el carácter de la guerra y de los actores en confrontación:

Colombia, en particular, ha producido un significativo volumen de trabajos sobre su propia situación que revelan no sólo la complejidad del caso nacional, sino que también proveen insumos cada vez más sólidos para la comparación sistemática con otros países en situaciones similares de conflicto armado. Hoy sabemos que el conflicto colombiano encierra ciertas particularidades, pero hemos dejado atrás el aislamiento explicativo al que nos arrastró en el pasado una creencia generalizada de excepcionalismo. (NASI; RETTBERG, 2004, p. 74)

Sin embargo, más allá de comprender a los actores del conflicto armado en abstracto, lo que se encuentra sobre la base de los proyectos políticos y militares, son hombres y mujeres de diferentes clases económicas, niveles educativos, creencias, culturas, convicciones, edades y procedencias, que han ingresado al escenario de la guerra por convicciones de diversa índole, transformando no sólo sus vidas, sino toda la historia del país.

Aunque en la actualidad se cuenta con información sobre lo que ha significado para un individuo vincularse a un grupo insurgente y las implicaciones en el ámbito subjetivo y colectivo; existen temas que están comenzando a investigarse como: la vida cotidiana en los campamentos guerrilleros, los ritos y los símbolos que los identifican, las relaciones de género, la sexualidad, el cuerpo y las emociones, entre otros.

Dentro de estas nuevas perspectivas de análisis sobre la guerra y los sujetos que están inmersos en ella, se inscribe esta disertación, la cual busca contribuir con nuevas comprensiones sobre lo que ha significado la participación de las mujeres dentro de los

grupos guerrilleros, los cambios o permanencias que suscitó dicha presencia al interior de la organización insurgente y frente a la configuración de relaciones de poder entre hombres y mujeres. De igual forma, busca visibilizar las historias no contadas de la guerra, donde la sexualidad, el amor, la maternidad, el cuidado de los otros, el dolor, la culpa y la muerte, aparecen con mayor fuerza que la racionalidad e imparcialidad del guerrero sin rostro, sin nombre y sin historia al ser absorbido e invisibilizado en el colectivo.

Ahora bien, al escoger un tema de investigación, casi siempre existe una especie de conexión entre el fenómeno que se quiere conocer y comprender con respecto a la propia vida de la persona que investiga. En mi caso, cuando yo me encontraba estudiando en la Universidad Nacional de Colombia a mediados de los años noventa, el contacto con grupos de estudiantes que participaban en las protestas sociales y mantenían vínculos con las guerrillas era algo cotidiano. Sin embargo, más allá de una idea romántica de la revolución, el conocer la historia de la guerra en Colombia y las arbitrariedades cometidas por parte de todos los actores armados, me generó una actitud muy crítica sobre el uso de la violencia y de las armas como medio para transformar la realidad del país.

No obstante, más allá de las contradicciones históricas que puedan existir frente a la búsqueda de sentidos sobre lo que ha ocurrido en Colombia durante más de sesenta años de violencia permanente; es necesario no perder de vista la importancia del papel que han jugado los grupos subversivos en la construcción histórica de diversas formas de resistencia y de búsqueda de salidas a la crisis social, desigualdad y exclusión en la que viven la mayor parte de los colombianos.

De ahí la importancia de recuperar la memoria de los grupos guerrilleros la cual ya se está empezando a escribir. Pero, solo a través de reconocer las diferentes voces que han estado presentes en el desarrollo de la historia política en el país, se podrá avanzar realmente en la construcción de **Políticas de la Memoria** en las cuales las mujeres aún no tienen un lugar relevante. Por tanto, esta investigación busca contribuir a visibilizar las historias de cinco mujeres ex guerrilleras y sus trayectorias de vida, donde lo político y lo militar se constituyeron en dos elementos fundamentales tanto para su identidad, como para el grupo guerrillero.

Con este fin, se definieron los siguientes objetivos: **Objetivo General:** Describir y analizar las trayectorias de vida de mujeres que ingresaron al Ejército de Liberación Nacional de Colombia entre los años 1980 a 1990. **Objetivos específicos:** Describir las trayectorias de vida de mujeres ex guerrilleras del Ejército de Liberación Nacional y su relación con la

historia del grupo subversivo; Analizar las relaciones de género a partir de símbolos, normas, identidades e instituciones al interior del grupo guerrillero; Analizar cuáles son las principales relaciones objetivas y los capitales que se encuentran en disputa entre hombres y mujeres en el espacio social configurado en el ELN.

Estos objetivos parten de la base realizada por otras investigaciones en el tema de mujer y conflicto armado, en las cuales se ha avanzado en la comprensión frente a cómo ha sido la participación de las mujeres en los grupos, cómo esta participación ha variado en los diferentes periodos históricos en Colombia y que implicaciones ha tenido en terminos de su identidad.

Con el fin de desarrollar cada uno de los objetivos propuestos y las categorías centrales de la investigación, las cuales son: **trayectorias de vida, género y conflicto armado**; se utilizaron algunos postulados teóricos de la historiadora Joan Scott para trabajar el tema de género; de Pierre Bourdieu para trabajar el tema de trayectorias de vida; y de Carlos Medina, Teófilo Vásquez y Medófilo Medina para trabajar la categoría de conflicto armado.

Desde estas consideraciones, en la primera parte del documento se presenta una aproximación bibliográfica al tema de mujeres y guerra en Colombia: en este capítulo se retoman algunos documentos producidos durante los últimos diez años describiendo las principales tendencias en el tema. Asimismo, en este aparte del documento se describen las principales categorías utilizadas en ésta investigación y el diseño metodológico propuesto para el abordaje de las trayectorias de vida desde una perspectiva histórica y contextual.

En el primero y segundo capítulo se describen los resultados de la investigación: en primer lugar, se desarrolla el tema de las trayectorias de vida y su articulación con la historia del ELN y del conflicto armado en las últimas cinco décadas. En la segunda parte, se realiza un análisis transversal de las trayectorias, enfatizando en temas como igualdad, diferencia, sexualidad, relaciones de pareja y maternidad. En este capítulo, se hace una aproximación al ELN como un campo estructurado según la definición propuesta por Pierre Bourdieu. En la última parte del texto, se describen algunas consideraciones finales y se plantean preguntas que pueden permitir abrir nuevas perspectivas analíticas o áreas de investigación sobre este tema.

1 MUJERES Y GUERRA EN COLOMBIA: APROXIMACIÓN BIBLIOGRÁFICA

A final de los años noventa, aparecen diversas investigaciones realizadas sobre el tema de mujeres y guerra en Colombia, las cuales cobran mayor relevancia en la última década. Dentro de la producción documental de este tema se encuentran autobiografías, novelas, historias de vida, investigaciones desde diferentes perspectivas disciplinares como historia, psicología, antropología y ciencia política. Es importante mencionar, que la principales preguntas que buscaron responder los estudios han estado relacionadas con aspectos como: formas de vinculación de las mujeres en los grupos armados, cuáles fueron los papeles que desempeñaron en diferentes épocas de la guerra en el país y cómo esta participación contribuyó o no, para conseguir ciertos ideales de “igualdad” con los hombres, transformando así, identidades tradicionales frente al ser hombre y al ser mujer.

Desde una perspectiva histórica para el abordaje del tema de mujer y guerra, si bien, en los anales de la historia se menciona a la mujer como heroína o mártir de la época de la independencia en Colombia, se cuenta con muy poca documentación sobre la participación de las mujeres durante el desarrollo de las diferentes guerras de independencia, las guerras civiles del siglo XIX y de la época de la Violencia Bipartidista en el siglo XX. Este hecho se debe en gran parte a que existe una tendencia en Colombia a escribir la historia oficial en clave masculina, olvidando o invisibilizando el papel de la mujer en diferentes épocas del tiempo y su lugar como sujeto histórico y político. Con relación a este fenómeno, Valencia Llano menciona:

Los historiadores e historiadoras con contadas excepciones nos dedicamos a realizar historias sociales, económicas, políticas o culturales en las que el primer y principal protagonista es el hombre: el conquistador, el colono, el promotor de la independencia y de las reformas políticas, el emprendedor y monopolizador de ideas y acciones en la sociedad decimonónica y moderna, y si la mujer es mencionada se la presenta como un ser supeditado. (VALENCIA, 2001, p. 14)

Este hecho no puede interpretarse como un simple “olvido” u “omisión” académica, por parte de los investigadores o de las diferentes perspectivas teóricas o disciplinares que estudian la historia y su relación con los sujetos y los acontecimientos de cada época. En el caso de los estudios de la guerra en Colombia, tal como lo afirma Valencia Llano (2001), pese a que la participación de mujeres en los ejércitos fue significativa, en la historiografía

tradicional se construyó un relato donde la mujer aparece de forma periférica, marginal, sarcástica y episódica.

Sin embargo, otro tipo de estudios históricos realizados por Cherpak (1978), Lavrin (1984), Velásquez (1998), Llano (2001), Meertens (2005) y Wills (2005), han logrado avanzar en el análisis de la participación de la mujer en la configuración del Estado Republicano y en las guerras del siglo XIX, donde las mujeres apoyaron a los ejércitos rebeldes como partisanas o combatientes:

Cherpak, muestra que las mujeres se encontraban preparadas para participar en un proceso tan convulsionado... ella clasifica de la siguiente manera la participación de las mujeres: 1. Participación personal en los combates, actividades secundarias y en espionaje. 2. En actividades tradicionales como anfitrionas en las tertulias y la asistencia a heridos. 3. Contribuciones en dinero y abastecimiento a los insurgentes. 4. Como consecuencia de su participación sufrieron el sacrificio personal al perder a sus seres queridos, confiscación de bienes y riquezas, la pobreza y el destierro (LLANO, 2001, p. 26)

Si bien, en este tipo de estudios se avanza en la descripción del tema, como lo menciona el propio Valencia Llano (2001), el énfasis se hace sobre el papel histórico de las mujeres de la élite, describiendo algunas características del papel de mujeres mestizas y esclavas, de quien se afirma, su participación fue muy importante en el apoyo militar y en su vinculación como combatientes durante la época de independencia en Colombia:

En las milicias y los levantamientos armados, las mujeres estuvieron presentes cumpliendo diversas funciones, desde acompañantes de familiares que estaban en las listas, pasando por lavanderas, cocineras, prostitutas y enfermeras, hasta desarrollando papeles explícitamente partisanos, como el de espionaje, mensajeras o como milicianas. Según cálculos de Carlos Eduardo Jaramillo, en la tropa liberal que combatió en la guerra de los Mil Días, del 6 al 22% de las filas estarían compuestas por mujeres. (WILLS, 2005, p. 74)

En esta misma perspectiva, dentro de la historiografía que describe y visibiliza la participación de las mujeres en los grupos armados en Colombia – *desde las guerras de independencia del siglo XX y que culminan con la guerra de los Mil días (1899-1902)* – es necesario destacar el texto de Donny Meertens (2005) titulado “Mujeres en la guerra y la paz: cambios y permanencias en los imaginarios sociales”, el cual realiza un análisis focalizando dicha participación en las guerras del siglo XX.

Meertens (2005) señala que se pueden identificar tres momentos históricos que permiten describir y diferenciar cuáles fueron los papeles asumidos por las mujeres en el conflicto armado en el siglo XX: la Guerra de los Mil Días; La Violencia de los años

cincuenta y sesenta; y las nuevas configuraciones de conflicto armado contemporáneo que vive el país. La participación de las mujeres en estos periodos se analiza de acuerdo a la dinámica de la violencia en términos de acciones, justificaciones y representaciones referidas a la diferencia sexual “El recorrido de estos tres escenarios de violencia pretende ilustrar cambios y transformaciones en los imaginarios sociales de género en el contexto de guerra”. (MEERTENS, 2005, p. 257).

En la guerra de los Mil Días “dos actividades concentraron la participación femenina en la contienda: el apoyo logístico y el combate.” (MEERTENS, 2005, p. 258). En este escenario de violencia, esta autora propone tres hipótesis sobre la relación entre mujer, guerra y construcción de feminidad: la primera está relacionada con el hecho de que la mujer no “representaba un locus de dominación en las prácticas bélicas”; la segunda hace referencia a que la vinculación de las mujeres en la guerra se realizó sólo en actividades como el cuidado de los otros, enfermería y apoyo logístico, participando excepcionalmente en combates; la tercera se relaciona con el hecho de que a las mujeres no se les permitía su vinculación a los grupos armados, debido a que la guerra era un asunto solo de hombres campesinos.

Durante la época de la Violencia en Colombia que se vivió en los años cincuenta y sesenta, la participación de las mujeres en la guerra estuvo condicionada a dos elementos de carácter sociopolítico, los cuales permiten comprender “las construcciones simbólicas del poder y de la alteridad en la sociedad campesina de la época.” (MEERTENS, 2005):

1. La conquista por parte de las mujeres del derecho al voto en 1954, sobre el régimen de Gustavo Rojas Pinilla: este elemento llevó, según Meertens (2005), a definir un lugar para la mujer en el escenario de la lucha bipartidista en el imaginario de enemigo al cual se tenía que combatir, convirtiendo su cuerpo en un botín de guerra y objeto de crueldades.

2. La expansión de la violencia en zonas cafeteras y rurales en la zona centro del país: este elemento se relacionó con el hecho de que “la sexualidad de las campesinas, se constituía en una de las más controvertidas dimensiones del sistema de dominación de la hacienda cafetera”. (MEERTENS, 2005, p. 262)

De ahí que, en el periodo de Violencia en los años cincuenta, las mujeres terminaron siendo por un lado, víctimas de los actores en confrontación; y por otro, teniendo una participación activa en el conflicto armado. Cabe señalar, que si bien, en este periodo se

perpetraron innumerables hechos de violencia con altos índices de atrocidad y barbarie en contra de la población civil, un gran porcentaje se cometió en contra de mujeres, niños y ancianos: “en esas masacres, las mujeres no eran simplemente víctimas por adición. Su muerte violenta – y frecuentemente su violación, su tortura y su mutilación cuando estaban gestantes – cumplía un papel simbólico que expresaba el motivo de exterminio del enemigo”. (MEERTENS, 2005, p. 264).

Por otra parte, las mujeres vinculadas a las guerrillas liberales cumplieron un papel fundamental en el cuidado de las tropas, como espías e informantes, así como para el suministro de víveres y uniformes. Al mismo tiempo, las mujeres participaron en las guerrillas de autodefensa como combatientes, pero este rol dependía de la posibilidad de tener un marido vinculado a estos grupos. No obstante:

Si bien, en aquel episodio las mujeres participaban activamente en los oficios de la guerra, con eso no se transgredía substancialmente la tradicional división del trabajo de la sociedad campesina, basada en el liderazgo masculino y en la lucha femenina por el cuidado y la sobrevivencia cotidiana. Podríamos resaltar en este punto las permanencias en las construcciones simbólicas de la feminidad y las prácticas sociales de las mujeres de la guerra de los Mil Días. (MEERTENS, 2005, p. 267)

La “permisividad” de que la mujer asumiera un rol como combatiente entró en crisis debido fundamentalmente a dos hechos: la maternidad en medio de la guerra, y el retorno a la “normalidad” de la vida campesina en el tránsito de la guerra a la paz. (MEERTENS, 2005).

Si bien es cierto, que las mujeres combatieron en las guerrillas liberales durante la época de la Violencia, se dio una participación más activa con su vinculación a las guerrillas que surgieron en los años sesenta, influenciadas por el proceso revolucionario que se venía gestando en América Latina.

En el marco de la producción bibliográfica sobre la historia de los grupos guerrilleros, en el año 2000 se publican dos autobiografías de mujeres, las cuales narraron su experiencia de vida como guerrilleras y el impacto que ésta les generó en lo subjetivo, lo emocional y en la construcción de su identidad: “Escrito para no morir. Bitácora de una militancia” de **María Eugenia Vásquez**; y “Razones de vida” escrito por **Vera Grabe**. En este mismo año, **Patricia Lara** publica “Las mujeres en la guerra”, donde se recogen las narrativas de nueve mujeres que de una u otra forma, estuvieron relacionadas con los grupos armados.

Se puede afirmar sin lugar a dudas, que estas publicaciones abrieron por un lado, la posibilidad de contar la historia de la guerra desde la voz de las mujeres; y por otro,

introdujeron en el campo académico, nuevas preguntas de investigación, las cuales terminaron influyendo en la producción bibliográfica de los siguientes años.

Dentro de las nuevas investigaciones desarrolladas en los últimos diez años – *en un contexto de pérdida de legitimidad de los grupos guerrilleros y desgaste del uso de la violencia como medio de transformación social* – las preguntas que orientaron los estudios se enfocaron en aspectos como: las motivaciones individuales para ingresar a los grupos armados, los impactos generados a partir de esta experiencia en la identidad y sus implicaciones frente al retorno a la vida civil, por mencionar algunos. Con estos interrogantes, se buscaba no sólo comprender este tipo de experiencia, sino principalmente realizar aportes al tema de la paz y a la construcción de políticas públicas para posibles procesos de desmovilización y desarme de la población combatiente.

Entre otras publicaciones, se pueden mencionar en esta línea de trabajo: “*Mujeres no contadas: procesos de desmovilización y retorno a la vida civil de mujeres excombatientes en Colombia, 1990-2003*” de **Luz María Londoño y Yoana Fernanda Nieto** (2006); “*La corporalidad de las guerreras: una mirada desde las mujeres combatientes desde el cuerpo y el lenguaje*” de **Luz María Londoño** (2005); y “Experiencias en la guerra desde la voz de las mujeres” de **Elsa Blair y Luz María Londoño**.

A partir de estos nuevos análisis, se puede identificar un núcleo central en la producción bibliográfica relacionado con el análisis de la experiencia como un hecho que puede subvertir la identidad femenina definida desde la cultura patriarcal, o por el contrario, construir nuevas formas de subordinación de las mujeres a los intereses de los actores armados, a través de su sometimiento a un proceso de masculinización de su identidad.

Por otro lado, surgen otro tipo de estudios que cuestionan la idea de algunas investigadoras en buscar profundizar sobre diferencias tradicionales entre hombres y mujeres, pues se argumenta que lo que terminan concluyendo es que existe una identidad femenina esencial que fue lesionada a partir de la experiencia armada. De ahí que, el análisis de la experiencia de la mujer en los grupos armados, desde la producción de nuevas investigaciones, se haya orientado en los últimos cinco años a conocer su experiencia en términos más amplios al interior de los grupos guerrilleros.

En esta perspectiva se pueden mencionar trabajos como: “*Mujeres en armas: ¿avance ciudadano o subyugación femenina?*” de **María Emma Wills Obregón** (2005); “*Guerrilleras y activistas por la paz en Colombia: incursión política y rupturas identitarias*” de **María Eugenia Ibarra Melo** (2008), “*La investigación sobre género y conflicto armado*” de **María**

Rocío Cifuentes Patiño (2009) y “*Acción colectiva, violencia política y género: el análisis de las organizaciones insurgentes político-militares en Colombia: el Ejército de Liberación Nacional (ELN) actor de referencia*” de **Alba Nubia Rodríguez Pizarro** (2009).

En esta línea de trabajo, Maria Ema Wills afirma que las mujeres al pertenecer a un grupo armado si han cuestionado los roles tradicionales de género, logrando así, disputarse espacios públicos de debate sobre tema como democracia, política y ciudadanía:

No están ni traicionando su naturaleza femenina ni quedando subyugadas bajo la lógica patriarcal, si no que están infringiendo barreras construidas por una mirada masculina que le atribuyo imperativamente el ámbito doméstico como el terreno de su realización. La emancipación de las mujeres y su camino para la conquista de su ciudadanía plena, comienza por un esfuerzo consciente de desterrar los estereotipos femeninos como mujer igual a maternidad, intuición, emoción, sentimentalismo y abnegación, que servirán fundamentalmente para excluir lo femenino del mundo público en las democracias de occidente. Wills (2005, p. 63)

Al hacer énfasis en el análisis de la participación de las mujeres en los grupos armados como una posibilidad de expansión de su subjetividad política y de subversión de la identidad dicotómica: mujer pacífica y hombre guerrero; algunos estudios sobre mujeres y guerrilla como el de Ibarra (2008) y el de Rodríguez (2009), lograron realizar valiosos aportes relacionados con el tema de la transformación de la identidad de las mujeres al pasar por la experiencia como guerrilleras.

Es importante mencionar, que si bien en Colombia existen estas dos tendencias frente a la producción bibliográfica en el tema de mujer y guerra; se puede afirmar que los resultados de las investigaciones señaladas, llegan a conclusiones similares con énfasis diferentes en temáticas como: igualdad y diferencia, papeles desempeñados por las mujeres dentro de los grupos armados, transformación o permanencia de la identidad de las mujeres y balance de pérdidas y ganancias a partir de esta experiencia en la vida de las mujeres.

Con respecto al tema de la igualdad en los grupos guerrilleros y la subversión de una identidad femenina tradicional; los estudios mencionados, llegaron a la conclusión de que si bien en la guerrilla se promovió una distribución de las actividades sin distinción sexual, esto no significó transformaciones sustanciales en las relaciones de género ni durante, ni después de la experiencia en el grupo armado.

En este punto es necesario diferenciar las dos tendencias analíticas, pues si bien, en la primera se esperaba que las mujeres mantuvieran comportamientos femeninos dentro del grupo armado; en la segunda, se cuestiona el hecho de que no se lograran transformaciones importantes en la relación entre hombres y mujeres, puesto que se mantuvieron de manera

explícita o soterrada, prácticas de discriminación hacia las mujeres y su utilización en labores “femeninas” dentro de las estructuras armadas; así como, su exclusión de espacios o instancias de toma de decisiones. En este sentido, Cifuentes (2009, p. 135) señala:

Cuando las mujeres se envuelven en los grupos armados, tienden a localizarse en tramas de subordinación política. “[...] su compromiso activo en la guerra no se traduce en la igualdad de las mujeres con los hombres, ni consigue que el carácter, la cultura y la jerarquía de las fuerzas armadas se vuelvan más femeninos por la presencia de las mujeres.

Tales elementos, como la igualdad en los roles, el mantenimiento de las relaciones tradicionales de género y la ausencia de cambios sustanciales en representaciones o identidades de lo femenino y lo masculino al interior de los grupos insurgentes, lleva a que autoras como Wills, Ibarra, Rodríguez, Blair, Londoño y Pizarro; sustenten la idea de que si bien, algunas mujeres percibieron esta experiencia como un cuestionamiento de la lógica binaria que sustenta dispositivos de control y dominación propios de la cultura patriarcal; si se constata el hecho de que sufrieron una serie de pérdidas, lesiones, aplazamientos y costos familiares y sociales que dificultaron su retorno a la vida civil. Londoño y Nieto (2006) en el libro “Mujeres no contadas”, señalan que las mayores pérdidas a las que hacen referencia las mujeres excombatientes fueron: tanto la ruptura del sentido de unidad que les daba la pertenencia al grupo guerrillero, como los aplazamientos de la maternidad, la familia y el tiempo dedicado a los hijos.

Por otra parte, Ibarra afirma que pese a las pérdidas mencionadas, las mujeres no invalidaron esta experiencia; por el contrario: “Ellas valorizan las vivencias y los aprendizajes en ese espacio; la actitud crítica y reflexiva que asumieron frente a la realidad del país y su capacidad para sacrificar sus proyectos individuales por los comunitarios”. (IBARRA, 2008, p. 75)

Para finalizar, es importante mencionar que dentro de la producción bibliográfica sobre el tema de mujer y guerra en los últimos diez años, se publicaron una serie de investigaciones sobre el fenómeno de las niñas reclutadas por los grupos armados. En el año 2002, aparece el primer libro titulado: “No queremos que nos limiten nuestros sueños de niña” escrito por Erika Páez; posteriormente se publican otros trabajos que incorporan la perspectiva de género en el análisis como: “Guerreros sin sombra” de Aguirre y Álvarez (2002); “Aprenderás a no llorar” informe que describe la situación de vulneración de derechos de los niños y las niñas reclutados por los grupos armados, elaborado por Human Right Watch

(2005); y en el libro “Mujeres no Contadas” publicado en el año 2006, se incluye un capítulo sobre el tema de las niñas en la guerrilla.

También se realizaron otros estudios analizando el impacto que tuvo la experiencia del reclutamiento en la vida de las niñas, utilizando sus propias narrativas para evidenciar lo que este acontecimiento generó en sus vidas; dentro de esta perspectiva se encuentran: “Voces de jóvenes excombatientes” de Yvonne E. Keairns (2004); y “De actoras en armas a sujetos sociales: niñas excombatientes y procesos de desarme, desmovilización y reinserción” de Diana Castillo-Tietze (2012).

2 REFERENCIAL TEÓRICO

La relación entre sujeto y estructura se constituye en uno de los debates más complejos que ha acompañado el desarrollo de las ciencias sociales a lo largo de su historia. A este debate subyacen ciertos antagonismos como objetivismo y subjetivismo, macro y micro análisis, lo simbólico y lo material, los cuales han configurado diversas formas para aproximarse y comprender la realidad y los hechos sociales:

Marx, Freud y Saussure en el caso de la antropología estructural, constituyeron las principales fuentes de referencia en las Ciencias Sociales y Humanidades durante gran parte del siglo XX. Si bien debemos admitir la influencia de otras fuentes como, por ejemplo, el evolucionismo en el funcionalismo, el positivismo en el pensamiento de Durkheim, y la sociología comprensiva de Weber en la obra de Talcott Parsons, no obstante es una obligación reconocer el gran impacto ejercido en las Ciencias Sociales por las teorías de las estructuras económicas, estructuras de la psique, y estructuras del lenguaje. Dominaron pero no fueron exclusivas. A partir de ellas -o al margen de ellas en algunos pocos casos- los científicos sociales empezaron a elaborar interpretaciones propias de la relación del sujeto con las estructuras o mejor dicho, *en* las estructuras. En efecto, son más visibles y más influyentes las teorías en las cuales el individuo es un sujeto objetivado, un sujeto estructurado. (LUTZ, 2007, p. 164)

Estos antagonismos generaron en el desarrollo de la teoría social, una separación entre sujeto, acción y estructura, la cual tuvo efectos importantes tanto en la construcción del objeto de investigación social, como en el diseño de estrategias teóricas y metodológicas para aproximarse a dicho objeto:

La lógica interna de la disputa por establecer la explicación de lo social frente al individuo, así como el interés por demostrar la firmeza de la estructura versus la intencionalidad de la conciencia, constituyen una cadena de esfuerzos teóricos que han venido a llenar los huecos que se generan tanto en la antropología como en la sociología, historia y otras ciencias afines. (TORRES, 2011, p. 60)

El debate entre estructura y sujeto fue llevado al campo de las ciencias sociales a través de dos tradiciones teóricas: la fenomenología y el estructuralismo (TORRES, 2011). Desde la fenomenología se cuestionó al estructuralismo de reducir el análisis de la cultura, la sociedad y el lenguaje a la estructura; mientras que la fenomenología fue criticada por el peso que le dio a la conciencia y a la intuición en la comprensión de los fenómenos sociales (RITZER, 1993). Tan solo con el desarrollo de nuevas perspectivas teóricas, principalmente de la Escuela Europea, se ha tratado de crear posibles articulaciones entre sujeto y estructura:

Encontramos una preocupación por el vínculo entre la acción y la estructura en los trabajos de varios teóricos que escriben dentro de la tradición europea, entre los que se destacan: la teoría de la estructuración de Giddens (1979, 1982, 1984); el interés de Archer por la morfogénesis (1982) y su preocupación posterior por el vínculo entre la cultura y la acción (1988); la distinción de Bourdieu (1977, 1984) entre habitus y campo; el esfuerzo de Habermas (1984, 1987) por integrar el mundo de la vida y el sistema; la teoría del sistema de normas sociales de Burns (1986; Burns y Flam, 1986); el análisis de Lukes (1977; véase también Layder, 1985) del poder y la estructura; la estructuración histórica de Abrams (1982); la cuestión de la autoproducción de la sociedad de Touraine (1977); y la teoría de juegos de Crozier y Friedber (1980). (RITZER, 1993, p. 490-491)

Con la idea de trascender la polaridad sujeto-estructura, Pierre Bourdieu señaló en el libro, el **Sentido Práctico**, que tal división podía superarse al “someter a una objetivación crítica las condiciones epistemológicas y sociales que hacen posibles tanto el retorno reflexivo sobre la experiencia subjetiva del mundo social como la objetivación de las condiciones objetivas de esa experiencia” (BOURDIEU, 1991, p. 43).

Desde esta perspectiva, Bourdieu (1991) afirma que “una ciencia del mundo social no puede reducirse ni a una fenomenología social ni a una física social”, donde el conocimiento de la realidad debe contemplar al tiempo la experiencia subjetiva y las condiciones materiales donde se produce y reproduce la vida social. Desde estos marcos comprensivos, surge la posibilidad de tratar de construir vínculos que relacionen la vida de un sujeto y su trayectoria en un contexto social, político, económico y cultural concebido como un campo de posibilidades para desarrollar la práctica social:

La camisa de fuerza —a la que fue obligado el investigador, producto del debate sujeto-estructura, a favor del desplazamiento del primero— fue rota. Con la atención hacia el sentido, el símbolo y el significado de las prácticas, el sujeto vuelve a encontrar un lugar central en la reflexividad filosófica y científica. Pero el debate tuvo su efecto. Tras el descubrimiento del inconsciente y de los condicionamientos sociales históricamente determinados, los nuevos trabajos que repensaron al sujeto no podían ya ignorar esta lección que se dejó después de Marx y Durkheim; de Saussure y Lévi-Strauss, principalmente (TORRES, 2011, p. 54)

Con base en estos antecedentes y con el objetivo de hacer una aproximación a las corrientes teóricas en las cuales el sujeto y la estructura tienden a articularse, a continuación se desarrollan los principales postulados de las categorías centrales de esta investigación: Género y Trayectorias de Vida.

2.1 Género, trayectorias de vida y conflicto armado

La historia de la guerrilla y específicamente del conflicto armado en Colombia ha sido re-creada innumerables veces desde marcos interpretativos que evidencian la existencia de un nuevo campo de batalla relacionado con los debates sobre el accionar de los grupos armados, su responsabilidad en los hechos de violencia y el papel que han jugado en la definición de las relaciones sociales que estructuran lo que hoy denominamos nación.

Sobre este supuesto, se parte de considerar que la historia, la memoria y las interpretaciones sobre el pasado, no están desprovistas de intereses y relaciones de poder, que buscan construir una “verdad” oficial y hegemónica sentando las bases para la definición de las relaciones sociales no solo en el presente inmediato, sino también del futuro próximo.

Tal vez, sea esta la razón por la cual este tipo de investigaciones que tienen como objetivo, traer “nuevos” relatos o interpretaciones sobre el conflicto armado en Colombia, se constituyen de difícil abordaje, puesto que encierran no sólo una responsabilidad académica, sino también política y ética frente al esfuerzo que vienen adelantando diversos sectores sociales para debatir temas como verdad, justicia y reparación en un contexto de justicia transicional que se viene desarrollando en el país¹. De igual forma, este tipo de discusiones cobran relevancia en el marco de los procesos de diálogo y negociación con los diferentes grupos armados².

Con base en estos antecedentes, esta investigación se inscribe en la línea de análisis que busca ampliar, no solo la comprensión del fenómeno de la guerra en Colombia, sino particularmente, de los sujetos que se encuentran inmersos en esta dinámica. Para el caso del presente estudio, se describirán y analizarán las *trayectorias de vida de mujeres* que se vincularon al Ejército de Liberación Nacional, explorando la relación entre mujeres, guerra y política a través de dos categorías: **Género y Trayectorias de Vida**, las cuales se describirán a continuación.

Es importante mencionar que las categorías propuestas se basan en los desarrollos teóricos del sociólogo Pierre Bourdieu y la historiadora Joan Scott quienes han buscado vincular el sujeto y la estructura, sin perder de vista la perspectiva histórica y los condicionamientos estructurales propios de cada grupo social.

¹ Este proceso trae nuevamente el debate sobre verdad, justicia y reparación que se ha presentado en el escenario de justicia transicional impulsado por la ley de justicia y paz (aprobada a raíz del proceso de desmovilización de los grupos paramilitares impulsado por el gobierno de Álvaro Uribe Vélez en el año 2005 y de la recién firmada ley de víctimas y restitución de tierras aprobada en el año 2011.

² En la actualidad se vienen adelantando diálogos para conseguir el cese al fuego y la firma de la paz con las Fuerzas Armadas Revolucionarias (FARC) liderado por el gobierno del presidente Juan Manuel Santos (2010-2014).

2.2 Género: Reflexiones frente al desarrollo conceptual de la categoría

Históricamente los estudios de sexo/género se han debatido entre los postulados de la igualdad y de la diferencia, los cuales han servido de contexto para el desarrollo del pensamiento feminista³ y de los estudios sobre las mujeres. Esta discusión ha estado relacionada por un lado, con los diferentes usos que se han dado a la categoría de género y a sus conexiones con otros conceptos como sexo, naturaleza, feminidad, masculinidad, identidad y subjetividad; y por otro, con reivindicaciones de carácter social, político y cultural, que buscan develar las estructuras de dominación, subordinación y desigualdad que configuran las relaciones sociales.

Aunque esta disputa ha llevado a marcar profundas divisiones en la producción teórica sobre el tema, también ha generado nuevas perspectivas o categorías de análisis en la comprensión de las relaciones sociales, las formas en que se organiza la diferencia sexual en los diferentes grupos humanos y periodos históricos, así como en los significados que se han construido sobre feminidad, masculinidad y los mecanismos creados para el ejercicio del poder.

Mara Viveros, retomando la periodización realizada por Nancy Fraser en su libro *“Isuticia Interrupta. Reflexiones críticas desde la posición post-socialista”*, describe las tres etapas por las cuales han pasado los debates de género:

La primera va de los finales de los sesenta hasta los mediados de los ochenta, y su centro de atención es la diferencia de género. La siguiente comprende la segunda mitad de los ochenta y los inicios de la década de los noventa; el eje de la discusión es el de la diferencia entre las mujeres. La tercera fase, actualmente en curso, se centra en torno a las múltiples diferencias que se interceptan. (VIVEROS, 2004, p. 178)

La primera ola del feminismo, estuvo marcada por el enfrentamiento entre teóricas que defendían la igualdad y otras la diferencia. El feminismo de la igualdad, buscaba que hombres y mujeres fueran considerados como iguales dentro de un mismo patrón, al tiempo que promovía una política de redistribución equitativa; por otro lado, el feminismo de la diferencia, al considerar que la búsqueda de la igualdad minimizaba la diferencia de género,

³ “El feminismo se conoce, sobre todo, como un movimiento político para la superación de la discriminación social de las mujeres con respecto a los hombres, más allá de la igualdad legal que, es sabido, no conduce automáticamente a la igualdad social” HUERTAS, M. Antonia (2008). Reseña del libro *Feminismo y Conocimiento. De la experiencia de las mujeres al ciborg* [en línea]. UOC Papers. N.º 6. [Fecha de consulta: 10/11/2012]. <<http://www.uoc.edu/uocpapers/6/dt/esp/huertas.pdf>> ISSN 1885-1541

señaló al feminismo de igualdad como promotor de una concepción asimilacionista. Por esta razón, desde la perspectiva de la diferencia, se promovió su reconocimiento y el cuestionamiento de la feminidad (VIVEROS, 2004).

Esta primera etapa del pensamiento feminista estuvo antecedida por la obra de Poulain de la Barre, siglo XVII, los movimientos sociales del siglo XIX, la lucha política por el voto femenino y su participación en asuntos políticos. (HUERTAS, 2008).

La primera ola del feminismo tuvo ciertas críticas relacionadas con su pretensión de universalizar categorías como el sistema sexo/género, el cual fue cuestionado por homogenizar a las mujeres sin diferenciar posiciones de clase, diferencias raciales o parentesco:

En resumen, la crítica principal que se hacía al feminismo de este periodo era la siguiente: la corriente central del feminismo norteamericano privilegiaba el punto de vista de la mujer anglosajona, blanca, heterosexual y de clase media que había dominado hasta entonces en el movimiento, y reproducía en sus filas el racismo, el clasismo y el heterosexismo. Tanto el feminismo de la igualdad como el de la diferencia planteaban explicaciones de tipo universal que ocultaban importantes diferencias entre las mujeres y múltiples formas de subordinación de las que eran objeto muchas de ellas (mujeres “de color”, de clase trabajadora, lesbianas, etc.) (VIVEROS, 2004, p. 181)

Dentro de esta corriente, Gayle Rubin (1975, p. 97) definió el sistema sexo/género como: “El conjunto de disposiciones por el que una sociedad transforma la sexualidad biológica en productos de la actividad humana y en el cual se satisfacen esas necesidades transformadas”. Si bien, aunque esta autora contribuyó a “desnaturalizar” la concepción cultural de la feminidad, desarticuló la red de relaciones sociales donde se construyen los imaginarios sobre el ser mujer y el ser hombre, al asumir el poder como el medio de dominación absoluta de unos sobre otros desde una perspectiva específicamente de clase. (ESTRADA, 1997).

El segundo periodo del pensamiento feminista, estuvo marcado por el surgimiento de los nuevos movimientos sociales, el auge de las teorías psicoanalíticas, de nuevos abordajes para la comprensión del ejercicio del poder y por la búsqueda del reconocimiento de la diferencia en lo político y lo teórico. El desarrollo del feminismo de la segunda ola, reconoció la interacción de categorías como clase, raza, orientación sexual, para realizar el análisis de género. Asimismo “Otro de los avances en la teoría de género fue indicar cómo se construía la diferencia racial a través del género, cómo dividía el racismo la identidad y experiencia de género, y cómo el género y la raza configuraban la clase”. (VIVEROS, 2004, p. 182)

Una de las teóricas más importantes de esta corriente, fue la historiadora norteamericana Joan Scott, quien señaló que la categoría de género al ser relacional debía analizarse de manera situada espacial y temporalmente. A partir de los estudios históricos sobre género, se hacen evidentes algunos elementos para analizar el problema de la diferencia desde una perspectiva temporal y sociocultural; no obstante, en este periodo, se van excluyendo categorías de carácter estructural, económico y de clase, para explicar la exclusión, la dominación y las relaciones de poder entre hombres y mujeres:

Los cambios en los significados de la diferencia que dejó de ser diferencia de género –como sucedía hasta mediados de los ochenta- para convertirse en diferencia entre mujeres y luego diferencias múltiples y entrecruzadas, como lo señalan Moore y Stolcke, trajeron beneficios tanto teóricos como políticos al integrar el género a otros tipos de subordinación. Sin embargo estas consideraciones, justas en sí mismas, también tuvieron desventajas pues las diferencias empezaron a pensarse en términos de variaciones culturales y no como diferencias arraigadas en las estructuras socio-económicas y políticas. (VIVEROS, 2004, p. 183)

Aunque los debates feministas entre la igualdad y la diferencia han sido calificados como una falsa antítesis y se han buscado posibles alternativas teóricas que los articulen, persisten las brechas entre estas dos perspectivas. Sin embargo, como lo afirma Joan Scott, al presentar la discusión de la igualdad o la diferencia como una polaridad excluyente, se corre el riesgo de fragmentar el análisis o de excluir elementos importantes en la comprensión de las relaciones entre hombres y mujeres:

Aquí se ha creado una oposición binaria para ofrecer una elección a las feministas, de apoyar la “igualdad” o su supuesta antítesis, la “diferencia”. De hecho, la antítesis misma esconde la interdependencia de los dos términos, ya que la igualdad no es la eliminación de la diferencia, y la diferencia no excluye la igualdad (SCOTT, 1998, p. 91)

De igual forma, esta autora señala que la oposición entre igualdad y diferencia como una relación antitética, genera la negación de la diferencia en las nociones políticas de la igualdad, llevando a establecer que la semejanza es la única forma de lograr la igualdad. Esta precisión es importante, puesto que adherirse a una u otra perspectiva en el análisis puede conllevar a la esencialización de las identidades generizadas o por el contrario, negar o invisibilizar las relaciones de poder que configuran la diferencia sexual en contextos como la guerra, la política o el Estado.

La resolución del “dilema de la diferencia” no viene de ignorar o asumir la diferencia como se constituye normativamente. En efecto, me parece que la posición

crítica feminista debe siempre implicar dos movimientos. El primero es la crítica sistemática de las operaciones de diferencia categórica, la revelación de los diversos tipos de exclusiones e inclusiones - las jerarquías - que construye, y una renuncia a su “verdad” esencial. Sin embargo no una renuncia a nombre de una igualdad que implica similitud o identidad, sino por el contrario (y este es el segundo movimiento), en nombre de una igualdad que se apoya en las diferencias - diferencias que confunden, desorganizan y vuelven ambiguo el significado de cualquier oposición binaria fija (SCOTT, 1998, p. 104)

Por último, la tercera ola del debate feminista ha tenido múltiples encuentros con la posmodernidad, el pensamiento pos-estructuralista y la crisis del paradigma científico de la modernidad. En este periodo, surgen también nuevas formas de pensar y actuar dentro del feminismo, puesto que se han creado mayores controversias respecto a lo que significan categorías como género, mujer, hombre, feminidad, masculinidad, sexualidad, subjetividad, poder, entre otras. Según Viveros (2004 p. 183-184), se pueden identificar dos corrientes que se enfrentan en la actualidad:

Las antiesencialistas y las multiculturalistas. Las primeras conciben las diferencias y las identidades como construcciones discursivas y performativas que se generan a través de los procesos culturales de exigencia y elaboración (v. gr. Butler). Para estas corrientes, la tarea del feminismo no es construir un sujeto colectivo feminista sino deconstruir toda construcción de las “mujeres”, y su objetivo político es desestabilizar la diferencia de género y las identidades de género que la acompañan, a través por ejemplo de la disidencia y la parodia... La segunda corriente presente en el feminismo angloamericano es la del multiculturalismo. Las tendencias agrupadas en esta corriente buscan promover y reevaluar positivamente las diferencias e identidades de los grupos, y han convertido el multiculturalismo en la bandera de una alianza potencial de los llamados movimientos sociales.

Estas perspectivas teóricas han sido cuestionadas por que se les acusa de fetichizar al sujeto y de convertirlo en algo etéreo, poco aprehensible, produciendo una negación de las condiciones materiales de su existencia e invisibilizando las desigualdades sociales que se gestan en la estructura del sistema capitalista. Al respecto, Viveros retomando a Nancy Fraser señala que el antiesencialismo y el multiculturalismo presentan algunos problemas comunes, aunque teóricamente se muestren como opositores:

Primero, una concepción unidimensional de la identidad y de la diferencia, ya sea en su versión negativa (para las antiesencialistas) o positiva (para las multiculturalistas). Segundo, una forma de ignorar las injusticias sociales asociadas a una distribución político- económica, equitativa y su restricción al plano de la cultura. (VIVEROS, 2004, p. 184)

2.1.1. Los debates de género en Colombia

En similitud con la clasificación propuesta por Nancy Fraser para describir el desarrollo teórico del pensamiento feminista y del concepto de género, en Colombia se pueden identificar tres periodos de tiempo donde se sitúan los principales debates y avances en el tema:

Durante la primera mitad del siglo, las llamadas “sufragistas” darían lugar a los contrapúblicos feministas, quienes iniciarían una lucha de reivindicación de los derechos civiles de las mujeres; durante los siguientes veinticinco años, las feministas lucharían por el cambio de las representaciones sociales de lo femenino y lo masculino encerradas en categorías de identidad estrictas y determinantes. Esta lucha desembocaría en una tercera etapa de los movimientos feministas que se centraría en la reivindicación de los derechos de la mujer en la esfera pública y privada de la sociedad colombiana. (FORERO, 2008, p. 30)

La primera etapa del feminismo en Colombia se presenta entre los años de 1920 y 1954, en la cual las mujeres no tenían derecho al voto ni a ejercer control sobre su cuerpo, dependían de su padre o marido y carecían de representación legal sobre sí mismas (FORERO, 2008). Algunas de las prácticas más recurrentes frente a su educación consistían en aprender labores domésticas y a cuidar de su marido e hijos. No obstante, algunas mujeres de la época asumieron otros roles y buscaron el reconocimiento de sus derechos políticos y sociales. (THOMAS, 2006).

En esta etapa, el movimiento de mujeres conocido como “sufragistas”, buscó el derecho al voto, el acceso a la educación y al mundo laboral. Este movimiento movilizó a mujeres que reivindicaban derechos civiles y políticos dentro de un marco de respeto por los valores de la época, sin cuestionar imaginarios sobre maternidad, paternidad, feminidad o masculinidad. Sin embargo, “La conquista del sufragio femenino fue tardía en el país, aun en comparación con la mayoría de las naciones latinoamericanas” (WILLS, 2011, p. 28).

El movimiento de las sufragistas termina en el periodo donde es asesinado el candidato liberal Jorge Eliecer Gaitán en 1948 y sube al gobierno el General Gustavo Rojas Pinilla en el año de 1953. En el año de 1957 las mujeres consiguen el derecho al voto y algunas comienzan a participar en asuntos de política. (FORERO, 2008).

En 1954 fue aprobado el derecho al voto para las mujeres, puesto en práctica en el plebiscito de 1957. De igual modo, se logró la posibilidad de acceso a la educación básica y superior, al salario y a cargos públicos, y la institucionalización de la píldora anticonceptiva... A pesar de los logros y las batallas ganadas por la feministas de la primera ola, las representaciones femeninas asociadas a parámetros tradicionales de distinción de género seguían siendo legitimadas y fortalecidas por parte de la iglesia católica, con la cual no se habían roto los lazos. Ésta sería una tarea para los feminismos de las siguientes décadas. (FORERO, 2008, p. 31)

La segunda etapa del feminismo en Colombia⁴ se desarrolló entre 1970 y 1995 aproximadamente (FORERO, 2008; LAMUS, 2009, WILLS, 2011). Según Forero (2008), el movimiento de mujeres en esta etapa contaba con cuatro características que impulsaron sus objetivos: la autonomía jurídica, la anticoncepción, el acceso a la educación superior y al mundo laboral. En este contexto, surgen diferentes movimientos de mujeres en casi todo el país y aumenta gradualmente su participación en asuntos públicos y políticos:

En Colombia, a partir de 1970, surge un sinnúmero de grupos feministas de diversas tendencias; se comienza a romper el muro de la privacidad y se colocan en el espacio público temas como la sexualidad, el aborto, la libertad para decidir sobre el cuerpo. Se dan los primeros pasos para los grupos de autoconciencia, pero algunos partidos políticos miran con cierto asombro y temor el movimiento que se está gestando, y plantean la urgencia de ganar a las mujeres para sus partidos. (SÁNCHEZ, 1995, pág. 382)

El cambio de perspectiva que orientó el movimiento feminista de estos años, se diferenció de la primera etapa en que, no solo se buscaba la reivindicación de los derechos civiles, sino que se empezaban a cuestionar ideas y preconceptos sobre feminidad, masculinidad, sexualidad y a las instituciones sociales que en otro momento eran sagradas e intocables como la familia, la iglesia y la religión:

Pero, ¿qué hace la diferencia entre este movimiento aún incipiente, y el anterior de las sufragistas? Podríamos enunciarlo de varias maneras: revolución de la subjetividad o de la vida cotidiana, ruptura cultural, trasgresión fundante del feminismo, todo ello resume la diferencia con el sufragismo, respetuoso de las instituciones y del lugar que la cultura les otorga en un orden legal y espiritual que no cuestionan ni pretenden modificar por consiguiente, los requerimientos legales, formales o de «más ciudadanía», se mantendrán en la nueva agenda. (LAMUS, 2009, p. 33)

Sin embargo, las organizaciones de mujeres de la segunda ola del feminismo en el país, empezaron a fragmentarse desde sus inicios debido a diferencias de clase, de filiación política y de contradicciones frente a la concepción para lograr la emancipación de la mujer en Colombia. Respecto a la filiación política, algunas mujeres provenían de movimientos sindicales y de grupos de izquierda, mientras que otras no tenían ninguna adherencia

⁴ En el contexto internacional, el feminismo de la segunda ola se posicionaba política y académicamente, al tiempo que en varios países de América Latina se vivían procesos revolucionarios que buscaban la instauración de una nueva estructura social y económica. En Colombia, la pobreza, la violencia y la migración de miles de personas a las periferias de las ciudades se constituían en el telón de fondo de las diversas movilizaciones sociales, así como el cuestionamiento del orden social establecido y el nacimiento de los movimientos guerrilleros que aún persisten en el país: las Fuerzas Armadas Revolucionarias – FARC- y el Ejército de Liberación Nacional -ELN-.

partidista o a algún movimiento político (FORERO, 2008). En relación a las formas de lucha y a la concepción frente a la emancipación de la mujer, se encontraban dos tendencias:

De un lado estaban las mujeres que asumían la redistribución del poder como eje transversal, pues a partir de la reorganización partidista se transformaría la estructura de clase de una sociedad, dando lugar a la transformación de la subordinación de género; de otro lado, algunas feministas consideraban que a partir de vivencias cotidianas se debía derrocar el patriarcalismo, ya que este sistema articulaba todas las formas de dominación social y política. (FORERO, 2008, p. 32)

Otro factor que debilitó el movimiento femenino de esta época, fue por un lado la manipulación política que intentaron ejercer los partidos políticos tradicionales sobre los grupos de mujeres a quienes terminarían usando como un botín político; por otro, los movimientos de izquierda, medios de comunicación y otras instituciones rechazaron y ridiculizaron los planteamientos feministas, quitándoles legitimidad y reconocimiento social. (FORERO, 2008).

Dentro de los logros del movimiento feminista de esta época, se encuentran la creación de políticas públicas para la garantía de los derechos sexuales y reproductivos, dando a las mujeres la posibilidad del aborto en algunos casos, la creación de leyes para su defensa de la violencia intrafamiliar, el divorcio, la protección de las mujeres cabezas de familia y el reconocimiento y valoración del trabajo doméstico. (FORERO, 2008).

Pese a estos avances en el ámbito jurídico, el movimiento feminista se ha ido fragmentando en las últimas décadas debido a la cooptación de mujeres por parte de los partidos políticos tradicionales, a las diferencias entre las mujeres que han optado por la paz o por la guerra como caminos para acabar con el conflicto en Colombia y a las discrepancias conceptuales frente a conceptos como género, mujer, masculinidad.

Igualmente, la creación de políticas públicas para la protección de los derechos de la mujer se tecnocratizó y las alianzas de mujeres, de grupos de mujeres y de movimientos sociales de mujeres o feministas se hicieron cada vez más efímeros. Esto ha implicado que su participación civil sea percibida como una farsa y, por ende, que la consolidación de procesos contemporáneos que fortalezcan un movimiento femenino de masas y que reivindique a la mujer en la sociedad colombiana se haga cada vez más difícil. (FORERO, 2008, p. 35)

Si bien, el pensamiento feminista de los años noventa contribuyó a la construcción de políticas públicas logrando avances significativos en términos jurídicos, de igual manera generó retrocesos respecto a la forma de participación que agenció en el campo de lo político. Por otro lado, este movimiento fue acusado de haberse distanciado de debates como: el

cuestionamiento y la transformación de representaciones culturales de mujeres y hombres en lo político, social y en el mismo ejercicio de la guerra, así como de imaginarios tradicionales sobre la feminidad y la masculinidad (WILLS, 2004). Finalmente, en el campo de debate académico se cuestionó al movimiento feminista de limitar los temas y los sujetos que estaban “validados” para producir conocimientos u opiniones frente a los mismos:

Los espacios de debate e investigación acerca de los temas de género, identidad de género, feminismo y representaciones de la mujer en Colombia, se convirtieron en *guetos*, pues se centraron en la exclusividad del feminismo. Además, las políticas que se establecieron en contra de la discriminación de género se quedaron en planos académicos y políticos, pero no prácticos y cotidianos... La militancia y la academia se traslaparon impidiendo un mensaje claro y unívoco que no confundiera las lógicas de acción en estos campos. Esto imposibilitó una transmisión de ideología y de propósitos claros para las generaciones futuras y, por ello, su imaginario anatómico en relación con los contrapúblicos feministas, ya que, en su mayoría, las estudiantes no tienen un conocimiento claro de los objetivos y los logros de la lucha feminista. (FORERO, 2008, p. 37)

Aunque la producción teórica del feminismo denominado de la tercera ola aún es incipiente y los vínculos y rupturas con el feminismo de la segunda ola están todavía en construcción, investigadoras anglosajonas, europeas y latinoamericanas han desarrollado sus postulados principalmente a partir del paradigma posestructuralista, situando la discusión en la diferencia entre mujeres y en el mismo sujeto “mujer”. Según Forero (2008) y Wills (2004) desde los años noventa, han cobrado relevancia los postulados teóricos posestructuralistas para analizar las relaciones de género en Colombia.

2.2.2 El género como categoría de análisis

En esta investigación, se parte de la base de que la categoría de **género** es compleja, polisémica e imprecisa dadas las implicaciones académicas y políticas que se derivan de la comprensión o la perspectiva que se adopte. En este sentido, Marta Lamas (2003) advierte:

El género se ha vuelto un concepto problemático no porque sea difícil comprender la complejidad a la que alude, sino porque ha sido reificado. Toda reificación es un olvido, dijeron hace tiempo los filósofos Horkheimer y Adorno. La reificación es una ilusión fabricada socialmente, que suele servir para mantener el status quo, y que ignora la dimensión subjetiva. ¿Qué se olvida con la reificación del género? Se olvida la diferencia sexual, el cuerpo, con sus componentes entrelazados de carne, mente e inconsciente; sobre todo, se ignora el inconsciente. He aquí la mayor

carencia: ninguna institución toma en serio la realidad psíquica de los seres humanos, y cómo es el fundamento de las relaciones de poder, y se articula con la cultura en las pequeñas cosas de la vida cotidiana. Otro aspecto de la reificación del género es que ha dado un giro de categoría analítica a fuerza causal o explanans. Hoy todo se explica por el género, y se construyen explicaciones con pretensiones causales universales, que acaban acercándose peligrosamente a posturas esencialistas. El género, por definición, es una construcción histórica: de época en época cambia lo que se considera propio de cada sexo; en cambio, la diferencia biológica permanece igual a lo largo del tiempo. (LAMAS, 2004, p. 1)

Esta categoría, al ser utilizada como un término familiar, basado en un consenso académico o como un marco necesario para hablar y visibilizar los asuntos de las mujeres, pierde rigurosidad y poder de cuestionamiento para interpelar el orden social, cultural y político donde se inscriben las relaciones entre hombres y mujeres, pues como lo señala Scott (2008, p. 13) “Aunque dicho término pueda seguir provocando un acalorado debate y generando ansiedad tanto entre las feministas como entre sus críticos, ya no transformó ni desestabilizó por más tiempo el discurso político”:

En trabajos más recientes, otras y otros emplean el género para analizar la organización social de las relaciones entre hombres y mujeres (Rubin, 1975; Barrett, 1980; MacKinnon, 1987); para investigar la reificación de las diferencias humanas (Vetterling-Braggin, 1982; Hawkesworth, 1990; Shanley y Pateman, 1991); para conceptualizar la semiótica del cuerpo, el sexo y la sexualidad (De Lauretis, 1984; Suleiman, 1985; Doane, 1987; Silverman, 1988); para explicar la distribución de cargas y beneficios en la sociedad (Walby, 1986; Connell, 1987; Boneparth y Stoper, 1988); para ilustrar las microtécnicas del poder (De Lauretis, 1987; Sawicki, 1991); para iluminar la estructura de la psique (Chodorow, 1978); y para explicar la identidad y la aspiración individuales (Epperson, 1988; Butler, 1990). (HAWKESWORTH, Mary; citado por LAMAS, 2004, p. 4)

No obstante, pese a lo útil de la categoría para evidenciar las jerarquías en la sociedad, la desigualdad entre los sexos y las diferencias en el ejercicio del poder; los estudios de género se han muy ocupado poco de comprender por ejemplo, cómo los significados de ser hombre y de ser mujer se han anclado en los discursos o cuáles términos han resultado excluidos de dicha categoría desde los regímenes de verdad. (SCOTT, 2008).

Por tanto, para Scott aunque el género se constituye en una categoría problemática, es necesaria para referenciar el conocimiento de los significados que se le atribuyen a las diferencias corporales, los cuáles varían según la cultura, la época o los grupos sociales. En otras palabras, si la categoría **Género** se entiende como el conocimiento sobre la diferencia sexual, Scott (2008) advierte que es importante continuar fortaleciendo una postura crítica frente al análisis de los mecanismos como se han construido los significados de dichas diferencias desde una perspectiva histórica y contextual:

Puede generar nuevos conocimientos sobre las mujeres y la diferencia sexual así como desafiar críticamente las políticas de la historia o de cualquier otra disciplina. Entonces, la historia feminista se convierte no sólo en el intento de corregir o suplir el registro incompleto del pasado, sino en una forma de comprensión crítica de la manera en que opera la historia como espacio de producción del conocimiento sobre el género. (SCOTT, 2008, p. 29)

En concordancia con los postulados de Joan Scott, en esta investigación, la categoría **Género**, se entenderá de la siguiente forma:

Como un elemento constitutivo de las relaciones sociales basadas en las diferencias percibidas entre los sexos, el género implica cuatro elementos interrelacionados: en primer lugar, los símbolos disponibles que evocan múltiples (y a menudo contradictorias) representaciones... En segundo lugar, los conceptos normativos que avanzan interpretaciones sobre los significados de los símbolos que intentan limitar y contener las posibilidades metafóricas de los mismos... Incluir una idea de la política y una referencia a las instituciones sociales y a las organizaciones, el tercer aspecto de las relaciones de género... el cuarto aspecto del género es la identidad subjetiva. (SCOTT, 2008, p. 66-67)

El núcleo de esta definición, depende de la articulación de dos elementos: el género como “elemento constitutivo de las relaciones de poder” y como “una forma primaria de las relaciones de poder” (SCOTT, 2008, p. 65). Cabe resaltar, como lo señala esta historiadora, que la definición de **Género** consiste en el desarrollo de los cuatro elementos mencionados, tomando dicha categoría como un campo de dentro del cual se articula el poder. De otra parte, los sistemas de género, se constituyen como sistema binarios que configuran una polaridad asimétrica entre lo masculino, lo femenino, el hombre y la mujer.

Lo interesante en estas antinomias es que escamotean procesos sociales y culturales mucho más complejos, en los que las diferencias entre mujeres y hombres no son ni aparentes ni tajantes. En ello, claro, reside su poder y su relevancia. Al estudiar sistemas de género aprendemos que ellos no representan la asignación funcional de roles sociales biológicamente prescritos sino medios de conceptualización cultural y de organización social. (CONWAY, BOURQUE, SCOTT, 1987, p. 25)

Por tal razón, los antagonismos que construyen de alguna manera la diferencia sexual, han sido incorporados y naturalizados en procesos de socialización convertidos en esquemas mentales, corporales y de acción, que organizan la división sexual y social de trabajo. Como lo describe Lamas (2003), la designación de la diferencia sexual, se construye en apariencia como un dato propio de la biología, universal e incuestionable, el cual permite afirmar que dicha polaridad entre hombres y mujeres se configura a raíz de la complementariedad, la reproducción y la división natural de roles sociales para el funcionamiento de la sociedad. En

este sentido, el concepto de **habitus** de Bourdieu permite comprender como esta construcción se normaliza e instaaura formas de ser y de estar en el mundo:

Bourdieu vea al género como habitus, o sea, como un sistema perdurable y transponible de esquemas de sentimiento, pensamiento y acción, y su interpretación resulta más satisfactoria que muchísimo de lo que han dicho las feministas expertas en género. Con el concepto clave de habitus, entendido como una "subjetividad socializada", este antropólogo francés se refiere al conjunto de relaciones históricas "depositadas" en los cuerpos individuales en forma de esquemas mentales y corporales de percepción, apreciación y acción resultantes de la institución de lo social en los cuerpos. La cultura, el lenguaje, la crianza, inculcan en las personas ciertas normas y valores profundamente tácitos, que se consideran "naturales". El habitus reproduce estas disposiciones estructuradas de manera no consciente. Así, el habitus se convierte en un mecanismo de retransmisión por el que las estructuras mentales de las personas toman forma ("se encarnan") en la actividad de la sociedad. (LAMAS, 2004, p. 9)

Por lo tanto, el concepto de género entendido como el conocimiento y los significados construidos sobre la diferencia sexual, permite comprender los procesos en los que están inmersas las mujeres que de alguna manera han cuestionado y transformado las identidades tradicionales sobre la feminidad y la masculinidad, incursionando en campos como la política, la guerra y en el debate de cómo construir propuestas diferentes con relación a la organización de la igualdad, la diferencia y el poder en las relaciones humanas.

2.3 Trayectorias de vida en el marco de los postulados teóricos de Pierre Bourdieu

Con el fin de superar la oposición entre objetivismo y subjetivismo, Pierre Bourdieu construye un nuevo modelo de análisis para comprender la relación entre estructura y acción desde una perspectiva dialéctica:

Su interés por la dialéctica entre la estructura y el modo en que las personas construyen la realidad social se refleja en la denominación que da Bourdieu a su propia orientación: "estructuralismo constructivista" (o "constructivismo estructuralista"). Suscribe, al menos en parte, una perspectiva estructural, pero una que difiere del estructuralismo de Saussure y Levi-Strauss. (RITZER, 1993, p. 501)

Desde esta perspectiva, Bourdieu afirma que los individuos poseen un conocimiento práctico y sus pensamientos, acciones e interpretaciones hacen parte fundamental de la realidad y del mundo social (BOURDIEU, WACQUANT, 1995). En este sentido, Bourdieu

propone que las ciencias sociales deben librarse al mismo tiempo del estructuralismo mecánico y del individualismo teológico con el objeto de comprender “las regularidades objetivas y el proceso de interiorización de la objetividad con arreglo al cual se constituyen los principios transindividuales e inconscientes de (di)visión que los agentes incorporan a sus prácticas” (BOURDIEU, WACQUANT, 1995, p. 21).

Por tanto, el análisis propuesto por Bourdieu parte del supuesto de que existe una correspondencia entre las estructuras sociales y mentales, en donde las estructuras construyen representaciones y marcos de construcción para las interacciones sociales; y las representaciones permiten explicar las luchas cotidianas para preservar o transformar tales estructuras (BOURDIEU, WACQUANT, 1995). Con base en estas premisas, Bourdieu propone dos conceptos centrales que permiten acercarse al análisis dialéctico de las relaciones: el de campo y el de habitus:

Un campo está integrado por un conjunto de relaciones históricas objetivas entre posiciones ancladas en ciertas formas de poder (o de capital), mientras que el habitus alude a un conjunto de relaciones históricas “depositadas” en los cuerpos individuales bajo la forma de esquemas mentales y corporales de percepción, apreciación y acción. (BOURDIEU; WACQUANT, 1995, p. 23)

El concepto de campo se constituye como un esquema básico de la realidad social, cultura y simbólica, como un espacio social estructurado y estructurante conformado por instituciones, agentes y prácticas (VIZCARRA, 2002). En el campo están prescritos valores y principios regulatorios, los cuales “definen los límites de un espacio socialmente estructurado donde los agentes luchan en función de la posición que ocupan en dicho espacio, ya sea para modificarlo, ya sea para conservar sus fronteras y configuración” (BOURDIEU, WACQUANT, 1995, p. 24).

Es decir, el campo es un sistema estructurado de relaciones y es un espacio de conflictos y de competencias por el monopolio del capital en juego (BOURDIEU; WACQUANT, 1995). En palabras de Bourdieu, el campo se define como:

Una red o configuración de relaciones objetivas entre posiciones. Estas posiciones se definen objetivamente en su existencia y en las determinaciones que imponen a sus ocupantes, ya sean agentes o instituciones, por su situación (situs) actual y potencial en la estructura de la distribución de las diferentes especies de poder (o de capital) —cuya posesión implica el acceso a las ganancias específicas que están en juego dentro del campo— y, de paso, por sus relaciones objetivas con las demás posiciones (dominación, subordinación, homología, etc.). (BOURDIEU; WACQUANT, 1995, p. 64)

A partir de estas precisiones, para Bourdieu el análisis del **campo** requiere de por lo menos tres momentos:

Primero, hay que analizar la posición del campo en relación con el campo del poder... Segundo, es menester establecer la estructura objetiva de las relaciones entre las posiciones ocupadas por los agentes o las instituciones que compiten dentro del campo en cuestión. Tercero, se deben analizar los habitus de los agentes, los diferentes sistemas de disposiciones que éstos adquirieron mediante la interiorización de un tipo determinado de condiciones sociales y económicas y que encuentran, en una trayectoria definida dentro del campo considerado, una oportunidad más o menos favorable de actualizarse. (BOURDIEU; WACQUANT, 1995, p. 70)

Otro elemento a tener en cuenta en el análisis del campo se relaciona con la comprensión de las fuerzas y de los sistemas de relaciones que operan dentro de él. En primer lugar, las fuerzas del campo median entre los sujetos y las determinaciones que los constriñen y en segundo lugar, el concepto de campo y el énfasis en lo relacional, evidencia el hecho de que el objeto de las ciencias sociales no es el individuo sino en el campo y las relaciones que se establecen en él:

Esto no implica de ninguna manera que los individuos sean puras ilusiones, que no conocimiento del campo donde ellos están inmersos que podemos captar mejor lo que define su singularidad, su originalidad, su punto de vista como posición. (BOURDIEU, WACQUANT, 1995, p. 71)

Dentro del campo o espacio social, están preestablecidas normas y reglas que configuran lógicas de relación y que son interiorizadas por los sujetos a través de procesos de socialización. Este tipo de procesos, posibilita a los individuos pautas de orientación de sus actos, así como la estructuración o reestructuración del sentido del mundo social (VIZCARRA, 2002). Por consiguiente, el campo para Bourdieu se presenta como una estructura que al no restringir de forma mecánica la acción, permite que los sujetos puedan transformar el espacio social a través del conocimiento adquirido y de la toma de posición:

Sólo hay acción e historia, es decir, acciones tendientes a la conservación o la transformación de las estructuras, porque hay agentes, pero estos últimos únicamente son activos y eficaces en la medida en que no se reducen a lo que se entiende ordinariamente por la noción de individuo y que, como organismos socializados, están dotados de un conjunto de disposiciones que implican, al mismo tiempo, la propensión y la capacidad necesarias para entrar en el juego y participar en él. (BOURDIEU, WACQUANT, 1995, p. 25)

Para Bourdieu, *el habitus* se constituye así en el principio generador que lleva a los sujetos a tomar posiciones, a percibir e interpretar la realidad social y a desplegar estrategias de acción. De esta manera el habitus se entiende como las estructuras internalizadas y se adquiere como el resultado de ocupar una posición en el mundo social (RITZER, 1993). Bourdieu define el habitus, como el colectivo individualizado construido en una relación dialéctica con el campo, como una subjetividad socializada; por tanto, las prácticas sociales surgen de la interacción del habitus con las condiciones sociales, constituyendo un sistema de disposiciones y estrategias como respuesta a las exigencias del campo. En palabras de Bourdieu el habitus es un:

Sistema de disposiciones adquiridas por aprendizaje implícito o explícito que funciona como un sistema de esquemas (schèmes) generativos, es generador de estrategias que pueden ser objetivamente conformes con los intereses objetivos de sus autores sin haber sido expresamente concebidas con este fin. (BOURDIEU, 2000, p. 118)

En la relación dialéctica entre habitus y campo, *el habitus* conformado por procesos de percepción, valoración y acción, se convierte en un instrumento de articulación entre los deseos de los sujetos y las demandas de cada campo (VIZCARRA, 2002). Por tanto, el campo, al contar con una configuración particular respecto a su estructura y a las distancias que separan cada fuerza enfrentada por el capital específico, orienta las estrategias que cada sujeto despliega con el fin de salvaguardar o mejorar su posición, la cual depende a su vez, de la distribución del capital específico que esté en juego (BOURDIEU, WACQUANT, 1995).

Asimismo, el habitus al implicar un conocimiento específico sobre las leyes que operan en un campo particular posibilita su funcionamiento. El habitus se constituye de este modo en un conocimiento práctico, propio del sentido común y como el principio generador de las prácticas sociales las cuales deben ser comprendidas en un sistema dialéctico que contempla el sistema de relaciones históricas que precede al sujeto y el sistema de relaciones que genera este último a partir de sus propias prácticas.

En esta perspectiva, Bourdieu afirma que la relación entre habitus y campo se constituye en una relación de condicionamiento donde el campo estructura el habitus, pero al tiempo el habitus contribuye a configurar el campo en donde los agentes construyen estructuras de preferencias y de disposiciones (BOURDIEU, WACQUANT, 1995):

Los agentes sociales son el producto de la historia, esto es, de la historia de todo el campo social y de la experiencia acumulada en el curso de una trayectoria determinada en el subcampo considerado... En otras palabras, los agentes sociales

determinan activamente, mediante categorías de percepción y apreciación social e históricamente constituidas, la situación que los determina. Se puede decir, incluso que los agentes sociales están determinados solamente en la medida en que se autodeterminan; pero las categorías de percepción y apreciación que forman la base de esta autodeterminación están en sí mismas determinadas en gran parte por las condiciones económicas y sociales de su constitución. (BOURDIEU, WACQUANT, 1995, p. 94)

En otras palabras, los agentes sociales al conocer cómo funcionan los mecanismos que los determinan, pueden tomar distancia de la estructura de disposiciones, transformando la percepción que tienen de una situación y por ende, las determinaciones que ésta ejerce sobre dicho agente. En este sentido, el habitus es un proceso dialéctico, que estructura y es estructurado, es la “clase incorporada”, interiorizado a través de la historia individual y colectiva con una potencia generadora y de transformación de los condicionamientos y determinaciones sociales:

El habitus como estructura estructurante o estructurada, introduce en las prácticas y pensamientos los esquemas prácticos derivados de la incorporación (mediante el proceso histórico de la socialización, la ontogénesis) de estructuras sociales resultantes del trabajo histórico de las generaciones sucesivas (la filogénesis). (BOURDIEU, WACQUANT, 1995, p. 95)

No obstante, la transformación de la percepción y de las prácticas dentro de un campo determinado, depende del capital que el agente posea para tomar posiciones y luchar por modificar su posición o adquirir una mayor parte del capital que se encuentre en disputa.

En este sentido, Bourdieu define cuatro tipos de capitales: el capital económico, el capital social, el capital simbólico y el capital cultural. **El capital económico** está definido por los recursos financieros; **el capital social** se relaciona con los recursos sociales o redes; **el capital cultural** está compuesto por el sistema de disposiciones interiorizado y **el capital simbólico** está conformado por bienes simbólicos (BOURDIEU, 1997). El capital simbólico fue definido por Bourdieu como un capital impalpable que aparece como algo inherente a la “naturaleza” del individuo como el prestigio, el talento, la inteligencia y que a la vez depende de la base de capital económico, cultural y social que posea dicho agente.

La formación de criterio y la toma de posición se basan principalmente en el capital económico y cultural que posea un agente en un campo determinado. De ahí que, el capital define la posición del agente en el espacio social y su trayectoria marca el volumen de dicho capital durante el tiempo.

2.3.1 La trayectoria de vida como categoría de análisis

El concepto de **trayectoria** aparece en la teoría del habitus y el campo de Bourdieu, con el fin de tomar distancia frente al uso de la biografía como un recurso para describir la vida de un individuo dotándola de sentido en sí misma o tratando de encontrar una linealidad y coherencia interna entre el tiempo, los acontecimientos, los significados y las prácticas desarrolladas por dicho individuo:

El sujeto y el objeto de la biografía (el investigador y el testimonio) tienen de algún modo el mismo interés por aceptar el *postulado del sentido de la existencia* contada (e, implícitamente, de toda existencia). Tenemos, sin duda, el derecho de suponer que el relato autobiográfico se inspira siempre, al menos por una parte, en el deseo de dar sentido, dar razón, extraer una lógica a la vez retrospectiva y prospectiva, una consistencia y una constancia, estableciendo relaciones inteligibles, como las del efecto a la causa eficiente o final, entre los estados sucesivos, constituidos de este modo en etapas de un desarrollo necesario... Producir una historia de vida, tratar la vida como una historia, es decir como el relato coherente de una secuencia significativa y orientada de acontecimientos, es quizás sacrificarla a una ilusión retórica, a una representación común de la existencia que toda una tradición literaria no ha dejado ni cesa de reforzar. (BOURDIEU, 2011, p. 122-123)

Por consiguiente, Bourdieu al cuestionar el uso de la historia de vida o la biografía como una ilusión metodológica para encontrar esa secuencia de acontecimientos dotados con una lógica interna, busca relacionar la experiencia individual y colectiva con las estructuras e instituciones sociales y los condicionamientos que se derivan de éstas, así como con la capacidad del mismo agente para asumir posiciones frente a las diferentes situaciones que se le presentan a lo largo de su vida, transformando o preservando dichas estructuras. En otros términos, la **trayectoria** se define como el proceso de objetivación que se da en la relación entre el habitus de un agente y las fuerzas del campo:

A diferencia de las biografías corrientes, la trayectoria describe la serie de posiciones sucesivamente ocupadas por el mismo escritor en los estados sucesivos del campo literario, dando por supuesto que sólo en la estructura de un campo, es decir una vez más relacionadamente, se define el sentido de estas posiciones sucesivas. (BOURDIEU, 1997, p. 71)

De modo tal, la trayectoria entendida como un proceso dinámico desarrollado en el tiempo contribuye a la formación dialéctica del habitus, en tanto, se constituye como el recorrido y las posiciones que ocupa un agente a lo largo de su vida. En este sentido, los diversos desplazamientos que el agente traza, se dan en múltiples dimensiones como la

familiar, la social, la laboral, la religiosa, la política, y están condicionados por las fuerzas que la estructura del campo ejerce sobre él y por el capital que posea (Bourdieu, 1995):

Toda trayectoria social debe ser comprendida como una manera singular de recorrer el espacio social, donde se expresan las disposiciones del habitus; cada desplazamiento hacia una nueva posición, en tanto que implica la exclusión de un conjunto más o menos amplio de posiciones susceptibles y, con ello, un estrechamiento irreversible del abanico de posibilidades inicialmente compatibles, marca una etapa del proceso de envejecimiento social. (BOURDIEU, 1995, p. 384)

Desde esta perspectiva, la **trayectoria** definida como las diversas posiciones que el agente ocupa en el espacio social a lo largo de su vida, considera el sistema de relaciones donde dicho agente se encuentra inserto, pues como lo afirma Bourdieu (1997, p. 83), es necesario comprender la vida de un individuo en primer lugar, sobre la base del análisis de los estados sucesivos del campo en el cual ésta se ha desarrollado, y en segundo lugar, a partir del análisis del:

Conjunto de las posiciones ocupadas simultáneamente en un momento concreto del tiempo por una individualidad biológica socialmente instituida actuando como soporte de un conjunto de atributos y de atribuciones adecuadas para permitirle intervenir como agente eficiente en diferentes campos.

En síntesis, el concepto de trayectoria se constituye en una categoría dinámica compuesta por dos variables: tiempo y espacio. A su vez, la trayectoria relaciona al individuo situado históricamente con la estructura social en una especie de “engranaje” que articula en doble sentido los determinantes y condicionamientos sociales con los procesos subjetivos o en palabras de Bourdieu, con el *habitus* de un agente. Si bien, para Bourdieu aunque el agente se encuentra en relativa libertad de acción dentro de un campo, la unidad de sentido que se “percibe” dentro de una trayectoria, es el resultado de la relación dialéctica entre habitus y campo, la cual confiere un valor particular y diferenciador de una vida dentro de un grupo social más amplio.

Por lo tanto, el concepto de **trayectoria**, al trascender los elementos que enfatizan en la personalidad o en lo meramente subjetivo, puede ampliar la comprensión de fenómenos tan complejos como la guerra, la política y su relación con las mujeres. Tal como se describió en la revisión bibliográfica, el hecho de que las mujeres se vinculen a los grupos armados - *especialmente a los grupos guerrilleros*- ha generado en la academia y en otros escenarios sociales, toda una serie de controversias y perspectivas analíticas, las cuales en su mayoría han tratado de buscar explicaciones dentro de la vida misma del sujeto, dejando de lado,

variables tan importantes como las transformaciones sociales, políticas, económicas y de los mismos grupos armados en los últimos sesenta⁵ años en Colombia.

Si bien es cierto, que la producción documental sobre este tema ha permitido establecer ciertos hallazgos frente a aspectos como: formas de vinculación, roles que han jugado las mujeres en la guerra en diferentes periodos históricos, y los efectos que ha tenido su participación en los grupos armados; es necesario continuar trazando nuevas perspectivas analíticas y metodológicas que contribuyan en primer lugar, a construir una historia del país donde se tomen en cuenta las experiencias y las voces de hombres y mujeres que han participado directa e indirectamente en el conflicto armado; y en segundo lugar, a visibilizar la participación de las mujeres en los grupos guerrilleros como una experiencia política y de vida que ha tenido repercusiones en diferentes ámbitos de la sociedad colombiana, la cual aún están por describirse.

2.4 Precisiones conceptuales sobre conflicto armado y violencia política

La pregunta de si Colombia tiene o no un conflicto armado, ha pasado por una serie de discusiones a raíz de su permanencia, duración y degradación. Entre los diferentes análisis propuestos se ha afirmado que en el país existe un conflicto armado de larga duración, una guerra irregular, una guerra contra la sociedad o una guerra sin sentido, que ha sido denominada como terrorismo. Si bien este tipo de discusiones son de tipo académico y buscan aportar elementos para contribuir a la comprensión del conflicto armado, el tipo de lectura y denominación que se le otorgue a este hecho, tiene implicaciones profundas en la forma como se busca afrontarlo y resolverlo en el mediano y largo plazo.

Dentro de las líneas de interpretación del conflicto armado colombiano, un estudio contratado en los años sesenta por el gobierno nacional para analizar las causas de la guerra y sus diferentes manifestaciones sembró las bases para estudios posteriores que buscaron desde diferentes perspectivas teóricas y metodológicas contribuir a la comprensión del fenómeno:

La tradición colombiana de estudios sobre la violencia se inicia en 1962 con el estudio pionero de la Comisión compuesta por monseñor Germán Guzmán, Orlando

⁵ El conflicto armado en Colombia tiene como fecha de inicio, la violencia de los años cincuenta, la cual comienza con el asesinato del candidato liberal Jorge Eliecer Gaitán y la instauración de un gobierno militar para dar paso al Frente Nacional como único poder político en el país (1957-9975) que consistió en la división del gobierno por parte de los dos partidos tradicionales: el partido liberal y el partido conservador.

Fals Borda y Eduardo Umaña Luna, que rompe con la tendencia anterior de los trabajos polémicos, escritos por personas vinculados a los bandos en pugna, muchos de ellos en forma novelada. Esta Comisión intenta hacer una geografía e historia de la violencia de los años cincuenta, introduciendo variaciones regionales y remontándose a los antecedentes de los años treinta. Además, trata de analizar aspectos más estructurales, como la conformación de los grupos armados, la semblanza de sus principales jefes, sus tácticas y modos de financiación, sus manifestaciones culturales y la quiebra de las instituciones fundamentales. Luego intenta acercarse a una lectura más sociológica, señalando sus consecuencias materiales, los factores socio jurídicos de la impunidad y la relación entre el conflicto y la estructura social del país. (GONZÁLEZ, BOLÍVAR, VÁZQUEZ, 2003, p. 20)

La discusión de fondo que se empieza a generar con los diferentes estudios sobre la guerra en Colombia, se relaciona con las causas que la originan. De ahí que algunas investigaciones que se realizaron entre los años sesenta hasta los años noventa hayan utilizado un enfoque estructural y de larga duración en sus análisis afirmando que el trasfondo de la violencia en el país se encuentra en “los problemas estructurales, tales como la desigualdad social y política, y tienden a ser descalificados por algunos analistas como un intento de justificar la opción violencia como “guerra justa”, donde el nacimiento y la consolidación del movimiento insurgente podrían interpretarse como una respuesta a “la violencia estructural” de una sociedad profundamente injusta y excluyente” (GONZÁLEZ, BOLÍVAR, VÁZQUEZ, 2003, p. 19).

Por otro lado, los estudios después de la década del noventa, se focalizaron en el análisis de los factores subjetivos de la violencia buscando establecer “la elección racional, centrado en la acción voluntaria de agentes organizados, que van desarrollando sistemáticamente una estrategia de largo plazo, con la inspiración y el apoyo de agentes foráneos o nacionales”; este tipo de análisis ha sido cuestionado por ser “un intento de criminalizar a los insurgentes y suprimir toda diferenciación entre delincuentes políticos y comunes, al mostrar a los insurgentes como totalmente desprovistos de propósitos políticos y de motivaciones ideológicas. (GONZÁLEZ, BOLÍVAR, VÁZQUEZ, 2003, p. 19)

Estas dos tendencias analíticas: la de los factores estructurales y la de los factores subjetivos, han llevado a diversas interpretaciones sobre las causas de la guerra en Colombia, así como de su transformación en las últimas dos décadas, pues en la actualidad en el país se discute si aún es posible hablar de la existencia de un conflicto armado de larga duración o por el contrario simplemente se trata de una guerra terrorista mantenida por estructuras armadas despolitizadas con intereses económicos claros en el negocio del narcotráfico y en otras economías ilegales.

Para abordar esta discusión, es importante señalar que el conflicto armado colombiano se ha transformado en los últimos cuarenta años. Según Carlos Medina (2009), los diferentes momentos por los que ha atravesado el conflicto armado en Colombia son:

El primero, está definido por las lógicas de la guerra fría y la bipolaridad, que dan origen a las luchas anticoloniales, de liberación nacional y social, en las que la guerra adquiere la forma de guerra revolucionaria en la modalidad de guerra insurreccional, guerra de guerrillas y guerra popular prolongada, frente a las cuales se desarrolla las estrategias contrainsurgentes de la Doctrina de la Seguridad Nacional y de los Conflictos de baja Intensidad. (MEDINA, 2009, p. 48)

El segundo momento se identifica como la posguerra fría que se desarrolla en un contexto de globalización y los conflictos que permanecen o emergen en este periodo de tiempo se conciben principalmente como ataques terroristas. (MEDINA, 2009, p. 30)

Aquí es importante resaltar que si bien los análisis académicos han pasado de una tendencia estructural hacia una subjetiva y que este hecho tiene implicaciones en la definición de la guerra en Colombia, los cambios en el mundo como la finalización de la guerra fría, la caída del socialismo y los ataques del 11 de septiembre de 2001 en Estados Unidos, han llevado a globalizar las políticas de defensa y seguridad en todos los países del influencia norteamericana.

Por tal razón, con el fin de especificar el marco interpretativo sobre el cual se elabora el presente esbozo de la historia del conflicto armado colombiano, se hace necesario retomar la discusión planteada por Carlos Medina (2009) en su libro titulado “Conflicto armado y procesos de paz en Colombia. Memoria casos FARC-EP y ELN” en el cual se desarrollan los principales puntos de divergencia en la definición del conflicto armado, que han sido planteados durante las últimas dos décadas:

Definir la guerrilla como un grupo terrorista es ignorar que su fundamento proviene de un proyecto político que todavía comparten sus dirigentes principales, y que el terrorismo, como el secuestro o la financiación con dineros del narcotráfico, son medios y no fines de la guerrilla: que esta no existe porque quiera hacer terrorismo, sino que hace terrorismo porque tiene un proyecto político en el que aún cree. Pizarro lleva a la reflexión hacia puntos de acuerdo en los que existen consenso entre académicos y analistas: primero, se trata de un conflicto que reviste la modalidad de una guerra no convencional; segundo, el conflicto colombiano tiene sus orígenes en el plano ideológico; tercero, la naturaleza de la contienda en el discurso y en la práctica es de carácter prolongado y, cuarto, se trata por la naturaleza del conflicto global y la expansión del conflicto armado interno de una confrontación armada interna en tránsito hacia un conflicto regional complejo (MEDINA, 2009, p. 32 - 33)

Por lo tanto, para el análisis que se propone en esta disertación, se parte de la afirmación de que en Colombia existe un conflicto armado de larga duración, el cual se concibe como un:

Conjunto de circunstancias y acciones mediante las cuales se contrastan y confrontan en una sociedad, distintas concepciones de vida, ser humano, sociedad y cultura, a través del uso de la violencia y el ejercicio de la guerra con el propósito de sostener o transformar un orden social y político determinado. Desde esta perspectiva el conflicto armado en tanto “guerra” se define como una superposición (entrecruzamiento) de guerras, en donde las dinámicas de la confrontación y las características de las fuerzas están definidas desde las especificidades, posibilidades e intereses de cada grupo (MEDINA, 2009, p. 44 -45)

Asimismo, dentro de esta perspectiva, la Violencia Política se entiende como:

Aquella ejercida como medio de lucha político - Social, ya sea con el fin de mantener, modificar, substituir o destruir un modelo de Estado o de sociedad, o también para destruir o reprimir a un grupo humano con identidad dentro de la sociedad por su afinidad social, política, gremial, étnica, racial, religiosa, cultural o ideológica, esté o no organizado. Tal tipo de violencia puede ser ejercida: 1. Por agentes del Estado o por particulares que actúan con el apoyo, tolerancia o aquiescencia de las autoridades del Estado y en este caso se tipifica como Violación de Derechos Humanos. 2. Por grupos insurgentes que combaten contra el Estado o contra el orden social vigente, y en este caso: o esa violencia se ajusta a las leyes o costumbres de la guerra y entonces se tipifica como Acciones Bélicas, o se aparta de las normas que regulan los conflictos armados y entonces se tipifica como infracción al Derecho Internacional Humanitario. 3. Por grupos o personas ajenas al Estado y a la insurgencia, pero impulsados por motivaciones ideológico - políticas que los llevan a actuar en contra de quienes tienen otras posiciones o identidades, o de quienes conforman organizaciones de las antes mencionadas. (CINEP, 2007)

En la base de todos estos debates, está el carácter mutante y dinámico del conflicto armado en el país, ya que más allá de llevar sesenta años de prolongación, la confluencia de actores, estrategias e intereses se transformó en las últimas décadas. De ahí que sea difícil argumentar que el conflicto colombiano se rige sólo por razones de tipo político o que por el contrario, se haya convertido en una especie de “guerra contra la sociedad”. En ese sentido, se entiende que el conflicto armado colombiano se encuentra atravesado por una serie de dinámicas e intereses de tipo local, regional y nacional, y de motivaciones no solo económicas y políticas, sino también sociales y culturales.

Así sea verdad que el conflicto armado se degradó en las últimas décadas, no se puede olvidar que la guerra siempre fue en cierta medida una empresa criminal. Al margen de justificaciones ideológicas, religiosas o de otra índole, las guerras casi siempre implicaron una depredación de recursos e propiedades, así como toda una suerte de actos criminales por parte de los grupos armados. (NASI, 2003, p. 159)

Por último, vale la pena mencionar que con base en estas precisiones conceptuales, se utilizará guerra y conflicto armado para definir el mismo hecho referido a la confrontación armada entre diferentes grupos que se encuentran en disputa.

3 MARCO METODOLÓGICO

La Escuela de Chicago se constituye como una de las pioneras en la investigación social a partir de historias de vida y en el abordaje de la “dimensión subjetiva” en el conocimiento de la realidad y la vida cotidiana. Esta Escuela tuvo como representantes a W. I. Thomas, Florian Znaniecki, Robert Park, Herber Blumer, Charles Horton Cooley y George Herbert Mead entre otros, logrando un auge muy importante durante los años veinte en Norteamérica, con el desarrollo teórico de la sociología urbana, la cual tuvo una fuerte influencia del pragmatismo de John Dewey y del interaccionismo simbólico de George Mead (RITZER, 1993):

En el ámbito de la Escuela de Chicago tiene como referencia privilegiada y emblemática la gran investigación de Thomas y Znaniecki. Este monumental trabajo empírico se considera el bautismo de la aproximación biográfica en sociología, es hoy un clásico. Para los sociólogos de la Escuela de Chicago el tema de la investigación dominante resguarda la organización y la desorganización social y, en tal sentido, la documentación biográfica (que incluye cartas, diarios y otros documentos personales) representa el material sociológico máspreciado para comprender esa dinámica. (PANAIA, 2004, p. 54)

A raíz de la muerte de Mead, esta escuela perdió legitimidad y credibilidad en el ámbito académico, cobrando mayor fuerza la teoría de la acción de Talcott Parsons quien desarrolló las bases del funcionalismo estructural como teoría predominante en las ciencias sociales (RITZER, 1993). Sin embargo, en 1964 se publica otra gran investigación sobre historias de vida titulada “Los hijos de Sánchez” de Oscar Lewis, realizada desde la perspectiva de antropología urbana en el marco de la cultura de la pobreza (KORNBLIT, 2007):

Las biografías son analizadas como correlatos de lo social, como expresiones de la estructura sociocultural, sobre todo de sus márgenes. Llama la atención, especialmente con respecto a los primeros autores, que fueron considerados mentores de la escuela de Chicago desarrollada a partir del liderazgo de Robert Park en la década de 1930, el olvido en que cayeron después, aun en el marco de la sociología norteamericana. Un autor como Bruyn (1972) llega a decir que la obra de Znaniecki representa un hito en la historia de la sociología y que su influencia es comparable, en relación con el enfoque cualitativo, a la de Emile Durkheim con el enfoque cuantitativo (KORNBLIT, 2007, p. 16)

A partir de estos antecedentes, el método biográfico comienza a cobrar interés en los años setenta con la publicación de numerosas investigaciones sobre historia oral y biografías

desarrolladas por sociólogos, antropólogos e historiadores como “Bertaux (1981), Passerini (1998), Thompson (1978), Ferratori (1990) Elder (1996), entre otros” (KORNBLIT, 2007, p. 16). Con este tipo de estudios se buscó entre otras cosas, dar voz a los grupos marginados y construir, en palabras de Thompson, “la historia desde abajo”.

En la actualidad el método biográfico y la historia oral han cobrado una mayor importancia pese a las críticas que se le han hecho desde otras corrientes teóricas, las cuales señalan que este tipo de enfoques carecen de falta de rigurosidad, lo cual lleva a la imprecisión en los datos y a la pérdida de “objetividad” en el objeto de estudio así como en las técnicas para acceder a la información. Como lo menciona Pujadas (2000, p. 127):

La recuperación y el gran auge del método biográfico en estos últimos veinte años forma parte de la revalorización del actor social (individual y colectivo), no reducible a la condición de dato o variable (o a la condición de representante arquetípico de un grupo), sino caracterizado como sujeto de configuración compleja y como protagonista de las aproximaciones que desde las ciencias sociales se quiere hacer de la realidad social. (PUJADAS, 2000, p. 127)

Por tal razón, la utilización del enfoque biográfico en el abordaje social y particularmente, en el análisis sociopolítico e histórico de una sociedad, reviste de gran importancia puesto que permite por un lado, la visibilización y el rescate de historias no contadas desde la historia oficial; y por otro, trazar vínculos entre el sujeto, su trayectoria de vida y el contexto. De igual forma, como lo menciona Franco Ferrarotti (2007, p. 21) el uso de la historia oral, las biografías y las historias y relatos de vida en las ciencias sociales, brinda un nuevo abordaje en la búsqueda y el tratamiento de la información cualitativa, en el sentido de que “el hombre no es un dato, sino un proceso, y que las “leyes” que tienen que ver con él, no pueden ser timeless y spaceless, validas en cualquier contexto e intemporales”.

Asimismo, Elizabeth Jelin (2002) advierte que el abordaje del pasado y el sentido que se construye particularmente, sobre hechos violentos en un contexto sociopolítico, está revestido de intereses y juegos de poder que se disputan lo que se quiere recordar, así como lo que se espera olvidar. En este sentido, se podría afirmar que la historia, la memoria y las narrativas que se construyen sobre el pasado, se encuentran inmersas, como enfoque y método de investigación social, en dimensiones políticas y públicas donde lo que se construye como “verdad” incide tanto en la percepción de ese pasado, como en el mismo presente y en el futuro:

En los distintos lugares donde se vivieron guerras, conflictos políticos, genocidios y procesos represivos – situaciones típicas de catástrofes sociales y de acontecimientos

traumáticos masivos – los procesos de expresar y hacer públicas las interpretaciones y sentidos de esos pasados son dinámicos, no están fijados de una vez para siempre. Van cambiando a lo largo del tiempo, según una lógica compleja que combina la temporalidad de la manifestación y elaboración del trauma (irrupciones como síntomas o como “superación”, como silencios o como olvidos recuperados), las estrategias políticas explícitas de diversos actores y las cuestiones, preguntas y diálogos que son introducidos en el espacio social por las nuevas generaciones, además de los “climas de época” (JELIN, 2002, p. 68)

Por consiguiente, tratar de recuperar los relatos de personas que han vivido en medio del conflicto armado, conlleva a reflexiones que pasan del debate académico al campo de lo político, puesto que las preguntas que se realizan sobre el pasado, se relacionan con la “verdad factual”, las percepciones y significados frente a lo que ocurrió y a los procesos subjetivos inmersos en dichos acontecimientos. Por esta razón, el problema del pasado se constituye en un tema crucial de la historia, pero también de la memoria en el entendido de que:

La memoria es una forma de distinguir y vincular el pasado en relación al presente y al futuro. No se refiere tanto a la cronología de hechos que han quedado fijos en el pasado como a su significado para el presente. La memoria es un acto del presente, pues el pasado no es algo dado de una vez para siempre. Aún más: solo en parte es algo dado, la otra parte es ficción, imaginación, racionalización. Por eso la verdad de la memoria no radica tanto en la exactitud de los hechos (*res factae*) como en el relato y la interpretación de ellos (LECHNER, GÜEL, p. 18)

A pesar de que esta investigación no se constituye en un trabajo sobre la memoria, en sentido estricto de la palabra; si pretende “recuperar” los testimonios de mujeres excombatientes con el fin de ampliar las versiones e interpretaciones de un pasado que, aunque doloroso, es inherente a la historia social y política del país. En esta perspectiva, al tomar como centro del análisis, los testimonios que describen las trayectorias de vida de cinco mujeres excombatientes, el plano de la subjetividad cobra relevancia, en tanto no sólo se trata de la narración de hechos o situaciones, sino también de relatos que permiten develar las emociones, los dolores y las sensaciones que van marcando y matizando cada historia; en este sentido, Jelin señala:

Los deseos, ilusiones, sentimientos y fantasmas que pueblan los recuerdos del pasado de quienes rememoran y la imaginación de mundos futuros posibles. La subjetividad refiere a procesos y dinámicas que constituyen lo propio de la existencia humana: dar sentidos y crear sentidos, articular de manera singular y única experiencias, representaciones y afectos. Es siempre individual, pero también social, porque las experiencias y afectos están siempre inmersos en lazos sociales. (JELIN, 2006, p. 10)

De igual forma, los testimonios de las mujeres excombatientes se pueden enmarcar dentro de los ejes planteados por Jelin (2002) para realizar trabajos sobre la memoria, ya sea que ésta se conciba como una herramienta metodológica o como una categoría social:

Un primer eje que debe ser encarado se refiere al sujeto que rememora y olvida. ¿Quién es? ¿Es siempre un individuo o es posible hablar de memorias colectivas? Pregunta a la que las ciencias sociales han dedicado muchas páginas, y que manifiesta, una vez más y en un tema o campo específico, la eterna tensión y el eterno dilema de la relación entre individuo y sociedad. Un segundo eje se refiere a los contenidos, o sea, a la cuestión de qué se recuerda y qué se olvida. [...] Están también el cómo y el cuándo se recuerda y se olvida. El pasado que se rememora y se olvida es activado en un presente y en función de expectativas futuras. (JELIN, 2002, p.17-18).

En síntesis, la dimensión subjetiva de los relatos de las mujeres excombatientes, se constituye en un aspecto fundamental en esta investigación, en la medida en que al inscribirse en un contexto y tiempo particular, se logra comprender por un lado, cada trayectoria individual y por otro, permite conocer otras historias que aún están por narrarse de la guerra en Colombia: “Recuperar la memoria, la historia de las identidades rotas y recompuestas, ofrece otra perspectiva, no culturalista, ni economicista, sino subjetiva esto es, formadora de sujetos.” (SANTAMARIA, MARINAS, 1999, p. 263)

3.1 Sujeto y testimonio: debates sobre memoria e historia en el contexto colombiano

Colombia viene atravesando en los últimos quince años, posiblemente una de sus mayores crisis humanitarias en la historia. Más de cuatro millones de personas desplazadas y despojadas de su tierra, su territorio, su cultura y de su forma de vida se constituyen en la historia viva de este país que en la actualidad se debate entre la reparación a las víctimas, la finalización del conflicto armado, la desarticulación de los grupos paramilitares y las nuevas bandas criminales, en un contexto de polarización social, deslegitimización de sus instituciones y la configuración de relaciones sociales basadas generalmente en el miedo, la desconfianza y el silencio.

En este contexto, la historia y la memoria están en el centro de la discusión política, académica y social *-pese a la consigna de que la historia la escriben los vencedores-* generándose lo que Pollak (1989) ha denominado “disputas de la memoria” que encierra lo

dicho, lo no dicho, lo silenciado, lo que no se quiere o puede nombrar y finalmente lo que se busca enunciar como la “verdad” de lo que sucedió en el país.

Las controversias que se han venido gestando en torno a los hechos que se presentaron como consecuencia del conflicto armado y la violencia sociopolítica, comienzan entonces a tomar fuerza y a polarizarse desde el año 2002 a partir de la llegada al gobierno del presidente Álvaro Uribe Vélez quien alineado a la política estadounidense de “guerra contra el terrorismo” instituyó a nivel interno la política de “seguridad democrática” señalando a los grupos guerrilleros como terroristas y negando a la vez, la existencia del conflicto armado.

A partir de estas controversias, han sido varios los intentos por tratar de construir en Colombia “políticas de la memoria” las cuales llevan implícito lo que Andreas Huyssen señala como “políticas del olvido” que trascienden la negación o los silencios del pasado:

Mi argumento aquí es que la memoria política en sí no puede funcionar sin el olvido. Esto es, al fin de cuentas, el significado de *oubli manipulé* de Ricoeur que resulta de la inevitable mediación de la memoria a través de la narrativa. Pero, al contrario de Ricoeur que define el *oubli manipulé* como el resultado de la *mauvaise foi* y un *vouloir-ne-pas-savoir*, yo diría que el olvido consciente y deseado puede ser el producto de una política que, en última instancia, beneficia a ambos: el *vouloir-savoir* y la construcción de una esfera pública democrática. Pretendo mostrar que así como el *oubli manipulé* no debe ser visto en una perspectiva exclusivamente negativa (dependiendo de quién es el que manipula y con qué propósitos) el *oubli commandé* (amnistía) puede tener efectos justamente contrarios a las intenciones de sus defensores. (HUYSEN, 2004, p. 4)

Reconocer las memorias pero también los olvidos, conlleva a examinar cuidadosamente las estrategias y los mecanismos que se vienen construyendo desde el gobierno y desde los diferentes sectores sociales que buscan hacer resistencia a la forma oficial de dar sentido a ese pasado. De esta manera, los “emprendedores de la memoria” se constituyen en actores fundamentales en los trabajos de la memoria y de la historia, que emergen desde diferentes posiciones políticas y sociales y que buscan estructurar nuevas narrativas sobre el pasado, las cuales, como lo señala Elizabeth Jelin (2002, p. 42), configuran las luchas actuales que contienen demandas de justicia, verdad y reparación, especialmente, para la población que ha sido víctima:

Las aperturas políticas, los deshielos, liberalizaciones y transiciones habilitan una esfera pública y en ella se pueden incorporar narrativas y relatos hasta entonces contenidos y censurados. También se pueden generar nuevos. Esta apertura implica un escenario de luchas por el sentido del pasado, con una pluralidad de actores y agentes, con demandas y reivindicaciones múltiples.

En el caso colombiano, las versiones sobre el pasado oscilan entre dos posturas: la primera ha sido denominada **doctrina de los dos demonios**⁶ y se presenta como una postura “humanitarista”; y la segunda se enmarca en las diversas formas de resistencia que vienen adelantando movimientos de víctimas, académicos, líderes sociales y organizaciones de derechos humanos, quienes buscan hacer contrapeso a la “memoria oficial”, abogando por una lectura más compleja del pasado, donde se tomen en cuenta las causas estructurales de la violencia, la resistencia social al modelo de desarrollo hegemónico y la no tergiversación de las experiencias vividas a raíz del conflicto armado, diferenciando claramente, víctimas de victimarios (ANTEQUERA, 2011)

Estas dos perspectivas, que vienen disputándose la definición de las políticas de la memoria en Colombia, en un contexto de justicia transicional, permanencia del conflicto armado y emergencia de nuevos grupos paramilitares, conllevan el riesgo de asumir a la sociedad colombiana como simple receptora de productos simbólicos, puesto que: “las políticas de la memoria continúan siendo un campo de “deber” del Estado, o de voluntad privada, pero aún no se constituyen en una reivindicación desde la sociedad en general, con mecanismos de exigibilidad ciertos y desde criterios claros”. (ANTEQUERA, 2011, p. 30).

Este tema en particular, es de gran interés para sectores académicos y políticos, puesto que si no existe un involucramiento claro de la sociedad en la construcción de las políticas sobre cómo dar sentido al pasado, cómo narrarlo y de qué forma asumir colectivamente mecanismos políticos, sociales, culturales y económicos para evitar la repetición de los hechos, es probable que nombrar lo ocurrido se quede sólo en la reconstrucción de los acontecimientos llevando solo a un “uso literal de la memoria” en tanto el pasado queda encapsulado en el presente (TODOROV, 2000). Por lo tanto, es imperiosa la necesidad no solo de ampliar las posibilidades de narrar el pasado, de dotarlo de sentido y de construir colectivamente los criterios para la configuración de políticas de la memoria; sino también de examinar cuidadosamente las implicaciones que subyacen al conocimiento de la verdad de los hechos y las causas que explican el porqué de la barbarie. En esta perspectiva, Antequera (2011) afirma:

Con la remisión y la visibilidad del pasado, aún del pasado de sufrimientos y daños a los derechos humanos según formas específicas, se puede contribuir a dignificar, reconocer y transformar, pero también se pueden justificar exclusiones, nuevas

⁶ “Doctrina de los dos demonios; Nunca Más y Memoria Democrática son apenas tres de los más conocidos referentes de “relatos emblemáticos” para comprender el “pasado” e implementar políticas de la memoria, en el Cono Sur latinoamericano, los dos primeros, y el tercero en España” (ANTEQUERA, 2011, p. 42)

vulneraciones a los derechos humanos e incluso re-victimizaciones (ANTEQUERA, 2011, p.30).

Si bien es cierto que un acontecimiento pasado como experiencia vivida no puede transformarse, el sentido que se le otorga a dicho pasado si es producto de múltiples interpretaciones (RICOUER, 1999). En Colombia, la doctrina de los dos demonios⁷ viene defendiendo la idea de victimización horizontal, la cual afirma que en el país se presentaron hechos de violencia donde todos los actores armados tienen responsabilidades equiparables creando una especie de zona gris en la cual se confundirían víctimas y victimarios (ANTEQUERA, 2011, p. 56):

La tesis sobre la existencia de un terrorismo de izquierda al que siguió un terrorismo de derecha que hizo carrera en América Latina... se replica según Orozco para Colombia con la afirmación según la cual “entre nosotros, la lucha armada revolucionaria, crecientemente irregularizada y barbarizada, dio lugar a una respuesta contrarrevolucionaria aún más salvaje y desproporcionada y hasta exitosa”.

Esta tesis ha generado una serie de discusiones muy fuertes frente al lugar y al papel de las víctimas en todo la historia de violencia y principalmente en los procesos de paz que se vienen adelantando con los diferentes grupos armados. Como Pollak (1989) advierte: “La memoria, esa operación colectiva de los acontecimientos y de las interpretaciones del pasado que se quiere salvaguardar” se constituye en una lucha de fuerzas e intereses por definir no solo lo dicho y no dicho, sino también los marcos de referencia para leer el pasado. Si la historia de la violencia política de los últimos sesenta años en Colombia se escribe y se rememora desde esta clave, tan solo los actos de horror y barbarie emergen como escenas sin sentido en una guerra que se fraguó en contra de la población civil.

Esta tesis ya ha sido fuertemente criticada y revaluada en países como Argentina y Chile y está siendo cuestionada en Colombia desde los movimientos de víctimas, con el argumento de que al configurar una zona gris donde no se diferencian víctimas de victimarios, despojar al Estado y a sus aparatos militares de la responsabilidad por las vulneraciones de derechos que cometieron y sacar del análisis el carácter estructural de la violencia política, puede llevar a encubrir estrategias de exterminio, dominación y control de la población:

⁷ La doctrina de los dos demonios fue propuesta por Iván Orozco Abad quien es “reconocido como el autor de textos conceptuales sobre memoria histórica de gran influencia, debido, entre otras, a su pertenencia al Grupo de Memoria Histórica de la CNRR” (ANTEQUERA, 2011, p. 52). La CNRR o Comisión Nacional de Reparación y Reconciliación fue creada en el marco de la Ley de Justicia y Paz, con el fin de realizar recomendaciones al gobierno nacional sobre temas como paz, reincorporación de combatientes, reconciliación, reparación y abogar por el reconocimiento de las víctimas.

Gomez-Muller interpela directamente la tesis interpretativa de la “victimización horizontal”, argumentando que dicha construcción se basa en una representación aislada de la verdad factual, verificando la ocurrencia de vulneraciones graves y sistemáticas contra los derechos humanos de millones de personas en Colombia, guiadas por planes de exterminio y desplazamiento, que dejan sin fundamento, no solo la idea de una confrontación violenta motivada por la mera voluntad de agentes armados, sino también la idea de una “gran zona gris” constituida por bandos equiparables en conflicto violento. (ANTEQUERA, 2011, p. 60)

En este debate subyace la discusión sobre la responsabilidad del Estado y de los diferentes actores que han hecho parte del conflicto armado, así como el rol de los grupos sociales que fueron afectados directa e indirectamente por los hechos de violencia. Por tal razón, cuando la memoria se construye desde el relato oficial desvirtuando el carácter político que ha tenido el conflicto armado en el país, lleva a generar procesos descontextualizados, cifrando la narración en el dolor y el sufrimiento:

A partir de una cierta noción de memoria histórica hegemónica, funcional al poder, los relatos sobre lo ocurrido se configuran sobre la exclusión de las luchas sociales y políticas, de las causas y consecuencias, de la estructura jurídico-política en la que se fundan prácticas de sometimiento, asumiendo dichos relatos un carácter ideológico, cuyo problema no es el reconocimiento de las víctimas y sus derechos, sino la desarticulación del sufrimiento como experiencia con sus motivos y secuelas a superar. (ANTEQUERA, 2011, p. 66)

Si bien, el conflicto armado en Colombia, ha llegado a rayar en lo absurdo de la barbarie, sobre sus bases se encuentra un conflicto social y político no resuelto que ha llevado a gran parte de la población, a asumir diversas formas de resistencias violentas y no violentas las cuales hacen parte fundamental de la historia y se constituyen en pistas importantes que podrían ayudar a dar sentido y a recobrar ese pasado.

3.2 Enfoque cualitativo y reflexiones sobre el uso de la entrevista como técnica para recolección de la información

La recolección de testimonios y de relatos “anónimos” sobre el conflicto armado, reviste de gran importancia dentro del contexto colombiano, donde se vienen construyendo Políticas de la Memoria y de la Historia de la guerra, que encierran un debate social y político relacionado con los olvidos, los silencios, y principalmente, con el lugar de las víctimas y de los victimarios en los procesos de verdad, justicia y reparación. De esta manera, con este tipo

de investigaciones, se espera contribuir a la reconstrucción de la memoria de los grupos insurgentes desde la perspectiva de lo que Pollak (1989) ha denominado “**memorias subterráneas**” pues privilegia la historia de los que han sido excluidos de la historia oficial y silenciados y confinados a formas de transmisión informal o clandestina. Este enfoque al centrarse en las memorias de grupos humanos difícilmente nombrados en la historia trae nuevas narrativas frente al pasado y a los hechos que han sido desconocidos por razones como el miedo, la vergüenza o la imposición del olvido.

En esta perspectiva, las mujeres al subvertir el orden tradicional e ingresar a los grupos armados como combatientes, se les ha confinado a una especie de *olvido histórico* al negar el carácter político de su experiencia bajo el supuesto de que las mujeres terminaron vinculadas al proyecto insurgente a través de engaños o fueron utilizadas, convirtiéndose en “víctimas” dentro de las estructuras armadas. De ahí la importancia de recuperar este tipo de relatos que si bien recogen una memoria silenciada también rescatan nuevas dimensiones del conflicto armado que aún están por narrarse:

Son los testimonios de mujeres que relatan experiencias de amor clandestino, de los besos intercambiados detrás de las barricadas, de los matrimonios apresados, de las gestaciones solitarias, de la alegría de los partos realizados en condiciones precarias, pero con buen resultado. La dimensión amorosa de las actividades políticas en tiempos de guerra, puede venir a tono a partir de los relatos orales y testimonios femeninos. La experiencia típicamente femenina de este tipo de situación traumática solo puede aparecer con relevancia a partir del cruce de la historia oral con la historia de mujeres. Y solamente a partir de eso, fue posible para nosotros investigadores traer para la historia una dimensión de la experiencia y de la vivencia humana enteramente ignorada porque basada en la subjetividad femenina, está excluida de la narrativa histórica. (ARAUJO, SANTOS, p. 169, *traducción nuestra*)

Teniendo en cuenta, el uso de la memoria y de la historia para reconstruir el pasado, esta investigación se enmarca dentro del enfoque de investigación cualitativa y retoma postulados del **Método Biográfico** para el diseño del instrumento de recolección de información, así como para el tratamiento y procesamiento de los datos. El método biográfico se entiende como:

Al conjunto de técnicas metodológicas basadas en la indagación no estructurada sobre las historias de vida tal como son relatadas por los propios sujetos [...] las experiencias particulares de las personas recogidas a través de las historias de vida representan la posibilidad de recuperar los sentidos, vinculados con las experiencias vividas, que se ocultan tras la homogeneidad de los datos que se recogen con las técnicas cualitativas. (KORNBLIT, 2004, p. 15)

Por otro lado, la investigación cualitativa, permite realizar una aproximación a los hechos sociales para explorarlos, describirlos y comprenderlos a través del conocimiento que tienen las diferentes personas o grupos de su vida, su experiencia y su realidad. Tal consideración implica asumir que los individuos interactúan con otros en un contexto social compartiendo el significado y el conocimiento que tienen de sí mismos y de la realidad social. (BONILLA, RODRIGUEZ, 1997).

De igual forma, dentro del diseño de una investigación de tipo cualitativo, la entrevista se constituye en una de las técnicas más importantes para acceder al conocimiento de la realidad social. La entrevista en el caso de las ciencias sociales comenzó a ser empleada en la década del treinta de manera amplia en procesos de investigación.

El proceso de institucionalización social en Estados Unidos de algunas disciplinas como la psicología o los estudios sociológicos será el marco de integración de nuevas técnicas, como la entrevista; en el surgimiento de estas nuevas áreas de estudio, cuya consolidación administrativa en buena medida pasó a depender de una definición exacta del orden social, a partir de la perspectiva epistémica liberal y la consiguiente fundamentación en el individualismo metodológico” La entrevista proporciona un excelente instrumento heurístico para combinar los enfoques prácticos, analíticos e interpretativos implícitos en todo proceso de comunicar. (SIERRA, 1998, p. 277)

Jean-Baptiste Fages, citado por Sierra (2007), distingue siete tipos de entrevista: la entrevista clínica; la no directiva, la focalizada; la entrevista provocada de formulación libre; con preguntas abiertas pero no organizadas; con preguntas estructuradas; y la entrevista con preguntas cerrada. Sin embargo, la utilización de esta técnica puede resumirse en dos tipos de entrevista: la terapéutica o psicológica y como técnica de investigación.

La entrevista cualitativa se encuentra a medio camino entre la conversación cotidiana y la entrevista formal:

La entrevista cualitativa es pues una narración conversacional creada conjuntamente por el entrevistador y el entrevistado, que contiene un conjunto interrelacionado de las estructuras que la definen como objeto de estudio. Hacer referencia a la entrevista cualitativa, implica necesariamente distinguir algunos tipos. En primer lugar se puede hacer referencia a la entrevista en profundidad y en segundo, a la entrevista enfocada. La primera, permite con carácter holístico, aprender un objeto de estudio constituido por hechos, percepciones, sentimientos, valores, vivencias, significados (entre muchos otros aspectos) asociados a la vida, la experiencia, las ideas y los valores del entrevistado. Se pretende con la entrevista en profundidad, construir una imagen dinámica de la configuración vivencial y cognitiva de un individuo, y de la relación de estos aspectos con el contexto definido espacial y temporalmente. Por su parte la entrevista enfocada pretende responder a cuestiones muy concretas tales como estímulos más influyentes, efectos más notorios, diferencia de sentido entre sujetos sometidos a la misma experiencia. (SIERRA, 1998, p. 299)

Con el fin de comprender la dimensión subjetiva de la realidad social, los relatos se constituyen en el insumo primario para conocer representaciones, sentimientos, percepciones y en últimas, la experiencia de vida de un sujeto. De modo tal, el relato se “captura” con la entrevista y se convierte en uno de los insumos esenciales para el conocimiento de la realidad social.

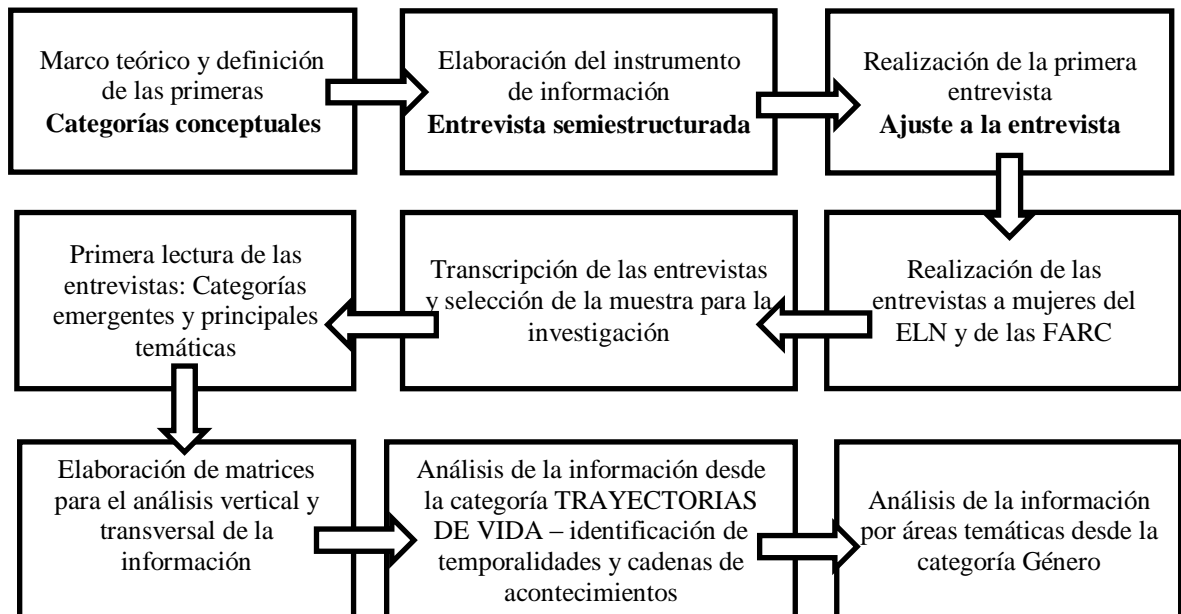
3.3 Diseño metodológico

Realizar un proceso de investigación con base en los testimonios de mujeres excombatientes de los grupos guerrilleros en Colombia, implicó realizar un diseño metodológico que tuvo en cuenta dos niveles:

- El primero se relaciona con reconocer la forma como tienen las mujeres de narrar su experiencia dentro del conflicto y los detalles que surgen en temas silenciados en la guerra como la sexualidad, la vida de pareja, los hijos, el dolor y las emociones.
- El segundo hace referencia al tratamiento de la información, pues aunque algunas mujeres han decidido hablar de su historia, lo han hecho desde una “nueva” clandestinidad que se refuerza en la idea de que la sociedad colombiana aún no quiere, ni está preparada para escuchar los relatos de mujeres que son señaladas como transgresoras, violentas y culpadas por haber dejado a sus hijos y haber aplazado una vida “normal” por seguir sus ideales revolucionarios.

Por lo tanto, el diseño metodológico de esta investigación (procesamiento y análisis de los testimonios) estuvo sometido a permanentes ajustes tanto de forma como de contenido en la elaboración del instrumento de recolección de información, así como en el proceso de construcción de las categorías y en su operacionalización. Los principales procedimientos utilizados en esta investigación fueron los siguientes:

GRAFICO N° 01 - PROCEDIMIENTOS DISEÑO METODOLÓGICO



Recolección de la información:

A partir de la elaboración del marco teórico y de la definición de las tres categorías centrales de la investigación: Trayectorias de Vida, Género y Conflicto Armado, se construyó el instrumento para la recolección de los testimonios, compuesto por los siguientes ejes:

Eje temporal	Escenarios de tránsito		
Infancia	Familia	Antecedentes de la militancia	
Adolescencia y juventud			Militancia en el grupo guerrillero
Adulthood			Desvinculación del grupo guerrillero y retorno a la vida civil
Época actual			

Cabe advertir que con el diseño de la entrevista semiestructurada, se buscó propiciar una conversación abierta y flexible a través de preguntas generales sobre cada uno de los ciclos vitales, centrando los relatos sobre la militancia política, antes, durante y después del ingreso a la guerrilla y en la experiencia como combatientes. Con el diseño de entrevista se optó por el abordaje del tema a través de la técnica de relato de vida, entendido como:

Cabe realizar en este punto una diferencia entre historias de vida y relatos de vida. Las primeras implican por lo general un rastreo detallado de la trayectoria vital de una persona, al modo de un estudio de caso (como el realizado por ejemplo en Los Hijos de Sánchez). Se elige para ese propósito a una o varias personas a las que se consideran prototípicas del tema que se pretende explorar (en ese caso, las estrategias de supervivencia de una familia de clase baja mexicana) e insumen habitualmente varias entrevistas con una misma persona. Los relatos de vida, en cambio son narraciones biográficas acotadas por lo general al objeto de estudio de investigador. Si bien pueden abarcar la amplitud de toda la experiencia de vida de una persona, empezando por su nacimiento, se centran en un aspecto particular de esa experiencia, por ejemplo las migraciones laborales o el consumo de drogas. Por regla general se realiza una entrevista a un número variable de personas que han transitado por la misma experiencia. (KORNBLIT, 2004, p. 16)

Con el fin de realizar las entrevistas, se establecieron los siguientes criterios para conformar el grupo con el cual se recogieron los testimonios. En una primera etapa del proyecto se pensó, *dadas las dificultades de acceso a la población*, dejar los criterios abiertos con las siguientes características.

- a. Participación en el ELN o las FARC
- b. Tiempo mínimo de permanencia: 1 a 2 años
- c. Mandos medios y combatientes
- d. Ingreso en los años ochenta y noventa
- e. Mujeres que hicieran parte del programa de reinserción del gobierno o que estuvieran detenidas por rebelión en la cárcel de mujeres.

No obstante, después de haber realizado las entrevistas, aparecieron grandes diferencias en los relatos de las mujeres que habían pertenecido al ELN o a las FARC y que habían ingresado por motivos políticos o económicos a estas guerrillas. Asimismo, no fue posible acceder a las entrevistas de mujeres detenidas, debido a que en la cárcel restringen las visitas por razones de seguridad. En síntesis se realizaron las siguientes entrevistas:

Tabla N° 02							
Perfil de las mujeres excombatientes participantes de la investigación							
Grupo armado	Edad de reclutamiento	Procedencia	Nivel de escolaridad	Forma de reclutamiento	Tiempo de permanencia en el GA	Edad actual	Funciones dentro del GA
FARC – EP- 1	20	Cabecera municipal	Secundaria completa	Voluntario	4 años	28	Guerrillera raso*
FARC – EP – 2	11	Cabecera municipal	Primaria incompleta	Voluntario	5 años	21	Guerrillera raso
FARC –EP – 3	12	Cabecera municipal	Primaria incompleta	Voluntario	5 años y medio	21	Guerrillera raso
ELN -1	14	Cabecera municipal	Secundaria incompleta	Voluntario	1 año y medio	22	Guerrillera raso
ELN – 2	21	Cabecera municipal	Secundaria incompleta	Voluntario	15 años	40	Guerrillera - mando medio Se dedicó a la labor política del grupo
ELN – 3	19	Urbano	Universitario	Voluntario	9 años	48	Guerrillera de milicias urbanas
ELN – 4	15	Urbano	Universitario	Voluntario	7 años	40	Guerrillera mando medio
ELN – 5	16	Cabecera municipal	Universitario	Voluntario	10 años	39	Guerrillera mando medio
* Guerrillera raso: sus funciones estaban relacionadas con el mantenimiento del campamento, labores logística, de inteligencia y en combates. No ejerció ningún cargo de mando, ni tuvo autoridad sobre otros combatientes.							

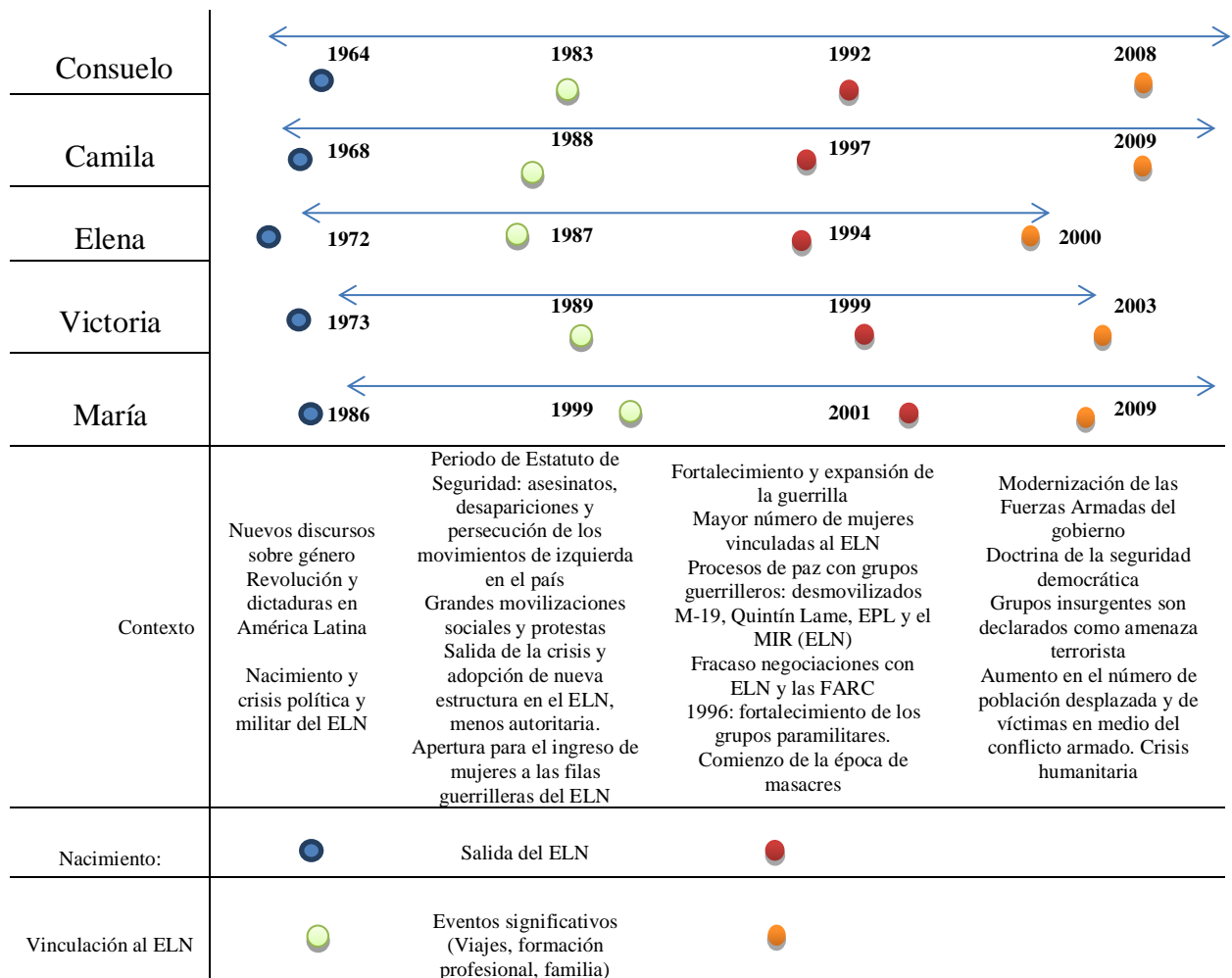
Fuente: Tabla elaborada con base en la información de las entrevistas realizadas con las mujeres que participaron en esta investigación.

A pesar de que se realizaron ocho entrevistas en total, se decidió analizar solo las entrevistas de las mujeres que hicieron parte del ELN por las siguientes razones:

1. El proceso de vinculación a las FARC y al ELN se constituye como una experiencia muy diferente en términos de la misma configuración del grupo armado, de sus símbolos, de sus prácticas y de las políticas frente a las relaciones de género.
2. Para esta investigación, la pregunta sobre la trayectoria de vida es el eje central sobre el cual gira el análisis. Por tanto, se consideró de mayor relevancia, la experiencia de vida de mujeres que hubieran ingresado a la guerrilla por motivos ideológicos o políticos y hubieran asumido algún tipo de mando. Del total de la muestra, las mujeres que se aproximan más a este tipo de criterios, son las que hicieron parte del ELN.

Los cinco relatos de mujeres que seleccionaron para el desarrollo de la investigación, son los siguientes:

Tabla N° 03
Línea de tiempo – trayectorias de vida



Fuente: Elaboración propia, con base en la información de las entrevistas realizadas en el marco de esta investigación

Procesamiento de la información

- Se realizó una primera lectura a profundidad tratando de encontrar temáticas relevantes, eventos desencadenantes en los cambios de cada trayectoria de vida, aspectos comunes y divergentes entre las cinco entrevistas y elementos de contextos mencionados en las entrevistas.
- Se realizó una primera clasificación de la información según la trayectoria individual en el marco del contexto socio histórico del país.
- Se realizó una segunda clasificación de la información de acuerdo a las siguientes categorías descriptivas:
 - ❖ Trayectoria familiar

- ❖ Trayectoria subjetiva. Cambios en la identidad y percepción de sí mismas.
 - ❖ Trayectoria política en la vida civil.
 - ❖ Trayectoria militar. Vinculación y experiencia como guerrilleras.
 - ❖ Trayectoria profesional.
 - ❖ Relaciones de parejas, vida amorosa y sexual. Maternidad
 - ❖ Hechos o situaciones relacionadas con el contexto socio histórico
- Se realizó una tercera clasificación para realizar el análisis transversal de las entrevistas. Esta matriz se diseñó a partir de las categorías propuestas por Joan Scott para el análisis de la diferencia sexual desde una perspectiva histórica. Además de esto, se retomaron algunos aspectos de la teoría de *Campo* y *Habitus* de Pierre Bourdieu con el fin de caracterizar a la guerrilla del ELN como un espacio social, tratando de identificar las relaciones objetivas, los capitales en disputa dentro del campo y el sistema de disposiciones de las mujeres dentro de ese escenario. Aunque este análisis no fue muy exhaustivo debido a las limitantes en la información, se decidió realizar una triangulación de fuentes primarias, secundarias y otros documentos relevantes sobre el tema⁸.

Análisis de la información

Con el fin de realizar el análisis de la información se tuvieron en cuenta aspectos como:

- Los tiempos de las entrevistas no son tiempos lineales, coherentes, ni secuenciales. Por el contrario, los relatos se construyen con lógicas diferentes, donde por ejemplo, un hecho del pasado, termina explicando y dando sentido a situaciones del presente y probablemente del futuro.
- Aunque la información no es precisa y en esta investigación no se busca que tenga un grado máximo de “verdad” frente a lo sucedido, se parte de reconocer que cada historia narrada se inscribe en un contexto más amplio a nivel social, cultural, político, económico e histórico. Por tanto, no se trató de presentar un análisis de la vida de un individuo que cobra sentido en sí misma; sino por el contrario, que hace parte de relaciones colectivas y, en palabras de Bourdieu, se constituye en una *subjetividad socializada*.

⁸ Las matrices se anexan en la parte final.

Asimismo, para el caso del relato de vida, existen según Bertaux citado por Lía Kornblit (2004), tres órdenes posibles de realidades presentes que deberían enlazarse con el objetivo de la investigación:

La realidad histórico – empírica que se constituye en el contexto donde se desarrolla el relato de vida “No se trata aquí de tener en cuenta sólo la sucesión de acontecimientos ocurridos durante el tiempo histórico en el que se desarrolla el relato, sino también el modo como ellos han sido vividos por el sujeto. La realidad psíquica, remiten al tiempo socio histórico tal como puede ser reconstruido por el investigador. Los enlaces entre el tiempo histórico colectivo y el tiempo biográfico, del modo como son establecidos por el entrevistado y reinterpretados por el investigador, constituyen una dimensión que no puede estar ausente en el análisis de los relatos de vida, en la medida en que las historias de las personas no son estrictamente individuales: representan la faceta persona de los cambios sociales, máxime teniendo en cuenta las características de fragmentación e inestabilidad de la sociedad actual. (KORNBLIT, 2004, p. 19)

De igual forma, para el análisis de los relatos de vida se establecieron secuencias dentro de cada trayectoria, tratando de establecer conexiones entre los diferentes hechos que antecedieron y precedieron las transformaciones en sus vidas, así como su relación con el contexto histórico del país y del grupo guerrillero. En síntesis, el análisis se basa en la perspectiva que propone Franco Ferrarotii (2007, p. 27) cuando afirma:

Se necesitaría en vez de proceder, con extrema atención analítica, a la lectura de las historias de vida, con el objetivo de llegar al núcleo y hacer emerger las “áreas problemáticas”; estas expuestas naturalmente más a menudo en términos de percepción psicológica individual. Se asocian de consecuencias con las determinantes del contexto histórico-económico-cultural meta-individual, de forma tal que evidencian el entrecruzamiento dialectico –“o de reciprocidad condicionante”- entre individuo, cultura y momento o fase histórica. Lo que significa, tomando en cuenta las historias de vida, el aprehender el nexo entre texto, contexto e intertexto.

4 TRAYECTORIAS DE VIDA DE MUJERES QUE HICIERON PARTE DEL GRUPO GUERRILLERO, EJÉRCITO DE LIBERACIÓN NACIONAL – ELN

Tratar de describir las trayectorias de vida de cinco mujeres que hicieron parte del grupo guerrillero ELN, se constituyó en todo un desafío metodológico y en una preocupación que abarcó lo teórico, lo político y lo ético:

- En lo teórico, se buscó incorporar las reflexiones de Bourdieu sobre los riesgos que trae consigo la Ilusión Biográfica, o en otras palabras, el pensar una vida, una historia o mejor aún, múltiples historias de vida, desde un plano meramente individual, olvidando el contexto y los condicionantes sociales que rigen la vida de cualquier ser humano. Por lo tanto, con el análisis de la información, se buscó siempre describir las trayectorias desde una perspectiva histórica tejiendo cada historia particular, con los hechos que narraban las mujeres como significativos en cada periodo de tiempo.

- Con respecto a lo político, el tema de la memoria y del olvido⁹, está relacionado con la recolección de testimonios, así como con las preguntas que están detrás de ese ejercicio y con la forma de presentar los resultados de este tipo de investigaciones. Para el caso de esta disertación, al preguntarse por la experiencia de vida de mujeres que hicieron parte de las organizaciones guerrilleras, se buscaba poder contribuir no sólo con visibilizar y rescatar la historia y la voz de las mujeres; sino también con apoyar el trabajo que se viene realizando desde escenarios académicos y políticos para tratar de recuperar y reconstruir lo que se podría denominar como “la memoria insurgente” y su relación con la configuración del Estado y de la sociedad colombiana en general.

- Frente a lo ético, el tema de la memoria y de los testimonios, tal como lo señaló Elizabeth Jelin (2002) por ser un ejercicio de retorno al pasado, requiere de palabras para narrar lo vivido por traumático que sea, construir nuevos sentidos sobre ese pasado, tener en cuenta no solo los recuerdos, sino también los olvidos y los silencios, y finalmente, poder encontrar los puntos de articulación entre esas memorias individuales y colectivas.

Con base en estas consideraciones, en el presente capítulo se describen las trayectorias de vida de cinco mujeres que militaron en el Ejército de Liberación Nacional entre los años

⁹ Este tema se vienen discutiendo en Colombia con base en las reflexiones elaboradas en Chile, Argentina y Brasil después de la época de las dictaduras.

ochenta y finales de la década de los años noventa. Para este propósito, se presenta de forma intercalada la historia política del país, retomando o profundizando sobre hechos o situaciones nombrados en los relatos, con el objeto de darle un contexto a cada historia y establecer algunos condicionamientos sociales, políticos, culturales o económicos que hubieran podido incidir en las decisiones o en los cambios de cada una de las trayectorias descritas.

Asimismo, teniendo en cuenta dos variables fundamentales como tiempo y espacio, se establecieron cuatro periodos de tiempo: 1. Infancia; 2. Primeros años de militancia política; 3. Vinculación al ELN y; 4. Retorno a la vida civil; con el fin de dar un orden cronológico y secuencial a la vida de las cinco mujeres. Es importante señalar, que esta periodización no aparece como tal en los testimonios, puesto que cada uno de ellos, evidencia una lógica temporal y espacial que no se ciñe a tiempos lineales, sino que mantienen una especie de “narrativa dialéctica” que se mueve entre el pasado y el presente para tratar de encontrar el sentido de cada experiencia y su conexión con las construcciones subjetivas.

4.1 Antecedentes del conflicto armado contemporáneo en Colombia

En Colombia se identifica la época de la **Violencia** de los años cincuenta del siglo pasado, como la génesis de la confrontación armada que actualmente vive el país¹⁰. A partir de este periodo y de los acuerdos realizados entre los dos partidos políticos hegemónicos de la época: liberales y conservadores; el país reduce las confrontaciones militares en medio del desarrollo capitalista donde los campesinos, los trabajadores y las clases menos favorecidas continúan siendo excluidas y marginadas social, económica y políticamente.

En un contexto marcado por la ausencia de la guerra, pero propicio para diversificar las formas de violencia, se llevaron a cabo movilizaciones obreras y campesinas que reivindicaban sus derechos y el mejoramiento de sus condiciones de vida, las cuales fueron reprimidas y controladas a través del uso de la fuerza y la violencia por parte del Estado. Para citar un ejemplo, en 1928 fueron asesinadas aproximadamente 3.000 personas que estaban protestando en contra de la empresa norteamericana United Fruit Company. Este hecho quedo registrado en la memoria del país como la Masacre de las Bananeras

¹⁰ Es necesario retomar que durante la época de la conquista, la colonia y el proceso de configuración de la República y del Estado-Nación en el siglo XIX, el país entro y salió de innumerables guerras independentistas y civiles que finalizan con la llamada Guerra de los Mil días la cual se prolonga hasta el año de 1902

La masacre de las bananeras, ocurrida el 6 de diciembre de 1928, es reveladora en varios sentidos. Primero, por las pésimas condiciones laborales practicadas por la multinacional norteamericana Fruit Company que el conflicto puso al desnudo. Segundo por la brutal represión de las fuerzas armadas, sintomático una vez más de la relación Estado – sociedad civil; este conflicto sin embargo será una suerte de detonante mediático que terminará desprestigiando ante la opinión pública el gobierno de Miguel Abadía Méndez, poniendo fin a la hegemonía conservadora. En tercer lugar, es a partir de la masacre de las bananeras que Gaitán – abogado de formación – se hará conocer del gran público, ganándose el apoyo de los más humildes al lograr por ejemplo la libertad de numerosos obreros, así como indemnizaciones para las viudas y huérfanos de los trabajadores asesinados. (COLOMBET, 2010)

Después de la Guerra de los Mil días (1902) y de la Masacre de las Bananeras (1928), que se constituyen en los principales antecedentes del nuevo periodo de guerra; es asesinado el líder liberal y candidato presidencial Jorge Eliecer Gaitán el 9 de abril de 1948 dando origen al periodo más largo de violencia que ha vivido Colombia en toda su historia.

La muerte de Gaitán fue percibida por las masas casi como un magnicidio (su futura elección no dejaba lugar a duda) y su reacción espontánea fue a la altura de los años de frustración que había generado el régimen político. El pueblo entendía que con el asesinato de Gaitán se quedaban sin el hombre destinado a cambiar al país. El conflicto se extendió en todo el territorio poniendo nuevamente en exergo las rivalidades entre conservadores y liberales, rivalidades exacerbadas ahora por unas masas – en su mayoría campesina – enfurecidas por la muerte del “Jefe”. Es ahí donde el conflicto empieza a tomar otra consistencia, tanto por su amplitud territorial como por su excepcional duración. (COLOMBET, 2010)

Con este hecho se inaugura una nueva disputa por el poder político y el control territorial entre liberales y conservadores, lo cual conlleva en un primer momento al golpe de Estado liderado por el general Gustavo Rojas Pinilla en el año de 1953. Durante estos años el saldo de muertos asciende a 300.000, y el conflicto se transforma pasando de un enfrentamiento bipartidista a una disputa de grupos insurgentes de carácter campesino que buscaban tomar el poder del Estado, socavando las bases políticas tradicionales instituidas hasta ese momento en Colombia (COLOMBET, 2010).

4.1.1 Génesis de las guerrillas en Colombia

El periodo conocido como el de la “Violencia” en el país, ha dejado huellas muy profundas en relación con la construcción de la identidad nacional, del Estado moderno y de la sociedad colombiana en general. En este periodo de guerra que duró aproximadamente 12

años (1946-1958) la violencia que abatió campos y ciudades se fue configurando como una de las más sangrientas y en la cual los actores en disputa, perfeccionaron las técnicas de exterminio, llevando al extremo métodos para asesinar, torturar y generar miedo y terror en toda la población colombiana:

El asesinato sistemático, la tortura, la violencia sexual, la mutilación, la manipulación brutal de los cadáveres, el boleteo, la intimidación mediante el incendio, la matanza de ganado, la destrucción de sementeras, el despojo de propiedades, el abandono y la venta precipitada de fincas y parcelas, con la consiguiente acumulación de propiedades y riquezas en manos de quienes pudieron instrumentalizar la criminalidad colocándola al servicio de su propio beneficio, fueron entre otras algunas de las expresiones de violencia durante este período. (MEDINA, 2008, p. 88)

Este tipo de violencia fue instrumentalizada por el Estado y por las élites políticas dominantes buscando “pacificar” la nación a través del asesinato de miles de personas. Estos hechos se presentaron bajo la mirada y aprobación de autoridades y gobernantes, quienes conformaron grupos para-militares, llamados en su momento como “pájaros” y “cuadrillas”, los cuales eran los encargados de asesinar y torturar a todas las personas consideradas disidentes políticos y enemigos del orden establecido. (MEDINA, 2008)

Después de este periodo de violencia bipartidista que finaliza con la conformación de una coalición entre liberales y conservadores denominada como el Frente Nacional, se configura un nuevo momento histórico caracterizado por la violencia guerrillera, ahora ligada a discursos ideológicos de transformación del Estado que:

Va a incubar en las guerrillas de mayor tradición y persistencia como son las FARC (Fuerzas Armadas Revolucionarias de Colombia), el ELN (Ejército de Liberación Nacional) y el EPL (Ejército Popular de Liberación) a partir de la confluencia de múltiples elementos de los cuales no van a estar ausentes grupos remanentes de guerrillas liberales que se articulan de esta manera a la siguiente violencia” (VARGAS, 2000, p. 9)

Cabe resaltar que en la génesis de los grupos guerrilleros contemporáneos, estuvo la guerrilla liberal que surgió a partir de la violencia bipartidista. En ese momento surgen las FARC – EP, en el año de 1964 como estrategia de defensa frente a la arremetida gubernamental en contra de las organizaciones campesinas y de la movilización que se estaba gestando en esa época debido a las crisis que venían sufriendo la población que habitaba en las zonas rurales del país. Según Carlos Medina, las FARC-EP ha pasado por siete etapas que definen el desarrollo de su estrategia militar y los lineamientos políticos que en la actualidad rigen a la organización:

1. De la violencia bipartidista y las autodefensas campesinas a la creación del Bloque Sur y la expedición del Programa Agrario de las Guerrillas de Marquetalia (Primera conferencia), 1948-1964. 2. Del Bloque Sur a la constitución de las Fuerzas Armadas Revolucionarias de Colombia -FARC - (Segunda Conferencia), 1964- 1966. 3. Las FARC: Reveses y reconstituciones (Tercera Conferencia), 1966-1974. 4. Consolidación orgánica y Plan Nacional Militar (Cuarta, Quinta y Sexta Conferencia), 1974-1982. 5. De la constitución de las FARC-EP a la formulación de la Plataforma de un Gobierno de Reconstrucción y Reconciliación Nacional (Séptima y Octava Conferencia), 1982-1993. 6. De la Plataforma de Reconstrucción y Reconciliación Nacional a la Agenda Común por el cambio para una Nueva Colombia, 1993-2002. 7. La Novena Conferencia en el marco del Acuerdo Humanitario y la administración Uribe (2003-2007). (MEDINA, 2008, p. 101)

Este grupo armado es el más importante y el que tiene mayor estructura y capacidad militar en Colombia; según informes oficiales de las fuerzas militares, en la actualidad estaría conformado por 9.000 combatientes y 9.000 milicianos aproximadamente, pese a los reveses militares que ha tenido después del año 2001 con la modernización del ejército y con la dada de baja de sus principales dirigentes.

Por otro lado, el Ejército de Liberación Nacional - ELN, surge en 1965 en el departamento de Santander. Este grupo guerrillero tiene su origen en fracciones radicales del movimiento liberal y en un contexto donde se veía posible el triunfo de la revolución y la toma del poder estatal:

Si el contexto nacional en el que surgen las FARC y el ELN, es la atmósfera política y social creada por la Violencia, la Dictadura de Rojas y la instauración del Frente Nacional, el contexto internacional, para el caso del ELN, no es otro que la ola revolucionaria generada en América Latina por la Revolución Cubana. El triunfo del Movimiento 26 de Julio, conducido por Fidel Castro y Ernesto Guevara, generó un proceso de cuestionamiento de las estrategias de lucha política de los viejos partidos de oposición de izquierda en América Latina y un replanteamiento de sus tácticas, lo que dio como resultado nuevas organizaciones políticas, que arrastradas por el fervor del proceso Cubano, constituyeron lo que se denominó "Nueva Izquierda". (MEDINA, 2008, p. 121)

En los años setenta del siglo XX en Colombia, surgieron otros grupos guerrilleros como el Movimiento 19 de Abril -MI9-, el Partido Revolucionario de los Trabajadores -PRT- y el Movimiento Quintín Lame quienes firmaron acuerdos de paz durante los años 80. En este periodo, el presidente Julio Cesar Turbay Ayala, implementa una estrategia contrainsurgente bajo la doctrina de la Seguridad Nacional, la cual generó una situación muy grave en materia de violaciones a los derechos humanos en el país, principalmente dirigida en contra de organizaciones de izquierda, líderes, sindicalistas, campesinos y grupos políticos de oposición.

En pocas palabras, los miembros de organizaciones políticas o armadas que buscaron vías diferentes a las armadas, para disputarse un lugar en el escenario político fueron asesinados, desaparecidos o reprimidos militarmente, tal como lo evidencia uno de los mayores genocidios que se han dado en Colombia en contra de un movimiento político, como fue el caso de la Unión Patriótica - UP:

La Unión Patriótica, contando con la presencia de socialistas y comunistas, logró cierta presencia en el escenario político colombiano: obtuvo ocho escaños en el Congreso de 1986, tenía representación en cincuenta consejos municipales y veintidós diputados en las asambleas departamentales, a la vez que en algunas circunscripciones presentó listas conjuntas con los liberales reformistas. No obstante lo más destacable de esta formación política no reside tanto en sus logros políticos sino lamentablemente en el grado de persecución que ha venido sufriendo: el asesinato de unos 5.000 activistas y otras cuantas desapariciones están para recordarnos que Colombia sufre endémicamente de altísimos niveles de violencia. (COLOMBET, 2010)

4.1.2 Aproximación histórica al surgimiento del Ejército de Liberación Nacional (ELN)

En el contexto internacional, los años sesenta se constituyen en un hito frente a la revolución de las ideas y de los valores, donde miles de jóvenes en todo el mundo promovieron un cambio cultural y social a través de la ruptura con postulados conservadores y tradicionales y la búsqueda de liberar tanto la mente como el cuerpo. En América Latina y particularmente en Colombia permeada por ideas de corte liberal, se vivía una atmósfera social con bastante agitación política, donde se “sentía” posible a corto plazo la Revolución Socialista y el triunfo sobre el capitalismo.

Desde la atalaya izquierdista colombiana de los años 60, parecía evidente que el mundo seguía en una dialéctica de revolución y contrarrevolución, insurgencia y contrainsurgencia. Parecía como si la revolución china de 1949 continuara la Revolución bolchevique de 1917 que, a su vez había sido la continuación de la Revolución francesa de 1789. Además de condensarlas en una sola, la Revolución castrista evocaba la insurrección de los comuneros del Socorro de 1781; no en vano el primer destacamento guerrillero del ELN, establecido en Cuba con supervisión directa del Che, tomó el nombre de José Antonio Galán. (PALACIOS, 2012, p. 71)

Por otro lado, en la confluencia de factores sociales de la época como la movilización de diferentes sectores campesinos, obreros y estudiantiles, sumado al triunfo de la Revolución Cubana, y la creación de la Brigada José Antonio Galán, nace el Ejército de Liberación

Nacional –ELN- el 4 de julio de 1964, ubicándose en la región de Magdalena Medio Santandereano.

El primer foco guerrillero del ELN se conforma en la vereda "La Fortunata" del Municipio de San Vicente de Chucurí; Allí, confluyen una serie de elementos en los que se confunde lo político con lo familiar y lo local. Del grupo que inicia la primera marcha en Julio de 1964, prácticamente todos pertenecían a la región o eran conocidos en ella. Eso les permitió sobrevivir durante los primeros meses, pero, además, evitar las infiltraciones que podían producirse al escaparse la información de que un grupo armado se estaba configurando en el área. (MEDINA, 2007, p. 50)

En la génesis del ELN no se reconoce oficialmente la participación de ninguna mujer. Sin embargo, en algunos textos de la historia del grupo elaborados por Medina Gallego (2008), Arenas (1971) y en entrevistas realizadas a sus fundadores, se nombra ocasionalmente la participación de una mujer¹¹ quien hizo parte de la toma de Simacota en 1964, en la cual el grupo buscó fortalecer su debilitada tropa por falta de alimentos, medicamentos y dinero, situaciones que llevaron a una crisis interna que casi termina por su desmantelamiento (MEDINA, 2008)

Otro aspecto de gran relevancia en este periodo de tiempo, es la vinculación de sacerdotes y monjas en las filas guerrilleras quienes hacían parte del grupo sacerdotal “**Golconda**” fundado en 1968 bajo los principios de la Teología de la Liberación. Autores como Medina (2008) y Rodríguez (2009) señalan que este grupo de religiosos tomó como referentes las ideas de Camilo Torres, sacerdote fundador de la facultad de sociología de la Universidad Nacional de Colombia; de la Juventud Universitaria Cristiana Brasileña (JUC) y de las encíclicas papales de Juan XXII y Pablo VI las cuales promovían una resistencia a los regímenes militares y a la violación de los Derechos Humanos:

Uno de los primeros sacerdotes que se unieron al ELN fue el colombiano Camilo Torres, quien adquirió un lugar destacado y polémico, aun cuando no fue ni ha sido el único clérigo que ha participado. Además de Torres, entre el grupo de sacerdotes se destacan: Domingo Laín, del Seminario de los Padres Blancos de Bélgica (ingresa en 1969 y muere en 1974); José Antonio Jiménez (Español, ingresa en 1969 y está en la organización hasta 1970); Manuel Pérez, del Seminario Hispanoamericano de Madrid (ingresa en 1969 y muere en 1998); Carmelo Gracia, del Seminario de Tarazona, España (ingresa en 1969); Diego Uribe Escobar, sacerdote franciscano (ingresa en 1977 y está en la organización hasta 1981); Bernardo López Arroyave, sacerdote del Seminario de Vocaciones Tardías en Antioquia (ingresa en 1978); Laurentino Rueda, sacerdote franciscano (activo); Carlos Buitrago y Alirio Buitrago, catequistas (ingresan en 1978 hasta 1982); Vicente Mejía, sacerdote, y Gabriel Borja, seminarista. (RODRIGUEZ, 2009, p. 109)

¹¹ Este tema se va a desarrollar de manera más amplia en el siguiente capítulo de esta disertación.

El sacerdote Camilo Torres, se convirtió en uno de los símbolos más importantes del ELN en el desarrollo de su historia, debido a los planteamientos teóricos que esbozó sobre la realidad colombiana y a los vínculos que estableció entre cristianismo y marxismo, base fundamental para el desarrollo de las Comunidades Eclesiales de Base y de los postulados de la Teología de la Liberación en Colombia. (MEDINA, 2008)

Camilo Torres pierde la vida en un combate en 1996, en la zona de Patio Cemento (Santander) cuatro meses después de su ingreso a las filas guerrilleras, lo cual genera críticas muy fuertes al ELN desde diversos sectores sociales y en su interior, pues se les responsabilizó de haber enviado a uno de sus mayores cuadros políticos al combate sin la experiencia necesaria.

Con la muerte de Camilo se produce la construcción de un símbolo que le dará estabilidad al proyecto, permanencia y proyección sobre la edificación de sus propias leyendas, rituales y mártires. Las declaraciones de Fabio Vásquez, a la revista Sucesos, inician desde muy temprano el trabajo de recuperación de la imagen de Camilo como militante guerrillero, sacerdote, líder popular y patrimonio de las luchas revolucionarias, propiedad del ELN. (MEDINA, 2009, p. 190)

Al finalizar los años sesenta hasta mediados de la década del setenta, el ELN atraviesa grandes crisis relacionadas con el interés de algunos de sus mandos por fortalecer militarmente el grupo en detrimento del trabajo político y de su relación con las comunidades de base. Sumado a estos hechos, se presentó la deserción de combatientes y se agravaron las condiciones económicas para la estabilidad de la tropa:

Se toman en consideración los énfasis en las prácticas militares y las contradicciones surgidas en el interior del ELN que dieron origen a los fusilamientos de Víctor Medina Morón, Julio Cesar Cortés, Heliodoro Ochoa, Juan de Dios Aguilera (MEDINA, 2007, p. 28)

Posterior a los fusilamientos y deserciones, la peor crisis que vive el ELN se presenta en el año de 1973, con la denominada “Operación Anorí”. Esta operación que consistió en el despliegue de las fuerzas militares en el municipio de Anorí (Antioquia), llevando a la mayor derrota militar del ELN en toda su historia, pues su tropa quedó diezmada perdiendo una columna de 90 guerrilleros (MEDINA, 1996).

Por otra parte, en América Latina y en diferentes países del mundo, se estaban presentando conflictos sociales y políticos articulados con procesos revolucionarios, lo cual llevó a que militares de países del Cono Sur y de Centro América, fueran entrenados en la

Escuela de las Américas para imponer las dictaduras militares como rechazo a una posible consolidación del comunismo:

En el escenario internacional, mientras que en 1973 se da el golpe militar en Chile, y la imposición de dictaduras militares en otros países del Cono sur, en Nicaragua triunfa el proceso revolucionario del Frente Sandinista de Liberación Nacional en 1979. En 1975, el pueblo vietnamita consolida su triunfo y las tropas norteamericanas se ven obligadas a abandonar Vietnam. A nivel nacional, se vive uno de los más vigorosos periodos de luchas, iniciado en 1971 con la toma de tierras por parte de los campesinos, luchas de los obreros petroleros y numerosos protestas y movilizaciones del movimiento estudiantil colombiano. (RODRIGUEZ, 2009, p. 115)

En el contexto nacional, Colombia vivió en los años setenta, una serie de movilizaciones sociales, siendo una de las más representativas, la que generó el Paro Cívico en 1977, el cual fue controlado militarmente, llevando a profundizar la crisis y la desconfianza de las organizaciones sociales en las instituciones estatales. En medio de una historia latinoamericana marcada por las dictaduras militares, Colombia acoge la Doctrina de la Seguridad Nacional en los gobiernos del presidente Alfonso López Michelsen (1974-1978) y Julio César Turbay Ayala (1978 – 1982). Según Carlos Medina (2009), este tipo de estrategias de seguridad, generó coaliciones abiertas entre fuerzas legales e ilegales auspiciadas por el mismo Estado, llevando a lo que se conoce en el país como el periodo de la guerra sucia, terrorismo de Estado y fortalecimiento del proyecto paramilitar:

Al comienzo de los años ochenta, el panorama de la violencia en el país se vuelve complejo, con el surgimiento de los grupos paramilitares y el posicionamiento del narcotráfico como actor, y sobre todo como mecanismo de financiamiento de los diversos actores de la violencia. Estos grupos van a ser después protagonistas de hechos de violencia y barbarie que generan un gran impacto. (MEDINA, 2009, p. 11)

En este contexto de agitación social y política nacen en la ciudad de Bogotá y en los departamentos de Arauca, Santander y Antioquia (en este orden): **Consuelo** (1964); **Camila** (1968), **Elena** (1972) y **Victoria** (1973).

4.2 Años sesenta y setenta. La familia y los recuerdos de la infancia

Consuelo nace en Bogotá en 1964 al interior de una familia conformada por su madre y seis hermanos más. Al morir el padre, la madre tuvo que asumir el cuidado de todos sus hijos, lo cual fue generando una dinámica familiar de mutua colaboración, apoyo y solidaridad entre sus miembros y también con otras personas que vivían en situaciones similares de pobreza. Dentro de los recuerdos más fuertes que Consuelo tiene de su infancia, aparece una escena donde la madre supedita las necesidades familiares a las de sus vecinos que estaban en peores condiciones:

Una mamá viuda muy joven. Pienso que lo que nos dio el carácter a todos es esa entrega que mi mamá hizo. Ella nunca se casó. Siempre estuvo entregada a sus hijos, siempre los enseñó a compartir un agua de panela, lo más sencillo y cotidiano. Crecimos muy unidos (llanto) con unas carencias y con muchas necesidades económicas, en una casa muy estrecha, compartiendo hasta la ropa con los hermanos. No había balón, jugábamos con la cabeza de una muñeca vieja o un balón de trapo. La familia muy unida, no estaba la mamá porque salía muy temprano a trabajar en oficios domésticos, pero en el ambiente reinaba afecto, respeto, que se yo, como algo que en el hogar crecimos con eso. Todo esto nos marcó en una sensibilidad de ayuda hacia el prójimo. No solo era el compartir con mi hermano, era también con mi vecino. También como mi mamá mostraba mucha consideración hacia los vecinos, nosotros éramos pobres, pero habían otros más pobres que nosotros, entonces mi mamá iba a una panadería y si compraba pan para nosotros y veía que los vecinos no tenían, un día le decía al señor que le vendiera el pan del día anterior que se lo daba más barato, le daban el doble, para nosotros y para los vecinos y preparaba agua de panela y llamaba a los muchachos para darles una aguadanelita con pan. Mi mamá hacía eso y lo aprendimos de ella. Nosotros hubiéramos podido comer pan blandito, pero ella compraba pan duro para poder compartir el mismo pan duro con los vecinos, con los niños que no tenían. La mamá de ellos se iba a trabajar, pero no les dejaba mercado a los niños. (Consuelo)

Durante las décadas de los años sesenta y setenta *-periodo de la infancia de Consuelo-* en Bogotá se empiezan a dar grandes transformaciones espaciales, demográficas y sociales. La ciudad vive un crecimiento poblacional debido a razones como la migración de campesinos desplazados por pobreza o por violencia, la búsqueda de nuevas oportunidades laborales, el mejoramiento de las condiciones de vida y el ingreso de un gran número de jóvenes de todo el país a las universidades capitalinas, entre otros.

*

Camila proviene de una familia numerosa conformada por el padre, la madre y nueve hijos, siendo ella la hija menor. Su infancia transcurre de forma tranquila en una finca hasta los 9 años, donde desempeñaba diversas tareas como trabajar en el campo, cocinar y cuidar de los animales. El padre fue una figura muy significativa para ella y lo recuerda como un hombre honesto, trabajador, rígido y bondadoso, que despertaba sentimientos de envidia entre sus vecinos. Sin embargo, su vida y la de su familia cambian radicalmente a raíz del asesinato

de su padre en el año de 1981 perpetrado por el grupo paramilitar Muerte a Secuestradores – MAS-. Este hecho la marca profundamente, pues experimenta la muerte, el miedo y el desamparo como sensaciones que la acompañaran hasta el nacimiento de su primer hijo:

A mi papá lo mataron un domingo. Él estaba en la casa descansando, vinieron unas personas y lo asesinaron. Entonces eso nos cambió la vida a todos, tuvimos que dejar todo lo que tuvimos allí, todo lo que mi papa había conseguido para nosotros, éramos muy inocentes. Mi papa fue el primer muerto que yo conocí y me parecía en ese momento que él estaba durmiendo allá donde ellos lo dejaron muerto, yo no sabía que una persona moría así, yo no sabía que una persona moría. Yo no sabía eso, a pesar de que ya tenía 9 años, yo no sabía que una persona moría, que una persona tenía sangre, yo vivía en el campo. Mi papa al verlo ahí que le habían disparado, al verlo ahí todo lleno de sangre. Recuerdo mucho la noche que él murió, a él lo mataron como a las 3 de la tarde un domingo, eso fue un 13 de mayo un día de madres, que estábamos en la casa reunidos. A él lo mataron y mi mamá en medio de su dolor, dijo, como hacemos para ir a avisar al vecino más cerquita que estaba como a hora y media de la casa. Las personas adultas sentían miedo de salir de la casa, yo tampoco sabía que la gente sentía miedo, entonces, yo voy, y salí corriendo y corrí la hora y media hasta que llegue a esa casa. Ya empezó la noche, ese domingo no estaba lloviendo, era un domingo tranquilo, pero ese día en la noche hizo una tormenta tan grande, toda la noche. La casa era muy segura y nunca se había mojado, y ese día se mojó todo, recuerdo que sacamos todas las cobijas haciendo un cerco para que no se apagaran las velas donde estaba mi papá muerto y el agua las apagaba. Entonces eso sucedió toda la noche y yo nunca había sentido miedo, yo me sentía muy segura con mis papas, yo me sentía muy tranquila y ese día no era capaz de alejarme de mi mamá ni un centímetro, porque ya sentía miedo, empecé a sentir miedo. Los perros que teníamos a mi papa lo querían mucho, recuerdo que a las 6 de la tarde desde el perro mayor hasta el más chiquito hicieron una fila, se encaminaron en fila, metían la cola en medio de las piernas e iban pasando por el lado de mi papa, lo iban lambiendo y se iban. Increíble, y se iban yendo, después de que hicieron eso, se regaron en toda la finca y a pesar de esa tormenta que hizo, esos perros lloraron toda la noche, una tragedia. (Camila)

Después del asesinato de su padre, la familia es amenazada de muerte y tienen que desplazarse a una ciudad cercana. La familia termina desintegrándose puesto que cada uno de los hijos se fue a vivir a lugares diferentes y la madre se quedó con Camila y un hermano, teniendo que pasar por situaciones muy difíciles para sobrevivir. En este nuevo lugar, Camila ingresa a la escuela y a los 13 años comienza la educación primaria y a hacer parte de un grupo de jóvenes y campesinos que realizan acciones de recuperación y toma de tierras.

*

Elena proviene de una familia compuesta por el padre, la madre y una hermana menor y vivían en un barrio popular de la ciudad de Bucaramanga en Santander. Su infancia transcurre de forma tranquila hasta cuando el padre decide abandonar a la familia y su madre queda totalmente abatida y sumida en una tristeza profunda, teniendo que hacerse cargo del sostenimiento del hogar. Elena con 12 años de edad tiene que asumir el cuidado de su hermana menor y de los oficios de la casa mientras su madre sale a trabajar como

remontadora de zapatos. Este hecho marcó significativamente la vida de Elena en dos sentidos: por un lado, presenciar el llanto y la tristeza permanente de su madre le hace cuestionar el hecho de que una mujer sufra tanto por el abandono de un hombre y aun así se quede esperando a que regrese; por otro lado, la impulsó a buscar en los grupos juveniles y en las organizaciones de su comunidad, el soporte suficiente para afrontar la desintegración de su familia:

Yo vengo de una familia santandereana, sabes lo que significa el santanderismo en esta sociedad. Es una formación muy machista, una madre que fue como el pilar más fuerte en mi formación. Con un padre que nos abandonó cuando yo tenía 12 años y mi hermana tenía 6 años, con una madre que le tocó ser mamá y papá, le tocó asumir los dos roles y le tocó irse a trabajar y dejarnos a nosotras tiradas en la casa, especialmente con una niña de 6 años. Yo era muy tímida cuando niña, pero cuando mi papá se fue y mi mamá empezaba a llorar todas las noche y todos los días, porque mi papá se fue, también entre en una crisis personal, y empecé a preguntarme si ese era un poco el rol que las mujeres debíamos cumplir, estar llorando, estar esperando que un tipo vuelva, que un tipo nos voltee a mirar. Hoy en día lo puedo decir con esta claridad, porque eso me ha costado todos estos años tratando de entender que fue lo que paso. Entonces de alguna manera tratando de salir de esa molestia que me generaba ver a mi mama llorando, llorando todo el tiempo, esperando un papa que nunca iba a llegar, que yo sabía que nunca iba a regresar. Entonces empecé a meterme un poco en los cuentos de los grupos juveniles, el sacerdote de mi barrio vivía enseguida de mi casa. (Elena)

*

Victoria nace y crece en una zona rural campesina. Su familia estaba conformada por el padre, la madre y 5 hijos; ella es la hija menor. Su madre sufre 19 abortos espontáneos lo cual la lleva al deterioro de su salud; por otro lado, el padre se constituye en una figura significativa para Victoria quién la educa en valores como el respeto, la honradez y el amor por el campo. Su niñez transcurre en medio de labores campesinas y tuvo que aprender a cocinar a los 6 años de edad a causa de las enfermedades de su madre; no obstante, ella decide salir de su casa a los 12 años y se va ir a vivir a un pueblo para poder estudiar, debido a que no quería repetir la historia de las mujeres que conocía en su contexto, las cuales se casaban, tenían hijos y realizaban las labores domésticas. Esta decisión afecta a su padre puesto que él esperaba que sus hijas no salieran de la casa hasta que se casaran, llegaran vírgenes al matrimonio y cuidaran el honor de la familia; situación que derivó en varios conflictos entre él y **Victoria** durante su época de niñez y juventud:

A los 6 años ya estaba cocinando, la parcela era pequeña y tenía producción de café y en época de cosecha había que cocinar a los trabajadores. Cuando no era mucho trabajo, salíamos al campo, igual desde chiquitos sembrábamos yuca, maíz, frijol, también cogíamos café por supuesto, todo lo de producción como se dice en mi

tierra, echar azadón y machete para desyerbar... Yo no quería repetir las historias de las mujeres en mi vereda. Las mujeres que se casaban y tenían hijos, era una región cafetera y entonces era trabajo en la cocina para mantener a los trabajadores durante la cosecha de café, pero no quería repetir ese tipo de cosas. Quería estudiar, quería salirme de ese espacio que había en la vereda y ese ambiente de una u otra manera tan machista, pero para ese entonces yo tenía, 13 años o 14. Yo decidí salirme de la casa cuando tenía 12 años. Eso fue una tragedia para ellos pero yo ya quería irme, yo no quería repetir lo que veía en la vereda. A las mujeres nos pegaban mucho, los papas y las mamás, y muchas niñas de mi edad se volaban con el novio, a media noche y llegaban 6 meses después embarazadas a la casa nuevamente. Yo no quería eso. Entonces decidí enfrentar a mis papas y les dije que me venía al pueblo porque iba a estudiar; además cuando estaba estudiando en la escuela primaria, una profesora me pegó y me cortó una mano. Tenía 12 años, trabajaba sábados y domingos vendiendo en una chacita en la plaza. Con eso pagaba una habitación, entonces a mi papa le llegaban con el cuento de que mi habitación salían hombres todas las mañanas. (Victoria)

4.3 Primeros pasos de las mujeres en la militancia política y militar. Años ochenta

El Estatuto de Seguridad que se inició durante el mandato del presidente Turbay Ayala (1978 – 1982) generó en el país diversos mecanismos violentos de control y represión de los grupos de oposición política y de las movilizaciones sociales de trabajadores, campesinos o estudiantes que se presentaron en los años setenta y ochenta del siglo pasado.

Durante estos años la tortura, la desaparición forzada y el asesinato selectivo se constituyeron en las principales estrategias utilizadas por grupos paramilitares asociados con las fuerzas armadas oficiales. En este periodo empieza a implementarse la denominada guerra sucia que deja miles de muertos asesinados por hacer parte de grupos de oposición política como la Unión Patriótica –UP- y que fueron señalados como colaboradores o base social de la guerrilla: “Por esta última se entiende la persecución y aniquilamiento de la Unión Patriótica (UP) como expresión política de la guerrilla de las FARC, que cobró la vida de otros militantes de izquierda y dirigentes de organizaciones sociales”. (ARCHILA, 2002, p. 78)

Pese a la represión de las fuerzas militares en los años ochenta y a la declaración de lucha antisubversiva por parte del gobierno de Belisario Betancur (1982-1986); las organizaciones sociales y su capacidad de movilización, pusieron en jaque al gobierno nacional evidenciando así la crisis que estaba atravesando el Estado, debido a la agudización de problemáticas no resueltas como la pérdida de derechos laborales y acceso a la tierra, las violaciones permanentes a los derechos humanos y las precarias condiciones de vida.

Ya se veía que las luchas sociales se producían en las zonas más desarrolladas en términos socio-económicos, o en aquellas que abrían nuevas fuentes de riqueza, especialmente extractiva. Esta constatación refuerza la hipótesis esbozada: no parece que la carencia de condiciones materiales sea el motor de la lucha social sino las desigualdades que la precaria y emergente riqueza genera en la sociedad colombiana. Si a lo anterior se adiciona que estas zonas son las que concentran más acciones bélicas, salvo en el caso de la capital del país, se concluye que hay coincidencia espacial entre violencia y acción social colectiva, pero ellas no están asociadas con la pobreza. En otras palabras, al contrario de lo que predica la insurgencia armada, la reciente violencia colombiana no se podría explicar, y menos justificar, a partir de carencias materiales. El problema, como ya se dijo, remite a la legitimidad del Estado (ARCHILA, 2002, p. 82)

Otro actor que emergió con fuerza en la década de los ochenta fue el Cartel de Medellín, el cual consiguió después de 1985 y en menos de diez años convertir a Colombia en el primer país productor y exportador de cocaína, lugar que mantiene hasta el momento (PALACIOS, 2012). Asimismo, investigaciones realizadas por la prensa norteamericana, empezaron a realizar señalamientos sobre los fuertes vínculos del narcotráfico con la clase política colombiana aunque este tipo de señalamientos fueron desmentidos por el gobierno estadounidense (PALACIOS, 2012). Si bien, el vínculo entre la clase política y los grupos de narcotraficantes se hace más evidente entre 1990 y 2000, en los años ochenta el narcotráfico aprovechó la creación de grupos de autodefensa bajo el control de las fuerzas militares por parte del Estado (Ley 48 de 1968) para crear sus propios ejércitos:

El MAS surge en 1981 cuando no se había producido la guerra entre los carteles de Medellín y de Cali. El antecedente es el aumento de las presiones de las guerrillas a los narcotraficantes y el hecho que les da la justificación para su conformación fue el secuestro de Marta Nieves Ochoa, hermana de varios de los integrantes del cartel de Medellín, los hermanos Ochoa, ocurrido el 12 de noviembre de 1981... Narcotraficantes como Pablo Escobar Gaviria y Gonzalo Rodríguez Gacha, quienes lideraron la compra masiva de predios rurales, crearon los primeros grupos en defensa de sus propiedades como, por ejemplo, el MAS en el Magdalena Medio, sobre todo en Puerto Boyacá. Entre 1988 y 1991 se impone una tendencia ascendente en los asesinatos de civiles. Entre las víctimas, se encuentran funcionarios del Estado, dirigentes, militantes y simpatizantes de la Unión Patriótica (UP), de los partidos tradicionales, miembros de sindicatos y de organizaciones sociales. Los autores de dichos asesinatos tenían una clara procedencia de estructuras asociadas con el narcotráfico. (VERDAD ABIERTA, SF, p. 1, 3)

Por su parte, el ELN en los años ochenta, empieza a superar sus crisis internas a través de supeditar lo militar a lo político y de reforzar el trabajo de formación con los sectores sociales, tratando de este modo en incidir políticamente con las organizaciones de base y en los sectores populares. La etapa de replanteamiento que se desarrolló en 1976 llevó en últimas al ELN a asumir una dirección colectiva llamada Dirección Nacional, a fortalecer el trabajo político privilegiándolo del militar y a crear una metodología de trabajo para la formación

política con las bases sociales, que se construyó bajo los postulados de la Teología de la Liberación. (RODRIGUEZ, 2009)

Por consiguiente, el ELN en la década de los ochenta construye vínculos más sólidos con las organizaciones sociales y comunitarias e implementa procesos de formación orientados a la reflexión crítica y a lo que este grupo denominó en su momento como la construcción de **Poder Popular (PP)**, asumiendo a la vez el esquema Maoista de **Guerra Popular Prolongada (GPP)**. Como consecuencia de estas reformas internas y de la necesidad de fortalecer su base social, el ELN generó entonces, estrategias de autogestión y de control popular en la administración de justicia comunitaria, las cuales se replicaron a partir de la experiencia vivida en Nicaragua y el Salvador. (AGUILERA, 2006):

En el Ejército de Liberación Nacional parece ser más clara la idea de ligar el ascenso de la lucha militar articulada a la movilización política y social. En una apretada síntesis de su concepción de guerra se puede resaltar que en una primera fase de la guerra llamada de "acumulación de fuerzas", se desarrollaría la lucha guerrillera y se formarían "los primeros embriones de poder popular"; en la segunda fase de la guerra, "de equilibrio dinámico de fuerzas", se combinaría la guerra de movimientos con la guerra de posiciones, se elevaría el enfrentamiento con las fuerzas del Estado y se fomentaría la creación de amplias organizaciones de masas; en la tercera fase, "de ofensiva general y toma del poder", se ampliaría la ofensiva estratégica, también habría maniobras de guerra de movimientos y de posiciones, se formarían órganos importantes de poder popular, y habría una combinación de guerra e insurrección para "destruir el Estado burgués"; en la cuarta fase, de "defensa de la revolución", habría una ofensiva táctica favorable a la revolución, la modalidad de guerra dominante sería la de guerra regular, se aniquilaría la resistencia contra-revolucionaria y se buscaría consolidar todas las formas de poder popular. (AGUILERA, 2006, p. 344)

No obstante, se presenta una nueva crisis generada por las diferencias internas entre sus miembros para lograr el objetivo del ELN de "**Construir Poder Popular**". Es decir, algunas fracciones del grupo tomaron la decisión de apoyar propuestas electorales que se presentaron en el marco de la primera elección popular de alcaldes realizada en 1988 en Colombia. (AGUILERA, 2006)

En los años subsiguientes, con el gobierno del presidente Belisario Betancourt (1982-1986) se da inicio a un proceso de negociación con los grupos guerrilleros a partir de la expedición de la Ley de Amnistía en un modelo de Agenda Amplia donde se reconoce a la insurgencia como interlocutor válido otorgándole estatus político, lo cual lleva al gobierno a desarrollar a la par del proceso de negociación y desarme, una serie de políticas de carácter social y económico dándole peso a las causas estructurales de la violencia como la pobreza, la desigualdad social y la exclusión política. (MEDINA, 2009)

*

Consuelo crea con sus dos hermanos menores en los años 80, un grupo juvenil que surge como una expresión de la vida comunitaria y vecinal que se vivía en esa época. Este grupo, que reunía más de 15 jóvenes entre los 14 y los 18 años y quienes intercambian formación en danzas, teatro y deportes; trató de ser cooptado por la iglesia y por los partidos políticos tradicionales; sin embargo, el grupo decide mantener su independencia religiosa y política hasta el momento de ser contactados por un grupo que hacían parte de las células urbanas del ELN.

Conocí unas personas que llegaron al barrio, nosotros por esa misma camaradería nos habíamos acercado solitos para hacer deportes, danzas y formamos un grupo de lo más inocente, de la camaradería, del parche, la diversión, del paseo de olla, todos adolescentes, era un grupo supremamente grande. Como nosotros estábamos organizados, las instituciones, juntas y la misma iglesia querían coger ese grupo y apropiárselo, algo así como patrocinarlo. Nosotros no quisimos hacer nada con el cura, ni con la junta, dijimos somos independientes y dábamos una cuota como 200 pesos, pero como éramos bastantes íbamos reuniendo, y conseguimos cosas.
(Consuelo)

El grupo juvenil de **Consuelo** es contactado por una célula urbana del ELN, la cual era una disidencia del grupo y se enfocaba en realizar formación política con jóvenes de barrios periféricos de ciudades como Bogotá, Cali y Bucaramanga. Los integrantes de este grupo, aun constituyéndose en disidencia interna de las políticas del ELN, mantenían una relación de apoyo y servían como una estructura militar a nivel urbano para desempeñar tareas económicas asociadas a raptos, extorsiones, transporte de armamento y asaltos a entidades bancarias. A partir de una estrategia implementada por la célula urbana de identificar líderes comunitarios, se contacta a cinco jóvenes (entre estos Consuelo) quienes conforman un subgrupo llamado “jalonador”.

Este pequeño grupo tenía entre sus funciones ser el contacto directo y el enlace entre el ELN y los demás jóvenes, recibir formación política y militar y fomentar actividades más amplias que abarcaran un mayor número de personas, relacionadas con el deporte, la cultura y la vida comunitaria. Después de haber realizado una serie de actividades conjuntas y de haberse generado confianza entre los jóvenes y el ELN, el grupo pasa de ser “jalonador” a “colaborador”, ampliando así su rango de tareas al transportar armas y participar en acciones militares de “recuperación económica” como asaltos, extorsiones y cuidado de rehenes, entre otros:

Ellos venían del ELN; algo paso muy grave por allá en Santander, casi todos lo que nosotros conocimos que venían armando esa célula eran estudiantes de la Universidad Industrial de Santander, eran diferentes profesionales. Ellos tenían un grupo, ellos eran como una disidencia del ELN. Era un grupo que había entrado en choque con la cúpula mayor y habían hecho rancho aparte, pero venían con todos los elementos. Sin embargo, aunque la Dirigencia Nacional le restó importancia a este grupo, a veces lo tenían en cuenta porque era un grupo que tenía su formación política, era un grupo que tenía una estrategia militar muy fuerte en el sentido de recuperación económica y para eso si lo llamaban. Ellos tenían unas tácticas para recuperar dinero, los llamaban cuando había una retención, o cuando había que ir por una nómina a una empresa o a un banco. (Consuelo)

Aunque el ELN nace y se fortalece en el departamento de Santander y muchos de sus cuadros políticos estudiaron en universidades como la Industrial de Santander –UIS-, esta organización se expande al punto en que en 1986 empiezan a funcionar 22 Frentes de Guerra en todo el país. (RODRIGUEZ, 2009) Además de la expansión militar del ELN, algunas fracciones disidentes comenzaron a buscar nuevas regiones para realizar trabajo político y abrir espacios más urbanos para los grupos guerrilleros. En una de estas células urbanas del ELN, **Consuelo** comienza el proceso de vinculación al grupo guerrillero, asumiendo una militancia urbana y clandestina junto con sus dos hermanos, aunque ellos permanecieron en otra ciudad del país.

*

Después del asesinato de su padre por parte del grupo paramilitar MAS y del traslado con su madre y hermano hasta una ciudad pequeña, **Camila** se une a un grupo de jóvenes de la región que estaban realizando tomas y recuperación de tierras baldías para dárselas a los campesinos. Este proceso toma tanta fuerza, que ella con tan sólo de 13 años, comienza a ser identificada como una líder de su comunidad, siendo la única mujer en un grupo de hombres que estaban negociando con el ejército para la devolución de algunos terrenos. La participación en este tipo de actividades y grupos la lleva a formarse políticamente y a ganar cada vez mayor liderazgo y reconocimiento, pese a que las mujeres que participaban en actividades políticas o públicas eran estigmatizadas y señaladas como prostitutas, restándole valor a sus acciones. Tales hechos llevan a Camila a cuestionar el rol de las mujeres, particularmente porque tenía la percepción de que sus hermanas después de casarse y tener hijos, comenzaban a decaer.

Mi mama soñaba como yo era la última, que iba a salir de la casa vestida de novia y me iba a entregar en un altar a alguien. Me acuerdo que si alguien venía a enamorarme y me ofrecía matrimonio yo lo echaba, casarme no. Me daba miedo casarme, yo no quería eso para mí, lo que quería era trabajar, estudiar. Yo empecé a

los 14 años, sentí la necesidad de estudiar, admiraba a las personas que tenían conocimientos, que estudiaban. Deseaba tener un hijo muy joven, porque yo decía que un hijo era mío, yo sentía el vacío que me había dejado mi papá, entonces la única persona que me puede llenar ese vacío de tener a alguien que me quiera, que me cuide, es un hijo, pero que sea varón, entonces yo pensaba a mis 14 años tener un hijo pero no casarme. Me motivaba seguir al lado de las personas que me necesitaban. Eso me gustó mucho, ayudar mucho a la gente que tenía necesidades, veía mujeres jóvenes, me daba mucha tristeza, miraba mujeres ancianas con necesidades y niños necesitados. Yo pensaba que uno debía de prepararse para ayudar a los que necesitan, entonces eso como que me impulsaba a irme preparando y yo iba ganando un liderazgo en la comunidad, tanto que yo era un líder, ya me sentía líder, la gente me miraba como líder, lo que yo decía lo respetaban y lo que yo decía, eso así se hacía. (Camila)

A los 16 años, Camila decide tener un hijo y aunque por un tiempo convivió con el padre del menor, regresa nuevamente a su casa, con el fin de continuar estudiando y trabajando con la comunidad. Para **Camila**, la maternidad significó la superación del trauma ocasionado por la muerte de su padre, con lo cual pudo centrarse en sus planes de estudiar y trabajar para salir adelante y sostener a su familia. Sin embargo, su vida cotidiana se vio alterada a raíz del comienzo del proceso de exterminio en contra de los integrantes de la Unión Patriótica (UP)¹²:

Camila hasta ese momento no tenía ninguna filiación política, pero contaba con el reconocimiento comunitario a raíz de su liderazgo. Esta visibilidad y la participación en tomas de tierras con los campesinos, la llevaron a ser amenazada en 1985 y por este motivo, tanto por las FARC como por el ELN la contactan para ofrecerle protección y vincularla a sus filas:

Me acuerdo tanto que luego a mi trabajo un policía y me dijo que tuviera mucho cuidado con las personas que estaban a mí alrededor porque estaban poniendo denuncias en la policía, diciendo que yo era guerrillera. En ese entonces la policía era gente como del mismo pueblo, que no atropellaba a nadie, eran muchachos del mismo pueblo y ellos me dijeron, con nosotros no tenga miedo. Pero a nosotros nos van a cambiar, nos van a sacar de aquí y van a llegar otros policías, otra gente, otro ejército. Después de que nosotros nos vayamos las cosas se van a complicar, yo estaba de 17 años. Mi hijo lo tuve de 16 años. Entonces fue así que ya empecé a sentir amenazas, un día me persiguieron y tuve que correr, eran dos tipos que venían detrás de mí. Siguió agudizándose el problema social y me tocó ver como mataban a muchos trabajadores, a líderes los mataron. Mucha gente que estaba a mí alrededor la mataron, la desaparecieron. Entonces un día de ver que estaban pasando esas cosas, mi familia no sabía nada de lo que me estaba sucediendo, un día tome la decisión de irme de la casa. Entonces llegó un señor ahí a la casa y me dijo que el

¹² “La Unión Patriótica surgió a nivel nacional como resultado de los acuerdos para la búsqueda de una salida negociada al conflicto armado adelantados entre el Estado colombiano y los grupos insurgentes. En 1984, el gobierno del Presidente Belisario Betancur y la dirección de las Fuerzas Armadas Revolucionarias de Colombia (FARC) firmaron los Acuerdos de la Uribe, en los que se incluyó un compromiso de cese al fuego y tregua, y se acordó que pasado un año después de haber cesado los enfrentamientos armados, se deberían generar las condiciones para que los integrantes del grupo insurgente pudieran "organizarse política, económica y socialmente, según su libre decisión". Para ello el Gobierno se comprometió a brindarles las garantías y estímulos necesarios” (REINICIAR, 2006)

pertenecía a las FARC y me hizo un poco de preguntas y me dijo que yo por que no pertenecía a las FARC, yo le dije que yo no sabía que eras las Farc. Me dijo, nosotros somos de arriba, empezó a contarme el cuento, entonces yo le dije que no, que a mí no me gustaba lo que ellos hacían, yo era muy irreverente con todos, que no me gustaba. Entonces me dijo que yo era una persona muy bacana y el problema que si me quedaba, me iban a matar. Yo no era consciente de nada, si sentía como todo el dolor que se sentía en el momento y participaba de los rechazos que había, porque cada muerto era una marcha, una pelea con la fuerza pública. Pero yo no creo que vengan por mí. Solo veía cuántos niños quedaron huérfanos, lo que significaba esa persona que mataron, pero pensar que a mi vienen y me matan también, ese señor que llevo a mi casa me hizo ver ese tipo de cosas. Entonces paso un tiempo, llevo otra persona que me dijo que él era del ELN, que él también era guerrilla, él empezó a contarme como era su trabajo, sus cosas, como que me sonó un poquito. Él me dijo, váyase porque te van a matar, tú eres una persona muy influyente en la comunidad, tienen intereses políticos contigo, tú no sabes de esos peligros. Vengase conmigo, váyase de aquí por lo menos. Váyase para otra región, váyase para otra parte. Si no quiere hacer parte del movimiento armado, póngase a trabajar con la comunidad con nosotros para darle protección. Eso me convenció y le hice caso y me fui, pase un último fin de año al lado de mi familia, me acuerdo que cumplí mis 20 años, ya no más parranda, me puse a pensar en serio, me van a matar, deje mi niño con mi mama. (Camila)

Camila al igual que **Elena**, termina vinculándose al ELN por haber recibido amenazas contra su vida; sin embargo, en el momento de ingresar a las filas guerrilleras, **Camila** tiene que separarse de su hijo y de su madre, lo que significó una gran pérdida para ella y tuvo que trasladarse a otra región del país a continuar trabajando con organizaciones campesinas. A partir de esta situación, **Camila** se siente cada vez más involucrada con los campesinos y con el ELN, lo cual la lleva a tomar la decisión de dejar la vida civil e ingresar como combatiente. Para ella fue muy importante en esta decisión, haber tenido un acercamiento previo al grupo armado, que le permitió conocer cómo era la vida en la guerrilla y se motivó aún más, al ver a otras mujeres que tenían autoridad y eran tratadas como iguales por los hombres, a diferencia de su pueblo, donde siempre se sintió discriminada cuando participaba en espacios políticos.

4.3.1 Teología de la liberación y revolución

Es importante retomar *-como ya se describió-* que dentro de las reformas del ELN que implicaban asumir el modelo Maoísta de Guerra Popular Prolongada (GPP) y lograr un mayor acercamiento con las bases sociales, la organización guerrillera desarrolla una estrategia de formación política basada primero en los principios de la Teología de la Liberación; y segundo en la música, la poesía y la religiosidad de la revolución nicaragüense:

La nueva articulación de los aparatos armados a las comunidades campesinas, y el interés de desarrollar embriones de organización y poder popular, se derivaba en gran medida de las experiencias revolucionarias centroamericanas. El Frente Farabundo Martí para la Liberación Nacional (FMLN) salvadoreño, por ejemplo, desde mediados de la década del ochenta y en respuesta a la guerra sucia, habían propiciado la organización de la población civil en una estrategia que denominó como "poder de doble cara". Esta estrategia implicaba que las organizaciones campesinas debían presentar una cara legal ante las autoridades, pero por otro lado continuaban prestando apoyo a la guerrilla. Al mismo tiempo, el FMLN estimuló la creación de cooperativas insurgentes en tierras abandonadas por los propietarios terratenientes, tratando de romper el aislamiento político generado por la prolongación de la guerra en el campo. (AGUILERA, 2006, p. 345)

La influencia de la Teología de la Liberación y de las ideas de la Revolución de Nicaragua, en los procesos de formación política con jóvenes, campesinos y otros sectores sociales, se constituyó en una base fundamental para motivar y crear confianza en el proceso revolucionario colombiano. Tanto **Consuelo** como **Elena** en sus relatos, hacen referencia a su formación política bajo la influencia de estas ideas, generándoles mayor confianza el hecho de que dentro del ELN participaran sacerdotes y monjas, quienes construyeron una nueva religiosidad e idea de Dios, basada en realizar un voto de trabajo y opción por los pobres:

Aunque existen divergencias significativas entre los teólogos de la liberación, en la mayoría de sus escritos encontramos congruencia en los temas fundamentales que constituyen una salida radical de la doctrina tradicional y establecida de las iglesias católica y protestante: - una implacable acusación moral y social contra el capitalismo como sistema injusto e inicuo, como forma de pecado estructural – El uso del instrumento marxista para comprender las causas de la pobreza, las contradicciones del capitalismo y las formas de la lucha de clases – la opción preferente a favor de los pobres, y la solidaridad con su lucha de emancipación social – el desarrollo de comunidades cristianas de base entre los pobres como la nueva forma de la iglesia y como alternativa al modo de vida individualista impuesto por el sistema capitalista – la lucha contra la idolatría (y no el ateísmo) como enemigo principal de la religión, es decir, contra los nuevos ídolos de la muerte adorados por los nuevos faraones, los nuevos Césares y los nuevos Herodes: el consumismo, la riqueza, el poder, la seguridad nacional, el Estado, los ejércitos, en pocas palabras “la civilización cristiana occidental”. (RODRIGUEZ, 2009, p. 115)

Por otro lado, la Revolución Sandinista (1978-1990) al tener una fuerte influencia en la línea política del ELN, lleva al grupo a enviar a algunos de sus miembros a apoyar al Frente Sandinista de Liberación Nacional (FSLN) durante el proceso de lucha contra la dictadura de la familia Somoza en Nicaragua. De este modo, tanto Nicaragua como Cuba fueron piezas fundamentales en la definición del proyecto estratégico del ELN, en la definición de sus bases políticas y de cimentar una fuerte convicción por privilegiar la vía armada para lograr la revolución en Colombia (MEDINA, 2007).

Tanto la música, como los poemas, la religiosidad popular y campesina, así como la reivindicación de la participación de las mujeres en la guerrilla, contribuyó de gran manera a construir los referentes para toda una generación de jóvenes que optaron por tomar las armas como la única opción para llevar a cabo la transformación social. La letra de Carlos Mejía Godoy muestra el sentido y el lugar que tuvo la participación de algunas mujeres dentro de la revolución sandinista en los años 80:

Mire compañero la verdad es que no se puede hacer la revolución sin la participación de las mujeres, en el ejército de Sandino María de Altamirano, Conchita Alday y Blanca Arauz, y en nuestra Organización en el Frente Sandinista Luisa Amanda, Maria Castil, Claudia, Arlen, Mildred. Compadre Guardabarranco hermano de viento de casta y de luz decime si en tus andanzas viste una chavala llamada Arlen Siu, Yo vide Zenzontle amigo una estrella dulce en el Cañaveral saeta de mil colores dentro de los rumores del pajonal. Enterró en el hueco de su guitarra el lucero limpio de su corazón se fue río arriba pa' la sabana como un lirio de agua serenito dice Martiniano que en la montaña revolucionario todo es allí que anda clandestina una mariposa y su responsable es un colibrí que anda clandestina una mariposa y su responsable es un colibrí. Compadre Guardabarranco hay usted perdone mi curiosidad como era la guerrillera que sus señas paso por allá, El cuento zenzontle amigo que onde la chinita peleo hasta el final nació un manantial quedito que a cada ratito le viene a cantar (MEJIA GODOY, Fragmento de la canción: **El zenzontle pregunta por Arlen**)

*

Elena - *después del abandono de su padre* - comienza a hacer parte de organizaciones juveniles articuladas con la iglesia católica, las cuales estaban orientadas por los principios de la Teología de la Liberación. Junto con este proceso, su vida fue influenciada por una profesora del colegio quién le mostró situaciones como pobreza, miseria y la situación política del país marcada por el asesinato de sindicalistas, líderes y estudiantes a raíz de su participación en procesos oposición y resistencia.

El trabajo cultural, el de hacer obras de teatro en el barrio, el de trabajar con los niños, el de hacer las comparsas. Entonces conseguíamos mercados y hacíamos las ollas comunitarias los domingos pues estábamos compartiendo con todos los vecinos. Entonces fue un espacio absolutamente bonito, donde yo crecí muchísimo en todo el cuento de la formación social desde tan chiquita, de trabajar también con los otros y por los otros, en ese momento para mí fue muy importante, porque fue de alguna manera lo que me permitió como hallar soporte después de ver mi familia absolutamente derrumbada y desecha. Sin embargo después viene una época muy dura porque viene la época en que empiezan a matar a todos los amigos y a todos los compañeros. Es que mi barrio era muy reconocido y empieza a ser considerado como zona roja. Por el proceso tan fuerte juvenil. Al cura que nos transmitía la Teología de la Liberación, los obispos toman la decisión de sacarlo del barrio. Nosotros empezamos a participar ya tratando de asumir, no tanto un rol reivindicativo que era lo que había hasta ese momento, las reivindicaciones propias de nuestros barrios, entonces empezamos a asumir un rol más político y más participativo y empezamos a estudiar y a leer muchísimo y a leer mucho Camilo

Torres. Cuando eso Orlando Fals Borda no era tan conocido pero si nos llegaban cuentos de él. (Elena)

Bajo la influencia política de la Teología de Liberación y la Revolución Sandinista, en un contexto de agitación social y política, **Elena** se vincula en 1985 con la Coordinadora Obrero Campesina y recibe formación con las comunidades eclesiales de base en Santander. Su participación en estos escenarios le hace ganar reconocimiento y liderazgo, siendo detenida y torturada en 1987 a raíz de su participación en un paro cívico que se llevó a cabo en esta región:

Resulta que en el paro del nororiente colombiano que fue en el año 87, tendría yo 17 años si no estoy mal, en este paro, allí íbamos en una marcha donde la policía nos recogió a todos, a mí me tocó en Bucaramanga por la zona del norte, a todos los que íbamos nos cogieron y nos detuvieron, pero a todos los soltaron menos a mí. A mí me pegaron una torturada, yo todavía no era mayor de edad, tenía 16 años y me pegaron una torturada, no me violaron, no sé porque, pero nada faltó para eso. La policía además con unas jeringas se la pasaban así por los senos, el toqueteo, el manoseo, que también es otra forma de violarlo a uno, no. La violación no es solamente penetración, sino también son otras cosas. (Elena)

El impacto de esta agresión por parte de la policía, sumado a las amenazas de muerte que recibe al ser liberada de la cárcel con la ayuda de su tío, hacen que **Elena** tenga que trasladarse a una pueblo pequeño donde acepta la protección del ELN y comienza a realizar tareas de alfabetización con los campesinos de la zona. En este contexto, **Elena** conoce a un comandante del **Frente Luis José Solano Sepúlveda**, que operaba en la región y de quien se enamora acelerando su proceso de ingreso a la guerrilla.

Si bien, ella ingresa por el deseo de continuar con su relación de pareja con el comandante del ELN, el proceso en el cual estaba inmersa políticamente iba a desencadenar en algún momento en su vinculación al grupo guerrillero, pues la persona que se postulaba para ingresar a las filas insurgentes, debía contar con un trabajo político previo como por ejemplo, haber participado en organizaciones sociales, en paros, movilizaciones y protestas. A partir de estas condiciones, el ELN reclutó a mujeres y hombres en esa década, puesto que la organización esperaba que el ingreso de nuevos combatientes fuera más el resultado de un proceso político y no su comienzo:

Me buscó un miembro de la Dirección Nacional del ELN, y me dijo: tienes varias opciones, sigues haciendo tu trabajo social popular, te mandamos para otra ciudad, a Medellín, a Cali, para que sigas haciendo tu trabajo, pero la verdad, dadas tus condiciones de seguridad, te están buscando y te quieren linchar, nosotros lo único que te recomendamos es que te metas al campo. Que te vayas a trabajar con nosotros. Entonces yo dije, a trabajar con ustedes, a ustedes no les parece que yo

estoy muy chiquita para trabajar con ustedes... Dijeron te llevamos a una zona campesina, tú haces allí un trabajo de alfabetización, vas a trabajar con los campesinos y allí vas a estar en una zona donde nosotros tenemos control y vamos a cuidarte y a protegerte, entonces era un lógica distinta, fue muy vacano. Así termine en el Sur de Bolívar, viviendo con los campesinos que estaban fortalecidos, formados, muy organizados, con sus procesos comunitarios muy fuertes. Fueron mis padres en mi proceso de formación, yo no me arrepiento de todo lo que yo viví anteriormente porque por eso fue que yo pude llegar al Sur de Bolívar y estar varios años con ellos. Yo alfabetizaba, ellos me daban la comida, íbamos a las granjas, teníamos un proceso de organización de las mujeres, lo sacamos adelante. Estando allí apareció un hombre que yo quise muchísimo y que me quita mi investidura civil y me da mi investidura militar y era un comandante del ELN cartagenero. Él llega de Cartagena a asumir un puesto de Dirección Media en el frente Solano Sepúlveda, que era quien nos cuidaba y protegía a nosotros, fue muy bonito porque él era un hombre absolutamente bonito, trigueño, con una sonrisa amplia, unos ojos bellísimos, su cabello negro, alto, delgado, un hombre muy bonito físicamente. Y yo me quede prendada de ese man y él venía a buscarme todos los días, hasta que un día, los de Dirección Nacional lo llamaron a él y me llamaron a mí y dijeron, cómo es este juego. Si usted está en la civilidad hermana, usted no puede tener relaciones con este man porque vamos a quemar los campesinos, porque la van a ver siempre en relación con él. Y usted hermano porque se baja a verla a ella y expone a la gente. Usted es un man de dirección, así que tomen decisiones, o están aquí o están allá. (Elena)

*

Durante la década de los años noventa, se agudiza la crisis cafetera debido a la caída del precio de café con la ruptura del pacto internacional, presentándose las primeras concentraciones masivas de campesinos en todo el país, quienes exigían una solución al endeudamiento y a la pérdida de sus fincas en manos del Banco Cafetero, entidad encargada de hacer los préstamos para la modernización de los cultivos y el mejoramiento de las fincas y de los sistemas de producción (RINCON, 2001). Antioquia fue una de las regiones más afectadas por la crisis, lo cual generó la necesidad de organización por parte de los campesinos para tratar de entender lo que estaba sucediendo y hacer resistencia a la pérdida de sus fincas a manos de los bancos.

En este contexto, **Victoria** se vincula junto con su padre a un grupo de campesinos que venían realizando acciones en su región para evitar ser sacados de sus fincas y poder hacer frente a la falta de recursos y pobreza en la que estaban quedando los pequeños productores de la zona después de la crisis cafetera:

En los años 90, 92, que empieza todo el problema de la crisis cafetera, de los niveles de agudización de pobreza en la región y empiezan a generarse muchas organizaciones en defensa de la producción de café, los pequeños propietarios. Me llamaba la atención y termine vinculándome a espacios organizativos. Intentando leer cosas de la época, una persona me paso unos textos donde estaban planteamientos de organizaciones guerrilleras en el país y me paso textos del ELN, de las FARC y del EPL. De hecho para ese entonces yo le tenía miedo a la

insurgencia por todos los comentarios que había. En mi vereda y en mi pueblo por ejemplo, muchos comentarios alrededor de la mala fama de la guerrilla. Yo me puse a leer y cada vez me interesó más. Leía de todo lo que había y sin darme cuenta, sin hacerlo consciente más bien, me di cuenta que termine leyendo todo lo que tenía que ver con el ELN e iba dejando de lado, textos de otras organizaciones. Textos como declaraciones, documentos sobre su propuesta política, de análisis de los problemas en Colombia y termine leyendo más sobre el ELN. (Victoria)

Aunque la percepción de **Victoria** sobre la guerrilla no era muy positiva, ésta cambia al acercarse a los documentos que en ese momento estaban circulando los diferentes grupos insurgentes con el fin de divulgar temas como el problema del petróleo, del café, de los recursos naturales, de la reforma agraria, entre otros. En los años noventa, el ELN tuvo presencia política y militar en varias zonas del país y entre estas, Antioquia fue uno de los departamentos con mayor influencia por constituirse en un territorio montañoso, de difícil acceso lo que permitía una mejor adaptación del grupo por razones de seguridad y que contaba con una riqueza natural y de recursos hídricos y mineros que la guerrilla buscaba salvaguardar de la explotación nacional e internacional:

Pero además era mirar el nivel de reconocimiento que tenían estos grupos en esas zonas campesinas. Me quede con mucha curiosidad, lo que hizo que siguiera leyendo mucho más, ese día nos pasaron bastante información de cartillas, revistas, textos sobre lo que venían planteando y análisis de coyuntura sobre todo en esta región por el problema cafetero que se avecinaba. Así paso mucho tiempo y seguía cada vez que viajábamos a algunos de los municipios donde trabajábamos, generalmente uno se los encontraba. Iba a ser el trabajo normal que hacíamos, pero siempre esperaba encontrármelos, porque sentía que mucho de lo que yo sentía desde chiquita, desde la solidaridad, de lo que hacíamos en la Junta de Acción Comunal (JAC) se reflejaba en lo que ellos planteaban. (Victoria)

4.4 Militancia política y militar dentro de las filas del ELN (1983-1999)

Después de los periodos de crisis y reconfiguración que acompañaron al ELN en sus primeros veinte años de existencia, según Carlos Medina (2007), comienza una nueva etapa para esta guerrilla, al realizarse la Primera Asamblea Nacional en la cual se generaron procesos de unidad con la izquierda colombiana, dando origen a la Coordinadora Nacional Guerrillera (CNG):

Bajo estas orientaciones básicas, el ELN realizó las elaboraciones político ideológicas y organizativas que condujeron el proceso de discusión política en la Asamblea; a la vez, propone desde 1984, la defensa de los recursos naturales y la nacionalización del petróleo, colocando al centro de su lucha la discusión sobre la política petrolera y energética del país, simultáneamente con el trabajo de convocatoria a la movilización popular contra las políticas “antipopulares” de la administración Betancur y a la unidad de la izquierda revolucionaria que ha de concretarse en la Coordinadora Nacional Guerrillera (CNG), posteriormente Coordinadora Guerrillera Simón Bolívar (CGSB). (MEDINA, 2007, p. 369)

Durante el primer lustro de la década del ochenta, los diferentes grupos guerrilleros establecieron acuerdos para compartir territorios y realizar acciones conjuntas, formándose en 1985 un espacio de coordinación entre el Partido Revolucionario de los Trabajadores, el MIR Patria Libre y el ELN (MEDINA, 2007). La unión de diferentes sectores de la izquierda con la guerrilla buscaba construir una agenda política en el caso de eventuales diálogos de paz que ya se venían proponiendo al interior de los grupos insurgentes. Es así como en el gobierno de Belisario Betancourt (1982-1986) se proponen los primeros diálogos de paz con las guerrillas a partir del reconocimiento de su carácter político, para tratar de incluirlas como actores legales en el escenario político del país. (CHERNICK, 1996, p. 2)

De este modo, el presidente Belisario Betancourt, comienza con las negociaciones entre el Estado y los grupos insurgentes buscando pacificar el país. No obstante, todas las tentativas de acuerdo, fracasaron con los grupos guerrilleros llevando a una crisis política en los años noventa a raíz de la convergencia de diversos actores e intereses en el escenario de la guerra, dejando como principales víctimas a la población civil. Paralelo a este proceso, en la década de los años noventa, comienza la transición entre el modelo de Estado de bienestar hacia la configuración del Estado neoliberal, con la incorporación de medidas económicas y políticas que se venían dictando en el marco del Consenso de Washington, donde se afirmaba que los años ochenta se había constituido como una década pérdida, generando el supuesto atraso en el desarrollo de los países del cono sur:

La definición del camino para el desarrollo es hecha por el llamado Consenso de Washington que invirtió la mayoría de los dogmas del desarrollo. La industrialización por substitución de importaciones era ahora definida como un proceso de favorecimiento que generaba corrupción; la construcción estatal, nutria una burocracia hinchada, la ayuda financiera de los países ricos, como dinero derramado en la cuneta; y las estructuras paraestatales como barreras mortales para una actividad empresarial lucrativa. Los Estados fueron impelidos a hacer inversiones en educación o salud. Y fue resaltado que las empresas públicas, consideradas por definición, ineficientes, deberían ser privatizadas en cuanto ante... el Fondo Monetario Internacional fortaleció esa visión, supeditando sus préstamos al ajuste estructural, lo que significó esencialmente, seguir las prescripciones del Consenso de Washington (WALLERSTEIN, 2009, p. 62)

Por otro lado, debido a las políticas internas del ELN de no utilizar como fuentes de financiación ni el narcotráfico, ni el secuestro –medidas que se relativizan en otros momentos históricos del grupo por razones económicas – esta guerrilla no pudo crecer militarmente como las FARC (AGUILERA, 2006). No obstante, es a comienzos de los años noventa cuando el ELN tiene un crecimiento prolongado y su estructura funciona desde la Dirección Nacional, la cual buscaba tener un mayor acercamiento con las organizaciones campesinas, obreras y estudiantiles de la época:

En el aspecto militar se desarrollaron en ese tiempo algunas actividades que se inscribieron en la toma de poblaciones, la propaganda armada, expropiaciones y retenciones. Son particularmente relevantes, en ese momento, para la moral del ELN, la toma de Convención y la Jagua, realizada por el Frente Camilo Torres Restrepo y la toma de Betoyes, en Arauca, acción con que surge el Frente Domingo Laín, que será determinante en la reconstrucción del proyecto nacional del ELN durante la década de los ochenta. Igualmente, se producen las primeras voladuras de oleoductos en solidaridad con el movimiento de los petroleros y se apoyan las luchas de los obreros de Sofasa y las Empresas Públicas de Bello. En este periodo se da la toma del Puente de Boyacá, la liberación de los detenidos de la organización mediante acción militar en las cárceles de Zipaquirá y La Modelo de Bogotá, y se produce la expropiación a la Empresa de Coca Cola en Medellín. (MEDINA, 2007, p. 241)

Los cambios estructurales del Estado colombiano, el auge de la Teología de la Liberación, la Revolución Nicaragüense, el fortalecimiento interno del ELN, la adhesión de los grupos insurgente a la Coordinadora Nacional Guerrillera y la violencia política que se vivió en ese momento, se constituyen en el telón de fondo del ingreso al Ejército de Liberación Nacional - ELN de **Consuelo en el año de 1983, Elena en 1987, Camila en 1988 y Victoria en 1989**. Estos hechos se constituyen según los relatos de las cuatro mujeres, como los acontecimientos que marcaron su contexto y que influenciaron no sólo su ingreso a la vida militar, sino también su permanencia.

4.4.1 Escuela de Combatientes

Consuelo ingresa a una célula urbana del ELN en 1983 como miliciana y permanece vinculada aproximadamente diez años hasta el momento de la detención de sus compañeros.

Elena ingresa formalmente al ELN en 1987 y decide retirarse en 1994 después del asesinato de su compañero, la pérdida de dos embarazos y la muerte de otros miembros del grupo cercanos a ella.

Camila ingresa en el año de 1988 al ELN y en la segunda mitad de la década del noventa cuando comienza la arremetida paramilitar y los ataques del ejército en zonas campesinas donde había presencia guerrillera, decide dejar su investidura militar en el año de 1997 para apoyar a los campesinos de la región a salvaguardar su vida. Queda embarazada y tiene que salir de la zona para proteger su vida y la de su hija, regresando así nuevamente con su madre y sus demás hijos.

Victoria ingresa al ELN en 1989 y decide desvincularse de la organización en 1999 por diferencias políticas con algunos lineamientos y prácticas del grupo.

Al iniciar su proceso de vinculación, las cuatro mujeres participaron en la Escuela de Combatientes y pasaron por diferentes experiencias de formación política y militar, aunque tan solo **Camila y Elena** participaron en las filas guerrilleras como combatientes asumiendo algún tipo de mando, mientras que **Victoria** decidió vincularse de manera orgánica al grupo, lo cual implicaba hacer parte activa de la organización y asumir sus directrices, pero no participar en combates. Por su parte **Consuelo** fue miliciana y participó en acciones como retención de personas y en algunos ataques que el ELN desarrolló en la ciudad.

Otro aspecto en común entre las cuatro mujeres fue su motivación para ingresar a las filas del ELN, pues todas compartieron la convicción política de esta elección y la afinidad con las ideas del grupo guerrillero. De igual forma, aunque algunas de ellas tuvieron acercamientos con otros grupos guerrilleros como las FARC en el caso Camila y Victoria, y con el M-19 en el caso de Consuelo, la identidad del ELN y su estrategia de acercamiento con las comunidades y organizaciones de base fortalecieron la convicción en ingresar y hacer parte de una posible revolución en Colombia:

Con toda esta sensibilidad que traíamos por lo menos en la familia y tanta necesidad y carencias. Por la coyuntura de la edad cuando se es romántico y soñador a los 18 y nos pintan la oportunidad, diciendo si usted le da el pan al vecino le calma el hambre ese día, pero usted no tiene por qué darle, es el Estado quien tiene que garantizarle, no a uno ni a dos, sino a todos. Entonces la opción es cambiar el sistema, porque el sistema no permite que todos tengan sus necesidades básicas. Nosotros muy románticos aceptamos pues seguir en ese grupo, recibir la capacitación, la formación y al mismo tiempo, mantener el otro grupo. (Consuelo)

Y ahí fue donde empecé a entender que el ELN tenía un arraigo muy fuerte en Santander y en el nororiente colombiano. Nadie me dijo, vengase a trabajar con el ELN, yo lo logré producto de mi trabajo y fue porque yo de alguna manera lo quise así, porque estos curas por su formación de curas siempre nos cuidaron muchísimo

de que los niños, jovencitos, no nos metiéramos en participación política tan rápido. (Elena)

Yo nunca quise ser guerrillera, no era mi expectativa tampoco, pero al llegar allí en la región empecé a conocer armas, gente guerrillera, conocer mujeres guerrilleras, había mucha mujer guerrillera, mujeres muy bonitas, jóvenes, mujeres ya de edad. Entonces me parecía muy bacano esas mujeres allí, verlas armadas, verlas con autoridad, verlas ejerciendo cierto tipo de cosas, entonces eso me fue como enredando ahí y termine viviendo esa otra etapa en mi vida. Me gustaba la igualdad de las mujeres, porque en el liderazgo que yo había tenido antes tenía reconocimiento de las personas que yo me hacía querer, que era la gente pueblo, pero la diferencia entre hombre y mujer era muy notable. O sea, se veía mucha discriminación entre las mujeres y el hombre, tú eres mujer, siempre uno se sentía discriminado, yo me sentía discriminada y mientras que allí no, allí no había esa discriminación hacia la mujer, o si había discriminación las mujeres lo peleaban, las mujeres defendían sus derechos (Camila)

En muchas ocasiones me propusieron que me quedara allí, pero nunca estuve de acuerdo con la utilización de las armas, desde una creencia religiosa tal vez, infundida por mis padres, pero nunca pasaba por mi cabeza quedarme como combatiente en un grupo guerrillero. Seguía leyendo mucho, ya incluso empecé a conocer niveles de responsabilidades con ellos, ya empecé a ver gente que conocía en la vereda y en otros espacios, estaban allá y eso me animaba a ir, aprendía mucho, estudiaba mucho, leía mucho, hasta que un día decidí aceptar por lo menos hacer parte orgánica de una estructura del ELN. (Victoria)

Según Carlos Medina (2007), el ELN es su proceso de reconfiguración durante los años setenta y ochenta, opta por vincular hombres y mujeres que pudieran encarnar los “valores de la revolución” como solidaridad, fraternidad, con actitud de sacrificio y con capacidad de hacer renunciaciones individuales privilegiando siempre el colectivo:

Todo militante de la Organización deberá poseer un conocimiento del marxismo-leninismo, en sus tres partes integrantes principales, a saber: la filosofía, la economía política y las teorías del socialismo y de aspectos de organización. Sólo dotándonos de herramientas de análisis e investigación científicas, seremos capaces de darnos a la tarea de derrocar al capitalismo, sin caer en las frecuentes desviaciones de empirismo, dogmatismo, subjetivismo, provenientes de una débil formación filosófica. El marxismo-leninismo es la única ciencia capaz de dotarnos de estos instrumentos transformadores, aplicándola a nuestra realidad, que en su constante evolución y desarrollo nos exige originalidad, capacidad, creatividad. Estudiar y tratar de desarrollar el marxismo, impulsándolo como una ciencia viva, combatiente, no fosilizada, se coloca como una de nuestras tareas principales en el plano teórico. (GABINO, citado por MEDINA, 2007, p. 342)

Después de ingresar al ELN oficialmente los o las aspirantes debían elegir un nuevo nombre con el que se identificaran durante la vida militar y después debían realizar la Escuela de Combatientes que se constituye en el rito de iniciación en esta guerrilla. (DUARTE, CÁRDENAS, 2008) En la escuela de combatientes los nuevos integrantes del grupo tenían que aprender y desarrollar habilidades militares y políticas, además de conocer las reglas de la organización y adentrarse en las rutinas y la vida cotidiana. La primera etapa consistía en que

cada combatiente construía un fusil de madera el cual tenía más un significado simbólico de acercamiento y apropiación del arma; después de participar en diversas actividades de formación política y militar, la escuela se cierra con una ceremonia donde los aspirantes a guerrilleros intercambian su fusil de madera por uno real (DUARTE, CÁRDENAS, 2008)

*

Tanto para Consuelo como para Victoria, la participación en la Escuela de Combatientes fue una experiencia particular, debido a que al hacer parte de las redes urbanas del ELN, ellas tenían que trasladarse a los campamentos ubicados en zonas rurales y apartadas del país para recibir el entrenamiento y conocer la vida guerrillera y su cotidianidad. Un aspecto que sobresale frente al ingreso al ELN y del cual ellas hacen referencia, es que la organización permitía elegir cuál énfasis se prefería desarrollar en la guerrilla: el militar o el político; no obstante tenían que desarrollar destrezas en estos dos campos.

En diferentes ocasiones nos llevaron a hacer escuelas de formación en la zona rural porque nosotros éramos urbanos. Cada uno tiene su perfil, si soy más bueno en las armas que en lo ideológico, tengo que tener formación ideológica. La idea es que, claro el campo no era para todos, los que reclutaban que eran de escritorio y eran muy intelectuales, en la selva les daba duro, unas caminatas, unas jornadas muy extenuantes tampoco las aguantaban. Y si traían un campesino por acá, pues se le notaba. (Consuelo)

Donde yo estuve me pareció dentro de lo difícil que es vivir dentro de la guerra, me pareció que tocaba llevar la vida, a pesar de, no eran tan drástico, no eran tan radicales en cosas, no eran tan imponentes a pesar de que es una organización militar, no eran tan radicales en cosas. Si no que eran flexibles, si la persona podía pues listo y si no, no. A pesar de todo eran humanos, porque lo que hace difícil de vivir una guerra, son las mismas condiciones de la guerra, la convivencia, la situación por las necesidades de cosas, o sea era una organización insurgente al margen de la ley todo es ilegal, todo es poquito, si algo llega se colectiviza, toca suministrarla que alcance pa todos, si llega vestuario, calzado hay que suministrárselo a los más necesitados (Camila)

La Escuela de Combatientes duraba en promedio de tres a cuatro meses, en los cuales, se impartía formación integral, lo que equivalía a recibir entrenamiento militar, político, en primeros auxilios y el conocimiento de las normas de convivencia para la vida colectiva. Por otro lado, entre los aspectos más detallados en los relatos, está el tema de la formación

política, donde la lectura del libro Rojo y Negro escrito por uno de sus comandantes llamado Milton Hernández se convertía en sus bases fundamentales frente al conocimiento de la organización, de su historia, su trayectoria, además del desarrollo de su pensamiento político:

Pero si hacíamos unas escuelas de dos o tres meses de formación en la parte rural, la idea era que uno fuera como un militar integral porque nosotros recibimos capacitación en primeros auxilios. Recibíamos capacitación militar, política, todo tipo de formación, porque uno fuera integral. Uno tiene sus habilidades pero en algún momento uno pueda defender o auxiliar un compañero, por decir algo, en la parte de salud, si tenía una herida o cosas así. Recibíamos de primeros auxilios y había profesionales de todo, pues un compañero perfectamente podía dar una charla sobre primeros auxilios si era médico. (Consuelo)

Nunca fui capaz de disparar una. Estuve en tres escuelas de combatientes, en dos de ellas, de aprendiz, en una de instructora. Pero nunca puse en práctica más allá de la posibilidad de enseñar, nunca estuve combatiendo, nunca lo hice. Era más parte de la estrategia, del cómo hacerlo y ya en términos militares, con gente que acababa de entrar de cómo moverse, incluso de cómo moverse en el monte, qué cosas hay que tener en cuenta, ruidos, señales, que además eran pues vitales para la gente, para los combatientes que empezaban a entrar. Lo que más hacíamos eran énfasis, en mi caso particular me gustaba mucho trabajar con los que apenas entraban, porque estaban locos por un fusil. Esto es la guerrilla, claro, en un momento de tanto auge, de todo lo que se movía en la zona, solo se hablaba de la guerrilla, ni siquiera guerrilla, llegaron los muchachos que era la manera como se conocían en la región. (Victoria) Otro conocimiento político de la vida del país, ahora si empecé a entender porque mataban a la gente, porque mataban a los sindicalistas porque mataban a la gente que estaba en las ciudades que luchaba por sus ideales. Aprendí a conocer cosas del mundo exterior, a pesar de estar en una montaña, allá se estudia mucho, se lee mucho, si hay personas que no sabían leer allá le enseñan. Era un colectivo, y en últimas ellos llegan a ser la familia de uno, o sea, uno empieza a ver su familia ahí. Hay una convivencia muy familiar hasta un punto en que la familia de uno no es prioritaria, la familia prioritaria es la gente que está alrededor de uno, y los ideales por los que se estaba luchando. (Camila)

Con respecto a la vida cotidiana, Elena y Camila describen en sus relatos, que la distribución de las actividades como cocinar, prestar guardia, traer leña era igual tanto para hombres como para mujeres; sin embargo, se presentaban situaciones que mostraban al interior del grupo prácticas “machistas” en Frentes como el Solano Sepúlveda, pues a los únicos que se les permitía ir al pueblo a hacer guardia era a los hombres y no a las mujeres. Por otro lado, dentro de las rutinas de la vida guerrillera se establecía un horario casi invariable para el desarrollo de todas las actividades que marcaba el funcionamiento del grupo; por ejemplo, en el campamento todo el mundo se levantaba entre las cuatro y cinco de la mañana para realizar una hora de ejercicio y los “rancheros” que eran las personas que cocinaban tenían que levantarse más temprano. El resto de actividades como formación, estudio, entrenamiento, descanso, tomar baño, lavar la ropa o asistir a reuniones colectivas,

actos culturales y encuentros deportivos, por mencionar algunas, se definían colectiva y periódicamente.

4.4.2 Clandestinidad y vida guerrillera

Para estas cuatro mujeres, el ingreso al ELN abre nuevas posibilidades y experiencias de vida; pero al mismo tiempo, también limita y transforma los vínculos con el mundo civil, con el nombre, la familia, el trabajo, la formación profesional, entre otros aspectos. Por otro lado, si bien Consuelo, Elena, Camila y Victoria compartían algunos factores como el contexto histórico de la época, haber nacido en condiciones económicas precarias y el ingreso al mismo grupo armado, cada una de sus trayectorias de vida tomó rumbos diferentes.

*

Consuelo no rompe los vínculos con su familia, pues al ser miliciana en los primeros años de militancia continúa viviendo con su familia; sin embargo, tiene que asumir una “doble” vida en la cual la compartimentación¹³ es fundamental para no poner su vida en riesgo ni la de su familia. Después de recibir formación política y entrenamiento militar en las escuelas de combatientes del ELN, Consuelo asume diversas responsabilidades de inteligencia y logística con el grupo y comienza a estudiar sociología con el fin de abrir trabajo político en la universidad, pero tiene que abandonar la carrera en cuarto semestre, debido a que empiezan a detener estudiantes y otros son amenazados por grupos paramilitares. Posteriormente, se va a vivir con un grupo de jóvenes miembros del ELN quienes elaboraban propaganda política para la organización

En la universidad yo tenía una proyección política y era abrir trabajo, pero yo no era la primera, había muchos ahí, pero no de la organización sino de otras organizaciones. Había del M-19, del EPL, había gente ahí. Cuando uno está en la U yo andaba con una chica que era del M 19, y se retiró después porque la estaban relacionando algo con el palacio de justicia y ella se retiró, ahí era muy caliente donde yo estaba en la carrera, ahí ayudaba a hacer cosas de tipo político entonces era muy delicado y me retire de ahí. En esa época las amenazas eran del MAS... Ya me

¹³ La compartimentación es una práctica del ELN donde la información es manejada específicamente por personas o para algunas acciones, de modo tal que no ponga en riesgo ni a las personas ni a la organización. Por lo tanto, la información se segmenta y se prohíbe hablar de las acciones, nombres, lugares, los cuáles en su mayoría son cambiados o encubiertos, por ejemplo, cuando una persona ingresa al ELN o a otra organización subversiva, tiene que cambiarse el nombre.

retiro de la Universidad y sigo haciendo mis actividades y mis cosas y regresan a Bogotá después de 3 años que se había ido uno de mis hermanos y ya me salgo de mi casa y me voy a vivir a un colectivo que formamos. Yo era la esposa de un muchacho supuestamente y teníamos ahí una imprenta con otros muchachos, la montamos en Kennedy y ahí sacábamos publicidad para la organización y seguíamos haciendo el trabajo político y la formación. (Consuelo)

Al poco tiempo de disolverse el colectivo, se conforma un nuevo grupo que continúa trabajando en la impresión de propaganda política de la guerrilla, pero al poco tiempo son detenidos. Ante este hecho el ELN no les brindó ningún apoyo y los jóvenes terminaron en la cárcel por varios años; la organización tampoco volvió a contactarlos ni a ella ni a los otros miembros de esta célula, generando su desintegración. A raíz de esta situación Consuelo y sus hermanos tienen que retomar actividades como trabajar y estudiar, las cuales habían postergado por hacer parte de la guerrilla.

Consuelo sintió entonces que el ELN los había abandonado, perdiéndose el trabajo de muchos años de apoyo a la organización, lo cual le generó frustración y desencanto del proyecto insurgente. Esta situación evidencia que en ese momento, el ELN no aceptaba cuestionamientos ni críticas internas a sus políticas o estrategias, y en caso de suceder, quien lo hacía, era declarado traidor o enemigo del grupo, razón por la cual esta guerrilla perdió importantes cuadros políticos:

Toco decir toda la verdad sobre todo a las familias y eso fue muy impactante para la gente del barrio, para los muchachos que estaban ahí que venían detrás, la orden fue quedarnos quietos un tiempo. Entonces nos quedamos quietos y no volvieron a recoger el trabajo. Entonces el trabajo se quedó ahí, hasta ahí llego, nosotros sin más apoyo, podíamos seguir dando línea, pero quien nos respaldaba como disidencia también. Nos sentimos abandonados, porque ellos son detenidos, los llevan y los encierran años y nadie viene a recoger este trabajo, a mirar cómo van. Nadie vino porque ellos eran la disidencia y en el momento en que ellos caen la dirigencia no les brindó ningún apoyo ni siquiera un reconocimiento ni nada. Todo este trabajo que se hizo, nosotros participamos recolectando dinero de un banco, de nóminas, de retenciones y jamás nos dijeron tome un sueldo, tome para su mamá, tome para su familia. Tampoco ellos tenían opulencia o se la gastaban. Ellos lo reinvertían. Pienso que ahí si la dirigencia del ELN se equivocó porque esos trabajos de barrio, de base, debieron haber dado más proyección, apoyo, haberlo recogido, no haberlo abandonado así. Porque eso fue frustrante, todo lo que uno hizo y que lo hicimos con convicción, no por razones económicas. Lo mismo que el ELN se equivoca cuando no protege esos cuadros y había gente muy valiosa y gente que entraban en contradicción con ellos y ya los declaraban enemigos. Personas con muchas capacidades intelectuales, estrategas, cuadros revolucionarios y si alguien cuestiona algo, ellos no lo aceptan y de una vez los declaran prácticamente enemigo. (Consuelo)

La vinculación al ELN, significó para Consuelo sentir que hacía parte de una vanguardia que podía sacrificarse para lograr la transformación social y la condiciones de vida

de los más pobres. Esto en términos de su identidad se reflejaba en sentirse diferente a las demás jóvenes de su contexto y orgullosa de sí misma por tener acceso a cosas como información, formación política y por poder desarrollar una lectura crítica de la realidad del país. Para Consuelo, el haber hecho parte de esta guerrilla, ha significado una especie de ruptura que divide su vida en un antes y un después, y tal experiencia le ayudó a desarrollar una sensibilidad social y una postura política muy crítica que en años posteriores en su salida del grupo, le permitió continuar trabajando alrededor de temas como Derechos Humanos, defensa del territorio, problemas ambientales, entre otros:

Para mi esta experiencia me fortaleció como persona, como mujer, como miembro de una sociedad, me mostró otras cosas, otras alternativas, para mí fue bien interesante. Esta experiencia me marco porque había otra opción, y no era solamente las elecciones y la política, siempre esa forma ha sido un engaño, una farsa, yo a eso no le juego y esta es otra opción. Esta opción es más viable que la otra, porque la otra es engañosa, manipuladora lo de candidatos y elecciones. Esta es más la opción de los pobres digamos, de la gente que necesita llegar al poder para cambiar la maquinaria del Estado. Entonces en estos diez años que viví allí, me hicieron ver que eso era posible, sin pasar por ese otro proceso de las elecciones y como persona conocí personas intelectuales y personas de la sociedad económicamente alta de este país, metidos allí.(Consuelo)

*

Elena se vincula en el año de 1987 al **Frente José Solano Sepúlveda**, ingresando con el respaldo de la Dirección Nacional –DN-, lo cual le daba un mayor status dentro del grupo insurgente. Elena ingresa al ELN siendo la compañera de un mando medio, sin embargo, él es trasladado del Frente y ella no vuelve a tener noticias suyas. Este Frente en la década de los ochenta, según el relato de Elena, se caracterizó por tener prácticas muy “machistas” dado que su comandante llamado el “Viejón” era un hombre con poca formación política, de procedencia campesina y quien tenía aproximadamente diez mujeres con hijos. Por esta razón, ella y su compañero fueron comisionados por la Dirección Nacional para tratar de cambiar este tipo de prácticas y fortalecer el rol de las mujeres dentro del Frente:

El Viejón, yo a él no lo recuerdo con cariño porque mando a mi compañero a una misión que yo no podía saber, él era un miembro de dirección superior al mío, yo era mando medio, yo era la única mujer con mando medio. Afortunadamente yo constituí un equipo, una escuadra que trabajaba y me llevaba a todas las mujeres conmigo y otros compañeros estuvieron de acuerdo. Entonces también uno empezaba a cuestionarse porque el Viejón que era el comandante de un Frente tenía toda su familia en puestos de dirección. Alfonso mi compañero que tenía puesto de Dirección en ese Frente, yo era dirección de escuadra, pero mi compañero llegó a ese puesto con una tarea especial. Yo sabía, antes de llegar al Sur de Bolívar, me dijeron vas a entrar a un Frente muy duro que es muy machista, un Frente donde los únicos que hablan son los hombres, pero esperamos que las mujeres empiecen a abrirse paso. Eso fue muy importante y necesitamos empezar a romper ese

machismo. Por eso necesitamos que Alfonso y tú se metan muy fuerte en el Frente, hagan un trabajo político muy fuerte, para que podamos acabar ese patriarcalismo y empecemos a ahondar y ganar espacio. Para el viejón era mucho más importante la formación militar que la formación política, para nosotros era mucho más importante la formación política porque era lo que daba fortaleza en el ejercicio militar también. Eran dos visiones distintas, entonces llegar a un frente juepucha es muy duro, porque fue casi que ser obedientes al ritmo del viejón, para aprender todas las tácticas militares para poder sobrevivir en ese escenario. (Elena)

Sin embargo, Elena al ser separada de su compañero y quedar sola como Mando de escuadra¹⁴, empieza a ser acosada sexualmente por el comandante del Frente. Otros miembros del grupo la protegen hasta el momento en que la Dirección Nacional siendo informada de la situación, decide trasladarla de Frente José Manuel Martínez Quiroz (JMMQ), fundado en 1984 en el Norte del Cesar¹⁵.

Estando en el Frente JMMQ, Elena conoce a quién será además de su pareja, un referente fundamental en su formación política y un aliado importante en la defensa de los derechos de las mujeres en la guerrilla. En este nuevo Frente, Elena juega un rol muy importante en la medida en que continuaba siendo mando y por ser la única mujer urbana en ese momento, desarrolló procesos de alfabetización, formación política e impulsó prácticas de solidaridad entre las otras mujeres del grupo. Asimismo, promovió la apertura de espacios de participación para las mujeres con el apoyo de su compañero:

La DN sacaba unas cartillitas sobre la historia del carbón, la historia de las comunidades, el fortalecimiento de las comunidades. Entonces nos preparábamos y además nos íbamos con las compañeras a trabajar con los campesinos y con las mujeres campesinas. Y por otro lado, las mujeres avanzábamos en construcción de ejercicios de democracia, de participación y las estábamos formando. Porque ese era un acuerdo de la DN, estábamos formando con elementos sobre el tema del petróleo y en el Sur de Bolívar eso era muy fuerte, tener una concepción muy clara sobre el petróleo. Porque las mujeres eran muchísimo más fuertes que los hombres y mucho más juiciosas, además estudiaban, aprendían a leer, escribir, y hacían ejercicios. Entonces yo creo que fueron esos pequeños ejercicios de empoderamiento, pero muy importantes. Otra cosa distinta fue el Frente Martínez Quiroz, porque fue otra cosa maravillosa, porque allá las mujeres estaban en otra posición absolutamente bellísima. O distinto en el sur de Bolívar en el Frente Héroes y Mártires de Santa Rosa, porque Samuel que era el comandante del frente no limitaba la participación de las mujeres y además les exigía, además las impulsaba. (Elena)

En este relato, Elena describe como el cuestionamiento o mantenimiento de las relaciones tradicionales entre hombres y mujeres no se presentaba por igual en todas las fracciones del grupo guerrillero. Variaba dependiendo de factores como: los mandos del

¹⁴ Escuadra es una unidad militar básica conformada por 10 o 12 combatientes.

¹⁵ HERNÁNDEZ, Milton. Rojo y Negro. Aproximación a la historia del Ejército de Liberación Nacional. 1998

Frente, el ingreso de nuevas mujeres a la guerrilla, la participación de mujeres universitarias y urbanas que llegaban a cuestionar prácticas de violencia o sumisión y de la incidencia política de hombres que mostraba preocupación por la situación de las mujeres y del “machismo” que se podía dar en algunos Frentes del grupo.

En el Frente JMMQ, Elena inicia una nueva relación con el comandante en medio de una serie de cambios que se estaban dando en la guerrilla durante esos años. Entre algunas transformaciones, *según el relato de Elena*, se pueden mencionar: primero, que un mayor número de mujeres universitarias y urbanas se estaba incorporando a sus filas. Segundo, en el año de 1987 a partir de la conformación de la Coordinadora Guerrillera Simón Bolívar, y los acercamientos entre el ELN y las FARC, se empieza a valorar que las mujeres tuvieran papeles destacados y se promovía su formación como cuadros políticos llegando a ostentar lugares de reconocimiento y protagonismo en los grupos insurgentes:

Yo estaba pensando si no quería enredarme afectivamente con alguien, yo quería crecer desde mi propia posición, porque yo no quería ser la mujer de un comandante. Es decir, yo me quiero ganar mi voz por mi voz. Era un poco, porque además veía las niñas de las Farc, que eran niñas muy empoderadas, tu hablabas por ejemplo con Juana que había ido a la universidad en el monte, era un mujer empoderada por ella misma, no por su compañero, porque de hecho no tenía. Entonces era un poco, como la necesidad de tener espacios propios y no depender de compañeros. Hasta que finalmente hicimos un acuerdo con Ricardo, que él me iba a exigir como a todo el mundo por igual. Él no me era indiferente, de hecho me gustaba mucho, pero yo no iba a depender de él políticamente, sino que iba a depender de la DN, si decidían trasladarme me trasladaban. Eso le dio durísimo. Entonces que hizo él, tan lindo, lo que hizo fue entender esa situación, claro, el tipo era muy inteligente, entonces lo que hizo fue conquistarme el corazón para que yo no siguiera pensando de esa manera obviamente. Por lo menos lo intente. (Elena)

Elena permanece aproximadamente siete años en las filas guerrilleras hasta 1994 cuando decide desmovilizarse y retornar a la vida civil. Su compañero es asesinado en 1991 al momento de cobrar un impuesto que la guerrilla imponía a los ganaderos en la zona nororiental del país; Elena perdió el embarazo durante el funeral de su compañero y después vivió el asesinato de otros amigos que también hacían parte de la organización. Ésta situación la llevó a una crisis que termina con su salida del grupo, porque según sus propias palabras: “el dolor no me cabía en la piel”:

Les dije, métanme en uno de los nombres de las personas que se van a desmovilizar, para que me entreguen el papel y no tenga problemas legales. Yo les prometo que no vuelvo a participar en ninguna guerrilla, sencillamente necesito el papel para volver a mi casa. Me consiguieron el papel como si fuera una desmovilizada y luego pude seguir viviendo mi vida y nunca más volví a tener problemas de ese tipo, problemas como por asumir posiciones políticas. Esa experiencia la parte final, me dejo

adolorida, primero porque me toco salir, así como me toco irme para el monte de manera obligatoria porque me iban a matar, asimismo me toco dejar el monte, porque el dolor no cabía en mi piel. Sin tener la oportunidad de decirle a mis amigos, chao, lo amo. A mí me hubiera gustado volver al sur de bolívar y despedirme de la gente, al Frente y darle un abrazo, no hubo la posibilidad de cierre que era tan importante. (Elena)

Otro aspecto relevante relacionado con la decisión de Elena de abandonar el ELN, se relaciona con una división interna que se presentó a finales de la década del ochenta y comienzos de los noventa al interior del grupo:

En la costa fue muy fuerte el proceso de unidad entre el ELN y el MIR. Y se construyó muchos afectos y era el momento de tomar decisiones, era el momento de saber se quedaban o se iban. Nosotros con Ricardo siempre mantuvimos la postura de no salir de ELN y seguir ahí. De hecho éramos Elenos puros, no veníamos del MIR. Pero nos dolía mucho porque habíamos construido una relación muy fuerte y fraterna con la gente del MIR de la costa. Eso fue muy difícil. En ese momento matan a Ricardo, por eso mi vida entro en crisis total. (Elena)

En 1989 el Movimiento de Izquierda Revolucionaria MIR Patria Libre se unió con el Partido Revolucionario de los Trabajadores (PRT) y el ELN, conformando lo que se denominó como la Trilateral, la cual se oponía al desarrollo de los procesos de paz que en ese momento se estaba adelantando con el gobierno del Presidente Belisario Betancourt. Sin embargo, el PRT terminó negociando con el gobierno y sus miembros se reinsertaron en 1991 a la vida civil, mientras que el MIR terminó fusionándose con el ELN dando origen a la Unión Camilista UC-ELN:

En el nacimiento de la UC-ELN en el Congreso de fusión celebrado en 1989 se presentaron tres tendencias. La tendencia renovadora encabezada por Jacinto Ruiz y Gabriel Borja que contó con 39 delegados. La tendencia histórica ultraradical, conformada fundamentalmente por los Frentes José Antonio Galán y Domingo Laín, y la Compañía Anorí, que sumaba 24 delegados. Y una corriente intermedia, mayoritaria, que buscaba un equilibrio ante las dos anteriores con un total de 40 delegados. Esta última encabezada por Manuel Pérez, Francisco Galán y Nicolás Rodríguez (Gabino). (EL TIEMPO, 1993)

Para Elena, su identidad cambió en varios sentidos a raíz de su vinculación al ELN: en primer lugar, siente que el haber hecho parte de una guerrilla fue el resultado de un proceso político y de un momento histórico, en el cual, tanto hombres como mujeres tuvieron la firme convicción de transformar el sistema y el único camino posible para hacerlo era tomarse el poder a través de las armas.

Por otro lado, Elena no piensa que la vinculación a la guerrilla haya sido un error o una pérdida de tiempo; al contrario, ella siente que por el hecho de haber participado en un

grupo insurgente se ampliaron sus posibilidades de vida, las cuales estaban reducidas a tener un esposo violento, hijos y ser ama de casa. Por último, el hecho de constituirse como la mujer que se percibe hoy en día, se lo debe a esta experiencia, no solo por la sensibilidad social y el compromiso político por continuar haciendo parte de procesos sociales y de defensa de los derechos humanos, sino también porque se define como una mujer que defiende lo que piensa, aunque esto le ha costado en sus relaciones, porque termina siendo identificada como una persona conflictiva:

Te pido como recomendación que desarrolles ese tema, porque eso está dañando la vida, la historia, la hoja de vida de las mujeres, porque que prefieren, mujeres que sencillamente digan, si, como están, pase, que se acuesten en la cama y abran las piernas. No mujeres que sean capaces de decir, hoy no quiero hoy si quiero, punto. Esas cosas hay que pensarlas muy bien. Eso por ejemplo, es uno de los temas que creo que es necesario que se aborde y lo otro es que yo no sé si por haber participado en estos movimientos, lo perciben a uno como masculino, aunque vos sabes que nada de nosotras es masculino, cierto, pero yo creo que finalmente terminan los hombres teniendo miedo a asumir una relación de pareja con una persona como nosotras. Porque les da miedo, no sé qué les da miedo, yo no sé, pero la verdad a mí me parece ridículo y me da mucha risa, porque si muchas mujeres si tienen relaciones con policías, por ejemplo. Entonces la verdad hoy me estoy haciendo muchas preguntas, no me arrepiento de mi vida, no me arrepiento de mi pasado, no me arrepiento de haber vivido con gente tan linda y hoy muchos no están y están muchos muertos, pero creo que soy una privilegiada de haber vivido con gente tan linda y gente tan vacana, con gente que aprendí, crecí, por eso no me he muerto de pena moral, por eso he podido de alguna manera, yo lloro y al ratico estoy tranquila, porque de alguna manera, sus pensamientos, lo que me dijeron, el cariño con el que hablaron siempre me alimento, entonces creo que ese tipo de cosas es importante verlas desde esa perspectiva. (Elena)

El tema de la percepción social de las mujeres que han hecho parte de grupos armados, *-aunque no es un aspecto que vaya a profundizarse en esta disertación-* si requiere de algunos comentarios, puesto que dadas las condiciones del contexto de polarización social y de pérdida de legitimidad y reconocimiento social de los grupos guerrilleros, ha tornado difícil para las mujeres hablar de su experiencia y salir de esta “nueva” clandestinidad que las lleva a no querer ser identificadas públicamente como ex militantes. Esto se suma al hecho de que en las investigaciones realizadas sobre este tema en particular durante los últimos años, ha cobrado mucha fuerza la tesis de que las mujeres al interior de los grupos armados tuvieron que renunciar a su “identidad femenina” masculinizándose para poder hacer parte del escenario de la guerra.

Si bien es cierto que, hacer parte de los grupos armados requiere del aprendizaje y desarrollo de una serie de destrezas físicas, *-según los relatos-* las mujeres lograron igualar a los hombres en destrezas militares; no obstante, también podían desarrollar otro tipo de

actividades dentro del grupo relacionadas con la política, la formación interna o el trabajo con comunidades de base si esa era su elección. Por otro lado, el hecho de haber sido combatientes, como en el caso de Elena y Camila, las llevó a que tuvieran que asumir jornadas de entrenamiento físico y militar, caminatas largas y a cargar mucho peso de dotación y armas, transformando su cuerpo y haciéndolo más fuerte. Sin embargo, esto no se tradujo para ellas en identificarse como hombres o perder rasgos atribuidos a lo femenino como la sensibilidad, lo afectivo, la fragilidad por mencionar algunos aspectos.

*

Camila, aunque ingresa de manera voluntaria a la guerrilla del ELN, se vio obligada a tomar la opción armada para salvaguardar su vida. Dentro de los factores que la motivaron a ingresar a la insurgencia estuvo el hecho de ver mujeres con poder, autoridad y que no estaban siendo discriminadas por su condición de género dentro del grupo. Otra situación que Camila resalta, es percibir la igualdad en la distribución de tareas dentro de los campamentos, lo cual cuestionaba los roles tradicionales que asumían las mujeres dentro de su comunidad. Por lo tanto, conocer la vida de las mujeres en la guerrilla fue el aspecto más importante, no solo en su decisión de ingresar, sino también de permanecer durante diez años en las filas guerrilleras:

Empecé a conocer la vida de la mujer guerrillera, y la mujer guerrillera tenía autoridad y si era una persona capacitada llegaba a tener mando, entonces eso me pareció bonito que las mujeres tuvieran liderazgo, tuvieran autonomía en sus cosas, aunque la vida de la mujer guerrillera es muy difícil en todos los sentidos porque a pesar de que uno llega a tener esa igualdad de hacer las cosas igual que el hombre, uno no deja de ser mujer, uno no deja de ser delicado, uno no deja de ser humano, uno no deja de ser sensible, sobre todo sensible. No sé si es que las mujeres nacen más sensibles, aunque no lo creo, pero uno no pierde el sentimiento por la familia, por los hijos si los hay. (Camila)

Su trayectoria militar y política dentro de la guerrilla siempre estuvo basada en la idea de mantener sus posiciones políticas, pese a que dentro del grupo insurgente se colectivizaba todo, por lo cual, mantener la disciplina y la unidad de grupo, dependía de que sus miembros asumieran la jerarquía militar y el proceso de toma de decisiones centrado en los mandos del Frente o en la Dirección Nacional. Esta actitud que la caracterizó antes de ingresar al grupo y durante su permanencia, hace que ella misma se perciba como una mujer diferente a las otras guerrilleras, pues siente que siempre fue leal a sus ideales a pesar de la presión ejercida por el colectivo.

El hecho de que Camila siendo mujer no asumiera completamente la autoridad y directrices del grupo, evidencia una cierta flexibilidad del ELN, no solo en dejar que algunos

de sus miembros decidan optar por la línea armada o la línea política, sino también por abrir espacios de discusión frente al accionar del grupo. Es importante mencionar que, aunque esta característica del ELN se describe en los relatos de las cuatros mujeres, no se constituía como tal en una regla general del grupo, sino que se presentaba en algunos Frentes que tenían una mayor apertura y flexibilidad al promover espacios de diálogo y concertación entre sus miembros:

Por mi liderazgo tenía la oportunidad de sentar posiciones, esto no me gusta, esto no lo hago, allá también respetaban las inclinaciones que uno tenga, la inclinación de la persona. Si la persona es más preparada para trabajar con una comunidad, la dejaban ahí haciendo ese trabajo, si esa persona es más dada para ejercer una línea militar lo dejaban a uno para eso. Ellos miran que necesidades tiene uno, adonde se puede acoplar mejor y por esa parte lo van dejando. Entonces cuando la persona tiene la capacidad de decir a mí me gusta hacer esto, lo pelea. Y empieza uno a dejar que no lo manipulen, a no dejar que hagan con uno lo que ellos quieran que uno haga o a ser parte del montón de todas las personas. Entonces no era muy dada a la parte militar, esa parte militar no me gustó mucho, siempre me incline por la parte de ayudar a la gente, hacer cosas para ayudar. No me importaban las armas, no me importaba mucho si estaba uniformada o no. No era mi prioridad, como algunas personas que es su prioridad, algunas personas buscan ser militares y se preparaban, mujeres que se preparaban para ser militares. Esa parte no era mi inclinación. (Camila)

La defensa de sus convicciones dentro del ELN, la llevó a dejar su investidura militar en el año de 1999 cuando comenzó a agudizarse la arremetida paramilitar y del ejército en la zona donde el Frente del cual ella hacía parte, mantenía control e influencia política. A finales de la década de los años noventa, la guerra se recrudece y los grupos paramilitares en alianza con las fuerzas armadas despliegan una serie de estrategias para debilitar la insurgencia, despojar tierras a los campesinos y lograr el control territorial y poblacional de importantes regiones del país:

Estadísticas recientes sobre violación de derechos humanos y el DIH muestran que las principales víctimas por sectores sociales son en su orden: campesinos –de lejos los más afectados–, obreros y empleados, e indígenas. Entre 1991 y 1999 fueron asesinados 1.336 sindicalistas, 266 de ellos dirigentes. En términos de éxodos, las cifras para los años 90 muestran la disminución de aquellos vinculados a organizaciones sociales. El argumento que plantean los analistas del tema es que dicha disminución refleja que «físicamente estas organizaciones han sido exterminadas o se ha restringido su accionar a partir de los múltiples asesinatos y desapariciones». Este es el punto neurálgico del impacto de la guerra interna en los actores sociales: el asesinato selectivo de dirigentes y miembros de las bases, debilita o destruye las organizaciones, y cercena severamente su autonomía. (ARCHILA, 2002, p. 84)

En este contexto de agudización del conflicto armado en la zona, Camila decide permanecer al lado de los campesinos enseñándoles estrategias de sobrevivencia para protegerse de los ataques militares y paramilitares. Durante los últimos años de la década del noventa, varias zonas de la región del Sur de Bolívar fueron declaradas objetivo militar por parte del gobierno al señalarlas como territorios guerrilleros, llevando al asesinato de civiles, la quema de sus casas, de sus cultivos y el desplazamiento de miles de personas a las ciudades para huir de la guerra.

La cantidad de gente que murió, el campo cambió, el campo ya no es rico como era antes en población, la población la acabaron, la guerrilla no pudo hacer nada para salvaguardar la vida de esas personas. Por más que se intentó mucho, no se pudo hacer nada, murió mucha gente, desaparecieron a mucha gente. Lo que era el objetivo de luchar de estar allí, se acabó y yo pienso que hubo impotencia, no se pudo hacer mayor cosa, por la situación política del país, porque no lo permitió, esa arremetida fue muy dura, el Estado se metió con toda, el Estado fue sucio, porque nos hicieron creer que lo hicieron los paramilitares, que eran distintos a la fuerza pública, que no tenía nada que ver en los operativos que se hicieron en el campo. Eso fue lo que más me desconcertó, mientras que acá en la ciudad le hacen creer a la gente que los paramilitares, el ejército y los políticos son distintos, uno se da cuenta que no, porque uno allí los ve cómo actúan y son los mismos. Es el Estado contra la gente, es una guerra desigual y la justificación del Estado para ir a matar a la gente, es que la gente del campo es guerrillera y la gente del campo no es guerrillera. (Camila)

Con el asesinato y desplazamiento de las familias campesinas, Camila decide salir de la zona porque estaba embarazada y tenía el temor de perder a su hija debido a que no podían alimentarse bien por los bloqueos de ingresos de alimentos y de medicinas a la región; además del bloqueo económico pues los campesinos no podían entrar ni sacar nada de la zona. Con el fin de evitar las masacres y los ataques aéreos por parte del ejército, la mayoría de la población campesina permanecía escondida en la parte más montañosa esperando a que el ejército y los paramilitares salieran de la zona para poder retornar a sus casas, las cuales muchas veces eran quemadas y saqueadas.

Me tocó ver, por ejemplo, desde el 90 que fue donde hubo todas las luchas de los campesinos por sus necesidades, por tener una escuela, un puesto de salud, tocaba con una marcha, salir y exigirselo al gobierno. Después del 95, 96,98, ya empezó el Estado a meterse con los grupos paramilitares y a matar la gente, entonces como yo estaba más en la parte social, al lado de las comunidades, tuve que ver como ellos llegaban a matar a la gente, como ellos lo desaparecían, como hacían sus vainas bárbaras, el ejército, no los paramilitares porque eran la misma cosa, ellos hacían los operativos conjuntos. Me tocó ver como llegaban a varios pueblos y si encontraban gente en los pueblos, los mataban, se los llevaban, luego se robaban todo, desocupaban todo lo que había en los caseríos se lo llevaban, lo que no se podían llevar lo dañaban, destruían las colchonetas, las ropas, se cagaban entre las ollas. Si había animales se los comían, dejando el desperdicio de vísceras para que oliera

hediondo el pueblo, lo que no se comían, se lo robaban, lo que no se llevaban, lo destruían. Entonces mientras el ejército estaba en las montañas, peleando, estaban también como paramilitares los mismos soldados en los pueblos haciendo eso. Yo lo vi porque estaba muy cerca de las comunidades. Ya en los últimos años, del 97, 98, 99, tome la decisión de que me iba a desvincular más de la parte armado, yo ni siquiera se los dije a ellos, sino que me fui alejando, me fui quedando al lado de la gente del pueblo. Yo no usaba armas, no usaba uniformes, yo estaba cerca al pueblo y empecé a vivir con ellos la situación de los corregimientos, de las veredas, entonces nos dimos cuenta que cada vez que si había un operativo de esos, si alguien se quedaba en el pueblo lo mataban, se lo llevaban. También ellos comenzaron, el mismo estado comenzó a tener bloqueo económico, no dejaban entrar comida, entonces adentro había cualquier cantidad de niños y mujeres embarazadas aguantando hambre, sufriendo necesidades de salud, muriéndose niños que no podían nacer. (Camila)

Aunque el haber hecho parte del ELN le deja la sensación de haber sido útil para otras personas, si siente que perdió algunas posibilidades en su vida como tener una familia, estar cerca de sus hijos y estudiar. Camila reconoce también, que en la guerrilla aprendió muchas de las cosas que hoy sabe, pero que al no tener un diploma que lo certifique, es muy difícil encontrar un espacio laboral o profesional para continuar avanzando en esa área. Finalmente, el salir de la guerrilla se constituye en un largo proceso de cierres y aperturas en donde lo más difícil para Camila ha sido reconstruir la relación con sus hijos.

*

Victoria se vincula al ELN de forma orgánica, es decir, no participa como combatiente pero sí comparte la idea de una lucha armada para buscar la transformación social o la construcción de **Poder Popular** con las bases sociales. Al momento de su ingreso a la guerrilla, Victoria busca abrir un espacio de mayor participación y de incidencia política por parte de las mujeres puesto que llega a un frente donde la dirección estaba bajo el mando de hombres, generándole muchas resistencias en el desarrollo de sus actividades:

Al principio fue muy difícil en la medida en que fuimos conociendo, haciendo aportes al proceso organizativo, también cuestionamientos a lo que no me parecía, el espacio para las mujeres no era tan fácil. La direcciones estaban en hombres, el mayor nivel de dirección estaba bajo la responsabilidad de hombres y no era fácil para hombres que estuvieran en la dirección y aun para combatientes que una mujer llegara pues a trabajar con ellos cosas de formación, incluso en momentos en que tocaba orientar cosas y menos cuando uno no hacia parte del grupo combatiente. Entonces al principio fue difícil, digamos que en general no era la única mujer en esas condiciones, éramos un grupo considerable dentro del cual habíamos varias mujeres y para todas fue la misma sensación, una actitud bastante hostil, bastante machista y uno si veía que las condiciones de la combatiente eran un poco difíciles, porque abrirse campo en un espacio de esos y ganarse a pulso los espacios. (Victoria)

A partir del trabajo en formación que realizaba con los nuevos integrantes de la guerrilla y con grupos de campesinos de algunas zonas del país, Victoria comienza a ascender dentro del grupo armado, con la responsabilidad de desarrollar procesos de formación a nivel regional en articulación con algunos Frentes de Guerra. Victoria resalta de su experiencia y trayectoria dentro del grupo armado que nunca participó en acciones militares, lo cual fue aceptado por el ELN llevando a focalizar su trabajo en procesos políticos y de formación:

Me inclinaba más por el trabajo en las escuelas, tanto políticas como de entrenamiento. Me inclinaba más por trabajar con la gente joven, porque cuando entraban llegaban con toda la fiebre del manejo de las armas, eso tenía que ver con que me delegaran a mi trabajo militar cuando no era una persona con experiencia militar. Pero si era la insistencia de que efectivamente lo militar tiene que estar acompañado de un trabajo político, y si no, lo militar se convierte en una herramienta en cualquier lado y esa no era la idea. Cuando ya empecé de alguna manera a asumir responsabilidades mayores, no solamente de otras estructuras más nacionales, el trabajo siempre fue de formación, pero ya cuando el trabajo lo empiezo a hacer más a nivel regional, lo que en ese momento el ELN definía como áreas, que eran zonas mucho más amplias que los frentes. Eran frentes de guerra más regionales, o las compañías. Tuve mucho contacto ejerciendo actividades de formación en esos espacios, pero ya muchos más amplios, que eran actividades más políticas, ya no tanto militares. (Victoria)

A mediados de los años noventa, Victoria es amenazada por los grupos paramilitares y aunque ella estaba vinculada al ELN, su trabajo se desarrollaba en zonas rurales del país con grupos de mujeres, campesinos, estudiantes y líderes sociales. A partir de las amenazas se desplaza de su región, lo cual significó para ella una dura pérdida de su familia, puesto que no pudo volver a tener mayor contacto con ellos. Este hecho se agrava por la muerte de su madre y posteriormente de su padre. Victoria no pudo ir al entierro de ninguno de sus padres, generándole un dolor que aún no ha podido superar.

Finalmente, después de diez años de militancia, Victoria decide retirarse del ELN por diferencias políticas de las cuales comenta muy poco. No obstante, continúa en la actualidad trabajando con campesinos en temas como derechos humanos, soberanía alimentaria, defensa del territorio y mantiene la convicción de que es necesario un proceso de transformación social en Colombia, que conlleve también a un cambio en las relaciones de género.

Por tanto, la experiencia que vivió en el ELN le ayudó a afirmar valores que tenía desde su familia como la solidaridad, la necesidad de un cambio social y político. Estos aspectos la definen como una mujer sensible y crítica frente a la realidad del país, con un fuerte compromiso político para trabajar con los campesinos, la defensa de su identidad, su territorio y del campo en general:

Creo que de toda esta experiencia tanto de los espacios armados, como del espacio político me ha servido muchísimo y creo que es lo que ha hecho, la experiencia en el ELN es lo que ha hecho, que yo sea la mujer que soy, con un nivel de sensibilidad frente a las situaciones injustas de esta sociedad, además que siempre valoro, la manera como entre al ELN. No fui inducida por nadie, ni obligada por nadie, fue más bien y de eso estoy completamente segura, del enamoramiento en una causa que conocí de una manera muy sencilla... Pero de las cosas que más puedo decir es que soy una mujer con una solidaridad muy grande, con anhelos y el pleno convencimiento de que yo sé que hay que cambiar esta vida, tiene que haber otra manera distinta de vivir. No sé, creo que la solidaridad y lo que más me mueve es la injusticia en este mundo y creo que uno de mis mayores sueños en lo personal y lo familiar, es poder seguir construyendo la relación que tengo y de la que me siento orgullosa, poder seguirla construyendo con mi compañero, si vienen hijos, con los hijos, también con la gente que tengo alrededor, con mi familia, con mis amigos, compañeros de trabajo, pero también en un aspecto mucho más político, lo personal y todo esto es político, pero digamos ya más desde los espacios organizativos, espero que algún día que la gente pueda vivir como seres humanos, en un espacio donde quepamos todos y todas, donde el hombre y la mujer estén por encima de todo, donde podamos ser nosotros, donde no tengamos que estar corriendo de todo lo que nos ha pasado, sino que podamos ser felices. (Victoria)

4.5 El retorno: encuentros y desencuentros en la vida civil

Son diversos los significados que estas cuatro mujeres atribuyen al retorno a la vida civil. Dentro de los motivos de salida se encuentran dos razones: la primera se relaciona con la salida voluntaria; y la segunda tiene que ver con la salida obligada por las circunstancias adversas para mantener la permanencia dentro del grupo:

Para **Consuelo** fue una decisión impuesta, no sólo por la detención de sus compañeros, sino también porque el ELN no volvió a retomar el trabajo realizado por la Célula Urbana de la cuál ella hacía parte; este hecho le generó una gran decepción del grupo armado:

A nosotros nos tocó volver a la vida, a trabajar, no trabajaba, conseguí un trabajo normal en una fábrica y empecé a estudiar una carrera. Ahí en la fábrica yo hacía control de calidad, yo estudiaba ingeniera industrial. Pensaba aquí tengo la planta a mi disposición y mi jefe. Eso era muy romántico, como en los años 90 y yo le pregunte a él y me dijo, es una rama muy machista, si te metes tienes que ser muy buena. Dije, entonces voy a estudiar educación preescolar, estudiaba de noche y saque la carrera de licenciatura en pedagogía infantil. Nadie nunca nos llegó a buscar. Nosotros perdimos todo el contacto con ellos. Empezamos entonces a integrarnos a una vida laboral y a estudiar. (Consuelo)

El proceso de desvinculación de Consuelo no pasa por el marco legal para la reinserción como en la mayoría de casos en Colombia y por haber sido miliciana del ELN, el

retornar a lo civil no representó para ella grandes cambios en su vida. Sin embargo, al sentirse frustrada por no poder continuar haciendo parte de la guerrilla, en el momento de retomar a su vida laboral y profesional, empieza a desarrollar nuevamente actividades relacionadas con el trabajo comunitario y con la defensa de su territorio, llevándola a ella y a su hermano a fundar una organización dedicada a temas ambientales y en derechos humanos. A partir de este trabajo, son nuevamente amenazados y ella decide salir por un tiempo del país, donde conoce a su pareja actual:

Ya todo este paso, después vino la época de la vida normal de trabajo, de estudio y de una relación que yo tuve y nació mi hija. Yo nunca viví con el papá de mi hija, yo siempre viví con mi mamá, mi hermano es soltero y siempre ha vivido con nosotras. Después como nos queda todo ese potencial de conocimiento y de trabajo, de bagaje, qué hacer con eso? Eso nos quedaba aquí, qué hacer con todo eso. Pero obvio, ya fueron pasando los años, y teníamos eso ahí, nosotros tenemos una sensibilidad social. Esto nos hizo sensibles socialmente. Hay que hacer algo, pero obvio, ya las condiciones, la opción armada esta mandada a recoger pienso, ya perdieron el norte hace ratos, entonces si tenemos que defender esto, claro, tenemos que defenderlo, pero ya no lo quiero defender con las armas, mi hermano tampoco, pero tenemos que defenderlo. Empezamos a mirar la parte de lo ambiental, lo cultural y a trabajar por ese lado. En ese cuento y en eso es que andamos, sin embargo, en eso se expone también uno. Si uno está armado, uno anda alerta, sabe que tiene enemigos, pero si uno hace un trabajo social, no se sabe dónde se ganan los enemigos, se lo gana uno con el vecino, con la multinacional, con la institución, con todo el mundo. (Consuelo)

Para **Elena** la salida del ELN estuvo relacionada con la muerte de su compañero, la pérdida de su embarazo, el asesinato de otros compañeros del grupo y la crisis que vivió la organización durante el proceso de negociación del MIR con el gobierno para su desmovilización. Después de su proceso de desvinculación, Elena conoce a otro hombre quien también hizo parte de la guerrilla y con tuvo a su única hija. Esta relación no funcionó y ella termina separándose para ingresar a la universidad a estudiar sociología, y después continúa trabajando en temas como acceso a la tierra, defensa del territorio y de los derechos humanos con organizaciones sociales, indígenas, afrodescendientes y campesinos:

Después de que yo salí de la guerrilla me fui a vivir a barranquilla, la pérdida de mi compañero. Yo venía de un proceso muy fuerte y no solo fue la guerrilla, fue también el movimiento campesino, indígena en el Choco, y la Coordinadora Obrera, Campesino y Popular, que fue todo el proceso donde el punto de llegada fue la militancia política, fue la guerrilla. Después de la muerte de mi compañero y después de todo eso yo quede en un estado de absoluta soledad y absoluta orfandad digamos, con una carencia de afecto impresionante. Creo que cometí un error en mi vida que lo he tratado de traducir positivamente y fue que en ese momento, por mi posición, liderazgo en el ELN por la visibilidad que tenía, no creo que fuera una mujer fea físicamente, era una mujer inteligente, que tenía como varias cualidades. Entonces en medio de todo eso, muchos hombres me cortejaron, se me acercaron.

Pero yo si cometí un error, yo necesitaba tanto afecto que empezó a cortejarme el que hoy es el papa de mi hija. Un man que venia del ELN, que participó en el proceso de la Corriente y ese man de alguna manera me protegió. Yo no seguía vinculada, pero mantuve mis relaciones con la gente; imagínate que yo me metí afectivamente con el man que es hoy el papa de mi hija, del cual yo no quiero hablar, pero te lo voy a hablar a ti, porque necesito que entiendas el resto de mi historia. Es un man 21 años mayor que yo, cosa que es bastante y que es el papá de mi hija. Ese tipo de alguna manera me protegió pero yo sentí en algún momento que ese tipo necesitaba nutrirse de machismo, exhibiendo a la mujer, digamos más, pretendida por otro tipo de hombres. (Elena)

Camila sale del ELN, cuando comenzó la arremetida militar en la región y el ELN no estuvo en capacidad de confrontar al ejército y a los paramilitares, situación que obliga al grupo a replegarse y a dejar a los campesinos sin su protección. Este hecho es aprovechado por el gobierno para lanzar una ofensiva militar basada en la doctrina de “quitarle el agua al pez”, señalando a los campesinos abiertamente como “colaboradores” y “auxiliadores” de la guerrilla, argumento que sirvió como base para el asesinato y desplazamiento de miles de personas de estas zonas del país. Por esta razón, Camila decide abandonar su investidura militar para quedarse con los campesinos enseñándoles estrategias de seguridad y buscando alianzas con organizaciones internacionales que hacían presencia en la zona para poder ingresar alimentos y medicinas a la región. Al quedar embarazada de su cuarta hija y por sus condiciones físicas se ve obligada a regresar con su familia en el año 2000. El retorno a la vida civil y con su familia fue un proceso muy doloroso para ella, puesto que sintió el rechazo de sus hijos y los reclamos por haberlos dejado al cuidado de su abuela. Asimismo, regresó con el dolor de haber visto morir y desplazar a muchas personas y con una sensación de impotencia por no haber podido hacer más cosas para protegerlos:

Entonces me fui desintegrando de la parte armada, porque al ver que la guerra se estaba agudizando, el ELN se iba a pelear. Más bien yo me quede y mire como se le ayuda a la gente a buscar comida, a que no se muera la gente de hambre, y entonces una de las ideas que hablábamos con la gente era que no se quedaran ahí esperando la muerte, cada vez que hubiera un operativo, que la gente se fuera de los pueblos, como no se podía salir para la ciudad porque también los mataban, entonces decidimos que el pretexto que tenía el ejército era la guerrilla, entonces que la guerrilla también se alejara. Empezamos a trabajar con la misma gente, de las juntas, de no esperar los operativos en el pueblo y manteníamos todos la ropita en la maletica, en un bolso, y cuando se supiera que venía el operativo todo el mundo se iba... Y yo estaba con ellos y no era guerrilla, porque yo ya había tomado la decisión de no estar con la guerrilla, sino de estar al lado de la gente, es que no había quien se pusiera al frente de ellos. Fue una decisión que yo sentí y les dije: ustedes tienen sus armas, yo siempre marque esa diferencia de estar al lado de la gente, de no estar armada. Yo les dije ustedes tienen sus armas, ustedes se defienden, ustedes saben cómo prestan una guardia, mientras que esta gente no lo sabe y si esta gente se queda en los pueblos los matan. Tocaba sacar la gente, entonces yo me quede y más o menos viví como dos años esa experiencia que era permanente. Y entonces en eso

vi morir muchos campesinos de esa forma, como llegaba el ejército y los mataba, le hacían de todo. (Camila)

Victoria, se retira formalmente del ELN por diferencias políticas. Como no tuvo investidura militar y su vinculación se dio a través de las acciones realizadas en ámbitos urbanos, no vivió el tránsito de retornar de la vida militar, como si lo experimentaron Elena y Camila. De ahí que este proceso haya sido menos complejo para ella en términos de retomar actividades en su vida civil. Después de desvincularse del ELN, Victoria estudia agronomía para fortalecer el proceso de formación con organizaciones campesinas; en la actualidad continua desarrollando trabajo político con diversos grupos en el país. Si bien Victoria reivindica su participación en el ELN como un proceso que contribuyó en la construcción de su identidad, de la percepción que tiene frente a la realidad social y política del país, así como de la necesidad de hacer parte de procesos de resistencia social; aún quiere mantener esta parte de su vida en la clandestinidad:

Yo creo que lo que he logrado como ser humano, sobre todo como mujer, pero también como una mujer efectivamente convencida de la necesidad de un cambio estructural en lo que hacemos, un cambio en la manera como vivimos, todo eso ha sido la experiencia, el trabajo del ELN desde su propuesta política, desde sus principios, es lo que hacen que hoy sea lo que soy, independiente, de que efectivamente tengo algunas diferencias, en algunos métodos, en algunas propuestas, pero estoy convencida de que muchas de las propuestas, de los objetivos y de los sueños que se plantean desde el ELN, incluso varios años después, de no tener ninguna vida orgánica, es lo que hoy para mí después de tantos años, siguen siendo los mismos criterios, sigue siendo el mismo sueño, siguen siendo los mismos fundamentos, los principios y los valores conocidos y construidos desde la propuesta política del ELN. Y a nivel personal del conocimiento, la puesta en práctica de este mismo tipo de formación, también ha hecho de mí como mujer, en mi vida familiar y en mi vida de pareja, la posibilidad de construir relaciones distintas. No fue fácil, aún en este medio abrirse paso como mujer, pero se logró, creo que siguen habiendo muchas cosas por resolver, pero por supuesto, como un tipo de construcción desde las relaciones con los amigos, hasta la relación con la pareja distinto. Y es lo que efectivamente, hace mucho tiempo, que los cambios que se plantean son válidos y han funcionado conmigo. (Victoria)

4.6 El conflicto armado en la actualidad y el ingreso de nuevas mujeres combatientes al ELN

Durante los años noventa después de la transición del Estado de bienestar al Estado Neoliberal, se generaron una serie de reformas judiciales, políticas, educativas y sociales,

llevando a la privatización de la mayor parte de las empresas del Estado y a la transformación de derechos fundamentales como educación, salud y vivienda en servicios o mercancías ofrecidas principalmente por empresas de capital mixto (nacional e internacional).

Es importante mencionar como antecedente, que en el año 1991 se conformó la Asamblea Nacional Constituyente en el gobierno de Cesar Gaviria Trujillo (1990-1994), quien llegó al poder a raíz del asesinato del candidato liberal Luis Carlos Galán Sarmiento en el año de 1989. La Asamblea conformada por diversos representantes del M-19 desmovilizados y otros excombatientes, de grupos indígenas, campesinos, afro descendientes, mujeres y políticos tradicionales, reforma la constitución de 1886 y elabora un nuevo documento que queda consignado en la nueva Constitución de Colombia, donde se establecen mecanismos para la protección de minorías indígenas y negras, así como de poblaciones vulnerables como niños, mujeres y ancianos. Por otro lado, crea instancias para la protección de los derechos humanos como la Defensoría del Pueblo y una estrategia jurídica para salvaguardar los derechos fundamentales que se denomina: Acción de Tutela.

Sin embargo, muchas de las leyes se quedan en el papel, puesto que las condiciones sociales y económicas no se ven alteradas. Al contrario, se profundizan las brechas de desigualdad entre ricos y pobres y las medidas de discriminación positiva para negritudes e indígenas socavan la articulación entre estos grupos con otros, como los campesinos, trabajadores, estudiantes y mujeres, puesto que cada sector comienza a reivindicar de forma unilateral sus derechos utilizando argumentos como por ejemplo, la diversidad cultural, dejando por fuera reivindicaciones más colectivas.

En este orden de ideas, la discusión que esta de fondo en las explicaciones sobre las causas y la permanencia del conflicto social y armado en Colombia, se relaciona en el ámbito interno con los procesos de movilización social, la emergencia y consolidación tanto de grupos guerrilleros como de escuadrones militares de derecha. De la misma forma, la degradación de un fenómeno como la guerra, afecta la construcción de las identidades y de la realidad constituyendo “tejidos culturales los cuales sustentan la producción de múltiples violencias” (BLAIR, 1999, p. 16);

De igual forma, la violencia configura un tipo de gramática social compuesta por símbolos, reglas, pautas de comportamiento y procedimientos frente a los cuales los individuos interactúan, construyendo significados y patrones de relacionamiento que llevan por un lado a perpetuar las estructuras de poder y dominación, o por otro, a crear líneas de fuga o formas de resistencia a la guerra. Por lo tanto, la dimensión subjetiva en el análisis de

la violencia pone de presenta al sujeto que se desarrolla como un actor o como espectador en el contexto del conflicto armado, construyendo referentes de sentido y formas de interiorización de la guerra, así como estilos de vida, de comportamiento y de interacción. (BLAIR, 1999).

Con respecto al contexto internacional, la prolongación del conflicto armado en el país se asocia con diversos intereses, principalmente de tipo económico por parte de empresas multinacionales, sectores financieros y de algunos gobiernos extranjeros, que buscan mayores beneficios en la explotación de los recursos naturales y de la población más pobre en Colombia.

Dentro de esta perspectiva económica, investigadores del tema de violencia política y su relación con el problema agrario en Colombia, tales como Darío Fajardo y Jesús Antonio Bejarano¹⁶, relacionan la génesis y persistencia del conflicto armado con el despojo y apropiación de la tierra, la imposición de un modelo de desarrollo excluyente, principalmente en áreas rurales, la explotación de grandes extensiones de tierra para la siembra de monocultivos y la extracción de los recursos naturales como petróleo, esmeraldas, carbón, oro y agua.

Según Darío Fajardo, el modelo de desarrollo en el país se viene consolidando a través del uso de la violencia, despojando a los campesinos de sus tierras con el fin de establecer grandes latifundios para expandir los cultivos de palma africana, plátano y maíz, los cuales son utilizados como biocombustible. Por consiguiente, la estrategia de apropiación de la tierra y de los recursos naturales por parte de sectores económicos y políticos dominantes ha sido posible debido a que en las diferentes regiones el poder local es ejercido algunas veces, por grupos paramilitares o grupos de narcotraficantes, constituyendo lo que se podría denominar como Estados paralelos, con el objeto de mantener el control territorial y población de determinadas regiones del país. (FAJARDO, 2010)

Estos factores llevaron a agudizar el conflicto armado durante los años noventa a partir de la avanzada militar por parte de las fuerzas armadas del gobierno, el fortalecimiento de los grupos paramilitares y la respuesta militar de la guerrilla, dejando a la población civil en medio del fuego cruzado. De otro lado, en este mismo periodo, se consolidaron en Colombia los procesos de globalización económica y cultural, se privatizaron las empresas sociales del

¹⁶ Para ampliar a información consultar: Espacio y Sociedad. La formación del régimen agrario en Colombia. Corporación Araucara. FAJARDO, Darío (1993); Haciendas, campesinos y políticas agrarias en Colombia, 1920-1980. Centro de Investigaciones para El Desarrollo, Universidad Nacional de Colombia. FAJARDO, Darío (1986); Colombia: inseguridad, violencia y desempeño económico en las áreas rurales. Fonade y Universidad Externado de Colombia. BEJARANO, Jesús Antonio; ECHANDÍA, Camilo (1997).

Estado y se expandió el narcotráfico fortaleciendo las economías ilegales conexas a este fenómeno.

4.6.1 Multinacionales y nuevas guerras: rearme paramilitar y narcotráfico

Después de los fracasos de negociación política entre el gobierno de Andrés Pastrana (1998-2002) y el grupo guerrillero de las FARC; sumado a los atentados de las torres gemelas el 11 de septiembre en Estados Unidos y el inicio del periodo de gobierno del presidente Álvaro Uribe Vélez (2002-2010), Colombia se alinea con la directriz de Guerra contra el Terrorismo, instaurada por el gobierno estadounidense de George W. Bush.

En este contexto, el gobierno colombiano declara a las organizaciones insurgentes como grupos terroristas, lo que implicó por un lado, la pérdida de su estatus político; y por otro, la negación del conflicto armado en el país. Estas medidas tuvieron implicaciones profundas en la polarización de la sociedad colombiana, en la interpretación del conflicto por parte del ciudadano común y en el señalamiento y estigmatización de cualquier tipo de oposición al gobierno o de personas u organizaciones que estuvieran relacionadas con los movimientos de izquierda, con la defensa de los derechos humanos o con las denuncias a las infracciones del Derecho Internacional Humanitario.

Es así como Colombia al inicio del gobierno de Uribe Vélez, entra a un periodo caracterizado por el fortalecimiento de la capacidad militar de los diferentes grupos armados y de su incidencia política en diferentes regiones del país. En términos geográficos, el país profundizó la división existente entre regiones y elites locales, donde los actores armados jugaron un papel decisivo en el control de los recursos y de la vida cotidiana en general. Tal como lo señala Teófilo Vásquez (2001, p. 310)

En el ámbito militar las FARC seguían desarrollando los objetivos trazados por la VIII conferencia: por eso, para 1995, las FARC ya contaban con catorce frentes, agrupados en dos instancias intermedias: el Bloque Sur con diez frentes con influencia en Caquetá, Putumayo y Huila y el comando suroccidental, que agrupa el histórico sexto frente en el norte del Cauca y los frentes de las subregiones el Macizo Colombiano, El Patía y la costa del Pacífico. Por su parte, el ELN contaba para 1995 con cuatro frentes: el Comuneros del sur con presencia en la vía Pasto – Tumaco, el Manuel Vásquez Castaño con influencia en el Macizo Colombiano y el pequeño núcleo urbano de Neiva

Por otra parte, los grupos paramilitares pasaron al final de la década de los años noventa de ser un proyecto contra insurgente de carácter local a consolidar un proyecto político, social y económico a nivel nacional, avanzando militarmente hacia zonas del sur de país que estaban controladas históricamente por los grupos guerrilleros. Como lo describe Vásquez (2001, p. 313), los grupos paramilitares que se fusionaron en las denominadas Autodefensas Unidas de Colombia (AUC) comenzaron a “disputar la hegemonía y el control exclusivo que ejercían las organizaciones guerrilleras en el sur del país, a oponerse a los diálogos de paz con las guerrillas a través de la vía militar y política, y además, a continuar ejerciendo sus funciones de método eficaz de lucha contra guerrillera

De igual forma, la llegada al poder del presidente Álvaro Uribe, significó la apertura total a las políticas de seguridad impulsadas por el gobierno de Estado Unidos, llevando a una mayor influencia e intervención extranjera en asuntos de carácter doméstico y nacional, con repercusiones en el plano político, militar y económico. Por tales razones, en este periodo de gobierno se implementa la estrategia militar denominada Plan Colombia, la cual fue firmada por el presidente Andrés Pastrana, deteriorando aún más, la relación con los grupos guerrilleros.

Según Marco Romero (2009), el Plan Colombia radicalizó el conflicto armado en el país desde una dimensión social, ya que hizo partícipe abiertamente a la población civil involucrándola como informante, colaboradora o combatiente en redes de inteligencia militar y en acciones cívico militares:

Una en el plano interno, donde ha radicalizado cada vez más la polarización del conflicto y la vinculación de la sociedad civil a la guerra, planteando que no existe un conflicto armado ni una guerra, y a través de un discurso estructural y no episódico. El presidente Uribe dice que no hay una guerra en Colombia, que no hay un conflicto armado. Lo que hay es una lucha entre el terrorismo y el estado legítimo, por lo tanto ahí no cabe población civil, en el intermedio. Como consecuencia de esa idea, obviamente el Derecho Humanitario carece de sentido, pierde vigencia, porque si no hay población civil, y la gente se involucra en redes de informantes, dándole otro matiz a las relaciones cívico-militares, se está haciendo eco a lo que era la Ley de Defensa Nacional y su filosofía, en la que la sociedad tiene que estar bajo las órdenes de la Fuerza Pública. (ROMERO, 2009, p. 5)

Romero (2009) también afirma que la puesta en marcha del Plan Colombia requirió de análisis rigurosos de expertos en el tema a nivel nacional e internacional sobre el funcionamiento de la guerra en el país, lo cual llevó a definir que la ofensiva militar se realizaría dependiendo de:

Primero, el Ejército colombiano es un ejército burocrático. Hay que profesionalizarlo, desburocratizarlo y mandar la mayor parte de efectivos a la guerra y sacarlos de las oficinas, volverlo un ejército de ofensiva y más profesional, que ha sido consigna en la campaña y en el gobierno del presidente Uribe. Segundo: el talón de Aquiles de las FARC y del estado es la capacidad aérea. Hay que fortalecer esa capacidad porque en las zonas disgregadas del territorio las FARC ha golpeado brigadas móviles enteras, y eso se debe a que el Ejército tiene poca capacidad de reacción. Tercero: inteligencia tecnológica, basada en guerra con un alto componente tecnológico, aviones fantasmas, sistemas de rastreo, etc., combinada con una mayor disposición de la información satelital que tienen los Estados Unidos para el Ejército colombiano. Cuarto: mayor pie de inteligencia humana, dicen que hay como 400 o 500 asesores que permite el Plan Colombia, otras fuentes afirman que son muchos más, a través de los diversos programas que los Estados Unidos tienen en Colombia. Un último punto clave es el erosionar las finanzas de la guerrilla, hay un debate enorme sobre los montos económicos de las actividades de la guerrilla, pero las operaciones de fumigación más allá del tema del narcotráfico, tienen la lógica de golpear las finanzas de la guerrilla, y por eso la focalización del Plan Colombia en esta materia es el sur del país. Otro de los puntos es fortalecer las relaciones civiles y militares, no desde la discusión clásica de la legitimidad del estado, sino desde la articulación cívico militar en la actuación del estado. Uribe ha desarrollado esta dimensión exponencialmente con las redes de informantes. (ROMERO, 2009, p. 3-4)

En el proceso de reconfiguración del conflicto armado, el nuevo posicionamiento de cada uno de los actores presentes en la confrontación y el cambio de estrategia de cada uno de ellos, significó el despliegue de acciones de terror y barbarie que dejaron al país viviendo una las mayores crisis de su historia en materia de derechos humanos. Por otro lado, la política de seguridad democrática del gobierno de Uribe Vélez, llevo a la estigmatización, el señalamiento y la persecución de organizaciones sociales o grupos de izquierda quienes fueron señalados como terroristas.

- ✓ Aproximadamente cuatro millones quinientas mil personas están en situación de desplazamiento forzado de sus territorios
- ✓ Existen cuarenta mil personas desaparecidas
- ✓ Más de catorce mil niños y niñas han sido reclutados forzosamente por las guerrillas y los grupos paramilitares.
- ✓ La utilización de jóvenes para labores de inteligencia, espionaje y programas cívico-militares por parte de la policía y del ejército.
- ✓ El asesinato de 2.077 personas civiles por parte del Ejército, haciéndolos pasar como guerrilleros caídos en combate. A este tipo de delito se le denomina como: Ejecuciones Extrajudiciales.
- ✓ La Violencia sexual en contra de las mujeres aumentó en el marco del conflicto armado de 12.723 casos en el año 2000 a 21.202 casos en el año

2008. Este tipo de delito es utilizado como arma de guerra y los cuerpos de las mujeres son declarados por parte de los actores armados como botín de guerra¹⁷.

*

María nace en 1986 y crece en una familia campesina, católica y tradicional en el departamento de Santander. Vivía con su madre, su padre y tres hermanos; su padre era agricultor y su madre ama de casa, dedicada al hogar y al cuidado de sus hijos. Los valores que se profesaban al interior del grupo familiar estaban sentados sobre las bases del catolicismo, con una marcada religiosidad como rezar el rosario, hacer el catecismo e ir a misa.

Con el objeto de continuar estudiando María debe trasladarse al pueblo a vivir con sus abuelos. En este periodo su historia estuvo muy influenciada por imágenes religiosas y pese a que participaba en grupos como la infancia misionera y otros de su comunidad, empieza a sentirse “sola”. María relata que el motivo de ingreso al ELN estuvo relacionado con la sensación de soledad que le generó la ausencia de sus padres; además, la guerrilla se constituía en un referente muy importante para los jóvenes de estas regiones del país. No obstante, esta presencia se debilita al final de la década de los años noventa con la llegada de grupos paramilitares y el fortalecimiento de las fuerzas armadas quienes diezmaron su estructura militar:

La verdad crecí cerca de la guerrilla, estando en el campo, siempre estaban ahí para todo, en el pueblo igual, pero una de las cosas que a través del tiempo, uno tiene más claridad, es que me hizo falta fue afecto por parte de mis padres, por parte de mi familia. Me hizo falta afecto, como que estuvieran más pendientes, preguntar qué pasa, como le fue, o sea como todas esas cosas, donde prácticamente, aunque es tanta familia, pero en realidad me sentía sola. (María)

La forma como María se vincula al ELN fue poco convencional, pues ella ingresa a un grupo especial de la guerrilla conformado sólo por hombres, quienes se encargaban de realizar misiones especiales como atentados, asesinatos selectivos, voladura de puentes y oleoductos.

¹⁷ Los datos presentados hacen parte de informes nacionales e internacionales de agencias de Derechos Humanos en Colombia. Entre las organizaciones se pueden mencionar: Informe Anual del Alto Comisionado de las Naciones Unidas para los Derechos Humanos e Informes de la Oficina del Alto Comisionado y del Secretario General. Naciones Unidas. 4 de marzo de 2010; El Estado de los Derechos Humanos en el Mundo. Informe 2010. Amnesty International Publications 2010. ISBN: 978 - 84 - 96462 - 28 – 1. Depósito legal: M-17675-2010. Enero – diciembre de 2009, Cinep, Codhes, Medicina Legal, Coalición contra la vinculación de niños y jóvenes al conflicto armado. Periódico el Tiempo, el Espectador y Revista Semana, entre otros.

Por ser la única mujer en este grupo, sus compañeros la cuidaron al punto de dispensarla de las jornadas de formación física y de labores como prestar guardia o cargar su dotación. Según sus palabras, la tenían “consentida”, situación que la llevó a generar lazos fuertes con sus compañeros, sentido de pertenencia y el deseo de ascender dentro de la estructura militar, para tener poder y autoridad. Después por razones de seguridad es enviada a un campamento “tradicional” y allí recibe entrenamiento, formación política y ejerce labores como combatiente:

Cuando ingrese estuve solo con hombres, entonces me consentían bastante, estuve en una comisión donde era 15, era suave. Había respeto al máximo, hubo mucho respeto, no me faltó allá nada, hubo mucha compañía, mucha atención. En ningún momento ellos trataron de irrespetarme. Y cuando ya me cambiaron, me tocaba voltear hasta donde no más, entonces yo llore porque ellos me dejaron y se fueron. A mí me tocaba igual que un hombre. Lo primero que aprendí fue a desarmar y armar la prieto bereta una pistola, un fusil varias cosas, aprendí a limpiarlo, a desarmarlo, luego fue la enseñada noche tras noche y día tras días, me enseñaron a prestar guardia, me enseñaron a escuchar los ruidos, me enseñaron a muchas cosas, yo aprendí bastante, pero seguía sintiendo el dolor que sentía mi familia. (María)

*

El ELN llega a la década de los años noventa con un ejército fortalecido, después de las diferentes crisis por las que atravesó en sus primeros veinte años de conformación¹⁸. Sin embargo, a partir del fortalecimiento de los grupos paramilitares en la segunda mitad de los años noventa, sumado a la modernización de las fuerzas armadas en Colombia y al desarrollo de las estrategias militares impulsadas por el gobierno norteamericano en el marco de su política antidrogas, los grupos guerrilleros son confrontados militarmente y en este contexto, el ELN, comienza a replegarse a sus zonas de retaguardia (AGUILERA, 2006, p. 347).

La guerrilla perdió terreno no sólo por la significativa expansión paramilitar registrada entre el gobierno de Pastrana y el de Uribe Vélez, sino también por el fortalecimiento de las fuerzas armadas beneficiadas desde 1998 por la ayuda militar norteamericana a través del Plan Colombia y posteriormente por el desarrollo de la política de Seguridad Democrática. Con la luz verde a partir del 11 de septiembre de 2001 al uso del dinero de dicho plan para combatir no solo el narcotráfico, sino también la insurgencia, Colombia pasó a ser el tercer país en obtener más ayuda militar de los Estados Unidos, luego de Israel y Egipto. (AGUILERA, 2006, p. 348)

¹⁸ El ELN, “pasa de contar con 22 frentes en 1989 a 45 en 1997” (RODRIGUEZ, 2009, p. 125), lo cual significaba una expansión militar que se vio frenada por la incursión paramilitar de finales de la década del noventa y una nueva crisis generada por la pérdida de legitimidad de los grupos insurgentes en el gobierno del presidente Ernesto Samper (1994-1998), el debilitamiento de la articulación con las organizaciones sociales, la ruptura de las alianzas realizadas con otras organizaciones guerrilleras y la misma confrontación militar entre las FARC y el ELN. (RODRIGUEZ, 2009)

Por tal razón, grupos armados como las FARC y el ELN comienzan una etapa de reclutamiento masivo para fortalecer su estructura militar con el fin de hacer frente a la confrontación de finales de los noventa. En este periodo, principalmente las FARC son cuestionadas por el reclutamiento de niños y niñas, pese a que su política de reclutamiento permite solo el ingreso de jóvenes mayores de 15 años. Una situación parecida se presenta en el ELN, ya que a partir de la pérdida de un gran número de combatientes, este grupo comienza a vincular jóvenes menores de 18 años y sin ninguna formación política, lo cual muestra una diferencia en relación a los criterios establecidos en los años ochenta y principios de los noventa para ingresar a las filas guerrilleras.

En este contexto, María ingresa a la guerrilla siendo menor de edad, en un periodo de agudización de la guerra, cuando habían fracasado los intentos por firmar acuerdos de paz¹⁹ entre el gobierno y los grupos guerrilleros de las FARC Y el ELN *-pese a la reinserción de siete grupos insurgentes-*; y cuando cobran mayor protagonismo los grupos de narcotraficantes y paramilitares.

*

María en menos de un año y medio de vinculación, tuvo que vivir la experiencia de dos combates entre el ejército y la guerrilla, en los cuales mueren la mayoría de sus compañeros y ella logra escapar regresando a su pueblo donde es capturada por el ejército cuando intentaba huir para retornar a la guerrilla:

Nos emboscaron los paramilitares y el ejército, igual es lo mismo paramilitares y militares. Los del ejército fueron cuando estábamos descuidados, estábamos en la ranca, hablando, algunos estaban acomodando el cambuche. Cuando comenzó el combate con los chulos y empieza esa balacera y todo el mundo agáchese y yo corrí hasta donde no más, me acuerdo que me tire, llegue a un poso y corra. Nadie tenía las armas ahí con nosotros, porque estábamos trasladando las cosas. Mejor dicho, me agache hasta donde no más. A un compañero que había acabado de subir le pegaron un tiro en la cabeza, a poeta lo mataron ese día por salvar el radio. Yo salí, endemoniada, después ya no escuchaba nada. Sentí que me iban a matar, me encomendé a la virgen, desde ese día. Tras del hecho que iba hasta donde no más

¹⁹ Entre 1990 y 1994 se firmaron los siguientes acuerdos de paz: “M-19 el 9 de marzo de 1990, donde se desmovilizaron 900 combatientes; El Partido Revolucionario de los Trabajadores de Colombia (PRT) el 25 de enero de 1991, desmovilizando 200 combatientes; El Ejército Popular de Liberación (EPL) el 15 de febrero de 1991, desmovilizando 2000 combatientes; El Movimiento Armado Quintín Lame (MAQL) el 27 de mayo de 1991, desmovilizando 157 combatientes; La Corriente de Renovación Socialista (CRS), el 9 de abril de 1994, desmovilizando 433 combatientes; Las Milicias de Medellín, el 26 de mayo de 1994, desmovilizando 650 combatientes; El Frente Francisco Garnica, el 30 de junio de 1994, desmovilizando 150 combatientes” (PALACIOS, 2012, p. 147)

agitada me caigo a un charco, estaba sangrando todo y voy y me paro en el charco y le digo sabe que virgencita, si usted me saca de aquí, no vuelvo, se lo juro. (María)

Durante los dos combates, María se enfrenta al dolor y a la muerte. En el segundo enfrentamiento en el que María participó, asesinaron a casi todos sus compañeros y ella logró escapar con otra compañera, pero cuando llegó a su pueblo, buscando la ayuda de su madre y del sacerdote para escapar a otra región, es capturada por el ejército y recluida en una cárcel. Por ser menor de edad, es trasladada al programa de niños y niñas desvinculados del conflicto armado que dirige el Instituto Colombiano de Bienestar Familia –ICBF- entidad del gobierno. Con el ingreso al Programa de jóvenes desvinculados del conflicto armado, después de un proceso de “adaptación” a las nuevas condiciones de vida, termina el bachillerato y realiza varias capacitaciones. Al finalizar su proceso dentro del programa queda embarazada de su novio quien también hizo parte de grupos armados.

Actualmente está estudiando una carrera universitaria, trabaja y cuida de su hijo, pues su compañero murió en un accidente. A raíz de su participación en la guerrilla, no solo su cuerpo cambio pues se hizo más fuerte y habituado a la guerra y a las difíciles condiciones de la selva; también se transformó su identidad, ya que María le atribuye al haber hecho parte del ELN, el ser ahora valiente, tomar sus propias decisiones y asumir retos como estudiar, trabajar y responder por su familia al mismo tiempo:

Para mi significó y significa mucho, porque de ahí aprendí como ser valiente y a luchar también por mis cosas, una mujer donde pienso, donde tomo mis propias decisiones. Tomar mis propias decisiones, aprender a luchar a capa y espada por mí bebe, por mi trabajo, por mi vida, es aprender a darle un giro a mi vida, a ser guerrera. (María)

*

Cuando se produce la captura de **María** en el año 2001, el conflicto armado se intensifica a raíz del nuevo fracaso en los procesos de paz entre el gobierno del presidente Andrés Pastrana (1998-2002) con las FARC y con el ELN. La no consolidación de un proceso de paz legítimo y sostenible en el tiempo tiene múltiples explicaciones relacionadas con las dos partes en confrontación: el gobierno y la guerrilla. Por parte del gobierno, en varias ocasiones se utilizó los diálogos como plataforma electoral y también se realizaron acciones militares o políticas que quebraron la confianza entre las partes; y por parte de la guerrilla, las FARC principalmente, utilizó las treguas y las zonas despejadas para fortalecerse militarmente:

Bueno es advertir, empero, que hubo causas internas del fracaso del modelo, presentes desde el comienzo. Primera, el carácter autárquico de las FARC en cuanto a sus recursos militares (secuestro y narcotráfico), y su creciente aislamiento de grupos políticos y sociales urbanos una vez cortaron amarras con el Partido Comunista Colombiano. Segunda, el empalme de los procesos de paz con los ciclos electorales, una expresión del pragmatismo a ultranza de la clase política. En efecto, los pactos con las guerrillas en 1990-1994 fueron parte integral del proceso político de la Constituyente y la Constitución de 1991. En cuatro elecciones presidenciales, Samper-Pastrana (1994); Pastrana-Serpa (1998); Uribe-Serpa (2002) y Uribe-Gaviria-Serpa (2006), la clave de los resultados en las urnas residió en la forma como los candidatos presentaron sus respectivos planes de pacificación. El presidente Uribe fue todo un maestro en crear opinión a costa de las FARC: ganaba diciendo que las tenía prácticamente exterminadas y ganaba exagerando la amenaza que aun representaban. Tercera, la rápida expansión territorial de las organizaciones paramilitares, cada vez más articuladas por Carlos Castaño (al menos en el campo de la propaganda), con mayores recursos financieros del narcotráfico y mejores conexiones con la clase política. Además, el creciente rechazo de sectores empresariales al experimento de la zona de despeje del Caguán redunda en apoyo a los paramilitares. Cuarta, la inhabilidad del presidente Pastrana para comprender el valor estratégico de los derechos humanos, no solo como valores por sí mismos, sino como fuente de una legitimación más amplia de su Plan Colombia original que hubiera comprometido a la Unión Europea y a muchas ONG de los Estados Unidos. (PALACIOS, 2012, p. 165)

En el año 2005 se da inicio a una nueva fase del Plan Colombia “que es la profundización decidida del Plan Patriota y del Plan Consolidación, que consiste en el asedio a las retaguardias militares de las FARC, acompañado por la recuperación social del territorio con el propósito de desvertebrar sus corredores estratégicos y de movilidad” (VÁSQUEZ, 2011, p. 323). Durante este periodo de tiempo, específicamente en el año 2005 se crea la ley 975, conocida como de Justicia y Paz, dando inicio al proceso de negociación con los grupos paramilitares a quienes se les dio estatus político para poder adelantar los acuerdos de paz e indulto que se llevó a cabo con más de 35.000 hombres:

Entre los balances institucionales del Estado e incluso de algunos organismos no gubernamentales se destacan varios hechos, a saber: La postulación de 3810 miembros de los grupos paramilitares a la Ley de justicia y Paz (“Un balance de la aplicación de la Ley de justicia y Paz”, 2009). La implicación testimonial en las versiones libres de 140 integrantes de las fuerzas armadas; 209 políticos locales, regionales y nacionales; 40 servidores públicos, y 3983 particulares en hechos delictivos relacionados con los grupos paramilitares. El conocimiento de miles de delitos y de sus autores, referidos principalmente a homicidios y desapariciones forzadas, entre los que resalta el hecho de la recuperación de 621 cuerpos entregados a sus familiares. La desmovilización de 31.664 integrantes de los grupos paramilitares, en diversas estructuras. El desarrollo de 1867 versiones libres a partir de las cuales se han enunciado 22.130 homicidios y 1853 desapariciones forzadas. En dichas versiones fueron condesados 6549 homicidios y 975 desapariciones forzadas. La inclusión en los procesos de Justicia y Paz de 131 guerrilleros pertenecientes a las fuerzas armadas revolucionarias de Colombia(FARC), el ejército de Liberación Nacional (ELN), el Ejército Popular de Liberación (EPL) y, finalmente, el Ejército Revolucionario Guevarista (ERG). En su mayoría, guerrillas conformadas durante la década de los sesenta en Colombia. (RINCÓN, 2010, p. 10)

Con este proceso de negociación con la AUC, se reducen los indicadores de homicidios y violencia en el país. De otra parte, los grupos guerrilleros son golpeados fuertemente en sus estructuras militares llevando principalmente a que las FARC cambie su estrategia de confrontación directa en diferentes regiones del país, a un ataque de guarniciones militares, infraestructura vial y energética, utilizando el repliegue y las ofensivas focalizadas en puntos neurálgicos como estrategias de defensa, así como la siembra de minas antipersona en zonas próximas a cultivos de uso ilícito como coca y amapola y al uso de francotiradores en algunos enfrentamientos con el ejército.

Desde la perspectiva de una nueva configuración de la guerra y de los actores en confrontación, se puede afirmar que los grupos guerrilleros han sido golpeados y debilitados en sus estructuras militares y en su capacidad ofensiva, perdiendo legitimidad y base social, para el caso de las FARC. Por otro lado, el ELN en la actualidad, aun cuando se constituye en el segundo grupo guerrillero más importante del país, tiene mayor influencia política y militar en el ámbito regional, perdiendo su influencia a nivel nacional. Las zonas de mayor influencia se concentran en seis departamentos del país y según datos del gobierno está conformado por 1.500 combatientes. Aunque estas cifras pueden ser especulaciones para mostrar una posible derrota militar de los grupos guerrilleros por parte del gobierno de Álvaro Uribe, el ELN efectivamente sí disminuyó su capacidad militar en la última década y sus estructuras armadas fueron seriamente abatidas, con la baja o desertión de un gran número de combatientes.

Otro factor que ha incidido en el debilitamiento de la capacidad militar del ELN, se debe a que los recursos económicos con los cuales se financia, provienen de acciones como secuestros y extorsiones, ya que sus políticas internas prohíben que el grupo se relacione con el narcotráfico a diferencia de las FARC.

5 MUJERES Y EJÉRCITO DE LIBERACIÓN NACIONAL (ELN): APORTES AL ANÁLISIS DE LAS RELACIONES DE GÉNERO

A continuación, se presenta el análisis de algunos elementos que configuran la categoría género desde el concepto propuesto por Joan Scott (2008) como símbolos, normas, identidades e instituciones. Las descripciones y las interpretaciones de la información, se basan en un intento por configurar al Ejército de Liberación Nacional como un **campo** desde el concepto propuesto por Pierre Bourdieu, con el fin de identificar las relaciones objetivas y los condicionamientos existentes en ese espacio social, que configuran de alguna manera, la matriz de disposiciones desde la cual, las mujeres asumieron posiciones de transformación o preservación, no solo de esta estructura, sino de su propia identidad.

Es importante mencionar que para el análisis se realizó una triangulación de fuentes entre las que se encuentran:

- ✓ Las cinco entrevistas de las mujeres que participaron en la investigación
- ✓ Investigaciones específicas sobre el tema de mujeres vinculadas al ELN en las cuales se registran fragmentos de los testimonios.
- ✓ Investigaciones desde perspectivas sociológicas e históricas del ELN.

5.1 Ejército de Liberación Nacional. Esbozo de la participación de las mujeres en su historia política y militar

Con el fin de elaborar una línea de tiempo que muestre el desarrollo político y militar del Ejército de Liberación Nacional en los últimos 45 años de existencia, en comparación con el ingreso, permanencia y salida de las mujeres del grupo, se tomaron como base los siguientes documentos²⁰:

²⁰ Estos autores se constituyen en cinco de los más importantes historiadores del ELN. Milton Hernández fue comandante y miembro de la Dirección Nacional del ELN; su libro Rojo y Negro recoge la historia del ELN desde su fundación hasta el año 2004; Carlos Medina Gallego, es docente e investigador de la Universidad Nacional de Colombia y ha sido uno de los principales artífices de la reconstrucción de la memoria insurgente en Colombia, escribiendo más de siete libros sobre la historia de las FARC y del ELN; Alba Nubia Rodríguez, es docente e investigadora de la Universidad del Valle ; su tesis doctoral se centró en el análisis de las relaciones de

- ✓ Rojo y Negro. Aproximación a la Historia del Ejército de Liberación Nacional, escrito por el Comandante Milton Hernández (1998).
- ✓ Ejército de Liberación Nacional. Notas para una historia de las ideas políticas. (1958-2007) escrito por Carlos Medina Gallego (2007).
- ✓ Esbozos para una historia del ELN desde la voz de las mujeres, escrito por Yoana Fernanda Nieto Valdivieso (2006)
- ✓ Acción colectiva, violencia política y género: el análisis de las organizaciones insurgentes político-militares en Colombia: el Ejército de Liberación Nacional (ELN) escrito por Alba Nubia Rodríguez Pizarro (2009).
- ✓ ELN 47 años de historia. Dirección del Frente de Guerra Central (2011).

Tabla N°04
Participación de mujeres en el ELN por periodos históricos del grupo

Periodo histórico	Eventos	Importancia política o militar	Participación de mujeres en el ELN
1964 - 1973	Surgimiento y auge militar	<p>El ELN surge en un contexto de agitación política en Colombia y de polarización de las luchas sociales, estudiantiles y campesinas, con una tradición Foquista privilegiando lo militar de lo político: “así se distanció de las luchas sociales, por considerar que la lucha reivindicativa distraía a las masas del objetivo estratégico, que era la toma del poder. El foquismo es una teoría revolucionaria inspirada por Ernesto “Che” Guevara y desarrollada por Regys Debray postuló que la experiencia de la Revolución Cubana demostraba que cuando las condiciones subjetivas no son suficientes para que las masas lleven adelante la revolución socialista, un pequeño foco que iniciara acciones típicas de la guerra de guerrillas podría lograr con relativa rapidez que la revolución se expandiera, obteniendo así el levantamiento de las masas y el derrocamiento del régimen. El “Che” consideraba válidas estas consideraciones, principalmente para los países atrasados, y sostenía que los “focos” debían tomar como base social al campesinado” (RODRIGUEZ, 2009, p. 203)</p> <p>Otros aspectos que caracterizaron este periodo del ELN fue su estructura vertical, piramidal y jerárquica. Esta estructura llevó finalmente a centralizar el poder en una sola persona: FABIO VASQUEZ CASTAÑO (RODRIGUEZ, 2009)</p> <p>A partir de la centralización del poder y de la toma de decisiones en unas pocas personas, los conflictos terminaban resolviéndose a través de medidas disciplinarias ” (RODRIGUEZ, 2009; MEDINA, 2007; HERNANDEZ, 1998)</p>	<p>Aunque no se nombra la participación de ninguna mujer en la Primera Marcha del ELN el 4 de julio de 1964 (que se constituye en uno de los dos hitos fundacionales); en la toma de Simacota que se realizó el 20 de diciembre de 1964, aparece Paula Gonzales, quien era conocida en el grupo guerrillero como La Mona o Mariela:</p> <p>“Después de una fatigante marcha por montañas de gran altura, caminos desastrosos y páramos inhóspitos, el grupo guerrillero integrado por 26 hombres y una mujer, Paula González Rojas (Mariela), llegó la noche del 6 de enero a un kilómetro del perímetro urbano de Simacota. Esa noche el mismo Fabio Vásquez en compañía de tres guerrilleros estuvo haciendo un reconocimiento del poblado, mientras el grueso del grupo acampaba en un cafetal en las goteras mismas de Simacota. En la mañana del 7 de enero de 1965 la guerrilla entró a Simacota después de haber puesto fuera de combate al sargento de la Policía, comandante del puesto y tres agentes de esa misma institución... antes de la llegada de la guerrilla al pueblo, cuatro guerrilleros portando arma corta y vestidos de civil localizaron a los agentes de la Policía dándolos de baja. Una vez eliminada toda posibilidad de resistencia, la guerrilla se hizo dueña de la población, ubicándose estratégicamente y convocando a una reunión en la Plaza principal” (MEDINA, 2007, p. 72)</p> <p>Aunque Mariela es reconocida como la primera mujer vinculada al ELN, en este periodo, la participación de las mujeres era escasa. (RODRIGUEZ, 2009). Pese a que Mariela es nombrada muy pocas veces en la historia del ELN, a través de la recuperación de nuevos testimonios con militantes de la organización durante esos años, se sabe que su figura se</p>

			<p>convirtió en una leyenda y en un referente importante de las capacidades de las mujeres:</p> <p>“La figura de Mariela se fue haciendo casi una leyenda. Los servicios de información y de investigación la ubicaban ya en Santander, ora en el Tolima, ya en la Costa Atlántica... Mariela era con razón un símbolo, por cuanto significaba la reivindicación de los derechos y de las capacidades de la mujer colombiana, el desprecio de los prejuicios contra ella, su igualdad plena con el hombre (Entrevista realizada en el año 2002 por Luz María Londoño y Elsa Blair en el marco de la investigación Mujeres en tiempos de guerra) (Citado por NIETO, 2006, p. 97</p> <p>Mariela, sale del ELN en el año de 1965, desacreditada y acusada de perder el ímpetu revolucionario. No obstante, se conoce que:</p> <p>“Mariela fue seducida y abandonada por Fabio Vásquez, quien después la sometió a un sinnúmero de humillaciones y burlas, creándole así un mal ambiente que le permitiera justificar su expulsión de la guerrilla y su posterior abandono. Desde luego, de ese hecho no se enteraron los guerrilleros, y así la salida de ella de la guerrilla se entendió como fruto de su incapacidad y desmoralización revolucionaria” (Citando a Jaime Arenas, p. 167, NIETO, 2006)</p> <p>Otro hecho que marcó este periodo estaba relacionado con la posición de Fabio Vásquez de negar el ingreso de mujeres a la guerrilla del ELN, porque éste consideraba que solo era una lucha propia de los campesinos y las mujeres no tenían las capacidades. (NIETO, 2006)</p> <p>Las mujeres asumieron actividades logísticas, de alfabetización de campesinos u otros combatientes y en el apoyo a acciones militares; sin embargo, no existía apertura para que participaran dentro de los campamentos (NIETO, 2006; RODRIGUEZ, 2009)</p> <p>En este sentido: “La inclusión de las mujeres en estos grupos, y</p>
--	--	--	---

			específicamente en esta etapa, ocurrió de manera limitada en lo militar. En lo logístico, su participación fue destacada, especialmente en los frentes de apoyo que se encontraban en las ciudades. Eran ellas quienes se ocupaban de la mensajería, la atención a los heridos, etc.” (RODRIGUEZ, 2009, p. 207)
1973	La Operación Anorí	<p>Acción militar por parte del Ejército Nacional que casi llevó a la extinción del ELN:</p> <p>“Anorí fue una gran lección para la historia de la revolución colombiana y para la propia historia y forja del ELN. En las condiciones del enfrentamiento militar que se presentaron en Anorí, sólo un grupo de hombres y mujeres heroicos firmemente convencidos de la justeza de la causa, de la vitalidad de su ejemplo, de la pureza de la lucha y de la ineludible consigna de “Ni un paso atrás, liberación o muerte”, podían resistir, combatir hasta vencer o morir” (HERNÁNDEZ, 1998, p. 137)</p>	<p>En esta operación militar realizada en el año de 1973 en el poblado de Anorí, murieron aproximadamente 27 combatientes, entre los que se encontraban algunos de sus principales dirigentes, entre ellos una mujer</p> <p>“Mueren Manuel Vásquez, Antonio Vásquez y Lucia, completando así 27 compañeros caídos durante 39 combates, en los cuales el enemigo tuvo 178 muertos y más de 400 heridos” (DIRECCIÓN FRENTE DE GUERA, 2011, p. 133)</p>
1974 - 1982	Crisis, fusilamientos y desertiones	<p>Este periodo se divide en dos momentos: el primer momento (1974-1978) se relaciona con la crisis generada por la operación Anorí, llevando a divisiones internas que termina con la salida del grupo de su máximo comandante Fabio Vásquez Castaño. El segundo momento (1978-1983) con el surgimiento del grupo de “replanteamiento” se reestructura militar y políticamente a la organización. (MEDINA, 2007)</p> <p>Como la estructura militar era tan rígida y cualquier idea u opinión contraria se declaraba como traición, durante estos años, en el ELN se presentaron varios fusilamientos de sus miembros, entre ellos cuadros políticos importantes para la organización.</p> <p>En 1976 al conformarse el Frente Luis José Solano Sepúlveda – FLJSS, también se crea una instancia de mando con mayor apertura la cual buscaba ser democrática, denominada “Dirección Nacional” (DIRECCIÓN FRENTE DE GUERA, 2011)</p>	<p>Con los cambios que se venían realizando al interior del ELN en los primeros años de la década de los ochenta, el ELN empieza a priorizar lo político por encima de lo militar, así como busca acercarse a los movimientos sociales de la época. A raíz de este tipo de acercamientos con organizaciones campesinas, estudiantes, sindicales, ambientales y feministas, se comenzó a hablar de manera soterrada sobre el tema de las mujeres, sus derechos y necesidades al interior de la organización guerrillera. (NIETO, 2006)</p> <p>La baja participación de las mujeres en la estructura guerrillera para esa época, se debe como ya se mencionó, a las políticas internas del grupo de considerar que las mujeres no tenían la capacidad ni contaban con las destrezas necesarias para convertirse en combatientes. Así mismo, entre los factores que se mencionan en algunas entrevistas realizadas a mujeres excombatientes se encuentran:</p> <p>“a) su condición de guerrilla sin asentamiento en territorios definidos implicaba que el ingreso en estos grupos equivalía a una ruptura significativa con el entorno familiar, comunitario,</p>

			<p>etc., condición para la que no estaban preparadas las mujeres de la época,</p> <p>b) eran grupos que privilegiaban la conformación de ejércitos, por tanto, para las mujeres no eran “lugares atractivos”, pues seguían organizándose como espacios netamente masculinos, y ellas se reunían más en organizaciones informales (eclesiales, vecinales, etc.),</p> <p>c) los hombres buscaban sus compañeras afectivas por fuera de las filas insurgentes. En este último sentido, el ELN marca significativa diferencia con las FARC: mientras las últimas se constituyeron a partir de un grupo de 48 familias, el Ejército de Liberación Nacional se formó a partir de un grupo de 18 hombres. Este factor también influye en la poca participación femenina, en términos de militancia propiamente dicha, en el inicio de este grupo insurgente” (RODRIGUEZ, 2009, p. 210)</p>
1983-1995	Fortalecimiento de la organización	<p>En este periodo de tiempo el ELN se recompone y expande, subordina lo militar a lo político y comienza una etapa de reflexión sobre su accionar y la orientación programática que debe regir a la organización.</p> <p>A partir de estas nuevas dinámicas del ELN, se llevan a cabo:</p> <ul style="list-style-type: none"> ❖ La Primera Asamblea Nacional, la cual dio origen a la Coordinadora Nacional Guerrillera para buscar y fortalecer los procesos de la izquierda en Colombia. Posterior a este intento de agrupar las organizaciones insurgentes en una misma plataforma, se crea la Coordinadora Guerrillera Simón Bolívar (CGSB) (1984-1989) (MEDINA, 2008) ❖ En 1987 se crea la Unión Camilista Ejército de Liberación Nacional, UC-ELN. ❖ El II congreso de la UC-ELN en 1989, donde se definió como línea política del grupo la búsqueda de construcción de Poder Popular. (MEDINA, 2008) 	<p>Durante estos años ingresó un mayor número de mujeres al ELN diversificándose su procedencia (urbana-rural), el estrato social y el nivel de escolaridad²¹. No es posible establecer un porcentaje para determinar cuántas mujeres ingresaron al grupo; sin embargo, su número continuaba siendo minoritario en comparación con los hombres:</p> <p>“Es en esta época, en la que de acuerdo con las entrevistas y con los datos secundarios ocurre un ingreso significativo de mujeres tanto en el ámbito rural como en el urbano, ellas comienzan a estar en lugares militares y políticos, y logran incluso llegar a lugares de decisión en ambos ámbitos, a la vez que son esposas, compañeras y madres de los hombres militantes. Aunque en este periodo logran ubicarse en lugares de mando medio, ya sean políticos o militares, no llegan al comando central (COCE)”. (RODRIGUEZ, 2009, p. 213)</p> <p>Otro hecho relevante que define el aumento de vinculación de mujeres a los grupos armados, se relaciona con la persecución</p>

²¹ Esta información se basa en las entrevistas realizadas a cuatro mujeres en el marco de esta investigación y a los documentos de RODRIGUEZ (2009) y NIETO (2006), los cuales trabajaron con fuentes primarias.

		❖ El III Congreso de la UC-ELN en 1992	política y represión militar que vivió Colombia a partir del Estatuto de Seguridad del gobierno del presidente Julio Cesar Turbay Ayala, llevando a mujeres y hombres a hacer parte de la insurgencia para salvaguardar su vida, pues se incrementaron los asesinatos, las desapariciones y la tortura de los militantes de izquierda. (RODRIGUEZ, 2009)
1997-2010	Expansión, nuevas guerras y procesos de negociación	<p>Durante este periodo, el ELN mantiene la predominancia de lo político sobre lo militar</p> <p>Desde 1992 hasta 1996, el ELN realiza ajustes en su estrategia ideológica y política. Posterior a este proceso, la organización guerrillera busca entablar diálogos de paz con el gobierno del Presidente Belisario Betancourt, los cuales fracasan.</p> <p>Después del año 96, el ELN se empieza a replegar a zonas de retaguardia por el comienzo de la ofensiva paramilitar. A comienzos de la década del año 2000, la guerra se agudiza a partir de la modernización del aparato militar y de la puesta en marcha del Plan Colombia y Patriota en el marco del apoyo económico y militar del gobierno estadounidense desde la doctrina de la seguridad militar, la amenaza terrorista y sus vínculos con el narcotráfico.</p> <p>En el 2010 como hecho relevante, el ELN publica un comunicado donde afirma que no atacaran militarmente a las FARC (DIRECCIÓN FRENTE DE GUERA, 2011)</p>	<p>El debilitamiento militar y el recrudecimiento de la confrontación armada, obliga a los diferentes grupos guerrilleros a reclutar nuevos combatientes. Por esta razón, a finales de los años noventa, aumenta su pie de fuerza de 2300 combatientes en 1990 a 4533 en el 2000. Es probable que la vinculación de mujeres y jóvenes desde los 15 años haya aumentado durante estos años. No obstante, no se conocen cifras exactas de la composición actual de la guerrilla del ELN; de las FARC se menciona en diferentes informes de Naciones Unidas y del gobierno que el 30% de su ejército estaría conformado por mujeres.</p> <p>La nueva política de reclutamiento y las transformaciones del conflicto armado, llevaron a que los nuevos integrantes no optaran ideológica o políticamente por ingresar al grupo, sino porque representaba una posibilidad de reconocimiento, de protección, de venganza, y en el caso de las mujeres campesinas o de áreas rurales, de huir de la violencia y de la pobreza.</p>

Fuente: Elaboración propia con base en las entrevistas e investigaciones sobre la historia del Ejército de Liberación Nacional

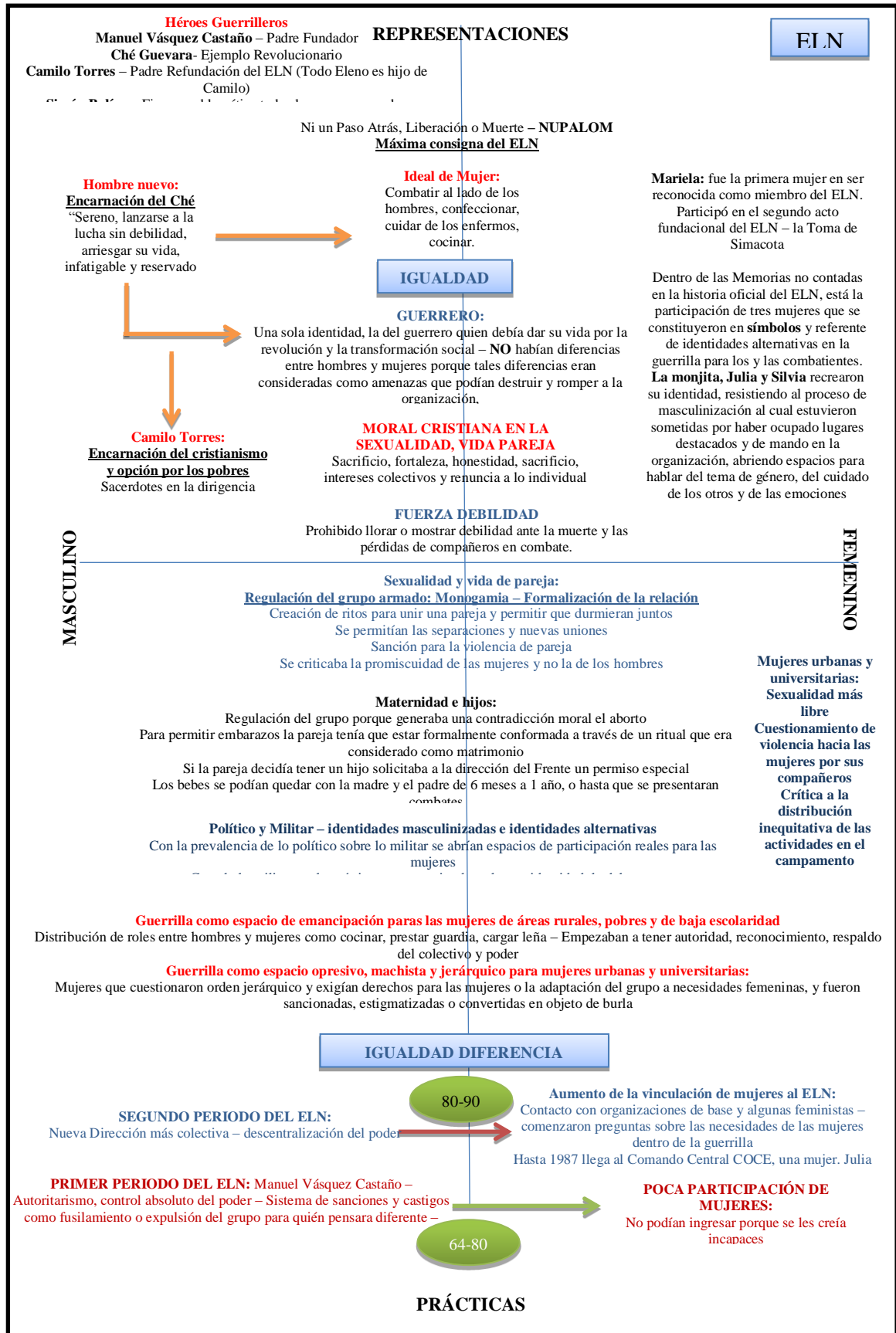
La historia de la guerrilla del ELN y su relación con la apertura a espacios de participación para las mujeres, *tal como se describió en la tabla*, se articulaban en diferentes niveles:

- a. A nivel general, la forma como el ELN surge, las bases ideológicas y políticas que configuran su razón de ser, *en este caso*, una guerrilla con una fuerte influencia guevarista y de la Revolución Cubana y su objetivo de constituirse en vanguardia para lograr la toma del poder; llevaron a la agrupación insurgente a construir unos criterios muy excluyentes frente al ingreso y participación en la organización, así como para la construcción de relaciones y vínculos con otros sectores sociales y con otros grupos guerrilleros. Por esta razón, los dirigentes de la guerrilla en sus primeros años, no sólo negaron la participación de mujeres en sus filas bajo argumentos tales como: falta de capacidad y de compromiso político; sin embargo, las mujeres rebatieron esos argumentos a través de su participación en acciones militares contundentes como la toma del Pueblo de Simacota, “ganándose” de alguna forma su permanencia dentro de la guerrilla.
- b. Otros aspectos *-que parecen más de tipo más subjetivo-* como el desarrollo de destrezas militares para la guerra y la comandancia fundamentalmente de hombres, en un contexto guerrillero caracterizado por una estructura rígida, vertical, autoritaria en la cual se concentraba totalmente el control de la tropa y el poder sobre todos los aspectos de la vida individual y colectiva, generaron mecanismos que excluyeron a las mujeres de vincularse al grupo armado y limitaron las posibilidades para la incorporación de otros temas en su agenda política, como por ejemplo, la grave situación de violencia, explotación y subordinación en la cual vivían las mujeres en la mitad del siglo XX.
- c. Al constituirse el ELN, como un **campo**, *en términos de Bourdieu*, en el cual se estaban disputando ciertos tipos de capitales como el simbólico, este grupo insurgente construye todo un engranaje para definir al guerrillero ideal. En otras palabras, tomando el concepto de capital simbólico de Bourdieu, definido como algo natural al individuo y del cual

hace parte el talento y la inteligencia, dentro de un campo determinado; se podría pensar la hipótesis de que la imagen de héroes como el Ché Guevara o Camilo Torres, llevaron a los diferentes actores que se encontraban al interior de ese campo, a buscar acercarse a esa imagen para lograr mayores posiciones y de este modo, aumentar su capital simbólico. Por tal razón, las mujeres tuvieron no sólo que tratar de igualar a los hombres en capacidades y destrezas en el plano militar y físico, sino también, fueron constreñidas a incorporar en su identidad una imagen de héroe masculino, caracterizado por una moral y un comportamiento intachable, digno de ser imitado.

Con el fin de caracterizar como un campo al Ejército de Liberación Nacional, y poder así, evidenciar los sistemas de disposiciones que se configuran en él, considerando el género como **habitus**, es decir, como “un sistema perdurable y transponible de esquemas de sentimiento, pensamiento y acción” (LAMAS, 2003, p. 9) que se transmiten, reproducen o transforman en contextos históricos y sociales; se pueden identificar las siguientes relaciones y posiciones ocupadas por los agentes que interactúan dentro del grupo guerrillero:

Gráfico n° 02 – relaciones al interior del eln (campo político y militar de la organización)



Por otro lado, a partir de los elementos señalados por Joan Scott (2008) para abordar el tema de la diferencia sexual al interior del ELN como: los símbolos, la identidad, los conceptos normativos y las instituciones y organizaciones sociales; a continuación se describe cada aspecto, con el fin de realizar un análisis que retome el proceso de ingreso, de cambios y de permanencias frente a la participación de las mujeres durante los diferentes periodos en la historia del grupo insurgente. Vale la pena señalar, que el análisis se basa en la definición del campo que configuran las relaciones objetivas al interior del ELN, donde tanto hombres como mujeres se disputan principalmente el capital simbólico, representando entre otras cosas, en la figura del guerrero y de las destrezas que tienen que desarrollar los miembros del grupo a nivel político y militar.

5.2 Héroes y heroínas: símbolos e identidad sobre el ser hombre o mujer en el ELN

El ELN en su relato fundacional describe dos acontecimientos que marcaron su nacimiento: La primera marcha guerrillera el 4 de julio de 1964 y la toma de Simacota y el manifiesto el 7 de enero de 1965. Por otro lado, elige como su padre fundador a Fabio Vásquez Castaño quien se convirtió en el jefe máximo de esta guerrilla por tener el aval de Ernesto Ché Guevara para conducir el grupo revolucionario en Colombia. (MEDINA, 2007). Sin embargo, esta figura fue muy controversial al interior del grupo, debido al autoritarismo y a la forma de manejar los conflictos, puesto que, quién pensara o actuara diferente a las disposiciones de Fabio, era declarado enemigo interno, acusado de traición, lo que llevó a varios fusilamientos y desertiones en los años sesenta y setenta.

Además de Fabio Vásquez Castaño, el ELN en su etapa de replanteamiento para salir de la crisis que le dejó una estructura rígida, militarista, jerárquica y autoritaria, instituye una nueva figura para su refundación: la imagen del sacerdote católico y sociólogo, Camilo Torres Restrepo quien fue asesinado en combate el 15 de febrero de 1966 en Patiocemento, Santander (MEDINA, 2007). Camilo después de su muerte, fue declarado comandante de manera póstuma, y su figura como nuevo padre de los “elenos” encerraba valores como el sacrificio, la entrega total al proyecto de transformación social y revolucionario:

La lucha armada y la vida revolucionaria del guerrillero se constituyeron en el ideal de compromiso del militante de la década del 60 y gran parte del 70. Camilo sería

para el caso, el ejemplo del modelo del hombre nuevo del que hablara Ernesto "Che" Guevara. El ELN condicionó sus militantes a la práctica de un conjunto de valores en los que el sacrificio, el desprendimiento, la entrega, el heroísmo, la disposición para convertirse en mártir, la autodisciplina extrema, la devoción por lo que se hace y el amor irrenunciable al pueblo y a su causa convirtió a la guerrilla en una especie de secta mística de orden redentorista y mesiánica sacralizada por objetivos de altruismo colectivo en los que la búsqueda del paraíso perdido está movida por unos ideales de lucha que no sólo justifican la existencia, sino también el sacrificio y la muerte. En la práctica se fue formando una cultura particular de concebir la vida y la lucha, de comunicarse con los demás a través de códigos y representaciones simbólicas que hicieron del guerrillero un ser particularmente extraño, místico y legendario. Camilo no tenía nada de eso, pero pronto se levantó sobre él, sobre su condición de sacerdote y guerrillero, sobre las circunstancias en que se produce su muerte, el mito "Eleno": Hombres de Liberación o Muerte. Con Camilo se produce la construcción de un símbolo que le dará estabilidad al proyecto, permanencia y proyección sobre la edificación de sus propias leyendas, rituales y mártires. (MEDINA, 2007, p. 106)

Otra figura emblemática que se convirtió en un referente importante para encarnar al guerrero de la revolución socialista en la simbología Elena, fue la de Ernesto el Ché Guevara. A partir del Ché, el ELN comienza a hablar del Hombre Nuevo, reforzándose la imagen del guerrero dispuesto a arriesgar su vida por la revolución, a renunciar a todas sus necesidades individuales privilegiando siempre las colectivas, infatigable y sereno (NIETO, 2006). Finalmente, el ELN después de la conformación de la Coordinadora Guerrillera Simón Bolívar en 1987, asume también como propia la figura del libertador Simón Bolívar y la convierte en otro símbolo de la revolución y referente identitario.

Tal como se evidencia, en toda la historia oficial del ELN, no aparece ninguna mujer como referente ni como símbolo de la revolución. Este tipo de olvidos y de silencios, que tienden a convertirse en memorias subterráneas como lo diría Pollak (1989), subvierten en este caso, una historia contada a una sola voz: la de los hombres, héroes, guerreros y revolucionarios. Estas políticas de olvido, en términos de Jelin (2002), se fueron construyendo para el caso del ELN, desde dos mecanismos: el primero, niega la participación de las mujeres en la guerrilla durante sus inicios, ya que desde los criterios señalados por su máximo comandante, Fabio Vásquez, los únicos llamados a hacer la revolución eran los campesinos hombres y las mujeres eran consideradas incapaces de asumir la vida militar. Cabe recordar, que el ELN en su surgimiento, tuvo un carácter fundamentalmente militar, priorizándolo por encima de sus apuestas políticas.

En segundo lugar, aunque el nombre de Mariela aparece en algunos apartes de la historia oficial del ELN como la primera mujer en hacer parte de las filas guerrilleras y pese a haber demostrado la misma capacidad militar de los hombres, al participar de manera protagónica en la Toma de Simacota; termina siendo acusada de debilidad y falta de

compromiso revolucionario y su nombre queda marginado de la historia del ELN. (NIETO, 2006).

Por lo tanto, la única figura femenina de los primeros años del ELN, quedo relegada al olvido, no solo en términos históricos, sino fundamentalmente en términos identitarios y de construcción de símbolos que alternaran con las figuras masculinas tan determinantes en todas las etapas del grupo guerrillero. Este hecho, tal como lo señala NIETO (2006) pudo haber llevado al ELN a crear unas resistencias muy fuertes para introducir temáticas específicas a los intereses y a las necesidades de las mujeres y fundamentalmente a imponer una figura masculina en detrimento de lo femenino.

Este binarismo y la construcción de contrarios o complementares en las identidades masculinas y femeninas, se constituyen en una de las bases de los sistemas de género; es decir, cuando el hombre representa la fuerza y la valentía, la mujer por su parte representa la debilidad y la fragilidad. En el caso de la guerrilla del ELN, al construir la imagen del guerrero sobre la idea del Hombre Nuevo del Ché, terminó invisibilizando una imagen alternativa como la de la Mujer Nueva, por ejemplo: “Como señala Ángela Inés Robledo, una imagen excluyente y homogenizante, que no sólo ignora la diferencia sexual y descarta otros tipos de masculinidad, sino que, además, rechaza a las personas homosexuales, y borra a las mujeres insurgentes al masculinizarlas”. (NIETO, 2006, p.135)

Es importante señalar, que durante el periodo de surgimiento del ELN en los años sesenta y setenta, sumado a la predominancia militar de la estructura y el autoritarismo de su dirigencia, al negar la vinculación o la participación de las mujeres en la guerrilla, se impuso de alguna manera una directriz a sus miembros, ya fueran hombres o mujeres, relacionada con encarnar la figura del Hombre Nuevo como ideal del guerrero en la organización. Dadas las condiciones sociales y culturales de la época, donde movimientos feministas en Colombia y en el mundo, comenzaban a circular discursos sobre el tema de la igualdad y la diferencia entre hombres y mujeres, llevó a que algunas mujeres empezaran a cuestionar imágenes esencializadas. Sin embargo, tanto el feminismo de la igualdad como la diferencia, terminaban por un lado, esencializando nuevamente la identidad femenina o por otro, negando las diferencias entre las mismas mujeres. Por tanto, para las mujeres, en un contexto tan masculinizado como la guerra, buscar parecerse a los hombres podría no parecer tan arbitrario.

En términos de Bourdieu, lo que estaría en juego en ese campo específico de la guerrilla, sería la disputa por un capital simbólico relacionado con la idea de guerrero creada

por el grupo para generar identidades, certezas y formas de sostenimiento internas. Otro elemento importante y que hace parte de los condicionamientos del grupo armado, está relacionado con el proceso de colectivización de la vida cotidiana y por consiguiente, la pérdida de intimidad e individualidad para sus miembros. En este sentido, al colectivizarse todas las actividades del grupo, se va generando una homogenización en varios aspectos como el de los roles y la distribución de tareas, llevando a crear una idea de igualdad por el hecho de que todas y todos los miembros terminan realizando las mismas cosas sin distinción de género.

Por lo tanto, es un proceso de identificación masculina y homogenización que se promovió en el ELN durante sus primeros años, llevó no solo a imponer a las mujeres procesos de auto identificación con esos valores y comportamientos masculinos, sino a negar y excluir cualquier tema relacionado con las mujeres, bajo el argumento de que la preocupación frente a las relaciones de hombres y mujeres o a las necesidades particulares de las mujeres, se constituían en un riesgo para la estabilidad del grupo, llegando a ser señalados como temas propios de la sociedad burguesa.

Pero si puedo decirte una cosa con absoluta seguridad: que las mujeres que se movieron en ese contexto conmigo fueron mujeres muy masculinizadas todas. O sea, lo único claro era que había un modelo guerrillero, y que el guerrillero tenía que ser una persona una persona capaz de enfrentarse a la tortura, de enfrentar la cárcel, de enfrentar el dolor, de ser muy sensible ante el dolor humano, ante la pobreza, ante todas esas cosas. Mira que eso es una moral muy religiosa finalmente... la debilidad no se toleraba. Llorar?, eso no se podía, nosotros no podíamos llorar. Si usted llora es una floja. Si el modelo es fuerte usted tiene que ser fuerte. (NIETO, 2006, p. 144)

Si bien es cierto, que aunque los hombres terminaron siendo los héroes y los referentes más importantes en la historia del ELN, en la investigación de Yoana Nieto (2006) titulada “Esbozos para una historia del ELN desde la voz de las mujeres”, a través de los testimonios de mujeres y hombres entrevistados para dicho estudio, emergieron los relatos de tres mujeres que jugaron papeles relevantes dentro de la organización: la Monjita, Julia y Silvia.

La monjita, fue recordada como una mujer muy protectora y como la consejera de las personas más jóvenes del grupo, lo cual hizo que su imagen no fuera asociada propiamente con lo militar o lo masculino, aun cuando asumió roles de mando dentro de la organización. Por otro lado, Julia fue una guerrillera que vivió su militancia entre lo urbano y lo rural, a quién todo el mundo dentro de la organización, respetaba y admiraba por su tenacidad en lo militar, pero también por la calidez de su trato y la capacidad de empatía que tenía:

Así como hay mujeres que se vuelven muy masculinas, estas otras mujeres tenían una característica: no eran unas guerreras masculinas, eran unas mujeres que lloraban, uno las veía llorando, que les costaba disparar el arma contra el que fuera, que iban con toda esa... como que tenían... como que sentían... sabían que tenían que hacer eso, pero que tenían... es decir... tenían.... Tenían unas herramientas, ellas se pegaban de que estaban en eso por un ideal muy grande y se montaban en un ideal patriótico tan grande que ellas... eso las hacía como ser muy humanas pero también ser muy fuertes en el combate, y en el asunto... ¡muy convencidas! de que lo que estaban haciendo era lo que tenían que hacer; era una convicción que a mí me impresionaba, porque además no eran mujeres... ¡eran cuidadosas!, yo conocí dos que eran de un cuidado para decir las cosas, para juzgar al otro... entonces a mí me llamó mucho la atención este tipo de guerrilleras... como tan bonitas, es decir, es una cosa que no es muy común, pero me llamaron la atención ese tipo de mujeres que no se habían incorporado tanto en ese proyecto masculino. (Entrevista realizada a Claudia) (NIETO, 2006, p. 211)

Silvia llegó a la dirigencia del ELN y fue recordada como una mujer “cálida, sabia, comprensiva... muy valiente” (NIETO, 2006, p. 11). También se la describe como una mujer energética para asumir posiciones, pero sin descalificar las opiniones de los otros:

Era un ser que nos mostraba que la revolución es con la vida, es con la familia, es con todo el mundo, una revolución vital, una revolución que no se aparta del goce ni de la posibilidad de construir muchos afectos..., sino al contrario, se basa en los afectos... y de hecho, por ejemplo, otra cosa que era muy chévere en ella, en esa mirada, era vincular a la familia a las cosas, entonces era un cuento. (NIETO, 2006, p. 211)

Estas mujeres y sus historias que aún están por descubrirse, impulsaron dentro del ELN una serie de pequeñas transformaciones frente a la identidad del guerrero, a la forma como las mujeres se reinventaron en la guerra, no sólo asumiendo el reto de lo militar, sino generando nuevas prácticas dentro de un proyecto revolucionario donde lo humano, la sensibilidad, los afectos y las emociones también hicieron parte de la construcción de una guerrilla como el ELN, que en la actualidad se considera como el único grupo armado que aún mantiene firmemente sus ideales políticos, resistiendo al narcotráfico y a la degradación de las prácticas militares.

5.3 Normatividad y regulación de la vida cotidiana en el ELN: permanencias y cambios en temas como sexualidad, relaciones de pareja y maternidad

El ELN después de los años ochenta al transformar su estructura y los procesos de toma de decisiones, incorpora nuevas prácticas buscando no sólo superar la crisis que generó

la centralización del poder en la figura de su máximo comandante, Fabio Vásquez Castaño, sino también, desde instancias como la Dirección Nacional se empiezan a realizar cuestionamientos sobre aspectos como: el machismo que imperaba desde algunos Frentes, la sexualidad, las relaciones de pareja y la maternidad, entre otros.

Este tipo de cuestionamientos o preguntas, surge también a raíz del aumento en la participación de mujeres en las filas guerrilleras en la década de los años ochenta y noventa, pues se empezaban a generar dificultades como abortos y conflictos por celos entre parejas, que el grupo buscó controlar y regular, con el fin de que fueran tramitados de manera distinta.

5.3.1 Sexualidad y relaciones de pareja

La moral cristiana combinada con lo que representaban figuras como El Ché y Camilo Torres, generaron una serie de criterios para definir el **buen** comportamiento de la tropa. Cuando la dirigencia del ELN comienza a regular el tema de la sexualidad y las relaciones de pareja, opta por seguir una línea donde había que solicitar permiso a la comandancia para tener una relación de pareja monogámica. A partir de la influencia cristiana en el ELN con el ingreso de sacerdotes y monjas a sus filas, estos temas se trataban de un modo muy “conservador” pues se esperaba que los y las combatientes se abstuvieran de tener relaciones sexuales hasta el momento de oficializar su relación ante el colectivo; sin embargo, este tipo de regla cambiaba o se adaptaba dependiendo del Frente; por ejemplo, en los comandos urbanos no se regulaba tanto este tema:

Eso tenía dos connotaciones: una normatividad que era difícil de cumplir y una flexibilidad que daba paso a esas realidades que se presentaban frente a la normativa. Hay una cosa que la viví en el ELN, yo no la he podido entender, lo cierto es que había la monogamia. La monogamia era una necesidad muy dada por un aparato de guerra, los conflictos pasionales pueden derivar entre gente armada en bala y en muerte, porque eso no es fácil de tratar, entonces había una cosa muy rigurosa de monogamia, que la moral cristiana o católica monogámica era funcional a la estructura militar (Entrevista realizada por NIETO, 2009, p. 172)

El campo de la sexualidad es probablemente donde las mujeres tuvieron mayores posibilidades de elección respecto a la selección de la pareja y a tener una vida sexual con menos requerimientos que en la vida civil. Es decir, dado el reducido número de mujeres en el ELN, ellas podían escoger quien iba a ser su compañero y casi siempre, terminaban

estableciendo una relación con los comandantes, pues este tipo de relaciones representaba ventajas como acceder a recursos económicos y a algunas comodidades dentro del grupo; asimismo, las mujeres principalmente del área rural, que tenían relaciones con combatientes de base, terminaban reproduciendo los mismos conflictos de una relación de pareja en la vida civil, como violencia, agresividad, celos. Sumado al hecho de que los hombres cada vez que salían a los pueblos, terminaban emborrachándose y teniendo relaciones con prostitutas:

Una característica de los colectivos insurgentes colombianos es el mayor número de varones en sus filas; aunque la presencia de las mujeres ha aumentado notablemente en las últimas décadas, ellas siempre han sido minoría, incluso hoy en día. Por ejemplo, según datos suministrados por las FARC-EP, las mujeres guerrilleras representan entre el treinta y cinco y el cuarenta por ciento del total de sus combatientes; en el ELN su participación parece ser menor, pero hasta el momento no se cuenta con datos precisos sobre el porcentaje de mujeres combatientes dentro de dicha organización. Según uno de los entrevistados, esta diferencia en la composición de los colectivos rurales les daba a las mujeres ventajas comparativas a la hora de definir las relaciones de pareja y de elegir a su compañero sentimental. (NIETO, 2006, p. 187)

Con respecto a la conformación de una pareja, la comandancia del ELN solicitaba que se hiciera explícito el pedido al comandante del Frente o también se podía pedir la celebración de un rito que representaba una especie de matrimonio. No obstante, ni el rito, ni la solicitud de permisos para dormir juntos y convivir como una pareja, garantizaba relaciones estables y duraderas; al contrario, se presentaba un gran porcentaje de separaciones y uniones sucesivas:

Cuando una pareja decidía unirse debía primero formalizar su relación públicamente. Ello podía hacerse a través de dos vías: comunicando su decisión a los mandos superiores y al colectivo, o pidiendo una ceremonia de “matrimonio”: En el campo tu tenías una pareja... y anunciabas colectivamente que tenías un noviazgo con alguien; mientras eran novios tú no podías acostarte con él, sino que había un momento donde ya se formalizaba la relación y te permitían ya dormir juntos. Digamos que había ciertos códigos ¿no? Y un código muy impresionante era comer en la misma olla, entonces cuando veían a dos personas comiendo en la misma olla, pareja hombre y mujer, y no habían oficializado su relación, siempre venían y te preguntaban: “bueno, ¿ustedes están teniendo algo?”. Entonces era muy agresivo comer en la misma olla con un hombre que no fuera tu marido. Era muy agresivo y era muy condenado ¿si me entiendes? Era como una subversión de una norma básica, y cuando tú ya te formalizabas te quitaban una olla y se la daban a otro, o sea, lo de la olla era muy significativo (Entrevista a Carmenza) (NIETO, 2006, p.175)

Aunque la monogamia implicaba fidelidad, en las relaciones de pareja esta exigencia se hizo más a las mujeres que a los hombres; por este motivo, en caso de presentarse una infidelidad, se sancionaba y criticaba principalmente el comportamiento de la mujer. Otro elemento muy cuestionado era la promiscuidad en las mujeres; este tipo de comportamiento

fue muy difícil de controlar por parte de la guerrilla, ya que la mayoría de mujeres que optaban por una sexualidad con mayores libertades, provenían de las ciudades con altos niveles de escolaridad y quienes llegaban a los campamentos a recibir formación política y militar, generando un choque muy fuerte no solo con la tropa, sino con otras mujeres:

Algunas de ellas fueron castigadas por su libertad sexual, libertad que en los hombres no era castigada, tal como ocurre en la sociedad; sólo que en estos espacios tan totalitarios, en los que la intimidad prácticamente no existe, la censura era mucho más visible y los peligros de la transgresión mayores. Supuestamente yo era muy promiscua, esa era la crítica que me estaban haciendo, y que eso era un peligro, la promiscuidad sexual de las mujeres. Pero ellos no cuestionaban la promiscuidad sexual de los hombres, era la de nosotras. (NIETO, 2006, p. 152)

Un último aspecto que caracterizaba las relaciones de pareja en la guerrilla, era la sensación de intensidad dada la cercanía con la muerte y la posibilidad de perder al ser amado en combate. Es frecuente encontrar en casi todas las entrevistas a mujeres, detalles que evidencian el significado de esta experiencia en su vida y la sensación de placer que les generaba:

Muchas veces y le cuento que el amor en medio de la guerra es muy bonito, es muy intenso, es bonito, cuando uno se enamora porque también es el dolor de que si se va, de que si lo vuelve a ver de que si regresa o no regresa. Uno pasa tiempo con esa persona, y se va porque salió una tarea por otra parte, éramos personas nómadas, no tenía estabilidad en ninguna parte, así fue que aprendí mucho. (Camila)

Y nosotros desarrollamos con Oscar una relación tan bonita con mucho cariño, él fue quien me enseñó a andar en el monte, a desarmar o armar un fusil, ese hombre me enseñó a disparar sin cerrar los ojos, porque el retumbe del fusil le genera a uno. Me enseñó a gozarme las marchas con el morral encima con lluvia encima, ese hombre me enseñó a hacer el amor en medio de la lluvia, en medio del rastrojo, o sea esas cosas tan bonitas. (Elena)

5.3.2 Maternidad y guerra

Si se pudiera afirmar que existe un hecho que lesiona de manera profunda el mundo emocional de las mujeres que hicieron parte de los grupos armados, sería la maternidad. Para algunas mujeres, el haber decidido ser madres y participar en un proyecto revolucionario, no solo les generó ciertos cuestionamientos sobre la figura materna y las funciones que de ella se derivan, sino fundamentalmente, dolor y culpa al momento de entregar a sus hijos al cuidado

de otros, al no poderlos ver para salvaguardar su seguridad y en el momento de reencontrarse con ellos en la vida civil.

No conocí a una sola que se sintiera tranquila de haber dejado a sus hijos, y yo creo que eso es lo que más incide en que las mujeres no tengan un papel destacado en el ELN; creo que su proyección política y militar muere ahí, en la maternidad, sin excepción, porque eso es un sentimiento que... la culpa las subyuga en algún momento a todas, o eso es lo que yo sentí. A todas las sentí súper culpables, súper culpables. Y muy atormentadas, yo vi mujeres muy atormentadas, y otras muy berracas. (NIETO, 2006, p. 168)

Entonces lo consienten a uno mucho, que la barriguita, todo mundo quería tocar al bebe, si habían problemas a uno era el primero que sacaban para que uno no fuera a estar en medio del peligro. Con los bebes, eso sí era difícil porque uno podía tener el niño y mientras no hubieran problemas en la zona uno podía tener al niño. Si podía un año, dos años con el bebe, sino tocaba sacarlo a los dos meses o antes, todo dependía de cómo estuviera el orden público. Yo estuve como seis meses podía quedarme con el bebe, si se ponía difícil la cosa tocaba sacarlo. Era tenaz, era terrible, tanto, tanto para mí fue una frustración porque yo no vi caminar a ninguno, cuando de pronto lograba comunicarme de donde estaba el niño, no ya camino. Eso era frustrante para mí, eso fue lo que me impulsó a tener mi cuarto hijo, yo quería verlo caminar. Eso fue emocionante, verlos correr, tenerlos ahí en el piso cuando de pronto eso pegan unas carreras (Camila)

El dolor y la culpa que acompañó el proceso de ser madre, se vivió con mayor intensidad para algunas mujeres al momento de reencontrarse con los hijos después de haber salido del grupo armado, puesto que ellos les reprocharon el haber optado por la revolución y no haberse quedado a su lado para cuidarlos. Este tipo de cuestionamientos no fueron una dificultad para los hombres-padres, ya que ellos no tuvieron que resolver el dilema de dejar a sus hijos o quedarse con ellos, puesto que era “normal” que los hombres tuvieran dos tipos de mujer: la madre de sus hijos y la compañera de lucha. Cuando esas dos figuras confluían en una misma, quien tomaba la decisión realmente de separarse de su hijo recaía en la mujer.

Esa nueva dualidad, de la madre o la guerrera, fue el mecanismo mediante el cual se terminó resolviendo el hecho de que, siendo la participación en la guerrilla del ELN un proyecto de vida que tomaba ciertos matices propios de la vida civil como contraer matrimonio y mantener una pareja estable y decidir tener hijos, no pudo afrontarse desde el grupo guerrillero, el cual creó una estrategia para mantener tanto a padres y madres cerca de sus hijos, pero que fracasó por las críticas internas de estar conformando un comando de niños guerrilleros:

El ELN hizo un intento de una cosa que se llamaban colectivos de niños, y eso fue un chicharrón horrible, porque los colectivos de niños eran como campamenticos de niños, entonces ¿qué era lo que hacían? La compañera tuvo a los dos niños –estos son dos casos duros que a mí me tocaron-, ella dejaba a los niños en una casa

campesina al lado [de nuestro campamento], entonces ¿qué pasó? En esa casa se fue construyendo como una especie de campamentito de niños, se hizo una escuela, y vino una monja de esas del ELN y era la maestra y yo qué sé, pero resultó que el ejército empezó a darse cuenta que esas cosas existían y empezó a perseguirlos. Y tenía un cuestionamiento ético además grande, y mucha gente discutía porque los niños vivían como guerrilleros, en hamaquitas, tenían fusilitos de palo... entonces era una cosa que condicionaba mucho. Por ejemplo esta compañera decía: “yo soy guerrillera, pero yo no quiero condicionar a mis hijos a que sean eso; ellos tendrán que elegir que quieren ser”. Entonces eso fue muy dramático. (NIETO, 2006, p. 168)

Como ya se mencionó, las mayores culpas se producen en la salida del grupo y el reencuentro con la familia, cuando las mujeres buscan reconstruir sus relaciones más cercanas, principalmente, la relación con sus hijos.

Finalmente, algo que llama la atención y que coincide con las conclusiones de investigaciones realizadas sobre el tema de mujer y guerra, es que cuando los conflictos armados terminan y se retorna a la vida civil, los roles tradicionales permanecen intactos, perdiéndose de alguna manera las ganancias que tuvo esta experiencia para las mujeres en términos de identidad, autonomía, afirmación del sí mismo, entre otros aspectos. Eso puede explicar en parte, porque las mujeres que salen de los grupos armados, terminan asumiendo el cuidado de sus hijos sin el apoyo de sus compañeros, lidiando al tiempo con la culpa y con la carga laboral, familiar y emocional:

La parte feliz porque me reencontré con la familia, con mis hijos, encontré mis tres hijos grandes, no los conocía, porque fueron tres años tan difíciles que era imposible ver la familia, yo los conocía a ellos por fotos, yo tenía fotos cada vez que me podían enviar una foto una carta, si lo había visto dos o tres veces era mucho. Entonces llegue y los encontré grandes, estudiando, muy difícil la cosa porque se sentía en ellos el vacío, yo no podía llegar a decirles yo soy su mama, déjenme ser su mama. Yo tenía que entrar a la casa y hacer parte de ellos y acomodarme a su vida, conocerlos, convivir con ellos, eso se me gasto más de un año, como dos años, es más aun todavía no lo hago, decirles que yo soy su mama, como dicen normalmente los hogares que tienen sus hijos, es que yo soy su mama, su papa y aquí se hace lo que yo mande. No, eso todavía no lo logro porque ellos se criaron solos, ellos sortearon muchas situación solos, entonces fueron dos situaciones para mi muy resaltantes, porque era lo bonito de estar en casa, algo que me ayudó mucho a adaptarme a ellos y ellos a mí, que llevaba la otra niña, la bebe, la bebe nos unía, que rico llego mi mama con la niña, todo mundo queriendo la niña. (Camila)

5.4 El problema de la igualdad y la diferencia en el ELN: roles de género, lo político y lo militar

El tema de la igualdad y la diferencia ha sido uno de los debates más abordados desde las teorías feministas y de género. Para el análisis de la diferencia sexual en un contexto de guerra, es necesario contextualizar y particularizar las experiencias, ya que se corre el riesgo de negar tales diferencias o por el contrario, esencializar las identidades femeninas que emergieron de la lucha por asumir posiciones dentro de la guerrilla. En esta perspectiva, resulta útil tomar como base el análisis de prácticas y representaciones frente a la división sexual del trabajo y de la participación de las mujeres en el escenario militar y político de la guerrilla.

Por otro lado, algunas investigadoras en el tema de la vinculación de mujeres a la guerrilla, como Luz María Londoño (2006), Yoana Nieto (2006) y Alba Nubia Rodríguez (2009), entre otras, han descrito como el proyecto insurgente se convirtió para algunas mujeres en un proceso de masculinización, llevando a la pérdida de su identidad “femenina”. Si bien, esta afirmación evidencia como las mujeres tuvieron que asumir un proceso de transformación muy fuerte en términos de su cuerpo, de su identidad, en la forma de percibir el mundo y de comportarse en el grupo armado; es necesario señalar algunos matices que permiten entender la experiencia de las mujeres guerrilleras tomando como base los diferentes momentos históricos del ELN, los cambios producidos por sus miembros y dirigencia; así como variables educativas, de procedencia urbana y rural, y motivos de vinculación.

Cabe resaltar que este análisis no es exhaustivo porque el número de las fuentes es mínimo para poder plantear algunos resultados más concluyentes. Lo que si se pretende, es poder señalar a partir del cruce de algunas fuentes, como las entrevistas realizadas en el marco de esta investigación y de otros estudios, la particularidad en el tema de los roles, de lo político y de lo militar.

Con respecto a la **igualdad** que se promovió en los grupos guerrilleros al plantear la distribución de actividades sin distinción de género, se tuvo dos tipos de efecto: para algunas mujeres significó un espacio emancipador y transformador de prácticas tradicionales; mientras que para otras, tal igualdad no trascendía ni cuestionaba las verdaderas estructuras de dominación y desigualdad entre hombres y mujeres en la guerrilla. En la siguiente tabla, se muestran algunas características de cada interpretación:

TABLA N° 05 - Igualdad y Diferencia

	Espacio emancipador	Espacio de otro tipo de subordinaciones
Tareas cotidianas	Generalmente para las mujeres campesinas y que venían de contextos violentos, pobres y machistas; la guerrilla significó la transformación de la división sexual tradicional en actividades como cocinar, lavar, el cuidado de los otros.	Generalmente para mujeres de procedencia urbana, con altos niveles de escolaridad como universitarias y con formación política e ideas feministas, la división de tareas solo se constituía en un paso para cuestionar roles de género tradicionales y relaciones de subordinación y dominación entre hombres y mujeres
Sexualidad y pareja	Aunque se percibían cambios importantes en la distribución de las actividades dentro del campamento, en la pareja se vivían conflictos tradicionales como violencia, infidelidades y control hacia las mujeres.	Se mantenían estructuras muy rígidas frente a la sexualidad, pues este tema fue altamente cuestionado por las mujeres, quienes eran criticadas y acusadas de promiscuidad, mientras que a los hombres usualmente no se les cuestionaba este hecho
Militar	Cuando prevalecía dentro del ELN la propuesta militar, se tendía a exigir a hombres y a mujeres a asumir la identidad del Guerrero y de todos los supuestos que le subyacen, que se pueden sintetizar en valorar la fuerza y renunciar a la sensibilidad.	
Político	Cuando prevalecía lo político en la organización, se abrían posibilidades de participación para las mujeres, se valoraba su entrega y compromiso, se promovía la formación de cuadros políticos y de mandos femeninos.	

Según Nieto (2006), es importante diferenciar la valoración de la experiencia en la vida guerrillera por parte de las mujeres, ya que para unas significó pérdidas o aplazamientos de su proyecto de vida, de su familia, de la maternidad; mientras que para otras, significó ganancias en términos de su identidad, del compromiso político asumido y de haber desarrollado destrezas y habilidades que en su vida actual, les han resultado muy útiles.

Frente al tema de lo militar, las mujeres demostraron desde el nacimiento del ELN contar o desarrollar las destrezas necesarias para hacer parte activa de la guerra. Sin embargo, pese al esfuerzo de mostrar su capacidad, pocas mujeres lograron posiciones de mando frente a la tropa, o si lo lograban, eran permanentemente puestas a prueba, lo cual llevaba a que tuvieran que mejorar a los hombres en ese ámbito.

A mediados de los años ochenta las elenas ya empiezan a cuestionar la escasa participación de las mujeres en los espacios de dirección. Para la misma época, con la fusión del ELN y el MIR-Patria libre en la UC (1987), una mujer – Julia – llega a la Dirección Nacional. Y ella nos decía: no es lo mismo ser dirección siendo mujer. Y, por ejemplo, ella, que venía de una experiencia durísima, de un entrenamiento en Vietnam y todo, todos los días tenía que estar demostrando que era buena. (NIETO, 2006, p. 153-154)

Finalmente, el tema de lo político es un elemento central en el análisis de las transformaciones y permanencias en los debates frente a la diferencia sexual y a las relaciones entre hombres y mujeres que se desarrollaron al interior del ELN. Si bien es cierto, que en los periodos de militarización del grupo armado, se tendía a homogenizar la identidad colectiva de los combatientes generando un proceso de “masculinización” de las mujeres, ellas lograron demostrar ser iguales a los hombres en capacidades y destrezas.

No obstante, en el **plano político**, que configuraba los núcleos de poder y la toma de decisiones, se generaban mayores resistencias para abrir espacio a las mujeres, quienes eran tratadas de manera hostil ya que casi todas las direcciones siempre estuvieron bajo el control de los hombres:

Al principio fue muy difícil en la medida en que fuimos conociendo, haciendo aportes al proceso organizativo, también cuestionamientos a lo que no me parecía, el espacio para las mujeres no era tan fácil. Las direcciones estaban en hombres, el mayor nivel de dirección estaba bajo la responsabilidad de hombres y no era fácil para hombres que estuvieran en la dirección y aun para combatientes que una mujer llegara a trabajar con ellos cosas de formación, incluso en momentos en que tocaba orientar cosas y menos cuando uno no hacía parte del grupo combatiente. Entonces al principio fue difícil, digamos que en general no era la única mujer en esas condiciones, éramos un grupo considerable dentro del cual habíamos varias mujeres y para todas fue la misma sensación una actitud bastante hostil, bastante machista y uno si veía que las condiciones de la combatiente eran un poco difíciles, porque abrirse campo en un espacio de esos y ganarse a pulso los espacios. Fue parte incluso de lo que empezamos a discutir con los mandos de la estructura militar en esa época y logramos, como que la dirección del frente se pudiera dar cuenta que la posibilidad de abrirle más espacio, no sé si es la palabra, de permitir que las mujeres desarrollaran su capacidad allí, enriquecía el trabajo del grupo, entonces, las mujeres muy capaces, inteligentes, muy buenas para lo militar, pero también para la estrategia, para lo político. (Victoria)

Lo político se esboza aquí, mas a manera de preguntas que respuestas, y puede constituirse en un tema de profundización para un nuevo trabajo de investigación sobre el papel y la participación de las mujeres en los grupos guerrilleros. En esta perspectiva, es importante comenzar a reconocer cuál fue la influencia de los discursos feministas y de género dentro de las organizaciones insurgentes, en términos de la reinención de figuras como el Hombre Nuevo y de asumir que todo lo político es personal y lo personal es lo político, tal como lo describe Victoria:

Esa frase del hombre nuevo que hoy le pongo hombre y mujer nueva la aprendí en el LN, efectivamente para poder construir y lograr lo que queremos y lo que hemos intentando construir durante todo este tiempo, parte de la transformación de uno, de esas relaciones con todo el mundo, de cómo vemos la vida. La solidaridad, el trabajo, el convencimiento por estas cosas se logra en el día a día, en lo que hacemos cotidianamente, no solamente en el discurso que a veces hacemos con los espacios

en los que trabajamos. Es en la práctica y yo si estoy convencida de que si no fuera por la posibilidad del trabajo que tuve, la información que recibí y que pude compartir con otras personas, con combatientes, y trabajadores políticos, si no hubiera sido por eso, yo seguramente no hubiera logrado lo que logre. Eso, desde la cotidianidad, desde lo profesional y del espacio como trabajadora social. (Victoria)

CONSIDERACIONES FINALES

La historia de las mujeres o las mujeres en la historia, se constituye en un tema que aún encierran hondos debates en las teorías feministas y en general, en las ciencias sociales. Este doble movimiento de pensar a las mujeres como sujetos históricos, pero al tiempo reconocer su experiencia particular en la historia implica varios riesgos en términos filosóficos y políticos como ya lo señaló Joan Scott (2008), donde no solo se ponen en evidencia los silencios y los olvidos, sino también el error de separar las esferas de lo público y de lo privado en vez de buscar las posibles “conexiones internas entre los ámbitos de la vida y la organización social que ahora se abordan por separado” (2008, p. 47)

Si bien, el pensar las conexiones y las relaciones existentes en temas como la diferencia sexual y las incursiones de las mujeres en escenarios políticos, puede llevar a proponer nuevas perspectivas teóricas y metodológicas, también implica abordar una serie de tensiones “entre la política práctica y la erudición académica; entre los niveles establecidos en el seno de cada disciplina y las influencias interdisciplinarias; entre la actitud atórica de la historia y la necesidad de una teoría para el feminismo” (SCOTT, 2008, p. 35)

Con relación al tema de esta disertación, a partir de investigaciones sobre mujeres y conflicto armado se ha podido conocer cómo se dio la participación de las mujeres en la guerra de independencia en el siglo XIX, en la guerra de los Mil Días, en la época de la Violencia de los años cincuenta y en el conflicto armado que actualmente vive Colombia. Estos estudios buscaron reescribir la historia política del país, donde la preocupación por el tema de género y particularmente por el de las mujeres empieza a llenar los vacíos existentes en la historia oficial.

En el caso de la presente investigación, los objetivos que se trazaron buscaron no solo hacer aportes a la descripción de un fenómeno como lo es la trayectoria de vida de mujeres que hicieron parte del ELN; sino también contribuir en la construcción de los procesos de reconstrucción de memoria e historia en Colombia. Desde esta perspectiva, a continuación se describen los principales resultados del estudio, dejando propuestos otros interrogantes e hipótesis sobre el tema, ya que este tipo de fenómenos encierra una serie de matices que requieren de nuevos abordajes disciplinares, teóricos y metodológicos para futuras investigaciones:

- Es importante diferenciar en el análisis del tema de mujeres y guerrilla, variables como grupo armado, edad, procedencia, escolaridad e historia familiar. Al no tener en cuenta este tipo de elementos, se puede incurrir en plantear algunas generalizaciones frente a esta experiencia, como por ejemplo afirmar que para todas las mujeres, hacer parte de la estructura armada implicó un proceso de masculinización o de identificación con los ideales del hombre guerrero. Por otro lado, el grupo armado define no sólo políticas frente al comportamiento de sus combatientes, sino toda una serie de pautas, discursos, símbolos que configuran las relaciones entre hombres y mujeres al interior del
- El ELN durante sus diferentes etapas como: fundación, crisis, reconstrucción, auge y estabilización, fue generando una serie de criterios para el ingreso de nuevos combatientes. Si bien, en el periodo de surgimiento del grupo se restringió la vinculación de mujeres bajo el argumento de considerarlas incapaces para la vida militar, en el momento en que demostraron desarrollar las habilidades necesarias *-pese a las resistencias de algunos comandante-* se abrió la posibilidad de vinculación a un mayor número de mujeres a la organización.
- Tratar de esbozar una línea de tiempo frente al proceso de vinculación de mujeres al ELN *con base en los relatos de las entrevistadas*, podría caracterizarse de la siguiente manera: **años sesenta y setenta**: baja participación de mujeres debido a las políticas de vinculación del grupo; **años ochenta y noventa**: aumenta la vinculación de mujeres e ingresan no sólo mujeres de áreas rurales, sino también mujeres de ciudades y universitarias. En este periodo, el ELN establece que los postulantes a guerrilleros deben tener formación política y haber participado en movilizaciones, marchas, tomas de tierra, etc.; **finales de los años noventa en adelante**: el ELN relativiza sus criterios de vinculación a partir de la agudización del conflicto armado y de la pérdida de un gran porcentaje de combatientes. En estos años ingresan mujeres y hombres con baja formación política y motivados por razones de tipo económico, venganza o identificación con la vida militar y con las armas.

- Cuatro de las cinco mujeres quienes ingresaron en los años ochenta a la organización insurgente, lo hicieron por motivos políticos. En el desarrollo de sus trayectorias de vida, antes de decidir vincularse a la guerrilla, habían participado en movimientos sociales, organizaciones campesinas y conocían de antemano a la organización.
- La teología de la Liberación y la Revolución Nicaragüense, tuvieron una gran influencia en los procesos de formación política con organizaciones sociales debido a que el ELN estableció una relación de ayuda y colaboración con las guerrillas centroamericanas. Asimismo, la organización insurgente al estar influenciada por doctrinas cristianas (leídas desde el marxismo) generó identificación y confianza principalmente con jóvenes que hacían parte de iglesias donde algunos sacerdotes se identificaban con este tipo de causas.
- Dadas las condiciones del contexto de los años ochenta en Colombia y del desarrollo de políticas represivas que fueron copiadas de gobiernos con dictaduras de América del Sur -como el *Estatuto de Seguridad del presidente Turbay Ayala*- se realizaron persecuciones políticas y amenazas a miembros de la oposición política o a activistas de derechos humanos, llevando a que dos de las cinco mujeres entrevistadas tuvieran que ingresar a la guerrilla para proteger su vida. Es necesario señalar que las cinco mujeres se vincularon a la guerrilla por convicción; para cuatro de ellas, este proceso hizo parte de su trayectoria política que comienza con su participación en grupos juveniles, comunidades eclesiales de base, organizaciones campesinas, entre otras. Solo María quien se vincula a finales de los años noventa, lo hace por razones distintas a la motivación política y en un contexto donde los criterios de ingreso al grupo armado cambiaron a razón de la nueva configuración del conflicto armado.
- **La Escuela de Combatientes** se constituye en uno de los ritos más importantes para el ingreso al ELN. En este proceso que demora entre tres y cuatro meses, las mujeres se entrenaron en lo militar, lo político y en conocer la historia del grupo guerrillero, así como sus máximos referentes identitarios como El Ché, Camilo Torres, Manuel Pérez, Milton Hernández y Nicolás Rodríguez Bautista (Gabino).

- Las mujeres igualaron a los hombres en destrezas militares; sin embargo, en el tema de lo político tuvieron mayores restricciones, pues pocas consiguieron llegar a instancias de dirección o a asumir mandos superiores. En los relatos se conoce que las mujeres con mayores destrezas militares o con formación académica ocuparon mandos medios, y solo con algunas excepciones, llegaron por ejemplo al Comando Central o a la Dirección Nacional. Este tipo de hechos se constituyó en una preocupación para algunos comandantes de la Dirección Nacional, tal como lo relató Elena quien hizo parte de una estrategia interna del ELN para fortalecer la participación de las mujeres en los procesos de toma de decisiones y de formación política durante los años ochenta.
- Las relaciones entre hombres y mujeres dentro de la guerrilla se caracterizaron (según los relatos) por ser relaciones de respeto, de apoyo, de preocupación y de cuidado hacia las mujeres. No obstante, se presentan casos de acoso sexual, discriminación y violencia física entre las parejas.
- En el momento de vinculación de un mayor número de mujeres universitarias a la guerrilla, se empieza a cuestionar prácticas de sumisión por parte de algunas mujeres a sus compañeros. De igual forma, la sexualidad se constituye en un tema de preocupación y de regulación para el grupo armado, puesto que presentaba dos dificultades: los embarazos y la promiscuidad. Estas dos situaciones pasaron a ser controladas por cada Frente: en primer lugar, para poder tener hijos, se debía solicitar a la Dirección Nacional un permiso que autorizara la conformación de la pareja y el posterior embarazo. En segundo lugar, respecto a la pareja y a la sexualidad, aunque se presentaban uniones sucesivas, el ELN exigía la monogamia en las relaciones y se censuraba la promiscuidad principalmente a las mujeres.
- El retorno a la vida civil se constituye en uno de los procesos más dolorosos para las mujeres que tuvieron hijos. El tema de la maternidad, en este sentido, fue uno de los más difíciles de regular, pues aunque el ELN permitía a las parejas estables tener hijos, se tenían que separar de ellos y dejarlos con amigos o familiares cercanos. Esta situación la vivieron hombres y mujeres de manera distinta, puesto que los hombres no

“abandonan” a sus hijos, pues casi siempre tenían dos mujeres: la madre de sus hijos en el mundo civil y la compañera de lucha en la guerrilla. Para las mujeres, esta situación produjo fuertes lesiones en su vida emocional, pues la culpa y el dolor de dejar a sus hijos se sumó al hecho de querer vivir o reconstruir las relaciones con ellos en el momento del retorno a la vida civil.

- A partir de los elementos señalados por Joan Scott (2008) para abordar el tema de la diferencia sexual al interior del ELN como: los símbolos, la identidad, los conceptos normativos y las instituciones y organizaciones sociales, se pueden sintetizar algunos hallazgos como:
 - Dentro de la historia oficial del ELN no se encuentran símbolos o referentes de mujeres que se constituyan en identidades alternativas al héroe hombre y guerrillero. Si bien, no aparecen como tales en los documentos internos o en la historia que se viene escribiendo del grupo, surgen algunos nombres de mujeres que participaron desde sus inicios en la guerrilla. Este tema se puede constituir en un trabajo de investigación.
 - Con relación al tema de la igualdad y la diferencia, esta disertación no busca ser conclusiva. Al contrario, este tema en particular al ser abordado desde las categorías propias de una discusión feminista que aún está presente, termina siendo de difícil abordaje porque se cae en el riesgo de negar las diferencias o de esencializar una identidad femenina que se “pierde”. Lo único que se puede afirmar, es que al igual que en otros escenarios masculinos, cuando las mujeres entran a disputarse lugares, reconocimiento o a desarrollar destrezas propias de esos campos, terminan asumiendo comportamientos masculinos para conseguir el capital simbólico que se encuentra en disputa, en términos de Bourdieu. Este hecho (como hipótesis) puede significar la construcción de nuevos referentes identitarios o de nuevas formas de vivir la diferencia sexual, así como también efectivamente, puede implicar para algunas mujeres, la transformación total de su identidad.

- Frente al tema de la igualdad y la diferencia, la guerrilla por consiguiente, pudo constituirse como un espacio emancipador para algunas mujeres, principalmente las mujeres campesinas y pobres; mientras que para mujeres universitarias y de contextos urbanos, la guerrilla continuaba siendo un escenario “patriarcal” que en ocasiones era cuestionado con temas como la sexualidad, lo afectivo y la maternidad, que subvertían el orden creado al interior del ELN transformando patrones de relacionamiento entre hombres y mujeres.

Finalmente, con respecto a los objetivos planteados en esta disertación, se buscó articular desde lo teórico y lo metodológico el sujeto con la estructura, con el fin de trascender una visión subjetivista de las trayectorias de vida. En esta perspectiva, se trabajó desde un enfoque histórico cada una de las historias, articulando aspectos propios del contexto del país que fueron nombrados en las entrevistas con los de mayor relevancia en el tema de la guerra y la historia del ELN.

Cada trayectoria individual se constituye así, en una historia que narra un país en guerra y unos sueños de transformación, donde cada una de las cinco mujeres buscó forjar un camino propio, diferente y que cambiara su realidad, abriendo nuevos campos para el ejercicio de la política. Por esta razón, la vida en la guerrilla se constituyó para estas mujeres en una experiencia que les permitió saberse capaces de hacer cualquier cosa, reconocerse desde la creatividad, desde la posibilidad de transformación y desde la búsqueda por ser mujeres “distintas” a las imágenes que recuerdan de sus madres, hermanas o de otras figuras femeninas.

REFERENCIAS

AGUILERA, Mario. Las guerrillas y las construcciones de poder popular. In: ESTRADA, Jairo. **Marx Vive**. Bogotá: Universidad Nacional, 2006. p. 339-351.

ÁLVAREZ, Miguel ; AGUIRRE, Julián. **Guerreros sin sombra. Niños, niñas y jóvenes vinculados al conflicto armado**. Bogotá: Procuraduría General de la Nación – ICBF, 2002.

ANTEQUERA, José. **La memoria histórica como relato emblemático**. Bogotá, Corcas Editores, 2011.

ARAUJO, María P ; SEPÚLVEDA, Myrian. História, memória e esquecimento: implicações políticas. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, 2007.

ARENAS, Jaime. **La guerrilla por dentro**. Bogotá: Icono, ([1971] 2009).

BLAIR, Elsa. **Conflicto armado y militares en Colombia**. Antioquia: Universidad de Antioquia, 1998.

BLAIR, Elsa ; LONDOÑO, Luz María. Experiencias en la guerra desde la voz de las mujeres. **Revista Nómadas** - Departamento de Investigaciones Universidad Central, Bogotá, n.19, 2003.

BONILLA, Elsy ; RODRÍGUEZ, Penélope. **Más allá del dilema de los métodos: la investigación en ciencias sociales**. Bogotá: Editorial Norma – Universidad de los Andes. Tercera edición, 1997.

BOURDIEU, Pierre. **Algunas propiedades de los campos**. México: Conaculta, Sociología y cultura, 1990.

_____. **Conversación: el oficio del sociólogo**. In: CAPITAL, CULTURAL, escuela y espacio social. Madrid: Siglo XXI, 1997.

_____. **Cuestiones de Sociología**. Madrid : España Ediciones: Istmo, S.A, 2000.

_____. **El sentido práctico**. Madrid: Taurus, 1991.

_____. **Las Reglas del Arte. Génesis y estructura del campo literario**. Barcelona: Anagrama, 1995.

_____. **Razones prácticas. Sobre la teoría de la acción**. Traducido por Thomas Kauf. Barcelona: Editorial Anagrama, 1997.

_____. ; WACQUANT, Loïc. J.D. **Por una antropología reflexiva**. México: Editorial Grijalbo, 1995.

- CÁRDENAS, José. **Los parias de la guerra. Análisis del proceso de desmovilización individual.** Treinta historias de excombatientes guerrilleros o paramilitares. Como se entrena y se vive en ambos mandos. Bogotá: Ediciones Aurora, septiembre de 2005.
- CASTILLO-TIETZE, Diana. **De actoras en armas a sujetos sociales:** niñas excombatientes y procesos de desarme, desmovilización y reinserción. Bogotá: FEDES, 2010.
- CHERNICK, Marc W. Introducción. Aprender del pasado: breve historia de los procesos de paz en Colombia (1982-1996). **Revista de la Universidad de los Andes**, Bogotá, n.36, p.4-8, Octubre - Diciembre 1996.
- CHERPAK, Evelyn. **La participación de las mujeres en el movimiento de independencia de la Gran Colombia, 1780-1830.** Mujeres latinoamericanas. Perspectivas históricas. Westport, Connecticut and London : Greenwood Press, 1978. p.253-270.
- CONWAY, Jill ; BOURQUE, Susan ; SCOTT, Joan. (1987). **El concepto de género. El género: la construcción cultural de la diferencia sexual.** México, D.F. : Porrúa - UNAM, 1996. p. 21-33.
- DUARTE, Carlos ; CÁRDENAS, Carlos F. Fusiles de madera: rituales de paso y procesos de inserción simbólica en la guerrilla colombiana. **Revista Maguaré**, Cali, Colombia, n.22, p.293-338, 2008.
- ESTRADA, Ángela M. Los estudios de género en Colombia: entre los límites y las posibilidades. *Nómadas*, Bogotá, n.6, marzo 1997.
- FERRAROTTI, Franco. Las historias de vida como método. **Revista de Ciencias Sociales**, n.44, p.15-40, mayo-agosto2007.
- FORERO, Juliana. **Feminismos postfeministas en construcción.** Bogotá: Alcaldía Mayor de Bogotá. 2008. (Memorias de la Ciudad)
- GONZÁLEZ, F. ; BOLÍVAR, I. ; VÁZQUEZ, T. **Violencia Política en Colombia. De la nación fragmentada a la construcción del Estado.** Bogotá: CINEP Centro de Investigación y Educación Popular, 2003.
- GRABE, Vera. **Razones de vida.** Bogotá: Planeta, 2000.
- HERNÁNDEZ, Milton. **Rojo y negro: aproximación a la historia del Ejército de Liberación Nacional Comandante.** Bogotá: 1998.
- HUYSSSE, Andreas. Resistencia a la Memoria: los usos y abusos del olvido público. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO – INTERCOM, 27., 30 de agosto a 3 de setembro de 2004, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre : Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação : PUC-RS, 2004.
- IBARRA, María E. Guerrilleras y activistas por la paz en Colombia: incursión política y rupturas identitarias.: **Pensamiento psicológico** - Pontificia Universidad Javeriana, Cali, Colombia, v.4, n.11, p.65-84, 2008.
- JELIN, Elizabeth. **Los trabajos de la memoria.** Madri: Siglo XXI Editores, junio 2002.

JELIN, Elizabeth ; KAUFMAN, Susana G. **Subjetividad y figuras de la memoria**. Madrid: Siglo XXI Editores, 2006.

KORNBLIT, Ana L. **Metodologías cualitativas en Ciencias Sociales**. Modelos y procedimientos de análisis. Argentina: Editorial Biblos – Metodologías, 2007.

LAMAS, Marta. **Género, algunas precisiones conceptuales**. Conferencia Magistral presentada en el XIII Coloquio Anual de Estudios de Género. México, noviembre 2004.

LAMUS, Doris. **La trasgresión de la cultura patriarcal: Movilización feminista en Colombia (1975-1995)**. Universidad Autónoma de Bucaramanga. Artículo tesis doctoral titulado «De la subversión a la inclusión: movimiento(s) de mujeres de la segunda ola en Colombia», en proceso de publicación, 2009.

LARA, Patricia. **Las mujeres en la guerra**. Bogotá: Planeta, 2000.

LECHNER, Norbert ; GÜELL, Pedro. Construcción social de las memorias en la transición Chilena. En: JELIN, Elizabeth ; KAUFMAN, Susana G. **Subjetividad y figuras de la memoria**. [S.l.: s.n.], 2006.

LONDOÑO, Luz M. La Corporalidad de las guerreras: una mirada desde las mujeres combatientes desde el cuerpo y el lenguaje. Mujeres y guerra. **Revista de Estudios Sociales** - Universidad de los Andes, Bogotá, p. 67-74, 2005.

LONDOÑO, Luz M. ; NIETO, Yoana. **Mujeres no contadas: procesos de desmovilización y retorno a la vida civil de mujeres excombatientes en Colombia 1990-2003**. Medellín: La Carreta editores, 2006.

LUTZ, Bruno. Estructura y Sujeto: Perspectivas teóricas desde las ciencias sociales. **Cinta de Moebio**, p.155-166, Septiembre 2007.

MEDINA, Carlos G. **Ejército de Liberación Nacional. Notas Para una Historia de las Ideas Políticas. ELN (1958-2007)**. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, 2007.

_____. **Las FARC - EP y el ELN. Una historia política comparada (1958-2006)**. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, Facultad de Ciencias Humanas, 2008.

_____. **Conflicto armado y procesos de paz en Colombia. Memoria casos FARC-EP y ELN**. Bogotá: UNIJUS, 2009.

MEERTENS, Donny. **Mujeres en la guerra y la paz: cambios y permanencias en los imaginarios sociales**. En IX Cátedra Anual de Historia Ernesto Restrepo Tirado. Mujer, nación, identidad y ciudadanía: Siglos XIX y XX. Bogotá: Ministerio de Cultura, 2005.

NASI, Carlo. Respuesta al debate 14: Guerra Civil. **Revista de Estudios Sociales**, Bogotá, n.15, p.159-162, 2003.

NASI, Carlo ; RETTBERG, Angelika. Los estudios sobre conflicto armado y paz: un campo en evolución permanente. **Colombia Internacional** (Universidad de los Andes), Bogotá, n.62, p.64 – 85, jul - dic 2005.

- NIETO, Yoana V. **Esbozos para una historia del ELN desde la voz de las mujeres..** Medellín: Universidad Nacional de Colombia, Sede Medellín - Facultad de Ciencias Humanas y Económicas. Escuela De Historia, 2006.
- PALACIOS, Marco. **Violencia pública en Colombia 1958-2010.** Bogotá: Fondo de Cultura Económica, 2012.
- PANAIA, Marta. El aporte de las técnicas bibliográficas a la construcción de teoría. **Espacio Abierto**, Maracaibo, Venezuela, v.13, n.1, p.51-73, enero-marzo 2004.
- PATIÑO, María R. La investigación sobre Género y Conflicto Armado. **Revista Eleuthera**, v.3, n. 03, p.127-164, enero - diciembre 2009.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.2, n. 03, p.3-15, 1989.
- PUJADAS, Joan J. El método biográfico y los géneros de la memoria. **Revista de Antropología Social** - Universidad Rovira I Virgili, p.127-158, 2000.
- RICOEUR, Paul. **La lectura del tiempo pasado: memoria y olvido.** Madrid: Arrecife, Universidad Autónoma de Madrid, 1999.
- RINCON, John J. **Diciendo la verdad a medias? Silencios y verdades sobre la tierra y el territorio en las versiones de justicia y paz en Colombia. (2007 – 2010).** Bogotá: Colectivo de abogados José Alvear Restrepo, 2010. (Documento elaborado para el Comité de solidaridad con los presos políticos).
- _____. **De café a oscuro: conflicto social y producción cafetera en el Norte del Tolima. (El Caso de El Líbano).** Monografía elaborada como Requisito de Grado para Optar al Título de Sociólogo. Bogotá: Departamento de Sociología Facultad de Ciencias Humanas Universidad Nacional de Colombia, Mayo de 2001.
- RITZER, George. **Teoría Sociológica Contemporánea.** España: McGraw-Hill, Primera edición, 1993.
- PÁEZ, Erika. **No queremos que nos limiten nuestros sueños de niña.** Las niñas en el conflicto armado en Colombia. Bogotá: Terre des Hommes. Save the Children, 2002.
- RODRÍGUEZ, Nubia. **Acción colectiva, violencia política y género: el análisis de las organizaciones insurgentes político-militares en Colombia: el Ejército de Liberación Nacional (ELN) actor de referencia.** Madrid: Universidad Complutense de Madrid- Facultad de Ciencias Políticas y Sociología. Departamento de Sociología I (Cambio Social). Doctorado en Dinámicas de la Sociedad Contemporánea, 2009.
- SÁNCHEZ, O. A. El movimiento social de mujeres. La construcción de nuevos sujetos sociales. En: **LAS MUJERES en la historia de Colombia**, Tomo I. Bogotá: Norma Editores, 1995.
- SANTAMARÍA, C ; MARINAS, J. Historias de vida e historia oral. Em: DELGADO, J. ; GUTIÉRREZ, J. (Coords.). **Métodos y técnicas cualitativas de investigación en ciencias sociales.** Madrid, 1999. p.257-285.

SCOTT, Joan W. Igualdad versus diferencia: los usos de la teoría postestructuralista. **Feminist Studies**, v.14, n.01, 1998.

_____. **Género e Historia**. México: Fondo de Cultura Económica, Universidad Autónoma de la Ciudad de México, 2008.

SIERRA, Francisco. Función y sentido de la entrevista cualitativa en investigación social. En: GALINDO CÁCERES, Luis Jesús (Coord.). **Técnicas de investigación en sociedad, cultura y comunicación**. México: Editorial Pearson, 1998.

THOMAS, Florence. **Conversaciones con Violeta. Historia de una revolución inacabada**. Bogotá: Aguilar, 2006.

TORRES, Jaime G. Individuo, estructura y práctica social: tres debates en ciencias sociales. **Espiral**, n.18, p.35-63, Enero-Abril 2011.

VALENCIA, Alonso. **Mujeres Caucanas y Sociedad Republicana**. Santiago de Cali, Colombia: Anzuelo Ético Ediciones, 2001.

VARGAS, Alejo. La democracia colombiana tratando de salir de su laberinto. **Reflexión Política**, Bucaramanga, año 2, n.3, junio [2012?].

VÁSQUEZ, María E. **Escrito para no morir: Bitácora de una militancia**. Bogotá: Ministerio de Cultura, 2000.

_____. **Diario de una militancia. Las violencias: inclusión creciente**. Bogotá: Jaime Arocha, Fernando Cubides y Miriam Jimeno (Eds.) : Centro de Estudios Sociales- CES, 1998. p.266-285.

VELÁSQUEZ, Magdala. **La condición de las mujeres colombianas a fines del siglo XX. En Nueva Historia de Colombia**. Santafé de Bogotá: Planeta Colombiana Editorial, 1998. V.IX.

VIVEROS, Mara. El concepto de “género” y sus avatares: Interrogantes en torno a algunas viejas y nuevas controversias. En: MILLÁN, Carmen; ESTRADA, Ángela M. **Pensar (en) género. Teoría y práctica para nuevas cartografías del cuerpo**. Bogotá: Editorial Pontificia Universidad Javeriana, 2004.

WALLERSTEIN, I. Mudando a Geopolítica do sistema - mundo 1945 - 2025. En: SADER, Emir ; SANTOS T. **A América Latina e os Desafios da Globalização**. Rio de Janeiro: PUC-Rio ; Sao Paulo: Boitempo Editorial, 2009.

WILLS, María E. Mujeres en armas: ¿avance ciudadano o subyugación femenina? **Revista Análisis Político**, Bogotá, n.54, p.63-80, 2005.

_____. **La memoria histórica desde la perspectiva de género, conceptos y herramientas**. Bogotá: Grupo de Memoria Histórica, 2011.

Sitios consultados en internet

ARCHILA, Mauricio. Colombia en el cambio de siglo: actores sociales, guerra y política. **Nueva Sociedad**, n.182. Nov-Dic 2002. Disponible en:

[http://www.nuso.org/upload/articulos/3089_1.pdf]. Acceso en: 15 de noviembre de 2012.

BAHAMÓN, Silvia. (SF). Disponible en: [<http://reliefweb.int/node/203258>]. Acceso en: 15 de Noviembre de 2011.

COLOMBET, Thomas. Los desafíos de la Colombia de Uribe: una perspectiva histórica desde la violencia. Disponible en: [<http://www.revcienciapolitica.com.ar/num9art11.php>]. Acceso en: 10 de noviembre de 2010.

CIFUENTES, María. La investigación sobre género y conflicto armado. **Revista Eleuthera**, v.3, p.127-164, enero - diciembre 2009. Disponible en: [http://eleuthera.ucaldas.edu.co/downloads/Eleuthera3_5.pdf]. Acceso en: 22 de noviembre de 2011.

CINEP, JUSTICIA Y PAZ. Disponible en: [www.nocheyniebla.com]. Acceso en: 23 de Septiembre de 2007.

CRÍMENES DE LESA HUMANIDAD EN LA ZONA V 1966 – 1998. Colombia Nunca más. Memoria de crímenes de Lesa Humanidad. Disponible en: [<http://www.movimientodevictimas.org/~nuncamas/images/stories/zona5/analisis.pdf>]. Acceso en: 18 de noviembre de 2012

FAJARDO, Darío. **Los Problemas del Campo y el Debate Electoral**. Disponible en: [http://www.razonpublica.com/index.php?option=com_content&view=article&id=991:los-problemas-del-campo-y-el-debate-electoral&catid=19:politica-y-gobierno-&Itemid=27]. Acceso en: 15 Mayo de 2011

HUERTAS, María A. Reseña del libro **Feminismo y Conocimiento**. De la experiencia de las mujeres al Ciborg. **UOC Papers**, n.6, 2008. Disponible en: [<http://www.uoc.edu/uocpapers/6/dt/esp/huertas.pdf>]. Acceso en: 10/11/2011

EL TIEMPO. (1993) Disponible en: [<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-94010>]. Acceso en: 21 de noviembre 2012.

REINICIAR. El genocidio contra la Unión Patriótica (Colombia). (2006). Disponible en: [<http://www.colectivodeabogados.org/EL-GENOCIDIO-CONTRA-LA-UNION>]. Acceso en: 17 de noviembre de 2012.

ROMERO, Marco. (SF). **Las dinámicas de reestructuración de la guerra en Colombia**. Intervención hecha durante el panel: Dinámicas de la Guerra en Colombia. Un balance de la administración Uribe. Disponible en: [www.indh.pnud.org.co/files/rec/Dinamicas_reestructuracion]. Acceso en: 20 de noviembre de 2012.

VÁSQUEZ, Teófilo. **Actores armados en la década de los noventa**. 2003. Disponible en: [www.acnur.org/biblioteca/pdf/3820.pdf]. Acceso en: 11 agosto de 2011].

VERDAD ABIERTA. **El comienzo: los años del MAS y las Autodefensas del Magdalena Medio (1981-1991)**. Disponible en: <http://www.verdadabierta.com/articulo-1-periodo-1>. Acceso en: 25 de noviembre de 2012.

**APENDICE A - ANALISIS VERTICAL DE TRAYECTORIAS DE VIDA DE MUJERES QUE ASUMIERON CARGOS DE MANDO
DENTRO DEL ELN**

Trayectoria	Victoria	Camila	Elena
Perfil	<p>Nace en el 1973 38 años Antioqueña Sin hijos Educación superior - agrónoma Activista política – miembro de organizaciones sociales Trabajo político orientado a la formación y a la defensa del campo, soberanía alimentaria, agroecología Pareja estable Dolores en el cuerpo: problemas de salud No quiere que se conozca su historia todavía</p> <p>CRONOTROPIA 1973: nacimiento 1985: 12 años. decide irse sola de la casa a vivir al pueblo para estudiar 1989: 16 años regresa a estudiar después de haber ido nuevamente a vivir a su casa por su madre enferma 1997: 24 años. Amenazada y sale del pueblo por su vinculación con el ELN</p>	<p>Nace en 1973 Llanera – Arauca o Santander? Vive con la madre y cuatro hijos 28 años Asesinan a su padre y después a su hermano estando en la guerrilla No quiere que se conozca su historia todavía. Está buscando tener una familia y un esposo que acepte a sus hijos Quiere desarrollarse profesionalmente</p> <p>1973: nacimiento 1981-82: asesinan al padre y ella tenía 9 años 13 años: líder en toma de tierras 16 años decide tener un hijo</p>	<p>Nace en 1972 Santandereana Tiene una hija con quien vive Socióloga – activista política</p> <p>GIOCONDA BELLI. UNA ERA LA MADRE DE SUS HIJOS OTRA ERA LA COMPAÑERA DE LUCHA.</p> <p>Mayor ruptura esta en aplazar la maternidad o haber dejado los hijos al cuidado de alguien más La Anuc se fortalece en Santander</p>
Fecha de ingreso y salida del grupo armado - tiempo de militancia	<p>Vinculada más o menos 10 años desde los 16 a los 24 años aproximadamente. Se retira por diferencias con el grupo. Continúa trabajando con organizaciones campesinas</p>	<p>Vinculada 15 años Se dedicó a la parte social más que a la armada Vivió procesos organizativos campesinos. Del 97 al 99: se desvincula de la parte armada de la guerrilla. Se fue alejando y se fue quedando al lado de los pueblos y vivió la situación de los corregimientos y veredas</p>	

<p>Cargos o lugares que ocupo</p>	<p>Mando formación de combatientes en lo político Formación de campesinos y fortalecimiento de procesos organizativos – discurso de defensa del campo, soberanía alimentaria y territorio.</p>	<p>Mando Trabajo comunitario organizativo</p>	<p>Mando medio – contacto de la DN con el frente Martínez Quiroz.</p>
<p>Contexto</p>	<p>Contexto de la década del 90 Crisis cafetera y de los campesinos Acercamiento con grupos guerrilleros en zonas rurales Ideas sobre la guerrilla – relación con las comunidades Guerrilla controlaba lagunas zonas rurales buscaba mejorar la situación de los campesinos de abusos de los dueños de las haciendas Los trabajadores dormían en el piso en costales sobre la tierra, comida mala en época de bonanza cafetera Años 90 - Guerrilla llegaba a las fincas no en actitud de violencia o fuerza como apoyo a los campesinos La guerrilla llegaba con medicamentos, comida, organizaba a la gente para arreglar los caminos y los comandos ayudaban en esa labor. Relación muy bonita con la gente y la guerrilla 96 – 97 llegaron los paramilitares asesinando, violando las niñas y la guerrilla confronta y protege a los campesinos En la infancia en esa zona no había luz, tenían imagen de los guerrilleros mechudos, barbados, violadores, obligaban a las mujeres a acostarse con ellos</p>	<p>Región empieza a tener problemas 1981 - MAS grupo que asesina al padre. Este grupo imponía una especie de control por medio de un carnet – ponían fechas para que se presentaran al ejercito El MAS controlaba esa región, empezaron a incidir en regiones económicamente buenas 85 - Empezaron a asesinar a gente de la UP Mataban dirigentes y se incrementan las protestas sociales por los asesinatos. Protestas campesinas de la ANUC por tierras A Luchar Juco – movimiento de jóvenes UP en todo su apogeo Confrontación con la fuerza pública En esa época asesinan a mucha gente, el campo dejo der ser rico como eran antes, los paramilitares y el ejército acabaron con la población y la guerrilla no pudo hacer nada para detener. La guerrilla intento mucho, pero desaparecieron y asesinaron a mucha gente. Esto genero impotencia en la guerrilla no se pudo hacer nada por la situación política del país. El estado se metió con la guerra sucia y fue muy duro Los vínculos entre paramilitares y militares fueron clave para adelantar la guerra sucia. El estado contra la gente es una guerra desigual y la justificación del estado era que</p>	<p>Sapa manga en Santander 80 al 85: Empieza una época de asesinatos y desapariciones. el cura es trasladado de parroquia Coordinadora obrero campesina y popular. Santander y zonas aledañas comienzan a fortalecer el movimiento campesino Época del parto del nororiente colombiano ella tenía 14 o 16 años Asesinan al padre Bernardo López que era un sacerdote Eleno Bernardo López Mayo 25 de 1987. Fue muy cercano a los grupos de Golconda--movimiento de sacerdotes rebeldes surgido después de la muerte de Camilo Torres--, pero se identificó más con aquellos que rechazaban la lucha armada como opción cristiana. Fue siempre un pacifista de convicción, y en esto se identificaba plenamente con sus tres hermanos, también sacerdotes, Gonzalo, Jesús y Elí, quienes afirman que "somos cristianos y como tales rechazamos las dos clases de violencia, la institucionalizada y la guerrillera. Ambas son anticristianas y antievangélicas". La incidencia de la revolución nicaragüense sandinista. De las música, la religiosidad, hermanos Mejía Godoy. Aprendía de las armas desde la canción popular, la opción por los pobres. Las mujeres expropiadas y explotadas. Misa campesina es nicaragüense. Había un intercambio importante entre Colombia y Nicaragua (Leonor Esguerra) eso nutrió mucho ideas de solidaridad, fraternidad, soñar en utopías. Asesinan al padre a maestros, los estaba asesinando la mano negra. El paro del oriente colombiano fue en el 87 – ella tenía 17 años y en ese paro los detienen.</p>

		<p>estaba matando gente guerrillera A la gente la mataron no porque fuera guerrillera, sino por las tierras, la riqueza y desarrolla megaproyectos. (informe de HRW) Años 90: luchas de los campesinos por sus necesidades reivindicaciones de derechos 97 – 98: el Estado asesina y despliega toda la guerra sucia en contra de la población campesina (Tierras libro despojo y el otro) bloque económico a los pueblos, de medicinas, Mujeres, niños sufriendo de hambre y se creó una estrategia para que los campesinos huyeran antes de cada operativo para evitar que los mataran. Quemaban todo y robaban, los campesinos después llegaban y volvía a reconstruir sus casas 99-203 fueron los años más difíciles y no pudo regresar a continuar trabajando con los campesinos.</p>	<p>Cuando está en el ELN comienzan a ver la llegada de la Drumond y el problema con los recursos naturales. El ELN tenía cartillas donde se explicaban estos temas. Con la llegada de la Drumond llegaron también los grupos paramilitares, los campesinos resistieron, pero fueron desplazados, asesinados. Sin embargo quedo una base formada políticamente. Años 80 - En ese momento el ELN tenía con las comunidades una relación de apoyo, ayuda y escuchaban a la comunidad. Era la razón de la existencia del grupo. Sucede un día que otro mando dio la orden de asesinar a un joven campesino por haber hecho parte del ejército. Ese error lo asume el ELN ALGUNOS EPISODIOS DEL GRUPO:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Cuestiona que una muchacha no quería separarse de su compañero. Cuestiona el compromiso con el grupo y la no priorización del trabajo. Ella le discute ese tipo de cosas a través de correspondencia que tuvieron durante un tiempo. - Llego un niño al cual le habían asesinado a sus padres y Ricardo no lo quería aceptar. Ella dijo que no lo podían dejar votado y llegaron al acuerdo de tenerlo hasta buscarle una familia. <p>1991 asesinato de Ricardo. Llegada a la zona de grupos paramilitares, incidencia en toda la parte nororiental por parte del ELN. Guajira, Sur Cesar. Simón Trinidad por parte de las FARC hace la investigación de la muerte de Ricardo y concluyen que lo asesinaron los paramilitares por orden de un ganadero. En ese momento también el ELN estaba sufriendo de contradicciones políticas por la fusión con el MIR patria Libre. De ahí surge el nombre de Unión Camilista ejército de liberación nacional. Esto genera después una ruptura interna, ella siente que el MIR utiliza al ELN para lograr acuerdos con el gobierno por necesitar una fuerza militar más que política.</p>
--	--	---	--

<p style="text-align: center;">Trayectoria familiar</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Nace y crece en un espacio campesino, católico, rígido, machista - Infancia feliz sin juguetes - Por ser la menor fue muy consentida - 4 hijos, murieron después de nacer. 14 años de diferencia con los hermanos. - Madre enferma con 19 partos mal logrados. - Educada con mucho amor - Madre enferma por el humo de la leña del fogón - Padre con muchas deudas en el banco agrario - Padre figura muy fuerte, inculco valores como respeto, honradez - Padre quería retribución de lo que él había hecho con sus hijas si ellas no quedaban embarazadas. Era el honor de la familia. - Padre muere de un infarto y deja una niña de 2 años con la nueva esposa 	<ul style="list-style-type: none"> - Niñez bonita - Menor de 9 hijos - Recuerdos fuertes del padre: persona trabajadora, humilde, bondadosa y dedicada al hogar. Rígido - Protegía a toda la familia - Familia de 6 mujeres y 3 hombres - No recuerda que el padre le haya pegado, la consentía mucho - Fue a la escuela y respetaban que era niña, a los hermanos les tocaba trabajar - El padre les inculcaba que no fueran a tener vicios - El padre les enseñó a leer - al padre le tenían mucha envidia porque era muy visible, tenía 15 perros 6 mujeres y todos querían cortejarlas - 9 años (1981?): asesinan al padre un domingo – CAMBIA la vida de todos. Tienen que abandonar todo y salir de allí por amenazas porque los mataban a todos - MAS – es quien asesina al padre - Después de la muerte del padre la familia se desintegra, quedan solo la mama con los dos hijos menores. - Intentan cuatro meses más tarde volver a la finca pero no pueden - Los tres se trasladan a una ciudad, empiezan a pasar por situaciones difíciles a sobrevivir. - En su juventud la madre ni los hermanos entendían la responsabilidad grupal que ella tenía y pensaban que estaba en prostitución, lo que lleva a que la presionen. La vida política la llevaba a estar fuera de la casa todo el tiempo 	<ul style="list-style-type: none"> - Su familia es ella y su hijo. La madre murió hace 4 años y la hermana vive en otra ciudad con dos hijos. - Familia santandereana. De formación muy machista. - La madre fue el pilar más fuerte en sus formación - El padre las abandona cuando ella tenía 12 años y a la madre le toco asumir ser papá y mamá - La madre empieza a trabajar y está todo el día fuera de la casa, ella se encarga de la hermana menor – la madre lloraba todas las noches por el abandono y siempre espero que regresara - La madre se quedó esperando toda la vida al padre y nunca quiso tener otra relación por esta razón ella se refugia en el trabajo social - La madre era una mujer fuerte y autoritaria. La ida del padre hace que se vuelva más exigente con sus hijas. - Con la ida del padre ella se cuestiona sobre que una mujer se la pase llorando y esperando al hombre todo el tiempo. - En el ingreso al ELN se pierde comunicación con la madre y la hermana. La madre estuvo muy pendiente de ella por el miedo a que muriera. - La madre nunca puso problema por su participación en el ELN, lo entendió y la apoyó. La mama fue muy solidaria con su situación por dos razones: la primera, evitar que la asesinaran; la segunda, responder solo por una hija, la menor. Nunca le transmitió miedo por su vinculación dentro del GA - La idea del padre las desintegro como familia. La mama se quedaba llorando y eso la hizo entrar en crisis. Sufrieron una fractura interna muy fuerte. - La hermana tuvo resentimiento en contra de ella porque la culpo de una aparente violación o abuso que tuvo cuando niña por haberse ido, pues era ella quien la cuidaba. Por esto desarrollo desequilibrio emocional y una incapacidad de no hacer nada.
--	--	---	---

<p style="text-align: center;">Trayectoria identidad subjetiva</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Cuando niña cocinaba para los trabajadores, sembraba - Sale de la casa a los 12 años al pueblo, trabajar y estudiar y vivía sola - Padre la golpea porque vive sola y la gente le dice que de su cuarto salen hombres - No quería repetir la historia - Buena estudiante, tuvo que dejar de estudiar y volver a la casa porque la madre enfermó. No pudo hacer secundaria - 16 años - regresa después a continuar estudiando en la nocturna - Tenía muchos condicionamientos morales por esto no tenía relaciones sexuales - No deseaba casarse, tener sexo era pecado y condenación. - Continua vinculada a organizaciones campesinas - Cuando decide irse a vivir a una ciudad fue una tragedia para su padre - La experiencia con ELN hace que sea la mujer que es hoy día. - Sensibilidad frente a las injusticias y a la desigualdad - Convencida de un cambio estructural, pero ya no por la vía armada - Cuestiona su contexto y el papel de las mujeres, desea estudiar, no repetir la historia de otras mujeres, salir de ese espacio - Mujer solidaria convencimientos que la situación tiene que cambiar. Mueve la injusticia - Sueños poder construir la relación que tiene - Lo personal es lo político - Continua después de 17 años con el dolor de no haber podido ir al entierro de su padre y de su madre - Después de la muerte de su madre habla con su padre y hermana de su vinculación al ELN. Por qué estaba recibiendo amenazas – padre y 	<ul style="list-style-type: none"> - Cuando niña se definía como picara y maldadosa - Pasaba todo el tiempo en el campo - 3 o 4 años tenía que trabajar tenía tareas específicas. - 8 años tenía que cocinar a 16 trabajadores y al papá - A los 8 años fumo para sentirse mayor. - 13 o 14 años entra por primera vez a una escuela a hacer tercero de primaria - El Padre continua marcando en su adolescencia cuando comienza el trabajo político, se encomendaba a él y no a Dios. - En su trabajo político se asume como una persona inquieta, preguntaba mucho, entusiasmo, lo cual le ayuda a despegarse de su familia - No le gustaba la casa - 14 años pensaba que la vida de la mujer no es crecer, tener hijos, quería cambiar eso que veía en sus hermanas. 5 hermanas casadas después de casarse comenzaban a decaer. Hasta ahí les llegaba la vida. - Quería otra cosa para su vida, estudiar, prepararse - 14 años comenzó con la necesidad estudiar y trabajar. También deseaba tener un hijo joven por el trauma que le genero el asesinato del padre. Alguien que le llenara ese vacío. - Ver a otras mujeres sufriendo y a otras personas le genero sensibilidad social. Pensaba en prepararse para ayudarles - Se sentía líder comunitaria y era reconocida tenía una vida comunitaria muy fuerte - 14 - 16 años decidió tener un hijo, la obligo a dejar de estudiar y terminar la primaria - En su juventud se sentía rebelde, irreverente, radical al tomar decisiones. - Sus sueños eran terminar de estudiar, tocar guitarra, cantar tener un apartamento y estar con el hijo - Sus sueños cambian cuando sale amenazada y tiene que dejar a su familia. Se empieza a involucrar más con la comunidad y asume mayor liderazgo - Nunca quiso ser guerrillera, pero al ingresar al grupo y conocer otras mujeres le pareció bien verlas armadas, con poder y autoridad. 	<ul style="list-style-type: none"> - Era una mujer líder, en el colegio y en la vida comunitaria participaba en varias cosas. - La marca el hecho cuando el padre se va de la casa al ver a su mamá llorar todo el tiempo por él. - Quería ser maestra, y tenía una fuerte inclinación por servir. Ahora se cuestiona el cuento de la religiosidad de darlo todo y de la individualidad. Se cuestiona lo obediente que era por la formación cristiana y que la lleva a no cuestionar algunas decisiones dentro del GA como la separación de su compañero. - Al ver la situación de la madre, ella volcó toda su vida a lo organizativo y a lo juvenil, su familia estaba desestructurada - En el trabajo con grupos comunitarios tiene una formación fuerte en la TL y el proceso es influenciado por la revolución nicaragüense. Se trata de una opción de trabajo religioso de opción por los pobres. - Este trabajo con lo organizativo, la formación con la TL y la huida para salvar su vida le marcan su destino. También estar en la cárcel, eso la llevo a optar por un trabajo más político con el ingreso al ELN - Los que se mantienen vivos del grupo de trabajo de TL mantienen un compromiso radical el resto de su vida. - Ese proceso estuvo marcado por religiosidad popular y comunidades eclesiales de base. - El viejón la marca por sus continuos abusos y por como ejercía su poder militar para acostarse con ella. Se sintió muy agredida, pero fue defendida por el propio hijo del comandante, porque el viejón la iba a matar por no acostarse con él - Después la castiga y no le permite hablar con los miembros de la DN para que no se enteren de sus abusos. - Hace poco termina una relación de pareja y sintió que casi se muere, no sabía cómo enfrentar el dolor con su hija para no afectarla de la manera como su madre lo había hecho. - Se cuestiona que teniendo la formación que tiene haya permitido una relación donde ella sufriera tanto. - Hoy en día se cuestiona o pregunta porque los hombres se alejan, si es por su verraquera o le tienen miedo por algún motivo. - Ella tiene cuestionamientos sobre si la guerra la hizo muy intransigente o “fuerte” y de ahí su estigma como una mujer conflictiva. Ella no ha querido comportarse como otras mujeres que están en cargos de poder y que han sido muy fuertes y tratan muy duro a la gente, particularmente a los hombres. - Le gusta en esta línea, ser tierna, que la acaricien, mantener su forma de hablar y hacer el amor. No quiere endurecerse al punto como si el feminismo fuera hombres en cuerpos de mujeres y aunque respeta a las feministas tiene preocupaciones frente a su comportamiento con los hombres porque para ella la idea no es la predominancia de los hombres sobre las mujeres, porque la idea es construir relaciones equitativas.
---	--	---	---

	<p>hermana la apoyan y están de acuerdo con su participación dentro del grupo</p> <ul style="list-style-type: none"> - Muerte del padre fue doloroso porque se enteró después de que fue enterrado por petición de él mismo - Relación con el padre buena, normal, la cuidaba y no la dejaba salir sino con su hermano - Peleo con su padre para tratar de buscar cambios y salir de casa - Padre tiene un hijo a los 74 años cuando rehace su vida con otra mujer después de la muerte de su madre - Esto hace que cambie la relación y el acepte que ella puede tener relaciones sexuales sin casarse o pueda quedar embarazada 	<ul style="list-style-type: none"> - Para ella su participación en la guerrilla le permitió sentir que ayudo a mucha gente que estaba siendo útil. Pero se pierden otras cosas como ser joven, casarse. - Lo único que tiene estable es la vida con su compañero, como mujer no consigue el proyecto de formar familia y los hijos hay que enviarlos a otro para que los crie. - Durante el proceso de acompañamiento y protección a los campesinos la mantuvo fuerte el dolor y la necesidad de la gente para sobrevivir con ellos. Para pedir ayuda internacional – la gente se desplazó por miedo, por hambre, para recibir ayuda humanitaria tenía que caminar un día o más. - Volver a la vida civil no fue tan distinto porque ella nunca se consideró una militar, esas eran sus ideas y nadie las cambio, si idea era trabajar y ayudar a la gente. - Se encuentra con sus 3 hijos grandes adolescentes, fue feliz por el reencuentro no los conocía porque estuvo 3 años viviendo con los campesinos y no podía ver a la familia. - Llevaba a la otra BB eso permitió que se acercaran y la aceptaran más fácilmente en la familia. - Tenía el trauma por el dolor de la gente que había dejado allí. Eso impidió que fuera feliz - No puede olvidar la gente que se quedó allá y los recuerdos tristes de esa época - Busco un empleo siento en el encuentro con sus hijos que ahora tiene 4 problema encima 4 cosas que resolver y además su proyecto de vida. - Está estudiando, feliz empezó a trabajar y a construir el hogar que nunca ha tenido. Todo lo que se propone lo logra. - A los 40 años la vida empieza a cambiar, siente que ella cambio que entro en otro CICLO de vida, ya no puede dar el lujo de equivocarse o de dejar y hacer después cosas que tiene que hacer ahora. - Tiene ganas de vivir intensas, siente la misma fortaleza, quiere enamorarse, tener un hogar, la diferencia es que ya no se siente joven. - Piensa que el tiempo que le queda de la vida 	<ul style="list-style-type: none"> - 93 – 94: Sintió después de la muerte de Enrique que ya no podía más con el dolor y la muerte. Habían asesinado a Ricardo, el padre Bernardo, Chucho López, Conrado Gallego, desaparición forzada de gente de un sindicato (usitrans). Muertos y desaparecidos. En ese momento siente que toca fondo. - DECIDE SALIR DEL GA: Le toco dejar el monte porque el dolor no le cabía en la piel. No pudo despedirse de sus amigos, y decirles que los amaba. No tuvo la posibilidad de cierre que era tan importante para ella. Eso quedo para ella como un proceso sin resolver. - Posteriormente supo de la muerte de otras compañeras. Unas fueron muertas en combate, las otras salieron y decidieron tener una familia. - El resto del GA pensó que ella había sido asesinado como Ricardo - NO SE ARREPIENTE DE NADA de lo que vivió, de haber vivido con gente tan linda, con la que aprendió, creció, por eso NO SE HA MUERTO DE PENA MORAL. Porque siente que fue privilegiada, llora y después se tranquiliza. Por sus pensamientos, por lo que le dijeron, por lo que compartieron. - Se siente una mujer sola luchadora, que le ha tocado guerrear su vida. Ver la situación de su madre de abandono, trabajo, pobreza le ayudo a cuestionar su propia realidad como mujer y como miembro de una sociedad que tenía que cambiarse. - NUNCA HA VISTO SU PARTICIPACIÓN EN EL ELN como un fracaso, eso la saco de su rol tradicional, que significaba un marido violento, de cocinar y hacer oficio todo el tiempo. - Otro fuerte cuestionamiento que tiene hoy día a parte de no poder romper con la relación que la ha lastimado, es que siente que no puede hablar en público, le dan nervios y siente que no es capaz. Piensa que debe recibir ayuda psicológica o terapia de shock para esto. - Siente que tiene estabilidad emocional por la soledad y el cierre de espacios laborales que ha sufrido durante su trayectoria laboral y profesional. Se siente estancada, incapaz de decir cosas, siente miedo, siente que si dice algo va a agredir con sus palabras. - Su experiencia en la guerra, su vida como militante en DDHH no cree que sea tan distinta a la de otras mujeres y la posición de otras mujeres que se están preguntando y cuestionando cosas. - Otra discusión interna es el tema de la feminidad, si para tener un discurso de género es necesario tener una posición masculina? Hombres y mujeres somos distintos - Ahora busca como la revolución de las cosas pequeñas. Que sean tangibles.
--	--	--	---

		<p>ya es corto que le quedan 20 o 30 años de vida y es corto para hacer lo que no ha logrado. Que es:</p> <ul style="list-style-type: none">- Ayudar a sus hijos a construir su proyecto de vida, enfocarlos, facilitarle lo que este a su alcance, quiere tener un marido para su vejez, tiene el deber de construir una familia, un hogar, pero su prioridad ahora son sus hijos.- Quiere como esposo una persona sana, que la respete, que respete su pasado y la vida que ha construido y con valores.- Continua creyendo en los mismo, que debe formarse para ayudar a otras personas que lo necesitan más, se volvería a integrar a un proyecto de trabajo no tan político, pero si más social.- No se considera víctima, sino sobreviviente- Es cristiana Dios ha dado respuesta a muchas cosas y es UN CAMBIO en su vida para ver las cosas con mucha claridad, siente que todo lo que está sucediendo es parte de un plan de Dios.- No quiere recordar nada, porque paso momentos muy difíciles	
--	--	---	--

<p>Trayectoria política civil</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Lo organizativo y la participación comunitaria - Lectura de material guerrillero - 16 años continua trabajando con organizaciones campesinas 	<ul style="list-style-type: none"> - Empieza a hacer parte del grupo que recuperaron unas casas que iban a tumbar. Después tierras, invadían con los campesinos - Apoyo del cura – hace parte del grupo dos años en tomas de tierras - 12 o 13 años Liderazgo para invadir tierras con campesinos – estudiaba en tercero de primaria - Se organizaba con otros muchachos del pueblo 5 personas – junta directiva. Estrategia de invasión – negocian con el ejercito - Secretaria del grupo era la única mujer. - Lograron construir 5 barrios alrededor de ese pueblo - Convicción salía de la formación desde niña, de asumir tareas y responsabilidades - Conoce a sindicalistas, abogados, profesores – - Nunca le gusto la casa, le gustaba ayudar en el barrio, trabajar en el campo - Cuando fue secretaria en el municipio se le acercaron colectivos como la UP y no quiso trabajar con ellos porque querían que les entregara su proceso para elecciones, ganar votos. - Es amenazada por el trabajo político y de toma de tierras - Cuestiona el trabajo de la UP porque los hombres abusaban de su lugar y se iban con las niñas. - A los 17 años recibe amenazas - Contactada por las FARC para irse con ellos, pero a ella no le gustaba lo que ellos hacían - Después la contacta el ELN y conoce que hacen. Aconsejan que se vaya porque saben que la van a asesinar - El ELN le da la opción de estar en la vida armada o de trabajar con la comunidad con ellos para darle protección. - Cree que ya no es bueno irse a la guerrilla, la guerra ahora tiene muchos intereses y se ha perdido la visión de porque las guerrillas nacieron que era ayudar a la gente. Eso hizo también que se saliera, porque las cosas ya no eran iguales. - 97 – 99: se queda como civil ayudando a 	<ul style="list-style-type: none"> - Está trabajando en el área de DDHH en el tema de tierras por su trayectoria en procesos con campesinos y de conciliación - Tiene que viajar a una zona que se encuentra en disputa con grupos paramilitares y ha sido un cuestionamiento fuerte en su trabajo porque tiene una hija enferma que necesita cuidados, pero siente que se le han cerrado otras puertas. - Comenzó a hacer parte de grupos juveniles y el sacerdote tenia fuerte influencia de la TL – era un cura comprometido socialmente - Otra influencia de todo el proceso fue la revolución nicaragüense. Cuando se empezaron a formar en el barrio están bajo dos cosas: TL y la metodología de ver, pensar y actuar. Eso les permitió cuestionar la situación de las mujeres. - La TL se la idearon los curas de Golconda (Leonor Esguerra) - Influencia de sacerdotes como Bernardo López Arroyave que después fueron asesinados – o abogados como Conrado Gallego - Influencia de sindicalistas, estudiantes - MARCA la formación estudiar en un colegio donde una maestra le enseño lo que significaba la pobreza y la solidaridad, a no juzgar y a entender la situación de otras personas. - La Marca también haber participado en un grupo de teatro en el colegio donde representaban una maestría sindicalista asesinada – eso la acerca a la historia de asesinatos - Participaba en actividades comunitarias, culturales solucionar problemáticas sociales y de servicios públicos. - Creció mucho en formación social y política porque le permitió tener un soporte porque su familia estaba deshecha. - Empieza una época de asesinatos y desapariciones. El cura es trasladado de parroquia - Año 80 – 85: participa en la coordinadora obrero campesina y popular – eran cristianos populares comprometidos con la TL - Le ayudo participar en comunidades eclesiales de base y haber participado en el movimiento obrero campesino y popular. Haber estado en ese tipo de movimientos le ayudo a ganar liderazgo, reconocimiento, confianza. A los 14 16 años va ganando reconocimiento y liderazgo – participaron en el paro del nororienté comienza a ver las relaciones de algunos compañeros con el ELN - Viaja por todo el país y sintió mucho respeto lo cual le ayuda a fortalecerse y su voz también es tenida en cuenta. FUE UN MOMENTO MUY IMPORTANTE Y MARCA lo que vendría después para ella - El movimiento campesino es fundamental en su proceso de formación por la participación en los paros regionales. Ella tenía 14 o 16 años. este proceso le ayudo a ganar reconocimiento y el encuentro con otros sectores sociales fuertes que los llevaron a sentirse vanguardia. - En el paro del 87 los detienen y la torturan, le tocan el cuerpo, no la violan y la iban a desaparecer, el tío la salva por contacto y la
--	--	--	---

		<p>cuidar a la gente y a protegerla de los operativos del estado. Llegan y se apoderaban de los pueblos durante 5 meses o más para sacar la gente y ellos permanecían casi todo el tiempo en la montaña</p> <ul style="list-style-type: none"> - Habla con la guerrilla y les dice. Ustedes tienen armas, ustedes saben prestar guardia, la gente no y si se quedan en los pueblos los matan 	<p>saca de la prisión. La iban a enviar a la cárcel de mujeres, pero ella era menor de edad (17)</p> <ul style="list-style-type: none"> - En este momento su vida CAMBIA, se complica porque salieron con libertad condicional y ella continuo estudiando, pero la amenazan y el tío habla con ella para salir de la región. - Ella tiene que irse a vivir a un pueblo protegida por el ELN donde hace alfabetización con los campesinos. - Realiza unos procesos de trabajo con mujeres campesinas, lo cual lleva a que después ese trabajo permitió la movilización y fortaleció el movimiento campesino. - Se enamora de una comandante del ELN y eso acelera su proceso de ingreso como combatiente al grupo armado
<p>Trayectoria política militar o vinculación al GA</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Proceso de vinculación, primeros acercamientos y participar de la estructura orgánica - Dificultad trabajo formativo dentro de la guerrilla por las dirigencias centralizadas en hombres - Cuestionamiento y cambio de prácticas del rol de la mujer dentro del grupo - Consigue que mujeres sean mandos y dirección - No tenía gusto por las armas, después comparte el proyecto militar también - Nunca combatió - Participo en 3 escuelas de combatientes - Focaliza su trabajo dentro del GA y fuera de él formación de nuevos combatientes y con formación de campesinos - Ascende dentro del grupo formación dentro de frentes de guerra - Año 97 – amenazada por el trabajo que hacia (24 años) y tuvo que trasladarse a vivir a Bogotá - Por las amenazas nunca puede volver a su tierra 	<ul style="list-style-type: none"> - 20 años decide ingresar al GA- le dio muy duro separarse de su mama y de su hijo - Se va a otra región a trabajar y se vincula a mas procesos y asume más liderazgos - Conoce mujeres guerrilleras al ingresar, que asumen autoridad, bonitas y eso la motiva a entrar y continuar en la guerrilla, pese a que no quería ser guerrillera. - Les gustaba la igualdad de las mujeres y era diferente donde en el pueblo se veían las diferencias de liderazgos entre hombres y mujeres. Se había sentido discriminada y en la guerrilla no. - Las mujeres defendían sus derechos y empezó a conocer la vida de la mujer guerrillera que tenía autoridad, capaz de ejercer mandos, liderazgo, autonomía - Por otro lado, la vida de la mujer guerrillera era muy difícil porque así se trate de ser igual a los hombres, no dejan de ser mujeres, sensibles. - Ejerció autoridad y responsabilidades y reconocieron su liderazgo dentro del grupo - Fue distinta a las demás porque sentaba diferencias políticas con cosas con las que no estaba de acuerdo. Nunca dejo que cambiaran sus ideas – ella estaba allá por tratar de cambiar la sociedad y era muy sensible ante las necesidades de las personas. - Algunas mujeres se dedicaban a ser la mujer de algún comandante, ser la mujer de alguien - Por su liderazgo podía sentar posiciones – respetaban las inclinaciones y las posturas individuales. Si la persona quería trabajar 	<ul style="list-style-type: none"> - El ELN vinculaba personas que tuvieran trabajo político, su vinculación es el resultado de su trabajo político. - Cuando ingresa al ELN por su elección de conformar una pareja con Alfonso, mando medio, él le da su formación. - Ingresa porque la guerrilla evita que la maten y venia de un proceso de mucha conciencia de que en algún momento había que participar cuando se acabaran las formas de lucha legales. - Para poder entrar a la guerrilla había que pasar por un proceso previo y ese proceso era el movimiento de masas, estaba cumpliendo un proceso. - Por acoso sexual de viejón y separación de su compañero, ella se apoya en una escuadra de mujeres que se fue conformando dentro del frente. - Ella sabía que iba a entrar a un frente muy machista donde los únicos que hablan son los hombres y la idea es que con su participación en este frente las mujeres empezaran a abrirse paso. Consistía en hacer un trabajo político ella y su compañero para romper el patriarcalismo. - En ese frente tenían que ser muy obedientes y tenía más un perfil militar- - Ella se enferma en la guerrilla, se puso muy flaca y no recibía atención médica. Decían que era su debilidad y que tenía que aprender a hacer un esfuerzo militar mayor. - La sacan y cuando regresa su compañero ya no estaba en el frente después de haberse recuperado. Nadie le dijo dónde estaba porque la información era compartimentada. - Regresar la hizo feliz y el trabajo que hacían con la gente del campo era muy fuerte, mantenían unas relaciones cercanas. - Cuando comienzan a morir compañeros en combate se cuestiona el llanto, bajo el argumento de porque llora, en la guerra todo el mundo tiene que acostumbrarse a que todos pueden morir en cualquier momento. Para ella esto era muy duro porque no sabía cómo asimilar la muerte de sus compañeros. - El ELN mantenía el frente que era machista frente Solano Sepúlveda. Porque lo necesitan ya que era la retaguardia de la DN, aunque el ELN también se cuestionaba porque tenía ese tipo

		<p>por la comunidad o si quería ejercer lo militar</p> <ul style="list-style-type: none"> - No le gustó mucho la parte militar sino que se inclinó por ayudar a la gente, no le importaban las armas - En algunos momentos se sintió cerca de la muerte eso hace que se viva el día a día, no se pensaba en el mañana. - Aprendió la vida colectiva. Todo se colectiviza, todo se comparte - Era una organización flexible, muy humanos porque la convivencia y todo es poco y hay que colectivizarlo. - Otro aprendizaje fue el conocimiento en la vida política del país y a entender porque el asesinato de tantas personas, se leía mucho. - Vio a la guerrilla como su familia y los ideales por los que se luchaban era lo más importante. - Los duelos en la guerra: llorar solo, cantar, escribir poemas, no se puede llorar en el colectivo, todos tienen que aparentar ser muy fuertes, pero se sabía que cada persona sentía mucho dolor. - Era muy cariñosa con los niños porque empezó a ver en cada niño un hijo suyo - El amor en medio de la guerra es muy bonito, intenso no hay estabilidad. - Cuando se tienen pareja debe pedir consentimiento y se hace una especie de ceremonia. Se da mucho respeto por parte de los otros de esa relación - Si las parejas desean tener un hijo se permite y todo el mundo apoya, si había problemas a la madre era a la primera que sacaban - Se podía tener los niños mientras no hubiera combates porque después los sacaban y los llevaban a una familia campesina o a la propia familia. 	<p>de frentes. El comandante tenía 5 mujeres y con cada una tenía hijos.</p> <ul style="list-style-type: none"> - La DN permitía este tipo de cuestionamientos y tenía la misma preocupación por el frente. - En el frente había mucha solidaridad entre las mujeres. - Sale del frente porque a partir de su negación de estar con el viejón, fue castigada y sale con el argumento de que tiene que recibir atención médica. AQUÍ NO SE SANCIONA AL VIEJON. NI LE DICEN LA VERDAD DE LA SALIDA. - La trasladan al frente Jesús Martínez Quiroz (JMQ) donde conoce a su nuevo compañero. Ricardo. Este frente fue fundamental en su vida - El papel de las mujeres en el JMQ de los 19 a los 24 años. - Entrenamiento: levantarse a las 5 am a hacer una hora de ejercicio. El rancho repartido en dos personas, que podían asumir el rancho para 12 o 15 personas. - Mujeres y el amor en la guerrilla: mujeres y hombres mezclados. Todas eran campesinas, ella era la única mujer urbana – ella las alfabetizaba. Cuando llegaban mujeres de la vida urbana se acostaban fácilmente con los muchachos, pero eso afectaba mucho a las mujeres del campo. Eso significo UN APRENDIZAJE para ella con lo del viejón para no idolatrar y pensar que todo es perfecto. Eso también eran patrones machistas. - La visión de las mujeres en la guerrilla: Las mujeres lavaban la ropa de sus compañeros, pero eran también cuestionadas por las mujeres urbanas que llegaban y censuraban eso. Se arreglaban, les interesaba verse lindas y cuidarse. Episodios de violencia entre H y M y censura del grupo frente a eso. Se formaban porque compartían la lectura y la necesidad de formarse políticamente. Se estaría avanzando en la construcción de ejercicios democráticos, participación, porque las mujeres eran mucho más juiciosas que los hombres para leer. Este trabajo fue de mucho empoderamiento. Esto paso en el frente Solano que era muy machista. Era distinto en el Martínez Quiroz, porque en este frente las mujeres asumían otra posición. También en el Héroe de Santa Rosa las mujeres tenían otro lugar, el comandante era Samuel. - Cuestionamientos de las mujeres en los frentes de esa época. Mujeres campesinas sobre todo: porque los hombres pueden ir y hacer guardia de noche al - En el tema de recuperación de tierras, las mujeres eran las que estaban en el frente – esto haría parte de la ANUC – - Se hacían reuniones entre mujeres para formación política y estudiaban en ese momento temas como el carbón, donde ya se anunciaba la llegada de multinacionales y grupos que iban a asesinar personas. - Le genera la crisis para su salida el asesinato de Ricardo su compañero pues de lo contrario ella continuaría en el grupo
--	--	---	---

			<p>armado.</p> <ul style="list-style-type: none"> - 1991 junio – asesinan a Ricardo. Ella propone hacer un diagnóstico porque ven llegar gente nueva a la zona y sentían que iban a tener una ofensiva militar muy fuerte. Sentía esto más como una intuición, pero los HOMBRES NO LE PARAN BOLAS a las intuiciones. - Después del entierro de Ricardo y de la pérdida del BB, quiere regresar al frente pero no la dejan por la crisis interna que estaba viviendo el ELN. Ella termina en medio de muchas discusiones, divisiones y prohibiciones de con quien hablar y con quién no. - Después de esto la muerte de otro amigo, el cual se convierte en su amante por una noche es asesinado en medio del proceso de desmovilización. Fue un nuevo dolor muy grande. - Esta muerte la hace toca fondo después de haber perdido a tantas personas cercanas. Hombres en su mayoría. Ahí DECIDE SALIR DE GRUPO - DESVINCULACION: tenía orden de captura y estaba siendo buscada por paramilitares para asesinarla. Hizo un acuerdo con gente de la costa para salir sin orden de captura y prometió no volver al GA. Nunca más volvió a tener problema de ese tipo: por hablar o por asumir posiciones políticas. - Vivió este proceso con mucho dolor porque no pudo despedirse de sus compañeros. Le toco dejar el monte porque el dolor no le cabía en la piel. - Ella sentía al ELN como una vanguardia al servicio de los campesinos, de los movimientos sociales del país. Esa es la diferencia que ella ve con la guerrilla de hoy porque pasan por encima de los campesinos y los subordinan. Por eso las comunidades podían llegar y hablar con ellos y reclamarles o cuestionarles. Ahora el movimiento campesino está subordinado a la guerrilla. - Reconoce que la participación de las mujeres en el movimiento fue muy importante pese a las dificultades y la incidencia que terminaron teniendo. Por ejemplo en el trabajo de masas porque tenían incidencia con otras mujeres.
<p>Trayectoria afectiva – amorosa, sexualidad</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Con su pareja actual trata de poner en práctica principios del grupo, relaciones con H y M nuevos. - Relación de mucho respeto y dialogo, solidaridad, compromisos políticos 	<ul style="list-style-type: none"> - A los 14 años pensaba ser mamá y tuvo un novio y se fue a vivir con él, porque la relación con la mama no era muy buena. - El novio vio que la trataban mal en la casa y le proponen volarse - Rompe con el novio porque la familia de él se entrometió en la relación 	<ul style="list-style-type: none"> - Su primer compañero Alfonso por el cual ingresa al GA es enviado a otra parte por un comandante que quería estar con ella y la acosaba. Casi la viola, nunca lo volvió a ver. Era la mujer de un mando medio. El viejón era el comandante. - Ricardo: su segunda relación que fue muy importante para ella. Como era cartagenero, aunque era un hombre diferente mantenía patrones de relación como control, poder y mandar. Ella estaba bajo las órdenes de la DN por lo sucedido con el viejón, entonces se generó un ejercicio de poder entre los dos, que llevo finalmente a consolidar una relación de pareja. Ella al principio no aceptó porque Ricardo tenía otra mujer que había militado con él, pero quedó embarazada y prefirió quedarse con su hijo. Ella y él pidieron permiso a ella y comienzan una relación.

			<ul style="list-style-type: none"> - Simón Trinidad también la corteja, el problema es que él era de las FARC. Aunque se daban muchas relaciones entre hombres y mujeres de las FARC en ese momento. Ella no pudo por su formación cristiana y por la fidelidad y lealtad al grupo armado. - En su relación con Ricardo, para ella fue un hombre amado por las personas que lo conocían. Fue cuestionado una vez por otro mando por haber sido infiel a su compañera. - Ricardo a través de la correspondencia le decía que ella era la persona de confianza con quien podía intercambiar políticamente. Quería construir un proyecto conjunto. El amor en la guerra se vive con mucha intensidad, pero sin “las escrituraciones” se afirma en esa búsqueda. Habla mucho de la nostalgia por la ausencia de ella y del hijo. Rompe con la seguridad y decide guardar las cartas. Describe un poco su amor como papá, como un amor que no había experimentado antes. - Las cartas de Ricardo: cuando a Ricardo lo asesinan están en discusión de la ruptura del ELN, después de la unión camilista surge la de renovación socialista. - <u>La carta del amigo habla sobre los encuentros, el amor y la muerte... apertes muy bonitos</u> - En 1991 – ASESINAN a Ricardo. Cuando lo asesinan los dos estaban en Valledupar y ella tuvo que ir y llevar la noticia a la familia de él. Los padres recogen el cuerpo y ella pierde el segundo bebe que estaba esperando. Para ella, Ricardo fue un hombre con formación y parámetros distintos. Su madre les enseñó a hacer oficios de la casa, aunque era machista la participación en el ELN le dio otros parámetros de vida y lo llevo a buscar entablar una nueva relación con las mujeres. La impulsaba mucho en su formación política y en la necesidad de que asumiera liderazgo en la organización. - Tiene una relación de un día con un compañero Enrique que estaba el grupo de desmovilizados y el cual es asesinado por el ejército en medio de la negociación. Ella tuvo una nueva intuición del peligro que corría, pero para Enrique esos eran radicalismos de ella. (intuición, presentimientos) - Siente que el amor en la guerrilla no es de propiedad privada, por ser un trabajo tan fuerte y se sabe que hoy se está vivo y mañana posiblemente no. - La última relación que tuvo la dejó lastimada y con un trauma, porque salía corriendo y nunca le dio explicaciones de porque terminaron. Ella se sintió utilizada porque participo en un proceso con el de titulación de tierras. Se cuestiona porque las mujeres fuertes empiezan a generarle miedo a los hombres. - No tuvo relaciones con hombres base de la guerrilla porque llegó al grupo con una posición privilegiada, con la protección de la DN y del frente Guerra Norte. En el frente habían tan pocas mujeres que podían escoger y siempre buscaban poder o protección. Lo último, las relaciones de las mujeres con hombres de base eran difíciles porque los podían matar más rápido que a
--	--	--	---

			<p>los mandos, se acostaban con otras mujeres, las maltrataban, bebían.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Con la muerte de Ricardo siente que queda en absoluta orfandad y soledad. Como en ese momento era tan asediada por los hombres termina cediendo ante un hombre que quería utilizar su belleza, su lugar de liderazgo y su juventud para mostrar como trofeo de guerra. También era un hombre desmovilizado, con el cual tiene finalmente su única hija. Siente que no fue valorada por su trayectoria sino mostrada como un trofeo. - Esta relación no funciona por diferencias de edad, porque el hombre era muy mujeriego y ella sintió muchas veces que era maltratada por él. Se quedó con el algún tiempo por la estabilidad económica y la seguridad que le brindo. - Cuando va a Cuba para un tratamiento de la pierna de su hija conoce al médico que la atiende y con él decide vivir, sin embargo, cuando el padre de la hija se entera, le impide salir del país negándole la salida a la niña. Esto hace que el medico decida no esperarla y la relación termina. Cuando ella finalmente puede regresar a Cuba con su hija, él ya está con otra mujer.
<p>Trayectoria profesional</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Agrónoma por ser de extracción campesina y el amor que siente por el campo - Forma campesinos en cultivos agroecológicos – producción y elaboración de productos orgánicos - Se define como trabajadora social 	<ul style="list-style-type: none"> - 85 - Termina la primaria cuando sale de la maternidad a los 16 años. - Termina primaria y estudia secretariado comercial y ese trabajo le ayudo a conocer los manejos que hacen en los municipios. - Ella trabajaba y la mama le cuidaba el niño - Retoma sus estudios ahora después de haber regresado de la guerrilla. Siente que sabe de muchas cosas, pero como no tiene títulos que le toca partir de cero. Ahora estudia administración y le ha ido muy bien. No ha sido fácil adaptarse al estudio. 	<ul style="list-style-type: none"> - Trabaja participación comunitaria, derechos humanos, está haciendo una maestría en derechos humanos y DIH - Está teniendo muchas dificultades en su vida profesional porque las personas la están tildando de conflictiva, porque dice las cosas directamente. A otros hombres con los que trabaja les cuesta aceptar que por ser ella mujer esta tan posicionada en campos como el trabajo con campesinos o comunidades de base. - Ha entendido que tiene que abrirse espacios sola porque no ha tenido mucha solidaridad de género. - Ha trabajado con otras mujeres con liderazgo, en organizaciones de DDHH, sin embargo siente que prefiere trabajar con niñas que la obedezcan y percibe muchos celos en ese ámbito por parte de otras mujeres especialmente. - Siente que a las mujeres no se les permite avanzar fácilmente en un mundo laboral y también marcado por que sea asumido más por hombres o por mujeres que tienen que asumir liderazgos muy autoritarios y casi que masculinos para sobresalir y mantenerse. - En algunos trabajos donde ha estado las personas hablan mal de ella y se le tilda de CONFLICTIVA. Lo cual le ha impedido volver a decir las cosas como las decía antes o hablar en público sobre todo en espacios gubernamentales. - En la actualidad está muy molesta y se siente utilizada en su trabajo, porque después de sacar adelante los resultados que se esperaban no la volvieron a tener en cuenta. - Siente que en su trabajo actual su situación como madre soltera no fue tenida en cuenta porque cuando la nombran como asesora la envían a zona roja y además tiene que dejar sola a su hija adolescente y enferma. Además en esa zona está el hombre con quien acabo de tener una relación de la cual salió muy lastimada.

			<p>No entiende porque está siendo tan agredida por otras mujeres.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Siente que para las mujeres es muy difícil, que les toca muy duro y además no se siente la solidaridad de otras mujeres. - Cuestiona el hecho de no poder romper con la relación radicalmente porque piensa que es un problema de soledad, pero le sorprende que por su formación que es sólida debería hacerlo más fácilmente. Se pregunta este tipo de cosas con mucha agresividad contra sí misma, no sabe que le está pasando. - Después de regresar de Cuba con su hija estudia sociología y comenzó su trabajo en la línea de defensa de DDHH. - Ahora está terminando una maestría alejadas de las ONGs y feliz de apostarle a procesos pequeños cosas que “vayan ganado empuje”
Maternidad	- Desea tener un hijo	<ul style="list-style-type: none"> - Tiene un hijo a los 16 años lo que hace que su mamá y hermanos la traten distinto, ella decide tener el hijo por llenar el vacío que le dejó el asesinato de su padre. - Ser madre era asumir responsabilidades. Al querer ser madre se sintió muy floja, perezosa, ama de casa. Ser madre CAMBIO totalmente su vida, vuelve a su casa, se separa de su marido y recupera la necesidad de estudiar, recibió el apoyo de su familia - Se sentía feliz con su hijo, sentía que el hijo era de ella y eso le ayudó a superar traumas relacionados con la muerte de su papa. - Ser madre la motivaba a estudiar, trabajar y salir adelante por los dos. - En la guerrilla tuvo dos hijos, los embarazos fueron bonitos. - Nunca vio caminar a ninguno de sus hijos, por eso decidió tener una última hija para verla caminar y crecer. Estar presente. La familia le pedía que se saliera y cuidara de sus hijos, pero para ella no era fácil por las responsabilidades que tenía. - En el 99 queda embarazada y tuvo 4 amenazas de aborto, por la situación con los campesinos. Huían y se refugiaban en la montaña meses sin comida, sin medicina. - Por miedo a perder el BB regresa a Bogotá, y su parto fue en el hospital donde casi la dejan morir, el resto de partos había sido en la casa o en el monte. Fue el parto más duro. - Difícil la reconstrucción de la relación con los hijos, le piden explicaciones de porque los abandono aunque ya siente que es parte 	<ul style="list-style-type: none"> - Queda embarazada de Alfonso y tuvo un parto normal, una niña de 8 meses, pero la niña venía de pies y murió ahogada mientras nacía. Nunca le ha contado esto a nadie. Esto sucede cuando ingresa al ELN. En ese momento no tenía una concepción muy fuerte del tema de la maternidad. Esa identidad se fue desarrollando posteriormente. Se consideraba muy inmadura y como defendiéndose del tiempo. - Pierde el segundo BB a raíz de la muerte de Ricardo en 1991. Cuando ella tiene que ir sola a avisarle a la familia viaja 6 horas y después en medio del dolor de la familia no les dice que está sangrando. Cuando habla con una hermana de Ricardo la llevan al médico pero el BB lleva 24 horas de muerto. Siente que ese hecho fue mejor porque que hubiera hecho después sola con un BB y sin su compañero, siente que hubiera podido entrar en crisis porque los papas de Ricardo querían quedarse con el BB cuando naciera. - Con la salida del GA termina viviendo con un hombre mucho mayor con ella con quien tiene su hija. Se siente utilizada por él. - En la actualidad tiene una hija con un problema en una pierna y ella quiere desarrollar una relación con ella muy fuerte. Es su opción de vida.

		<p>de ellos. Ella justifica su ausencia por sus ideas, por defender a la gente de la injusticia, que era un problema social y que ella no podía salirse.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Ahora siente que tiene que ser papá y mamá, estudiante, ve por las obligaciones de la casa y el día no le alcanza, quiere que sus hijos empiecen a producir que estudien y que busquen sus propia vida, quiere que la acompañen como personas adultas el resto de la vida, ya no quiere tener más niños. 	
<p>Mujer – símbolos normas</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Contexto machista, campesino, católico y rígido, los hombres daban las ordenes, las mujeres obedecen, cocinan, - Cuando se come las mujeres recogen los platos de los hombres, si lo hacen las mujeres les pegan 		<ul style="list-style-type: none"> - Es una mujer convencida del rol que como mujeres se debe cumplir y quiere que su hija sea intolerante, que se insubordine. - Trata de construir una identidad para su hija con otros referentes que CAMBIEN los anteriores con los que ella creció. - Por tener una mamá tan sufrida el dar valor a las mujeres le permitió desarrollar solidaridades de género. Le enseñó a valorar el papel de las mujeres, su soledad. - En las FARC había cuadros de mujeres universitarias, de la Juco, mujeres muy bonitas. - Algunas mujeres hermosas tuvieron tareas de inteligencia y de filtración de la policía o el ejército. - Las mujeres del ELN cuando podían se arreglaban mucho, cuidaban mucho su aspecto físico. - Las mujeres del ELN eran fuertes, bonitas, femeninas que leían mucho y Ricardo, en el frente Martínez Quiroz fortalecida mucho la participación de las mujeres y su incidencia. Le hablaba a ella de su papel en la guerrilla el cual debía ser más protagónico. - La relación con las FARC también ayudo a que las mujeres se preocuparan mucho por su formación, porque había una especie de rivalidad y querían estar muy bien preparadas para estar a la altura. - Aun llora por todo. Dice que es cobarde aun para escribir su historia. - Muchas mujeres universitarias no permanecieron en el grupo, pero el contacto con ella fue muy importante porque ellas cuestionaban roles tradicionales que se pudieran estar reproduciendo en la guerrilla. Trataban de que hubiera equidad. - En la guerrilla era como ir paso a paso transformando realidades. - Mujeres como ellas, pensando en la vida posterior, en la dificultad de reconstruir vidas afectivas, crisis generalizadas porque ya no se está dispuesto a tener una relación que no asuma retos. No se sabe si se puede por el tipo de machismo que hay en Colombia. - Por ejemplo, procesos de desmovilización las mujeres no fueron tenidas en cuenta (MUJERES NO CONTADAS) vera un tiempo, después fue marginada también. La más valiente la Negra Vásquez no fueron aceptadas en el M-19. En los procesos de desmovilización se necesitan mujeres que mostrar porque en el

			<p>fondo eran movimientos muy machistas, procesos con perspectiva masculina y dejo por fuera problemas de salud de las mujeres, emocionales, de la maternidad, de la soledad. Temas que no fueron incluidos en la agenda. Se pregunta dónde están las mujeres después de las desmovilizaciones.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Quiere preguntarle a los hombres porque no se quieren comprometer con relaciones de más largo aliento con mujeres que dicen las cosas que piensan, que no se callan. - Ella piensa que a medida en que las mujeres van ganado nombre o reconocimiento, tienen dos posibilidades: que son mujeres conflictivas – eso está dañando la historia y las posibilidades de las mujeres, se prefiere entonces que las mujeres simplemente digan sí, que se acuesten en la cama y abran las piernas, no mujeres capaces de decir hoy no quiero. Participar en GA hace que las mujeres sean percibidas como masculinas, pero lo cierto es que son los hombres los que terminan teniendo miedo a asumir una relación de pareja con mujeres que no les de miedo hablar y expresar lo que sienten. - El ELN recibía mujeres campesinas que desde los 13 años se iban para el monte. No era vinculación forzada. Pero las relaciones de ese momento eran muy machistas con hombres que terminaban en los prostíbulos, que tienen dos esposas una que hace oficios y tiene los hijos y la otra que están con ellos en el monte siendo su compañera de lucha. - DISCURSO DE MUJERES EN EL ELN: se buscaban prácticas para la transformación de roles tradicionales, lo cual se convierte en un reto tanto para hombres como para mujeres. Se pueden lograr las transformaciones solo al juntarse con otras mujeres. - Las mujeres de los mandos tuvieron mayores privilegios, siempre tenían dinero, comprar cosas que las otras mujeres no podían. Por eso era tentador tener relaciones con mandos y no con hombres base de la guerrilla. - En algunos frentes se percibieron cambios, por ejemplo en el Martínez Quiroz donde hubo posiciones más fuertes por parte de las mujeres y se propusieron alfabetizar, cuidar de su feminidad. Trabajaban mucho con campesinos. - EN EL SUR DE bolívar no querían que las mujeres se organizaran ni anduvieran en escuadras, ni tener mandos de dirección. Los hombres argumentaban que siendo tan pocas mujeres como las iban a tener solas en una escuadra. Las mujeres también argumentaban eso. Era difícil que las relaciones de pareja permitieran que la persona creciera y ganara en identidad. - Por todos estos procesos hoy día las mujeres de la costa atlántica son tan fuertes, campesinas y con mucho liderazgo, en el cauca. En otras zonas como el Choco no paso igual. A las mujeres se les restringió mucho la posibilidad de viajar, de participar, porque eso ayudaba a asumir posiciones. - Durante la militancia fortalecieron comités de agricultura y fue mantenido posteriormente por mujeres, lo cual va a llevar
--	--	--	---

			<p>posteriormente a que el tema de soberanía alimentaria tenga tanta fuerza.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Reconoce que las mujeres han terminado posterior a su participación a asumir roles tradicionales, madres cabeza de familia, con los hijos a cuestas, con situaciones muy difíciles. - Siente que ha aportado a la transformación de mujeres muy jóvenes, tratando de darles herramientas para su fortalecimiento. - Ella viene atravesando una crisis de mucha incredulidad respecto a los discursos, porque dentro de las mujeres se vive mucha rivalidad. Porque están llamando a las mujeres que piensan y asumen posiciones como mujeres conflictivas especialmente por hombres que vienen de la izquierda. Eso ha llevado a marginar mujeres como la Negra porque se le acusa de conflictiva, su libro se le acusa de bobalicón porque habla desde una voz femenina de su experiencia. Si no fuera por las mujeres el tejido social estaría vuelto mierda. - En la guerra el rol de las mujeres es muy importante. En ejércitos muy masculinos violan mujeres, se convierten en alcohólicos, se suicidan. La participación de las mujeres no es solo política y militar sino también afectiva porque eso permite abrir una visión diferente de la guerra. Si la guerra la hacen solo los hombres es absolutamente masculina. Al participar las mujeres en la guerra se permitió otro tipo de interacción social, interacciones lúdicas, el baño conjunto entre hombres y mujeres. Eso humaniza la guerra porque también existen parejas que deciden salir e ir y tener sus hijos.
--	--	--	--

APENDICE B - ANALISIS VERTICAL DE TRAYECTORIAS DE VIDA DE MUJERES (MILICIANA Y COMBATIENTE) DENTRO DEL ELN

Trayectoria	María	Consuelo
Perfil	22 años Combatiente Santandereana Vive con su hijo después de la muerte de su esposo	48 años Miliciana Bogotana Tiene una hija Se casó actualmente en Alemania
Fecha de ingreso y salida del grupo armado - tiempo de militancia	1 año y 3 meses	Entra en el 82 a los 18 años Duro 10 años de miliciana
Cargos o lugares que ocupó		
Contexto	Vivía en zona roja donde permanecían todos los grupos tanto guerrilleros como paramilitares	<ul style="list-style-type: none"> - En conjunto con las FARC planean operativos de seguimiento, retención, cobro de dineros. Frente Luis Prada Hernández del ELN - Palacio de justicia y la coordinadora guerrillera. Escuchaban música de Nicaragua y de la guerra en el salvador. <ul style="list-style-type: none"> - MAS – Cierran la U Cooperativa.
Trayectoria familiar	<ul style="list-style-type: none"> - Vivía en una familia compuesta por padres y hermanos en una finca en el campo. - Tuvo que salir de casa muy niña para estudiar en el pueblo, fue a vivir donde su abuela. <ul style="list-style-type: none"> - Zona que profesaba religiosidad católica - Recuerda que tuvo una infancia feliz y con una familia muy unida. - Padre agricultor y madre ama de casa. Familia de 4 hijos y ella era la menor. El padre era una figura fuerte y estricto frente a las tradiciones. Mantenían unos roles muy diferenciados, el padre trae la comida a la casa y la madre cuida de los hijos. 	<ul style="list-style-type: none"> - Tuvo una madre que quedó viuda muy joven con 7 hijos, tuvo que trabajar sola por ellos. Vivían en un barrio popular de Bogotá - La madre les enseña a ser solidarios y en medio de su pobreza a repartir lo que tenían. Crecieron con muchas carencias económicas en una casa muy estrecha repartiendo hasta los útiles escolares y los uniformes del colegio. <ul style="list-style-type: none"> - 35 años atrás. No tenían servicios públicos. - La mamá trabajaba y creció con mucho afecto, respeto. La mamá era muy considerada con los vecinos compartían la comida con los que menos tenían.

	<ul style="list-style-type: none"> - Su familia odiaba a la guerrilla por su tradición católica y de derecha. Su ingreso al grupo le trajo problemas de seguridad a su familia, ya que los paramilitares los habían decretado objetivo militar. 	<ul style="list-style-type: none"> - La mama viene del Tolima, llega a Bogotá en el 48 en el bogotazo, el padre fuerte de un infarto a los 32 años y la dejo sola con sus hijos. - La familia es muy unida y por su viaje a Europa venden la casa para que ella pueda viajar.
Trayectoria identidad subjetiva	<ul style="list-style-type: none"> - Era miedosa, rebelde, juiciosa. Le temía a la soledad. - Creía en Dios, unos de sus hermanos es católico. Rezaban el rosario, catecismo, perteneció a la infancia misionera. La prima es monja - Llega al pueblo a los 9 años y desde los 11 quería ser monja - Se percibe como una persona muy humana, que no le gusta que los demás pasen por necesidades. Por eso decidió estudiar lo que estudia. Trabajo social. - Cuando comienza en el grupo sentía que su vida era ir a la iglesia, al colegio a la casa. Cuando pasa a manejar armas, cargar cosas pesadas su cuerpo cambia y cada día se volvía más dura - Cuando ingresa al programa del ICBF se siente agredida y se vuelve también muy agresiva. El director del programa hace que ella vuelva a creer que es buena persona y es trasladada de institución, donde promueven la huida para el grupo nuevamente con otra compañera. Todos sus compañeros huyen menos ella por el recuerdo de dolor de su madre - En la actualidad siente que tiene que trabajar, estudiar y ver por su hijo, siente que no puede tener un lado sensible sino que tiene que continuar siendo muy fuerte. - Ser guerrillera significo a ser valiente, a luchar por sus cosas, a tomar sus propias decisiones, a luchar por su hijo. - Siente que es verraca y que le gusta hacer las cosas bien. Siente que a veces se convierte en una persona muy agresiva y no le gusta eso de ella. - Siente también que tiene que hablar de lo que ha pasado en su vida y de la muerte de su compañero, porque no ha llorado, le ha tocado ser muy dura. Quiere sacar los dolores de sí. 	<ul style="list-style-type: none"> - Crece en una familia con valores de solidaridad muy fuerte que provenían de su propia situación económica. - se sentía diferente a los demás porque estaba militando, porque tenía información que no tenían otros, una perspectiva de país más crítico y amplio. Hacía que se sintiera orgullosa de ella, diferente, por encima de los demás. También porque estaba estudiando. Lo cual la motiva a seguir en el grupo. - Esta experiencia significo el fortalecimiento como persona, como mujer, como miembro de una sociedad. Mostro otras cosas y esta elección era la única real, porque la otra era la política tradicional.
Trayectoria política civil		<ul style="list-style-type: none"> - A raíz de la camaradería del barrio los amigos del barrio se acercaron para hacer deportes, danzas y formaron un grupo. El grupo se llamó la P 39. - Era un grupo que quería ser cooptado por grupos políticos o por la iglesia - Después son contactados por otro grupo de jóvenes de 25 años que traen

		<p>propuestas de la guerrilla del ELN , a partir de panfletos. Era una célula del ELN que quería abrir un grupo en ese barrio</p> <ul style="list-style-type: none"> - Les ofrecieron patrocinio y ellos aceptaron, los líderes del grupo particularmente. - Continuo con el trabajo comunitario por el lado ambiental, piensa que la opción armada esta mandada a recoger. Pero esta nueva ruta le genera amenazas. Lleva 8 años trabajando en lo ambiental.
<p>Trayectoria política militar o vinculación al GA</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Se vincula al grupo por una sensación de normalización de los grupos guerrilleros en las zonas. Siente que le falta afecto y que alguien estuviera más pendiente de ella para decidir no ingresar. - Al ingresar al grupo siente que cambia radicalmente, siente que perdió la ilusión y el buen comportamiento que tenía al hacer parte de la iglesia. - Siente que ingreso al grupo con mucha firmeza porque estaba en noveno bachillerato y llego por vinculación a un comando pequeño que se movía en la zona. - Contacta al grupo en la finca de su tío quien era colaborador y los conocía y queda encantada con el grupo. A partir de ahí pregunta algunas cosas sobre la vida armada y decide irse. - Para ella el grupo era normal, las jóvenes dormían en su casa. En una ocasión los paramilitares llegaron y asesinaron al grupo guerrillero que estaba en la zona. - Cuando toma la decisión habla con su prima y la invita a ir con ella. Finalmente decide irse sola. Se va con un guerrillero conocido en la zona y se piensa que la secuestraron. - Entra al grupo y se cambia el nombre y mantenía patrullando con el comando en operaciones especiales, comienza el entrenamiento en manejo de armas cortas, pistola, fusil, le enseñaron a limpiarlo, a desarmarlo. Le enseñaron a andar en el monte. Sin embargo pensaba en el dolor de la familia de saber que ella estaba allá. - Llama a la casa y sabe que su madre está muy enferma pero decide continuar dentro del grupo. - Cuando ingresa esta solo con hombres, en una comisión de 15 hombres, cuando llega al entrenamiento en una zona de paramo, le exigen ejercicios y formación militar. En la comisión la eximían de cargar cosas pesadas, de prestar guardia, le llevaban dulces y cosas del pueblo. SIEMPRE hubo mucho respeto, compañía y atención 	<ul style="list-style-type: none"> - De lo que más la seduce al ingresar al grupo es la historia de vida, porque el ELN mostraba un cambio social. La juventud y la energía de esa época. El contexto de pobreza. <ul style="list-style-type: none"> - Los involucra el hecho de que - 1983 - Empiezan a trabajar con el ELN como un grupo jalonador ella sus hermanos y otros dos muchachos. - Se consideraban personas muy sensibles y con la coyuntura de la edad, el romanticismo de la revolución ven como posible la transformación social. La idea política era cambiar el sistema porque no permite que todos tengan las mismas oportunidades y resuelvan sus necesidades básicas. - Recibe capacitación, y formación para mantener el otro grupo. Se convierte como un grupo de articulación entre el grupo más amplio y la célula del ELN: - Empiezan a hacer eventos masivos de tipo deportivo y cultural pasando de ser simpatizantes a colaboradores. - La célula provenía de Santander, estudiantes de la UIS, pero era una disidencia que había entrado en choque con la cúpula mayor. La dirección nacional del ELN mantenía al grupo porque se especializaban en recuperación económica. - La célula se movía por varias ciudades del país, y para seguridad manejaban el sistema de compartimentación para evitar riesgos individuales o grupales. - La formación la empezaron a recibir con influencia de Nicaragua, el salvador lo cual los motivaba aún más. - Se van formando política y militarmente en entrenamientos en pueblos cercanos de Bogotá: el entrenamiento consistía en disparar armas, armar y desarmar, limpieza de las armas. - Se llevan a los hermanos menores a Cali a estudiar y a vivir en un colectivo que era camuflaje para la organización. Tenían negocio y unas

	<p>hacia ella.</p> <ul style="list-style-type: none"> - En su ingreso al GA por ser la única mujer y tan joven sintió que la consentían mucho y por seguridad la pasaron a otro frente y no quería separarse de ellos. Lloro mucho - Cuando ingresa al otro grupo donde habían más mujeres le exigen mucho porque censuraban que estuviera tan consentida. Se tenía que levantar a las 4 45 am y no se bañaba porque el agua era muy helada. Una vez la sancionan por continuar levantándose tarde cargando 10 armas. - Dentro del grupo recibe formación, tenía que leer el libro rojo y negó del ELN y empezó a tener un discurso de lucha por el pueblo, contra los capitalistas que están robando. Conoció parte de la historia de los curas guerrilleros. - Las mujeres guerrilleras y los hombres tiene las mismas funciones. - Cuando estuvo en combates fue muy difícil porque se enfermó a raíz del miedo que le género. Siempre la sacaban a ella primero. En un combate mataron a muchos de sus compañeros. En ese combate el ejército y los paramilitares cogen todos los documentos incluyendo los de ella, lo que hacen que después empiecen a buscarla. - Sus sueño dentro del grupo era ir ascendiendo, tener más poder y mando. Siente que tiene mucha habilidad para organizar cosas y eso le hubiera servido dentro del grupo. - Habían jóvenes embarazadas dentro del grupo, del comandante, sentía que sacaban fuerzas de donde no tenían para caminar y después tenían que dejar el niño con alguna familia para que se lo cuidara. Cada vez que podían iban y visitaban al niño. - En este momento, interpelan a las mujeres como las queremos aquí combatiendo, no teniendo hijos. El proceso era pedir permiso al comandante para asociarse con alguien y les daban un tiempo de prueba a ver si funcionaba. - Había una mujer comandante alta y ruda, un poco agresiva y a los hombres les costaba dejarse manejar por ella. - No quería abandonar el grupo porque quería ascender y quería subir a como diera lugar. - Es capturada por el ejército cuando después de un combate su familia y el párroco quieren ayudarla a salir de la zona. En ese combate todos murieron. } - Sale del grupo y la llevan a una cárcel en Bucaramanga y después a 	<p>casas que posibilitaban la estadía de jóvenes en la ciudad.</p> <ul style="list-style-type: none"> - La célula sale y ellos continúan el trabajo en el barrio con los jóvenes que ya venían en el proceso comunitario. - Se convirtieron en un grupo estratégico para llevar, guardar cosas. - Estaban ilusionados, convencidos de la revolución y su aporte a ella. - En conjunto con las FARC planean operativos de seguimiento, retención, cobro de dineros. Frente Luis Prada Hernández del ELN - Cuestionaba la forma de actuar del M-19 por considerarlos folclóricos y como tratando de darse a conocer mucho. Pensaba que era una guerrilla poco seria porque armaban campamentos y hacían entrenamientos en los barrios. <ul style="list-style-type: none"> - Participa en un proceso de formación - Escuela de combatientes y ahí se veían las habilidades si era lo militar o lo político. Tenían claro que el monte no era para todos porque las personas de la ciudad no resistían mucho las caminatas, las jornadas. Escuelas de 3 meses de formación en la parte rural para formarse como un militar integral, recibían formación hasta de primeros auxilios. - En los campamentos se percibía respeto, apoyo y colaboración, no se sentía discriminación, ni preferencias. Habían muchas mujeres profesionales urbanas que iban a los entrenamientos también. - Cuando hizo la escuela ella tenía 19 años y eso le daba ciertos privilegios, que la motivaban y la estimulaban por ser nueva. - En cualquier momento se muere pero haciendo lo que le gusta y defendiendo lo que le gusta, por la vida hasta la vida misma, ni un paso atrás, liberación o muerte. - La escuela se hacía en convenio con otros grupos guerrilleros. La época de la coordinadora guerrillera. <ul style="list-style-type: none"> - Con el otro grupo era trabajo político, recibía instrucciones de seguimiento. Pero ella continuaba con su vida familiar - Ingresa a estudiar sociología y esperan que ella abra trabajo político pero la U es cerrada por problemas con grupos paramilitares - Sale de la casa y se va a vivir con un colectivo en una imprenta como fachada que imprimía propaganda del ELN y continuaban haciendo trabajo político y formación. Duraron un año. Le dijeron que regresara a la casa y formaron otro colectivo que fue detenido y los muchachos detenidos y encarcelados. Los encontraron con propaganda subversiva. - El ELN desconoce el grupo por ser una disidencia y no le brindó apoyo. No volvió nadie del grupo a recoger el trabajo que había dejado esta
--	--	--

	Bogotá.	<p>célula, se sintieron abandonados, y tuvieron que hablar con su familia y no vincularse más a otro tipo de acciones políticas por temor a ser apresados también.</p> <ul style="list-style-type: none"> - OTRA INFLUENCIA fuerte ideológica fue la teología de la liberación. El ELN tenía cura guerrillero eso era motivante porque mostraba otro Jesús y otra iglesia. La TL la marco para pertenecer al ELN. - Siente que los grupos disidentes del ELN perdieron todo respaldo cuando cuestionaban y en ese momento tenían una dirigencia muy intransigente. Casi que podían declarar enemigos a los grupos que criticaban.
Trayectoria afectiva – amorosa, sexualidad	<ul style="list-style-type: none"> - Tuvo una relación con el padre de su hijo, que también hizo parte del programa del gobierno para niños y jóvenes reinsertados. Él murió - Siente que cuando quiere a alguien termina muriendo, eso mismo paso en la guerrilla con un muchacho con el que tenía una relación. - Siente que nunca se ha enamorado. Cuando quiere a alguien terminan muertos, al primer novio en la guerrilla y al papa de su hijo. Esto le ha generado dolor por el cual no quiere volver a pasar. 	<ul style="list-style-type: none"> - Tuvo una relación y nació su hija, nunca convivió con ella siempre vivió con su madre y su hermano que no se casó. - En Alemania conoce a su actual marido y siente que es una recompensa a lo que ha hecho por otros.
Trayectoria profesional	<ul style="list-style-type: none"> - En el trabajo y en la universidad no saben de su pasado del grupo. - Sale del grupo e ingresa al ICBF, allí consigue terminar el bachillerato aunque después no le valen los certificados y decide estudiar trabajo social 	<ul style="list-style-type: none"> - Se fue a Europa porque se sentía decepcionada del trabajo político y de la imposibilidad de no poder hacer nada. - Trabajo con fe y alegría después de terminar su vinculación como profesora en educación popular fortaleciendo la parte cristiana. - Con el regreso a la vida normal consigue un trabajo comienza a reconstruir su vida. - Quiere en los años 90 estudiar ingeniería industrial pero la desmotivan porque dicen que es un campo exclusivo de hombres, entonces se decide por la pedagogía infantil. Empiezan a integrarse a la vida laboral y a estudiar. - Trabajo 20 años en licenciatura pero siempre estuvo vinculada a lo comunitario y a la defensa del territorio, de la cuenca del Río Tunjuelo.
Maternidad	<ul style="list-style-type: none"> - Ser madre significó ser más humana y apreciar la vida. El hijo es muy significativo porque por él está trabajando, estudiando 	
Mujer – símbolos normas	<ul style="list-style-type: none"> - Tiene una imagen de la mujer santandereana como una mujer guerrera por su mamá. Les daba todo lo que necesitaban. 	<ul style="list-style-type: none"> - En el 82 – 89 consideraban a las mujeres en el monte o que iban, muy valientes y no se percibía que fueran objetos sexuales. Al contrario, en el ELN se difundía respeto a la mujer y admiración, se las veía con las mismas capacidades tanto políticas como militares para enfrentar la

		guerra. - Se tenía el ideal de lucha de mujer y hombre hombro a hombro.
--	--	--

APENDICE C - ANALISIS CRONOLOGICO DE LAS TRAYECTORIAS DE VIDA DE MUJERES EXGUERRILLERAS DEL ELN

Década	60	70	80	90	2000	2010
Contexto		Final 60 y comienzos 70 grupo de clérigos fundan Golconda – impulsan Teología de la Liberación	81 (Crea el grupo paramilitar MAS – Muerte a Secuestradores) ELN fortalece trabajo en las ciudades con células urbanas – fuerte influencia revolución sandinista y Nicaragüense Cierre de universidades por orden publico 82 – 89: participan muchas mujeres en la guerrilla, universitarias. Se les trataba con mucho respeto 1985 Palacio de Justicia por el M-19 1987: se confirma la coordinadora Guerrillera			
Consuelo Miliciana Bogotá	64 (N) Madre sola 7 hijos, padre fallece de infarto Barrio popular de Bogotá – pobreza y	Crean un grupo de barrio con otros jóvenes P-39 Contacto con una célula del ELN y los vinculan como grupo	82 (IGA) 83 Comienza el trabajo con el ELN y estaban convencidos de la revolución – sentían	92 (SGA) Retoma su vida de trabajo y estudio Estudia pedagogía	2000 Comienza con una organización de defensa de lo ambiental y del territorio con su hermano	

Década	60	70	80	90	2000	2010
	marginación	simpatizante y después colaboradores - milicianos	<p>que eran vanguardia</p> <p>Hermanos viajan a Cali – ella se queda responsable del grupo en Bogotá, recibe formación política y militar</p> <p>Ingres a sociología para fortalecer el trabajo político de la U – se cierra por orden público y tiene que abandonar la carrera por seguridad</p> <p>Sale de la casa materna a vivir con un colectivo que tenía una imprenta y continua con el trabajo político y de formación durante un AÑO</p> <p>La envían nuevamente a su casa porque forman otro colectivo – pero este es apresado y los jóvenes son enviados a la cárcel – el ELN niega ayuda por ser un grupo disidencia</p>	infantil, se vincula desde ahí al trabajo comunitario. Trabajo en esto 10 años	<p>Se decepciona del trabajo social por las ONGs y las amenazas que reciben</p> <p>2008 viaja a Europa de ilegal y se queda allí.</p> <p>2011 conoce a un hombre Alemán con quien se casa y obtiene la legalidad para vivir en Europa – se piensa quedar a vivir allí</p>	

Década	60	70	80	90	2000	2010
			Siente una crisis del ELN por no aceptar críticas y considerar a quien cuestiona como enemigos – el ELN nunca recogió el grupo ni los apoyo más			
Contexto	ANUC nace en el 66 - 70		<p>80 – 85 guerra sucia por parte del Estado, asesinatos, desapariciones dirigentes</p> <p>Coordinadora obrero - campesina popular</p> <p>86-87: En Santander se fortalece el movimiento campesino</p> <p>1987: Asesinato del Padre Bernardo López – Golcondag</p> <p>Asesinatos por el grupo Mano Negra</p> <p>1987: Paro del Oriente</p> <p>Años 80: relación del ELN con la comunidad muy fuerte, de</p>	Crisis interna del ELN división MIR		

Década	60	70	80	90	2000	2010
			subordinación			
Elena Mando medio enlace con la DN Santander		72 (N)	<p>1984: el padre abandona la familia, destroza a la madre y las desestructura</p> <p>Se une a grupos del barrio de formación cristiana TL – revolución sandinista</p> <p>La marca una profesora del colegio que le muestra la pobreza, la insolidaridad y participa en obras de teatro de asesinatos de sindicalistas</p> <p>80 – 85: participa en la coordinadora obrero campesina y recibe formación de comunidades eclesiales de base</p> <p>86 – 88: Gana reconocimiento y liderazgo</p> <p>1987: 17 años y participo en el Paro del Oriente y es encarcelada y torturada</p>	<p>1991: asesinato de su compañero del grupo armado Ricardo, mando del ELN.</p> <p>1991: pierde a su embarazo por la muerte de Ricardo</p> <p>93 – 94: con la muerte de su amigo y amante de una noche Enrique decide salir del grupo</p> <p>96: tiene a su hija con un hombre que le brinda protección, pero siente que la utilizó</p> <p>98: conoce a un médico cubano del cual se enamora, pero no puede ir con el porque lo impide el padre de su hija</p> <p>99 – 2000: Regresa de cuba y estudia sociología y comenzó a prepararse en la línea de DDHH</p>		<p>2011: termina una relación donde se siente utilizada y la hace cuestionarse y sentir miedo de su fortaleza y la capacidad de decir las cosas</p> <p>2012: Maestría en DDHH</p> <p>Se siente estancada y con obstáculos porque la gente la tilda de conflictiva y le han cerrado espacios otras mujeres</p> <p>2012: Solo vive ella con su hija</p>

Década	60	70	80	90	2000	2010
	<p data-bbox="976 320 1214 683">87: CAMBIO – RUPTURA: debe salir de su casa y trasladarse a una zona bajo la protección del ELN. Se enamora de un comandante del ELN y eso acelera su vinculación militar (solo vinculaba a personas con trabajo político previo)</p> <p data-bbox="976 719 1214 895">Sacan a su compañero y ella es acosada sexualmente por un comandante. Por eso es trasladada a otro frente.</p> <p data-bbox="976 932 1214 1018">Pierde su primer hijo por que nace de pies en el monte</p> <p data-bbox="976 1054 1214 1297">Trasladada al JMQ donde conocerá al amor de su vida en la guerrilla. Ricardo. Este era otro tipo de frente, de mayor apertura para las mujeres.</p>					
Contexto	1981: MAS grupo que asesina al papá. Imponía una			97-98 El Estado despliega toda la guerra sucia en contra		

Década	60	70	80	90	2000	2010
			<p>carnetización en la zona</p> <p>1984: Protestas de la ANUC por tierras a Luchar*</p> <p>1985: comienza el asesinato de militantes de la UP en la región</p>	<p>de los campesinos. Ataques indiscriminados, quemas de casas, desplazamientos, bloqueos económicos.</p> <p>99-2003: años más difíciles de la guerra sucia</p>		
<p>Camila Mando – trabajo organizativo Arauca</p>	<p>68 (N)</p> <p>Familia de 6 mujeres y 3 hombres.</p>	<p>1977: Asesinan a su padre cuando ella tenía 9 años</p> <p>Desplazados de la finca por amenazas y tiene que ir a vivir a una ciudad</p>	<p>1981: a los 13 años se empieza a convertir en líder en su comunidad por las tomas de tierras para campesinos desplazados</p> <p>A los 13 años comienza a estudiar – 3 primaria</p> <p>1984: a los 16 años decide tener un hijo para llenar el vacío que le dejó el asesinato del padre. Ser madre le cambió totalmente su vida. Se sentía feliz y supera los traumas que le dejó la muerte de su papá</p> <p>Deja de estudiar y vive con el padre del</p>	<p>En la guerrilla tuvo dos hijos más</p> <p>En 1999 sale de la zona donde acompañaba a los campesinos a sobrevivir de los ataques del Estado y los militares por las tierras. A raíz de que estaba embarazada y podía perder su hijo. (97 había abandonado el uniforme y la vida militar para quedarse a ayudar a los campesinos)</p>	<p>2000 regresa a la casa materna donde están sus hijos con su hija y comienza a reconstruir la relación con sus hijos los cuales le cuestionaron mucho haberlos dejado por estar en la guerrilla</p> <p>2008: 40 años, siente que su vida comienza un ciclo diferente donde ya no puede equivocarse y no puede perder tiempo</p>	<p>Cristiana y siente que Dios le ha dado las respuestas a su vida y eso cambia su percepción de porque suceden las cosas – es parte de un plan de Dios</p> <p>2010: Madre de 4 hijos vive actualmente con ellos y con su madre. Está estudiando administración</p>

Década	60	70	80	90	2000	2010
			<p>hijo Deja al padre de su hijo vuelve a la casa materna y continua con el trabajo político</p> <p>1985: Termina la primaria y estudia secretariado comercial, eso le ayudo a conocer el manejo administrativo del municipio y la corrupción que había</p> <p>1985: Es amenazada por su liderazgo y por la toma de tierras. Contactada por las FARC, pero prefiere el ELN</p> <p>1988: Ingresa oficialmente al ELN – deja a su mamá y a su hijo. Se va a otra región y al ingresar le gusta ver mujeres con poder y autoridad dentro del grupo. Esto la motiva más – deja de sentirse discriminada como cuando hacia trabajo político en el pueblo. Dentro de la guerrilla</p>			

Década	60	70	80	90	2000	2010
	se inclina por ayudar a la gente, no tanto por lo militar.					
Contexto	<p data-bbox="1249 379 1480 624">Década del 90 fue la crisis cafetera y la necesidad de los campesinos de organizarse para que los bancos no se quedaran con sus tierras</p> <p data-bbox="1249 655 1480 778">Fuerte presencia militar de los grupos guerrilleros en zonas rurales y alejadas</p> <p data-bbox="1249 810 1480 1177">Guerrilla mantiene una relación de colaboración y apoyo con los campesinos. Los protege de abusos de hacendados y de explotación laboral. Además la guerrilla en estos años lleva a la gente medicamentos, comida, arreglaba caminos.</p> <p data-bbox="1249 1209 1480 1390">96-97: Llegada de los paramilitares a la zona, amenazas, asesinatos, desapariciones, violaciones y</p>					

Década	60	70	80	90	2000	2010
					masacres	
Victoria Mando – Trabajo en formación y comunitario Antioquia		73 (N) Infancia feliz, era la menor de la familia y creció muy consentida. Madre enferma porque tuvo 19 partos mal logrados. Eso marca la familia. Padre con deudas en el banco, hacia parte de organizaciones campesinas.	1985: a los 12 años decide irse a vivir sola al pueblo para no repetir la historia de las mujeres de casarse, tener hijos. Quería estudiar y hacer otras cosas 1989: a los 16 años regresa a estudiar nuevamente después de haber ido a vivir nuevamente con su familia porque su madre había enfermado 16 años continua su trabajo con organizaciones campesinas 1989: a los 16 años se vincula orgánicamente al ELN. Primeros acercamientos y dedica su trabajo a la formación de militantes nuevos y con campesinos.	1997: 24 años es amenazada por paramilitares y sale del pueblo por su trabajo comunitario y por los vínculos con el ELN. Nunca puede volver a su tierra. FD: Después de la muerte de su madre, y de no poder ir al entierro, tiene que hablar con su padre y hermana de su vinculación con el ELN. Ellos la apoyan. 1999: Se desvincula del ELN por diferencias políticas.	FD: Su padre a los 74 años se casa nuevamente y tiene dos hijas. Esto le devuelve la vida, sin embargo, muere de un infarto cuando la mayor tenía 2 años. Esto cambia la relación con su padre y el acepta que ella pueda perder el honor familia, tener hijos sin casarse. Los acerca más 1995: Padre muere de un infarto, ella no puede ir al funeral por amenazas, eso le ha generado un dolor fuerte que no ha podido superar. 2007: Comienza una relación de pareja, la cual le ha permitido poner en práctica sus ideales revolucionarios. Respeto, solidaridad, fraternidad. (El hombre y la mujer nuevos) Eso hace que quiera se madre.	

Década	60	70	80	90	2000	2010
					Antes no quería casarse ni tener hijos. Estudia agronomía por su amor al campo. Continúa el trabajo con campesinos y derechos humanos.	
Contexto				En la década del 90: la presencia militar de los grupos guerrilleros en todo el país era fuerte, lo cual creo una especie de normalización de su presencia.		
María Combatiente Santander	86 (N) Familia tradicional, campesina y católica. Menor de 4 hijos. Figura del padre fuerte y autoritario. Mantenían roles muy diferenciados en su familia.	1995: Llega al pueblo cuando tenía 9 años y sale de su casa a vivir con sus abuelos para continuar estudiando. Esto la lleva a sentirse sola y sin la atención de nadie. Tenía una fuerte influencia religiosa, hizo parte de infancia misionera y otros grupos católicos.		1999: se vincula al ELN como combatiente. Siente que ella se transforma, se vuelve más fuerte, dura, su cuerpo cambia. Quería ascender y tener poder militar dentro del grupo. Esta experiencia la llevo a sentirse valiente y capaz de hacer cualquier cosa en su vida. Al ingresar al ELN siente que pierde ilusiones, que dejo de tener el buen	2000: Es capturada por el ejército después de un enfrentamiento donde casi todos los miembros de su frente cayeron en combate Es llevada a la cárcel y por ser menor de edad, ingresa al programa del gobierno. Ahí se siente agredida y ella se transforma en una persona agresiva también	2010: está terminando trabajo social. Trabaja y vive con su hijo. Hace dos meses murió su compañero (el cual también fue guerrillero), y siente que tiene que ser fuerte y no mostrar debilidad.

Década	60	70	80	90	2000	2010
				<p>comportamiento que antes tenia</p> <p>Su ingreso y permanencia fue especial porque fue reclutada por una comisión especial del ELN compuesta por 15 hombres dedicados a operaciones especiales. Por ser la única mujer fue tratada con muchos privilegios. Eso le marca su estancia en el grupo.</p>		

APENDICE D – ANALISIS DEL ELN COMO CAMPO Y DE LAS RELACIONES DE GÉNERO

<p align="center">FUENTES</p>	<p>Símbolos: que evocan múltiples (y a menudo contradictorias) representaciones –por ejemplo, Eva y María como símbolos de la mujer en la tradición cristiana occidental- pero también los mitos de luz y oscuridad, de purificación y polución, de inocencia y corrupción. ¿Qué representaciones simbólicas se evocan, cómo se invocan y en qué contextos? (p. 66)</p>	<p>Conceptos normativos: que avanzan interpretaciones sobre los significados de los símbolos que intentar limitar y contener las posibilidades metafóricas de los mismos. Estos conceptos se expresan en las doctrinas religiosas, educativas, científicas, legales y políticas, y adquieren básicamente la forma de oposiciones binarias fijas y afirman de forma categórica e inequívoca el sentido de hombre y mujer, de lo masculino y lo femenino. La cuestión clave de la nueva investigación histórica consiste en desbaratar la idea de estabilidad, en descubrir la naturaleza del debate o de la represión que conduce a la apariencia de la permanencia intemporal de la representación binaria del género. (p. 66)</p>	<p>Instituciones sociales y organizaciones: Análisis del sistema de género que “incluya no solo el parentesco sino también (especialmente en el caso de las modernas y complejas sociedades) el mercado de trabajo (un mercado de trabajo donde impere la segregación sexual forma parte del proceso de la construcción de género), la educación (todas las instituciones masculinas, no mixtas o mixtas forman parte del mismo proceso), y el régimen gubernamental (el sufragio masculino universal interviene en el proceso de construcción de género)... El género se construye a través del parentesco, pero no exclusivamente a través de éste; también se construye a través de la organización económica y política, la cual opera, al menos en nuestra sociedad actual de forma muy independiente respecto al sistema de parentesco. Embarazo, sexualidad y pareja. Estructura jerárquica. Igualdad</p>	<p>Identidad subjetiva: Los historiadores necesitan examinar las formas en que se construye sustancialmente las identidades de género, y relatar sus hallazgos a través de una serie de actividades, organizaciones sociales y representaciones histórico-culturales.</p>
<p>Relatos de las mujeres</p>	<p>En los años 80 se respetaba y valoraba mucho la participación de las mujeres, se les consideraba valientes. Las mujer guerrillera tenía autoridad, estaban armadas, y eran reconocidas dentro del grupo. Una idea de igualdad, era luchar hombro a hombro, se era más de lo</p>	<p>Existen en la guerrilla dos tipo de mujeres: las que combaten y las madres de los hijos de los combatientes. Cuando se combinaba esta condición, la pareja decidía dejar sus hijos al cuidado de familiares o amigos. Madres o guerreras: generaba contradicción en la guerrilla</p>	<p>Intuición. Eso no era permitido en un análisis del conflicto. Presentimientos. Las mujeres solo llegaban a ser mandos medios. Se utilizaba la belleza y la seducción como arma de guerra Era difícil la labor de las mujeres o el acceso a ciertas actividades, porque la</p>	<p>En la guerrilla principalmente los combatientes iban a los prostíbulos y mantenían con su pareja, relaciones de maltrato, subordinación. Además eran los primeros que mataban en los combates, se emborrachaban. Para obtener más privilegios</p>

	<p>colectivo, se borraba la distinción de género.</p> <p>Las mujeres en los ejércitos tienen una función: evitan por parte de los hombres matanzas, violaciones, suicidios y asesinatos. Su contribución fue más allá de lo político y lo militar. Fue afectiva, abrió una visión diferente de la guerra, la humanizó.</p> <p>El trasfondo más grande frente al debate interno entre la igualdad y la diferencia dentro de la guerrilla estaba relacionado con la sensibilidad y la fortaleza. Una nueva polaridad que configuraba las relaciones entre hombres y mujeres.</p> <p>Se debía ser fuerte para enfrentar la muerte, no se podía llorar en el colectivo.</p>	<p>Hombre y mujer nuevos – ideales del Ché.</p>	<p>mayoría de mandos eran hombres y se generaba una actitud hostil hacia las mujeres. Esto llevó a discutir internamente la participación de las mujeres en la guerrilla. Lo militar no era tan importante pues las mujeres ya habían demostrado igualar a los hombres en esas destrezas. La destreza más importante era desarrollar lo político.</p> <p>Las universitarias casi no se quedaban en los campamentos, pero si llegaron a cuestionar el maltrato contra las mujeres o que estuvieran lavando la ropa de sus compañeros. Así también cuestionaron con sus prácticas el tema de la sexualidad porque ellas podían tener relaciones sexuales sin mayores justificaciones ni compromisos.</p> <p>Así se logró la igualdad en términos formales, nunca podrían ser iguales hombres y mujeres porque las mujeres no dejaban de ser sensibles</p> <p>Maternidad: la pareja tenía que estar legalmente conformada en la guerrilla para poder tener hijos.</p> <p>Los otros niños se veían en la guerra como los propios hijos por eso algunos niños que quedaban solos, eran acogidos por el grupo para ubicarlos con una familia.</p> <p>El embarazo genera mucho apoyo por parte de los compañeros, consentían a</p>	<p>o un status diferente las mujeres casi siempre terminaban con mandos. Sobre todo en la época donde había pocas mujeres y ellas tenían el privilegio de escoger quien sería su compañero:</p> <p>Esta posición les daba privilegios como dinero, algunas comodidades. Además dependía de quien era la muchacha, si tenía educación, urbana casi siempre iba a estar con un mando. Las mujeres campesinas y desescolarizadas terminaban con combatientes.</p> <p>Relaciones entre H y M de subordinación y maltrato, generó una crisis pues ese tipo de relaciones se mantenían. Dependía de los frentes el lugar que las mujeres tenían. Algunos frentes defendían e impulsaban los espacios de mujeres</p> <p>Sus actividades eran alfabetizar trabajaron con mujeres campesinas fortaleciéndolas. Esto permitió posteriormente resistencias de las mujeres durante la guerra.</p>
--	---	---	---	---

			<p>las mujeres embarazadas</p> <p>Se podía tener al bebe por un tiempo mientras no habían enfrentamientos ni combates hasta los seis meses. La separación de la madre y el hijo genero mucho sufrimiento, también a los padres, pero eran quienes menos lo comunicaban.</p> <p>El ELN regularizo las relaciones de pareja porque había más hombres que mujeres.</p> <p>El amor en la guerra es algo intenso, bonito. Se hacia el amor en medio de la lluvia. El amor se vivía con intensidad porque el futuro era incierto. En la guerra el amor no es propiedad de nadie. Es más fuerte.</p> <p>La fidelidad era una exigencia más hacia las mujeres, los hombres no la guardaban, se le exigía cuando era comandante - hombre como el Ché, tenía que dar ejemplo.</p>	<p>Se cuidaban, se arreglaban, llevaban útiles de aseo,</p> <p>Buscaban formarse políticamente. Eran más disciplinadas que los hombres.</p> <p>Como no se podía llorar en el colectivo se cantaba, se lloraba en soledad y se escribía.</p> <p>Porque la guerra era dura, pero continuaban los sentimientos de solidaridad. Se prohibía llorar para acostumbrarse a la muerte</p> <p>A todas las mujeres su experiencia en la guerrilla les generó aprendizajes como saberse capaz de hacer cualquier cosa. Fuertes. Todas continuaron en trabajo con derechos humanos o temas sociales afines. Mantienen un compromiso político desde otras áreas.</p> <p>Retorno a la vida civil: El mayor dolor y felicidad es el reencuentro con la familia, porque en caso de tener hijos, ellos reprochan la ausencia de la madre</p> <p>Hay que tratar de ganarse nuevamente un lugar en la</p>
--	--	--	---	---

				<p>vida de los otros.</p> <p>La guerra genera temperamentos fuertes, se dice lo que se piensa, se opina, pero esto es censurado por los otros</p> <p>Aquí se genera un nuevo estigma. A las mujeres se les tilda de conflictivas y terminan en ocasiones siendo marginadas de procesos políticos o de espacios de reinserción. No se trataron nunca en los procesos de negociación temas como la maternidad, la soledad, los problemas de salud y los duelos o las emociones que dejó esta vivencia.</p>
<p>Memoria y héroes guerrilleros – AGUILERA (2003)</p>	<p>Toma de Simacota el 7 de enero de 1965 como el relato fundacional. Padres fundadores de las guerrillas – FARC Y EPL. De primera generación. Para el ELN fue Manuel Vásquez Castaño. Opero una refundación ligada a la figura de Camilo Torres que llevó en el 87 a cambiar por UC-ELN</p> <p>Camilo se convirtió en un símbolo de la identidad revolucionaria de masas. Fue declarado comandante de manera póstuma</p> <p>La comandancia de Vásquez Castaño reino el autoritarismo y se negaban las discusiones políticas. Los que lo</p>		<p>El ELN tiene 6 conmemoraciones en el año. Dos referencian su relato fundacional, la marcha y la toma de Simacota.</p> <p>En el 85 se creó la CNG</p> <p>En el 87 la coordinadora guerrillera Simón Bolívar * descripción de sus acciones: 5 conferencias bolivarianas, una cumbre de comandantes y dos conferencias guerrilleras.</p> <p>Entre el 87 y el 93, se generó el intercambio de experiencias, formulación de propuestas políticas y ofensivas militares conjuntas. En el 92 la coordinadora entre en declive.</p>	

	<p>hacían eran acusados de traición. Se castigaba con el fusilamiento o sanciones menores. Por esta razón sale Vásquez del ELN en 1974. Quienes desafiaron su autoridad se convirtieron en traidores o desertores.</p> <p>El padre fundador no comete errores y si lo hace se silencian y ocultan. Suele ser despiadado con los errores de sus subalternos. Abusos de autoridad.</p> <p>Se incorporaron héroes de la patria a las memorias históricas guerrilleras – M-19 trajo la figura de Simón Bolívar.</p> <p>Rojo y negro de la bandera, son la sangre derramada por los héroes y el luto que se guarda a ellos.</p> <p>Descripción de la bandera* NUPALOM. Ni un paso atrás, liberación o muerte.</p>			
<p>YOANA FERNANDA NIETO (2006)</p>	<p>La primera marcha fundacional participaron 18 hombres y una mujer que no se nombra. Mariela. La figura de Mariela se hizo leyenda, porque significaba las capacidades de la mujer colombiana.</p> <p>Se creó al hombre nuevo y se invisibilizo a su compañera, modelo creado por la revolución cubana y encarnado en el Che, que se constituyó en una imagen excluyente y homogenizante. Ignorando la diferencia sexual. Borra a las mujeres, los homosexuales.</p>	<p>Fabio no aceptaba incorporar mujeres en los primeros años porque decía que las mujeres no tenían ese empuje.</p> <p>ELN nace bajo la influencia de la revolución cubana. Los grupos insurgentes de primera generación no incluyen a mujeres ni intereses de género en sus ideologías. Por la novedad del feminismo en esa época, ausencia de movimientos de mujeres con activismo político fuerte.</p> <p>El ELN tenía una moral muy religiosa, pero la debilidad no se</p>	<p>Mariela fue seducida y abandonada por Fabio Vásquez, quien la sometió a humillaciones y burlas. Pasan cuatro años para que una nueva mujer haga parte del ELN – la monjita.</p> <p>Las mujeres realizaban actividades de alfabetización</p> <p>En los años 80 el ELN sale de su crisis, encontrándose con organizaciones rurales y urbanas. Asume también una nueva dirección. Empieza a conformar direcciones más colectivas y democráticas – formando el COCE.</p> <p>Los movimientos sociales y el contacto</p>	<p>Durante esos primeros años, las mujeres que se movían en ese contexto fueron masculinizadas.</p> <p>Por haber dejado los hijos, la culpa pesa mucho para las mujeres. Por esto algunas llevaron a sus hijos a los campamentos. El ELN no obliga a separarse de la familia como las FARC.</p> <p>La sensación de culpa puedo afectar también la proyección política y militar de las</p>

	<p>Guerrero daba la ficción de la igualdad, para que pelearse diferencias.</p> <p>Camilo decía que la mujer es el corazón de la revolución. Entonces quedan los dos modelos. La ambivalencia de la mujer virginal y tierna. O la mujer inexistente que tiene que igualar al hombre</p> <p>Hombre nuevo: sereno, lanzarse a la lucha sin admitir debilidad, arriesgar su vida, infatigable y reservado. Temas de mujeres podrían despolitizar la lucha.</p> <p>El Che, aunque reconoce la capacidad de las mujeres para combatir al lado de los hombres, destaca aportes de su sexo como confeccionar uniformes, cocinar...</p> <p>Mientras que la maternidad les dejó a las mujeres dolores y sufrimientos, el hombre no tenía que debatirse entre su participación en la organización político-militar y su función paterna.</p> <p>La moral revolucionaria se nutría de figuras como el Ché y de Ho Chi Min.</p>	<p>toleraba, era prohibido llorar, había que ser fuerte.</p> <p>En la época de Fabio años 70, las relaciones sexuales y afectivas estaban prohibidas. No para el que se le acusa de tratar a las mujeres como objetivos.</p> <p>Cuando Vásquez sale de la organización, ingresa un mayor número de mujeres al grupo, algunas de universidades y clase media generando cambios en la mirada de género en la organización.</p> <p>El ELN utiliza principios cristianos para guiar, revisar o analizar el comportamiento moral de sus integrantes. El sacrificio, la fortaleza. Regulaban el tema de la sexualidad. Se generó una doble moral porque no se podían hablar temas como la sexualidad, las relaciones de pareja. Aunque los cristianos del ELN trataron de ser coherentes y practicas la honestidad, el sacrificio, la entrega, poner intereses colectivos por encima de los propios. (años 70)</p> <p>Se exigía la monogamia, para prevenir posibles conflictos que podían terminar con la muerte de alguien.</p> <p>Las reglamentaciones sobre sexualidad y vida de pareja eran diferentes dentro de la organización.</p>	<p>con la guerrilla llevo preguntas sobre intereses y derechos de las mujeres</p> <p>La participación de mujeres en la guerrilla amplio espacio y vivencias diferentes para las mujeres como de la sexualidad y de lo domestico, porque podían ver que los hombres cocinaban. Por tanto ganancias y pérdidas de las mujeres fueron diferentes. Para las mujeres rurales la militancia les daba reconocimiento, escapar del maltrato y miseria, para las urbanas significaba marginarse de debates culturales y políticos más amplios.</p> <p>La guerrilla fue más emancipador para las mujeres del campo – años 80.</p> <p>Algunas de las mujeres fueron castigadas por la libertad sexual, a los hombres no. Criticaban la promiscuidad sexual de las mujeres.</p> <p>A mediados de los 80 se empiezan a cuestionar la escasa participación de mujeres en espacios de dirección. Solo hasta los años 90 una mujer llega a hacer parte del COCE. En el 87 con la unión con el MIR Julia llega a la Dirección Nacional. Sin embargo todos los días tenía que estar demostrando que era buena.</p> <p>Las mujeres que militaron en los 70 querían demostrar se tan capaces como los hombres. Estuvieron reacias a aceptar intereses específicos de las</p>	<p>mujeres, porque este sentimiento las subyuga, atormentadas.</p>
--	--	--	--	--

		<p>El contrato se nota más entre militantes urbanos y rurales. Y se generaba choque en las escuelas guerrilleras.</p> <p>La militancia urbana permitía una vivencia más libre de las relaciones de pareja</p> <p>Cuando una pareja se unía: Primero tenían que formalizar su relación – comunicando esto al colectivo o pidiendo ceremonia de matrimonio.</p> <p>Cuando se eran novios no podían tener sexo, pero cuando la relación se formalizaba ya se permitía dormir juntos. Un código era comer en la misma olla</p> <p>La violencia en la pareja era sancionada.</p> <p>Cuando las mujeres llevaron preocupaciones de género fueron fuertemente sancionadas.</p> <p>A final de los 80 comienzan a circular unos textos que cuestionan la moral sexual predominante en el grupo.</p>	<p>mujeres.</p> <p>En los años 80, la igualdad se entiende de otra manera, por cuestionar el modelo masculino en detrimento del femenino.</p> <p>La masculinización era un criterio, porque debía perderse toda la identidad femenina. La igualdad fue desde lo masculino.</p> <p>Pensar que cuando a las mujeres las tratan igual que a los hombres parece una ganancia. Cuando lo que pasa es que toda la organización se masculiniza... en un modelo de hombre ideal.</p> <p>El grupo crea una distinción frente a las mujeres: preferencia por mujeres con niveles educativos superiores, trato preferencial a mujeres compañeras de comandantes o pertenencia a espacios de mando. Mucha preferencia por las intelectuales.</p> <p>Existía ambigüedad por el tema del aborto. Por la mirada cristiana del grupo. Se pensaba que se debía tener hijos para la revolución.</p> <p>Dejar a los hijos era un criterio para las mujeres si querían continuar participando en la organización.</p> <p>ELN generó reflexiones en torno a la maternidad y a los hijos, tenían que</p>	
--	--	--	--	--

			<p>regularla. Entonces los embarazos se empezaron a planear, había que pedir permiso para tener un hijo</p> <p>El ELN hizo un intento de tener los niños en los campamentos en los colectivos de niños. Pero esto los puso en riesgo, además de que se cuestionaba porque la gente decía que los niños vivían como guerrilleritos. Tenían fusiles de palo.</p> <p>El ritual del matrimonio: comida especial, a veces estrenaban ropa. Sin embargo había mucha monogamia sucesiva porque las mujeres dejaban a los hombres y se conseguían otros. Las parejas estables eran escasas.</p> <p>Las relaciones de pareja se viven igual que en el mundo civil: celos, infidelidades, maltrato.</p> <p>Mujeres tenían miedo de denunciar, a que se terminara la relación</p> <p>La vida se colectiviza la punto en que se pierde la intimidad.</p> <p>El ELN tenía una fracción urbana, mas policía, donde estaban arraigadas ideas feministas.</p> <p>Por las diferencias de número de combatientes en el ELN, las mujeres tenían algunas ventajas como escoger la pareja. Algunas mujeres manipularon a partir del poder del cuerpo.</p>	
--	--	--	--	--

			<p>Las feministas dentro de la organización fueron macartizadas, estigmatizadas.</p> <p>A los frentes rurales llegaron discusiones que se daban en la ciudad sobre la mujer. Entonces en la guerrilla las reivindicaciones de las mujeres comienzan a plantearse desde lo práctico y desde las necesidades cotidianas. Por ejemplo empezaron a pedir papel higiénico para su dotación. Después se fueron incorporando las toallas, la citología, las letrinas. Eso económicamente para el eln favoreció porque se gastaba mucho dinero en tratar enfermedades de las mujeres.</p> <p>Una mujer una vez cambio la estética de la guerrillera, usaba chicles en vez del pantalón de la dotación. Y la tildaba de loca, de muy light.</p> <p>Casi todas las mujeres que salen del ELN terminan entrando a movimientos feministas.</p> <p>Es más fácil la incorporación de mujeres a las guerras contemporáneas porque proveen espacios discursivos múltiples porque la designación de tareas rompe con los modelos binarios, por esto tanto el género como la guerra son estructuras negociables.</p> <p>Cambios que el modelo de guerra total ha introducido en las estructuras</p>	
--	--	--	---	--

			<p>sociales: Los roles sociales en la guerra y en la paz son muy diferentes. En la guerra las mujeres desempeñan actividades que antes desempeñaban los hombres Cuando la guerra termina, la contribución de las mujeres en el conflicto pocas veces es Reconocido. Se refuerzan las diferencias de género. En el grupo las mujeres nunca pudieron reivindicar intereses o necesidades de género pues eran considerados caprichos pequeño burgueses que dividían la lucha de clases.</p>	
Luz María Londoño	<p>Más aún, la figura del guerrero ha constituido un referente importante de identidad en la socialización masculina, donde características como fortaleza, resistencia, valor, agresividad, riesgo, osadía, han representado sinónimos de virilidad, de hombría. Nada más distante de la figura guerrera que el modelo que prevaleció durante años sobre la mujer, definida como opuesta al hombre a partir de la lógica binaria de complementariedad de los sexos</p>			<p>En este sentido, asomarse al significado que tendría la guerra para las mujeres – particularmente para aquellas que al participar como combatientes desafían abiertamente los roles de género tradicionales–, significó en primer término cuestionar de entrada lo que se ha caracterizado como ‘lo femenino’, en la medida en que tal referente aparece como una construcción ‘en espejo’ de lo masculino, que no corresponde a lo que las mujeres son o han sido en el pasado, sino a lo que algunos hombres han dicho que ellas son (1998, p.82).</p> <p>Un entrenamiento orientado a</p>

				<p>hacer del cuerpo femenino, definido ancestralmente como cuerpo para la maternidad, “un arma que sirve de instrumento a la guerra” (Sánchez, 2000, p.13)⁵ : cuerpos imbatibles, cuerpos impenetrables ⁶ , cuerpos duros y resistentes. Elvira Sánchez Blake (2000, pg 13).</p>
<p>Mujeres no contadas</p>	<p>Mirada sobre el significado que ha tenido para las excombatientes el tránsito de la vida armada a la vida civil. La persistencia de concepciones neutrales sobre fenómenos relacionados con la guerra, donde se tiene el mito de la mujer como esencialmente pacífica que lleva a negar la realidad de su presencia en la guerra. Se trata de una ceguera frente a este fenómeno, una ceguera de género, que hace referencia al papel que desempeñan las ideologías de género, que incorporadas profundamente por el colectivo hacen ver como naturales los comportamientos establecidos tradicionalmente para hombre y mujeres frente a la guerra y la paz.</p>		<p>La incorporación de mujeres en los grupos estuvo frenada por argumentos que se centraban en su cuerpo, su capacidad física y la amenaza de su sexualidad para la tropa, la maternidad, pues sus hijos no eran considerados su responsabilidad. El desempeño de funciones, realizando funciones políticas y militares, combatientes. Para muchas mujeres el asumir las mismas tareas que los hombres se leyó por ellas como un referente de igualdad, tuvo un alto costo, como negar aspectos importantes de su identidad como mujeres</p> <p>Recomposición de su identidad de género, la identidad como combatientes definida y nombrada en masculino. Las obliga a asimilarse a un mundo masculino en términos de valores que lo caracterizan – fuerza, resistencia – de los comportamientos que se enaltecen – frialdad, racionalidad, mando – y de los adiestramientos propios de su</p>	<p>Los procesos de desmovilización, desarme, reinserción y reintegración son procesos que implican para quienes los enfrentan la deconstrucción y reconstrucción de sus identidades personales, sociales y políticas. El reconocimiento de la diferencia no es suficiente, es preciso que tal diferencia aborde en una dimensión política que permita visualizarla como una relación asimétrica de poder, donde lo femenino, la femineidad y las mujeres han ocupado históricamente una posición de subordinación.</p>

			<p>identidad guerrera – uniformes, camuflados, etc.</p> <p>La exigencia a demostrar su capacidad: expuestas a juicios más severos por ser mujeres.</p> <p>Vivencia de una mayor igualdad con los varones: tiene connotaciones positivas en la medida que para muchas mujeres representa la posibilidad de desnaturalizar la tradicional adscripción de roles y desempeñarse en campos normalmente reservados a los hombres. Esta igualdad se trató desde el punto de vista masculino. Ser capaz de comportarse como los hombres, iguales a los hombres.</p> <p>Menor acceso a niveles superiores de las estructuras jerárquicas y a espacios de decisión. Se afirma que en ninguna de la organización armada se dio un pleno reconocimiento a la mujer en espacios políticos de decisión y dirección. Esto obedeció también a posturas incorporadas por las mujeres entre las que se mencionan la falta de voluntad de mando, su deseo de no asumir tareas o funciones que representen altos niveles de responsabilidad y desconfianza de sus propias capacidades.</p> <p>Razones para la exclusión de las mujeres de espacios de negociación: el que no se incluyeran una agenda</p>	
--	--	--	---	--

			<p>propia de las mujeres en las agendas políticas de los diversos grupos, la insuficiencia de una conciencia clara de género y su dimensión política por parte de las propias mujeres. En varias mujeres es justo en la desmovilización la que facilita el surgimiento de su conciencia de género y la posibilidad de dimensionarla en todo su valor político, la falta de mayor confianza de las propias mujeres en sus propias capacidades. En los grupos armados las reivindicaciones femeninas eran vistas como demandas pequeño burguesas o como distractoras de los verdaderos objetivos de la revolución</p>	
<p>Medina Notas para una historia del ELN</p>	<p>Por último, el ELN considera que su modelo de sociedad socialista tiene que ser, <i>en un todo y por todo</i>, esencialmente humanista; que la construcción del hombre y la mujer nuevos significa reconocer todas las potencialidades del individuo y sus profundas <i>ansias de libertad</i>. Significa propiciar el medio ambiente material y cultural, 677</p> <p>“...Somos el producto de un sistema deshumanizado, egoísta, cruel e inhumano; por lo tanto, luchar contra estas deformaciones del capitalismo, humanizándonos y colectivizándonos, es parte del camino que en su formación ideológica y política debe de recorrer el militante</p>	<p>Esta asamblea puso al descubierto los comportamientos y "desviaciones" de Ricardo Lara y la forma como el grupo iba sufriendo su proceso de descomposición. Se les enjuicio por rebajar las medidas de seguridad, dormir en las casas, utilizar permanentemente los caminos, realizar partidos de fútbol dejando abandonadas las armas y participar en bailes programados por ellos mismos a costa incluso de las tareas militares. A esto se le sumo un duro enjuiciamiento por permitir que los miembros del grupo tuviesen relaciones sexuales con las mujeres campesinas sin respetar el hecho de que estuvieran</p>	<p>El ELN consideraba que la calidad de la organización estaba determinada por la calidad de su militancia y que no era tarea fácil la preparación de los hombres y mujeres que requería la Organización Revolucionaria para adelantar el proyecto que se proponía. Era consciente que la formación de sus militantes <i>era la tarea más dispendiosa, difícil y necesaria</i> que tenía toda organización revolucionaria y que esta no se realizaba de un día para otro, sino que era el resultado de la transformación ideológica, política y técnica de sus integrantes. Igualmente consideraba que la nueva sociedad comenzaba a adquirir forma en lo social y político, en sus valores y</p>	

	<p>revolucionario. No se puede concebir un militante revolucionario falto de sentimientos, de humanidad, de amor, de humildad. Lo humano es la categoría más alta y la expresión concreta del militante revolucionario...”.</p> <p>En gran medida, la discusión en torno a los criterios de militancia y a las características y el perfil de los “cuadros” estaba mediada por una crítica a la concepción estratégica anterior, a la composición social de la militancia, al modelo de formación y a los valores que dieron como resultado un tipo de militante y dirigente al que se responsabilizaba de la crisis, es por esto que se afirmaba que en la fase de reconstrucción política y organizativa: 340</p>	<p>casadas e igualmente, fue objeto del enjuiciamiento, el consumo permanente de licor en la que se comprometía el conjunto de grupo.</p> <p>Durante el desarrollo del proceso se llamó la atención por la pérdida de secuestrados, el amedrantamiento de campesinos y el fusilamiento de los mismos sin causas suficientemente claras. 170</p> <p>“... Todo militante de la Organización deberá poseer un conocimiento del marxismo-leninismo, en sus tres partes integrantes principales, a saber: la filosofía, la economía política y las teorías del socialismo y de aspectos de organización. Sólo dotándonos de herramientas de análisis e investigación científicas, seremos capaces de darnos a la tarea de derrocar al capitalismo, sin caer en las frecuentes desviaciones de empirismo, dogmatismo, subjetivismo, provenientes de una débil formación filosófica. El marxismo-leninismo es la única ciencia capaz de dotarnos de estos instrumentos transformadores, aplicándola a nuestra realidad, que en su constante evolución y desarrollo nos exige</p>	<p>prácticas, en los militantes revolucionarios y que estos debían “encarnar” los valores de la nueva sociedad: 340</p> <p>En el trabajo con el <i>Movimiento de Mujeres</i>, que busca conseguir una mayor y más decidida participación de las mujeres en la lucha popular y revolucionaria, es relativamente reducido. En febrero de 1986 se produce la visita al país de la boliviana Domitila Chungara, que posibilita evidenciar dos tendencias en el sector de mujeres: Una que evidencia la orientación revolucionaria influenciada por la UP y A Luchar, y la otra, que expresa una posición feminista. <i>A Luchar</i> que tiene una muy marcada influencia del ELN y la CNG, impulsa la <i>Coordinadora para el Trabajo y la Educación de la Mujer</i> y la Coordinadora Nacional Provisional de la Mujer. En general, el proceso de organización es lento. 435-436</p>	
--	---	---	---	--

		<p>originalidad, capacidad, creatividad. Estudiar y tratar de desarrollar el marxismo, impulsándolo como una ciencia viva, combatiente, no fosilizada, se coloca como una de nuestras tareas principales en el plano teórico...”.302 AH-ELN. Simacota</p> <p>12. La formación ideológica: aspecto determinante en la formación del militante revolucionario. MEDINA 342</p>		
<p>Milton Hernández (1998)</p>	<p>Como demostraron los desarrollos históricos posteriores, Anorí nos abrió ampliamente el horizonte para las rectificaciones políticas e históricas necesarias, pero siempre ligadas a mantener viva la llama de aquellos héroes forjadores que decidieron dar su vida por la revolución y rechazaron la mansedumbre como opción de vida. Sólo hombres de acero podían desafiar la naturaleza, enfrentarse a un poderoso ejército de más de 33 mil unidades dotadas con las más altas técnicas para el combate y vencerlos moralmente 137</p>			

APENDICE E – ASPECTOS TRANSVERSALES DE LAS ENTREVISTAS

Políticas de la guerrilla frente al machismo

Elena

a mí me parecía por ejemplo muy importante que el ELN estuviera pensando como incidir en un frente absolutamente machista y regido por el rol de una familia, que lo necesitaban claro, que era un frente fundamental, claro, que era en la zona donde se estaba desarrollando la táctica del ELN, claro. En ese momento porque después cambio pal cesar. Porque era done se tenía que cuidar la retaguardia de la Dirección Nacional. DN. También, que estaba cerca de san Lucas, también era el frente que de alguna manera protegía a la DN. Y estaba desarrollando, tenía que ser un frente muy aguerrido y muy fuerte militarmente, también era cierto, pero también era cierto que el ELN estaba cuestionando porque tenía ese tipo de frentes, y porque nosotros después empezamos a decirle a la DN es que este man tiene 5 mujeres y con cada una tiene de cinco chinitos, y eso lo sabe todo el mundo.

Entonces me dijo porque era, no, tu eres la compañera porque eso está oficializado incluso ante nosotros la DN. Le dije era hasta hace tres días era. Y entonces le conté, imagínate, no que es esa falta de respeto, no sé qué están pensando los hombres. Fue muy bonito porque luego y dijo, guebon, no sabe valorar lo que tiene, son tantos hombres en la guerrilla, tan poquitas mujeres en los frentes y estos maricas no solamente no respetan a sus compañeras. Mira la reflexión tan bonita, sino que además les ponen los cuernos quien sabe con quién. Me dijo, no vas a volver todavía, te vas a quedar conmigo. Le dije listo. Se supone que yo llegaba a la semana siguiente y no llegue, sino que me quede como un mes, pero además era muy vacano, porque estos manes permitían este tipo de cosas. Y me quede un mes con enrique pa arriba, pa abajo, dictando talleres, pendiente de su seguridad de sus cosas. Hasta que un día apareció Ricardo, usted que hace con ella acá, ella es de mi frente, se tiene que devolver. Le dijo, no ella se va a quedar conmigo, no va a volver. Entonces dijo Ricardo, y porque. Mira la relación de ustedes se acabó, ella me conto lo que sucedió y la verdad me parece una hijueputada que usted le haga eso a una compañera.

Además con el rol de las mujeres, nos ayudó a fortalecer y a proteger los espacios de las mujeres, de reflexión, de peinarnos, de bañarnos, de ponernos bonitas si queríamos. Fue un hombre que se preocupó mucho por nosotras y por nuestra formación y por la de ellos también

Estaba proponiendo que hiciéramos un diagnóstico, no me acuerdo, pero creo que tenía que ver con un diagnóstico, yo estaba muy preocupada porque habían unos movimientos muy extraños en la zona y estaba muy preocupada porque yo temía que iba a entrar una ofensiva muy fuerte por parte de la mano negra en ese momento. O sea que eran los paramilitares. Entonces eran hasta intuiciones de uno y los hombres no le paran bolas a las intuiciones, pero habían unos movimientos extraños, llegadas de comerciantes raros en el pueblo. O sea, habían muchas cosas extrañas que estaban sucediendo, sobrevuelos de los helicópteros, y efectivamente estaban planeando y mataron a Ricardo, mataron a muchos dirigentes populares, después de la muerte de Ricardo. A partir de junio que matan a Ricardo, empieza todo el proceso de asesinatos de mucha gente

Las chicas con las que yo compartí en la guerrilla más o menos de mi misma edad, como unos 3 años menores, porque yo llegue al ELN muy joven, pero cuando llegue allá, me encontré que las otras niñas eran más jóvenes que yo, distinto era en las FARC, en el M-19 porque eran mujeres más grandes, mayores digamos.

El ELN recibía mujeres campesinas, no había vinculación forzada, sino sencillamente eran mujeres muy jóvenes, niñas hijas de campesinos, que a los 13 años se iban pal monte, pero cuando tu llegas allí, vez una relaciones con los hombres no tan revolucionarias, hombres que se van a hacer misiones y terminan en prostíbulos, hombres dirigentes sindicales que tienen dos esposas, la esposa que hace los oficios y que cuida a sus hijos, y las compañeras que están con ellos también dándose batallas fuertes en la defensa de los derechos humanos, de los trabajadores digamos.

Entonces tu empiezas a percibir eso y tú no quieres si tu discursos es de transformación, de cambio de roles, replicar en la guerrilla lo mismo que tu traes o la visión que traes de lo que se vive en el mundo civil. Entonces de alguna manera se convierte en un reto y tú sabes que tu sola, una golondrina no hace verano, sino que necesitas muchas golondrinas y las golondrinas que existan para hacer el verano. De alguna manera tú sabes que no logras transformaciones si no te juntas con las otras mujeres.

Había una cosa muy tenaz, era las mujeres de los mandos y el resto de las mujeres. Las mujeres de los mandos siempre tenían privilegios, las mujeres de los mandos siempre tenían plata, siempre podían comprar cosas que las otras no podían comprar. Por eso era absolutamente tentador para una mujer tener relaciones con mandos y no tener relaciones con hombres de base en la guerrilla.

Yo no tuve nunca relaciones con hombres de base en la guerrilla, porque de alguna manera yo tuve una posición un poco privilegiada a la guerrilla. Llegue con la protección de la DN, y del frente de guerra norte, siempre me protegían y siempre estuve ahí. Segundo, llegar a un frente éramos tan poquitas mujeres, que las mujeres siempre teníamos la posibilidad de escoger con quien queríamos estar, yo no sé si siempre, uno buscaba poder o protección más bien, siempre buscaba uno, no buscaba, sino que era muy fácil que los hombres de mando se fijaran en uno. Claro una muchacha joven, bonita en ese momento digamos, una muchacha con algún nivel de escolarización más avanzadita que las otras muchachas. Eso le permitía a uno poder escoger, pero pensando en las otras mujeres que tenían las relaciones con muchachos de base, era una situación bastante difícil, no solo por lo que ellas sufrían con sus compañeros. Que sus compañeros se iban para un combate, los mataban, se iban y se acostaban, terminaban en un prostíbulo, borrachos y que llegaban y las maltrataban.

Entonces empezábamos a ver que allí adentro no habían posiciones de cambio y de transformación que era lo que tanto hablábamos. Eso nos permitió a nosotras y especialmente en el Martínez Quiroz en el Cesar, no tanto en el sur de Bolívar. En el Cesar habían posiciones mucho más fuertes por parte de las mujeres y nos propusimos incidir y aprender, enseñarle a quien no sabía leer ni escribir, y lo hacíamos muy juiciosas. Eran más juiciosas que los hombres en ese tipo de cosas. No solamente cuidaban su feminidad, sino que eran mujeres muy preocupadas, porque era otro momento. Era momento de trabajar con los campesinos, de ayudarlos a organizarse, a hacer una junta de acción comunal, o la junta de campesinos del municipio, de la vereda, pero también a la par de eso, era trabajar de la mano con las mujeres campesinas, para que las mujeres campesinas también incidieran en el mismo trabajo y no solamente los hombres.

En el Cesar fue muy fácil poder organizar, en el sur de Bolívar fue mucho más difícil, en el sur no querían que las mujeres nos organizáramos, ni querían que las mujeres no anduviéramos en una escuadra de mujeres, los mandos de dirección del frente no permitían. Ellos argumentaban cosas como por ejemplo, es que son muy poquitas mujeres y como las van a traer a una escuadra, a todas, nosotros también tenemos carencias, necesitamos tener relaciones, el cariño. Siempre lo argumentaban por ese lado. Las mujeres también lo argumentaban, muchas mujeres en el sur de Bolívar argumentaban eso. Acordate de la carta de Ricardo, donde estaba Fredy que se fuera con el GRUA – grupo de apoyo y que Karen se fuera adelante en la vanguardia y no acepto porque no quería separarse de su amado. Decía Ricardo, no hay una actitud de sacrificio, ni de priorización por parte de la compañera y tengo dudas del nivel de compromiso de la compañera, pero eso lo podía pensar Ricardo, porque a pesar de que tú viste en las cartas, lloraba, se molestaba, se entristecía porque no estábamos juntos. A él de todas maneras le gustaba porque eso me permitía a mí crecer como persona y ganar en identidad, pero eso era muy difícil, lograrlo por ejemplo con el resto de las compañeras.

Pero a pesar de eso los esfuerzos que se hicieron por fortalecer la participación e incidencia de las mujeres, especialmente en el trabajo de masas fue muy importante, porque eran quienes tenían mucha incidencia en las otras mujeres. Yo me moría de la risa una vez que llegue a una comunidad del Choco hace dos años, llegue con los curas y llegamos a una comunidad y teníamos mucha hambre porque no habíamos desayunado y llegamos a un lugar y los curas dan la orden de que ya había que servir y ponen unos platos ahí y se sientan todos los curas y nosotros ahí al lado. Yo vi un plato libre, desocupado, y dije estos guevones porque se sientan ahí y no nos invitan a nosotras, llegue senté y ni pregunte. Y las mujeres me miraban, las que estaban sirviendo los platos que casi me pegaban. Les daba mucha rabia eso y claro los curas además, los que estaba presidiendo esa vaina sabían que uno de esos platos era para mí. Y a ellas les molesto muchísimo porque era una mesa para hombres.

Entonces tu como vas desarmando todo ese tipo de cosas, yo dije lastima no poderme quedar en esta comunidad unos días más. Incluso lo planteo, me quiero quedarme trabajando con estas mujeres un rato. No Claudia tú vienes a otra cosa y me llevaron. Si no, yo me quedo, porque solamente con ese acto, sienten ellos que es agresión de parte mía, y la lógica no era esa, la lógica era poder decirles hermanitas, eso no se hace. Está bien, sírvales a estos manes, pero también sírvales a las mujeres, y no, primero estos y luego lo que sobre para las demás. Entonces también son lógica absolutamente fuertes, pero que de alguna manera fuimos logrando desarticular esos patrones tan machistas y lograr posicionar también a las mujeres y escucharlas.

Victoria

De hecho vivimos con una hermana y ha sido una cosa muy distinta a lo que siempre fue, entonces efectivamente puede, esto es mi mayor ejemplo de que las relaciones distintas se pueden dar desde lo cotidiano, desde la vida de pareja, desde el trabajo político. Esa frase del hombre nuevo que hoy le pongo hombre y mujer nueva la aprendí en el ELN, efectivamente para poder construir y lograr lo que queremos y lo que hemos intentando construir durante todo este tiempo, parte de la transformación de uno, de esas relaciones con todo el mundo, de cómo vemos la vida. La solidaridad, el trabajo, el convencimiento por estas cosas se logra en el día a día, en lo que

hacemos cotidianamente, no solamente en el discurso que a veces hacemos con los espacios en los que trabajamos. Es en la práctica y yo si estoy convencida de que si no fuera por la posibilidad del trabajo que tuve, la información que recibí y que pude compartir con otras personas, con combatientes, y trabajadores políticos, si no hubiera sido por eso, yo seguramente no hubiera logrado lo que logre. Eso, desde la cotidianidad, desde lo profesional y del espacio como trabajadora social.

María

Cuando yo estuve en el destacamento había una muchachas embarazadas, pero eran del comandante, entonces caminaban igual hasta donde no más, sacaban fuerzas de donde no tenían, cuando tenían el bebe las enviaban, si era del comandante, entonces la ubicaban en algún lugar, luego se iba, tocaba dejarlo donde una señora, toca ir donde fulana de tal dejarle el niño, entonces le dejaban el niño que lo cuidaran, común y corriente. Cada vez que podían iban y lo visitaban al niño, eso sí le daban a la señora lo que necesitaba pal chinito. Algunas mujeres, a una que conocí la dejaron ir para la casa con el niño, porque era la de un comandante también. Es que los elenos casi no porque allá todas las mujeres les aplican inyecciones y quedan unas embarazadas, pero no son como tan crueles, yo lo diría así en los elenos, mientras que en las Farc las hacen abortar, hasta las matan o les matan el niño ellos mismos. Las hacen abortar como sea, pero en los elenos no, no falta alguno que sean bien mierdas y digan no, no porque nosotros la queremos a usted aquí combatiendo y no teniendo hijos. Que primero había que pedirle permiso con el comandante, que se iban a asociar, entonces, le decían al comandante que nos vamos a asociar, él les decía, bueno, vamos a ver, vamos a colocarles un tiempo de prueba, usted se va ir cuatro meses para allá para otro grupo y se van a ver cada mes y a los cuatro meses se ven, sí señor, en donde la china consiguiera otro o del chino otra se formaba la de Troya porque fue permiso directamente de los comandantes. Algunos si se volvían a ver y ya los dejaban y otros no. El problema era con los civiles, eso era navidad o estaban en un bazar y entonces la rumba bailando y tomando, porque allá también se toma y se baila. Por allá que conocieron a un chino sobre todo los hombres, conocían a una muchacha, y de una vez por allá que los veían abrazados, besándose, entonces venga paca mijo. Ahí está de igual manera con armamento y con todo se baila normal, con todo. Cuando ya otra vez, que nos vamos pal campamento, le vamos a contar a fulana, mire si ustedes no están seguros para que se van a poner a asociarse y le colocaban sanciones. Entonces que se respetaba, se respetaba cuando ya eran socios.

Pareja – amor en la guerra

Camila

Muchas veces y le cuento que el amor en medio de la guerra es muy bonito, es muy intenso, es bonito, cuando uno se enamora porque también es el dolor de que si se va, de que si lo vuelve a ver de que si regresa o no regresa. Uno pasa tiempo con esa persona, y se va porque salió una tarea por otra parte, éramos personas nómadas, no tenía estabilidad en ninguna parte, así fue que aprendí mucho, conocí mucho el país.

Estando allá tuve dos hijos. A pesar de todo el embarazo fueron bonitos, de la dureza de la guerra, fueron bonitos porque yo tuve mis embarazos teniendo mi pareja allá cuando uno se enamora debe de planteárselo al colectivo de que se enamoró. Las dos personas que se enamoran, entonces uno va allí, le hacen una especie de ceremonia, de que se casa, de matrimonio. Esa ceremonia es si uno habla con la persona responsable, si hay forma, como se hace como especie de una reunión, de un festejo, se casa fulano, se establece una relación y entonces entre a haber mucho respeto a esa la pareja,

Elena

La madre de sus hijos y la otra su compañera de militancia. Y la madre de sus hijos que estaba en Medellín cuidándoles a sus hijos. Esas son las cosas a las que a uno después también le empieza a preguntarse muchas cosas. Como dice Gioconda beli, acaso unas eran las mujeres para cuidar los hijos y para amamantarlos y para cuidarlos, y otras sencillamente eran las mujeres de la guerra, entonces empezamos a de construir como muchas otras cosas.

Y toda la gente divina porque todos mis compañeros espectaculares, solidarios, vacanos, pero este marica por su poder era dañado, era una mala persona. Y nosotros desarrollamos con Alfonso de una relación tan bonita con mucho cariño, este fue el que me enseñó a andar en el monte, a desarmar o armar un fusil, ese hombre me enseñó a disparar sin cerrar los ojos, porque el retumbe del fusil le genera a uno. Me enseñó a gozarme las marchas con el morral encima con lluvia encima, ese hombre

me enseñó a hacer el amor en medio de la lluvia, en medio del rastrojo, o sea esas cosas tan bonitas.

Las mujeres y los hombres siempre iban mezclados, siempre eran las mujeres las que tenían compañero, las que no tenían compañero siempre estaban conmigo, eran mujeres campesinas todas, yo era la única urbana. A ellas les quedaba mucho más fácil aprender las reglas, pero ellas no sabían leer ni escribir, entonces tuvimos una muy buena relación. Ahí fue cuando empecé a diferenciar, asumir un poco la diferencia entre lo urbano y lo rural, porque en lo urbano las mujeres están en la universidad, niñas de clase media, media baja. Estas eran niñas desescolarizadas, por eso también empecé a ver que llegaban por ejemplo algunas mujeres de la vida urbana y se acostaban también fácilmente con los muchachos, aunque tuvieran compañera y los tipos también aceptaban eso y volvían mierda los corazones de las muchachas campesinas. Y eso de alguna manera te va formando a ti una posición de género dentro de la misma guerrilla, porque también a ti te toco duro teniendo una vida urbana, estar digamos en una vida campesina.

Pero yo era muy leal, digamos, mi grupo era el ELN no las FARC, y era muy leal y no podía permitirme conceptualmente tener ninguna relación con ningún hombre de las FARC, aunque muchas mujeres si lo hicieron.

No había un reglamento que lo prohibiera, era un reglamento ético que uno se hacía. Pero muchas mujeres no lo hicieron, mucha gente se gozaron buenísimo a estos manes, no fueron los manes a ella, fueron ellas a ellos. Además lo hacían y lo decían, que lo iban a hacer y yo no las critico, me parece fabuloso que hubiesen sido capaces de hacer eso. Yo no porque, por mi formación guebona cristiana, el cuento de la fidelidad, de la lealtad digamos. Jueputa nosotros guardándoles fidelidad a estos maricas y estos cada vez que se les daba la gana, se comían a quien se les diera la gana.

Tu sabes para mí lo difícil que era asumir una relación con Ricardo sabiendo que esa mujer existía y sabiendo que esa mujer lo amaba como lo amaba) hasta que ella y yo no hicimos acuerdos, y hasta que ella no estuvo más tranquila yo no empecé la relación con Ricardo y eso fue prácticamente que pedirle permiso a kathia. Le dije, mira kathia, tú vas a volver al frente y me dijo que no. Y le dije porque no vas a volver al frente si allá está tu compañero. Porque acabo de tener mi hijo y está muy pequeño y yo no quiero volver al frente, porque quiero estar con mi hijo, no soy capaz de dejarlo

Ricardo fue una persona absolutamente amado, pero creo que fue por la forma de persona que fue. Una persona abierta, amplio. Una vez me hizo una donde le toco aprender cómo se trata a las mujeres. Definitivamente estos hombres aunque estén en cualquier discurso o cualquier cosa se resbalan. Estos hombres son muy perseguidos digamos, no sé si será por el uniforme. Pero cuando las mujeres también usan uniforme también.

Entonces empezó a decirle, lo vació muy fuerte. Me preguntaron a mí que quería hacer, yo le dije no quiero volver y si vuelvo a otra zona, porque esas cosas no se le hacen a las mujeres y además yo estoy muy ofendida con eso. A partir de ahí, Ricardo me juro que yo iba a tener el mejor compañero del mundo, el más fiel, el más hermoso. Yo me fui con mucha desconfianza, pero él tenía toda la razón hasta el día de su muerte cumplió absolutamente y fue el mejor compañero del mundo

... algunas opiniones que me vaya haciendo las iré compartiendo contigo, quien mejor que tú para ser la persona de confianza, con quien intercambiar políticamente. Aspiro seriamente a ganarme ese papel para ti, creo que eso nos ayudara a construir nuestro proyecto... es una espera que desespera a gritos... Te necesito más cerca, más concreta, es una necesidad melancólica por la distancia combinada con cariño y ternura. Este proceso de quererte me resulta cualitativamente distinto, está marcada por lo vivido entre los dos. Son cosas concretas con sello propio pero sin escrituraciones. Poco a poco me voy afirmando en lo que buscamos. Espero que a tu manera estés viviendo algo similar

Era un amor como medio loco porque nos queríamos muchísimo y hacíamos el amor en la sabana, en el mar, en cualquier parte, y era porque no sabíamos si hoy estábamos vivos y posiblemente mañana muertos. Fue vacano así, yo también me siento un poco tranquila sabiendo que por lo menos hasta el último momento Ricardo fue muy feliz conmigo.

Yo creo que si en algún espacio de la vida el amor no es tan de propiedad privada de nadie, es precisamente cuando uno está en la guerrilla, pienso yo, o cuando uno está en unos trabajos que son tan fuertes, porque el amor es muy fuerte y tú sabes que hoy estas vivo y mañana no sabes si estás muerto. Y hay sentimientos que se dan de manera muy abierta, y enrique que había sido tan buen amigo de Ricardo y mío, esa noche, menos mal que fue así, y no me arrepiento de lo que te voy a contar, esa noche estuvimos hablando hasta muy tarde, el me abrazaba me daba besitos, yo necesitaba como mucho cariño, como amor. Terminamos juntos y nos acostamos juntos,

Eso fue muy duro, porque enrique era mi hermano, la última noche antes de morir fue mi amante, solamente una vez, me amo absolutamente, yo también lo ame. No me arrepiento por eso. Nunca le he contado eso a nadie, porque de todas maneras, por pudor, bueno, una maricada. Pero fue muy duro porque ya era Ricardo, enrique, ya era

la muerte de mucha gente, la muerte del padre Bernardo López, de Chucho López, de Conrado Gallego, la desaparición forzada de los de Usitras. Eran muertos, muertos, muertos.

Maternidad

Camila

Entonces era muy cariñosa con los niños, se me afianzo más eso de ser cariñosa con los niños, porque en cada niño que uno encontraba veía a su hijo. Eso nos pasa a todos, yo creo que nos pasaba a todos, que uno empezaba a sentirse mamá, o papá de todo niño que encontrara, otros ayudaran a mi hijo y yo ayudaba a este. Si esa pareja después de cierto tiempo desea tener un hijo, lo pueden tener, pueden tener su hijo. Y ya cuando uno sale embarazado entonces empieza a sentir mucho apoyo de todo el mundo, entonces empieza a tener privilegios, si entraba algo rico, yo era muy tramposa, yo les decía yo tengo que comer por dos, entonces me dan doble porción y me consentían mucho. Entonces lo consenten a uno mucho, que la barriguita, todo mundo quería tocar al bebé, si habían problemas a uno era el primero que sacaban para que uno no fuera a estar en medio del peligro. Con los bebés, eso sí era difícil porque uno podía tener el niño y mientras no hubieran problemas en la zona uno podía tener al niño, cuando habían problemas tocaba sacar al niño, eso dependía. Si podía un año, dos años con el bebé, sino tocaba sacarlo a los dos meses o antes, todo dependía de cómo estuviera el orden público. Yo estuve como seis meses podía quedarme con el bebé, si se ponía difícil la cosa tocaba sacarlo. Era tenaz, era terrible, tanto, tanto para mí fue una frustración porque yo no vi caminar a ninguno, cuando de pronto lograba comunicarme de donde estaba el niño, no ya camino. Eso era frustrante para mí, eso fue lo que me impulsó a tener mi cuarto hijo, yo quería verlo caminar. Eso fue emocionante, verlos correr, tenerlos ahí en el piso cuando de pronto eso pegan unas carreras.

Elena

Resulta que yo había quedado embarazada de Alfonso porque yo quería tener un hijo con él, hoy día me pregunto yo porque quería tener un hijo en esas condiciones. Él también quería tener un hijo, cuando él se va sabiendo que yo estoy embarazada, empieza todo el acoso del viejón, yo estaba con dolor abajo muy fuerte, y yo necesitaba ir al médico y yo termine teniendo un parto normal, pero mi bebé era una niña de 8 meses, mi bebé murió. Y fue muy duro porque bueno afortunadamente Miguelito estaba conmigo, él la enterró, fue un periodo muy fuerte (llanto). Pero a veces pienso que fue mejor así, yo que hubiese hecho con un niño y en el campo y después de todo lo que yo había vivido, también era medio loca, pero si fue muy duro, y no estaba Alfonso, no sabía dónde estaba, nos queríamos muchísimo, nunca más obtuve otra vez una carta de Alfonso. Después de haber quedado embarazada y haber pedido a mi bebé, allá está enterrado en el sur de Bolívar. Y además de saber que yo la había podido haber salvado y que ella estuviera estado viva, una mujer grandísima conmigo. Pero también fue porque nunca me dejaron ir al médico y yo necesitaba ir porque mi bebé venía, con la cabeza arriba y las piernas abajo. Cuando fue a nacer nacieron las piernas y entonces se ahogó. Fue en el fondo una cosa muy dura, yo nunca he hablado de esto con nadie, ese pedacito si lo tengo muy reservado en mi corazóncito, nunca hablo de esto. Además yo estaba muy chiquita, pero también, digamos que yo fue madurando con el tiempo, yo era muy chiquita. Entonces como tener una concepción muy fuerte del tema de la maternidad, como una identidad como mujer fueron cosas que se fueron desarrollando posteriormente, en ese momento más como que me defendía del mundo y era muy inmadura. Entonces iba diciendo las cosas, como me había formado en todos los procesos sociales previos, había ido logrando un carácter muy fuerte, pero si fue un momento muy duro para mí. Era un niño que habían matado sus papas y que llegó al frente, como de 11 años. Cuando llegó al frente, entonces Ricardo dijo, no aquí no aceptamos niños. Yo le dije, como así que no aceptamos niños, no aceptamos niños, pero hay que buscarle un lugar adonde el niño pueda irse a vivir, porque no lo podemos echar. El niño viene aquí buscando abrigo y sabe que es un grupo humano y es un niño. Entonces Ricardo se puso muy preocupado, y lo tuvo ahí un tiempo y después busco una casa campesina y allá se fue a vivir el niño con los campesinos que lo acogieron, que habrá sido de la vida de él no sé. Ojalá que bien. Ricardo era un loco divino.

Después de eso como que me puse a pensar... como en muchas cosas, yo también que hubiera hecho con un bebé, sin compañero. Hubiera sido muy duro no. Quizás hubiera entrado en crisis con la familia de Ricardo, pues obviamente yo no iba a dejar mi hijo tirado y ellos querían estar con el niño, porque además Ricardo en todas las cartas le hablaba mucho a los papas del niño. Por el otro lado, los viejos querían fortalecer la relación con el hijo de Ricardo, que afortunadamente lo hicieron. Yo en este momento de la vida, que digo, que fue mejor así, porque para mí hubiera sido muy duro, no hubiera sabido que hacer, yo quería regresarme para el frente inmediatamente

y empezaron las peleas internas, muy duras.

Percepción de las mujeres en la guerrilla

Consuelo

Nosotros fuimos a recibir unas escuelas, nos llevaban de gancho ciego. Yo era urbana y eso que fuera una mujer urbana a lo rural era de respeto en el sentido de que valiente y no vi en la experiencia que yo tuve, no se veía en la convivencia que las mujeres fueran como objetos sexuales, que pasan primero por el comandante mayor y que habían como cosas de abortos. En esa época, estoy hablando del 82, 83, 85, 87, 89, no vi eso, eso no pasaba. Al contrario, ellos infundían el respeto a las mujeres y la admiración a la mujer, dentro de la organización la mujer era digamos con las mismas capacidades, tanto políticas como militar para enfrentar la guerra, el ideal era que la mujer junto con el hombre, luchar hombre a hombre. No había diferencia. Al contrario, la mujer allí era muy bien recibida y no había ni siquiera necesidad de que un guerrillero le dijera a otro, llega esta compañera, por favor, respete, no. Eso lo sabían, era mucho respeto por la compañera, el apoyo, la colaboración, muy bien

Camila

Al llegar allí en la región empecé a conocer armas, gente guerrillera, conocer mujeres guerrilleras, había mucha mujer guerrilleras, mujeres muy bonitas, jóvenes, mujeres ya de edad. Entonces me parecía muy bacano esas mujeres allí, chévere, verlas armadas, verlas con autoridad, verlas ejerciendo cierto tipo de cosas, entonces eso me fue como enredando ahí y viviendo esa otra etapa en mi vida. Me gustaba la igualdad de las mujeres, porque en el liderazgo que yo había tenido antes tenía reconocimiento de las personas que yo me hacía querer, que era la gente pueblo, pueblo, mas no como la diferencia entre hombre y mujer era muy notable

Y algunas mujeres eran líderes, asumían responsabilidades, otras mujeres simplemente se dedicaban a ser la mujer de alguien, a ser la mujer de un comandante, ser la mujer de un muchacho, ser la mujer de alguien.

Elena

Entonces después de alfabetizar con los campesinos me puse a alfabetizar con mis compañeras, y especialmente con ellas que eran más juiciosas que los hombres. Las mujeres lavaban ropa, las de ellas y las de sus compañeros. Las mujeres se turnaban y se hacían peinados, las mujeres se ponían ropa bonita y se preguntaban cómo se veían, si se veían lindas. Entonces también cuidaban su feminidad en medio del monte. Y además fue muy vacano ese aprendizaje.

En ese tipo de cosas hay amores y desamores. Eso que vivo con el viejo me marco hasta ese momento muy fuerte y muy feo. Pero hubo tantas cosas lindas antes y después que eso fue insignificante en mi vida. Pero la verdad cuestiono cosas de los ejércitos y de la participación de las mujeres en los ejércitos que es muy fuerte. Pero también se vuelve como un reto, si hay disposición tu puedes lograr cosas. Todas las cosas que nosotros logramos en el José Manuel Martínez Quiroz con Ricardo, pero también con todo el equipo. Si tú algún día lees las cartas de Ricardo, esas fueron las únicas que pude rescatar. Pero después de la muerte de él fueron las únicas que me pudieron entregar los compañeros.

Es cierto que Marcela no me para bolas y además me lo dijo con mucha frescura, pero yo no voy a permitir que a esa mujer, que es uno de nuestros mejores cuadros, que se está formando donde tenemos unos planes muy buenos de fortalecerla a ella acá dentro de nuestra organización, yo no voy a permitir que termine saliendo con un hombre de las FARC. Así le dijo, a mí me da mucha pena, pero váyase haciéndose al lado, porque nos queremos muchísimo, hemos logrado construir una relación de ejército muy fuerte. Estamos en la zona donde se desarrolla la estrategia del ELN y yo no voy a permitir que el mejor cuadro femenino que tenemos en la zona, que usted se la lleva. Cuando yo llegue me contaron las mujeres en resumidas cuentas eso.

Habían mujeres muy vacanas, las FARC tenía un grupo de mujeres todas estudiantes universitarias, cuadros universitarios, mucha gente de la juco. Había una mujer absolutamente bella, no me acuerdo el nombre y el ELN tenía unos cuadros mandos medios, maravillosos, Odelma que era una mujer blanca, con su cabello largo, trigueño, con unos ojos indios, una mujer que hablaba muy santandereana, era como del sur de Cesar. Una mujer era mando militar del ELN, ella y Hernando, el con un poco más de conocimiento en prácticas, pero ella era una maga, por ejemplo en tareas de inteligencia porque era tan bonita, llegaba y se les metía a los militares, los conquistaba y los tipos embobados se iban detrás de ella y por el otro lado, estos llegaban y tenga., entonces era una mujer muy hábil en ese tipo de cosas y lo bonita que era. Eliana era otra mujer muy bonita, con su cabello largo, todas las mujeres con el cabello largo muy bien cuidado. Además los hombres allá se preocupaban mucho

porque las mujeres usaran shampoo cuando se podía, porque en los combates no se podía. Pero generalmente usaban jabones, una ropa muy bonita, los uniformes bien bonitos, las mujeres cuando podían se metían al pueblito y pedían una plancha y planchaban los uniformes para verse muy bonitas, se ponían cositas en la cabeza con ganchitos, diademas. Se iban y unas a otras compraban cositas, ganchitos, diademas, pañoletas. Unas mujeres muy bonitas, que se cuidaban mucho físicamente, y no solo eso, sino se preocupaban mucho por estudiar, por leer. Hacíamos reuniones de grupo de las mujeres y entonces mirábamos cómo va el tema del carbón en el cerrejón en la guajira.

Entonces eran mujeres absolutamente bonitas, femeninas, fuertes y eran mujeres que leían mucho y que además lo mandos Ricardo, no es porque haya sido mi compañero, pero él tenía una virtud, porque fortalecía mucho el papel y la incidencia de las mujeres. Si tu lees esas cartas de Ricardo, creo que hay una, te vas a dar cuenta, que a este man vez una preocupación, cada rato me dice, tu juegas un papel político muy importante, tienes que jugar tu papel, tienes que ser más protagónico, tienes que ser más dirigente, y todo el tiempo diciéndome esas cosas, y además me cogía y me exigía

Y por otro lado, esa cosa que incidió favorablemente fue esa relación tan fuerte con las farc, porque las farc tenía un nivel de fortalecimiento político muy muy grande, después hubo hasta combates entre ellos, pero en ese momento era una relación de hermandad absolutamente fuerte y creo que eso también fue importante porque nosotras las mujeres elenas teniendo unas rivales que estábamos entre comillas porque éramos muy amigas, pero éramos muy parceras de las Farc que estaban muy preparadas, entonces nosotras también deberíamos estar muy preparadas. Igual los hombres, no lo evidencia en los hombres, fue más en nosotros. Entonces era una exigencia permanente por estudiar, por aprender, por ejemplo como era el proceso del carbón, nos íbamos pa la guajira.

Ahí está jugándose una buena parte de nuestro desarrollo, porque es allí donde se nos exige resultados de la táctica, entonces negra, debes hacer el mayor esfuerzo por jugar un papel dirigente, dinámico de exigencia con el trabajo de los compañeros, adelante que tú puedes.

Entonces Karen debería viajar adelante pues se requería que el grupo llegara rápido, yo considerando la salud de Fredy su compañero, decidí que él se fuera atrás. Y que ella se fuera adelante con el grupo que iba de vanguardia, sin embargo lloro porque no quería separarse de su amado. Ella al final decidió forzarse e irse así, yo acepte aclarándole que la marcha no se atrasaría por ellos. Entonces me preocupa la débil postura por la separación. El estar en la misma comisión no implica la misma triada. No hay actitud de sacrificio y de priorización del trabajo frente a la relación. Creo que deben cuidarse y no excederse en elasticidad, ser ponderados para que puedan madurar en ese terreno. Me gustaría que me mantengas informado porque tengo dudas de la firmeza de compromiso de ella.

Así de fuerte era Ricardo y yo lo cogí y le discutí, le dije que no le podía discutir a ella que tuviera un nivel de formación cuando era una niña que acababa de llegar y que no podía tener ninguna convicción distinta porque ella estaba enamorada de su compañero, que era lo único que la motivaba para estar ahí. Y que había que ayudarla a formarse, era distinto, pero no exigirle compromiso, porque ella no tenía todavía ninguna noción de su permanencia. Que el problema fue de él cuándo acepto que ella hiciera parte del colectivo. Entonces tuvimos una discusión por ella, pero era muy vacano porque con el sí se podía discutir esas cosas. Entonces era muy bonito.

En la misma guerrilla, los roles de las mujeres son absolutamente necesarios en la guerra. Mira ejércitos tan masculinos como los grupos paramilitares o el ejército, que son especialmente masculinos terminan los tipos violando muchachas, borrachos, suicidándose, matándose entre ellos mismos. La participación de las mujeres es importante no solo desde la perspectiva política y militar, sino también desde la perspectiva afectiva porque eso de alguna manera permite abrir una visión diferente al mismo ejercicio de la guerra.

Si la guerra la hacen solamente los hombres y es absolutamente masculina, generalmente las guerras son más masculinas, afortunadamente. Las mujeres tenemos otras tendencias, pero las mujeres de alguna manera participan y permiten como otro tipo de interacciones más con la sociedad civil, interacciones más de la lúdica por ejemplo, que es tan importante, el baño conjunto, hombres y mujeres, el baño de mujeres solas. Esa parte es absolutamente importante porque humaniza las guerras, humaniza los ejércitos, por eso después tu encuentras o parejas que se han formado en la guerra que hacen lo que hizo Odelma y Lenin, nos vamos y nos vamos a tener nuestros hijos y se van como pareja y viven juntos y son campesinos. Y eso es muy bonito o te encuentras tú, Johanna y Jairo otros compañeros del Martínez Quiroz, y ellos están juntos y viven juntos y están trabajando y tiene hijos. Pero además tienen una historia que mostrar, pero siguen como opción de vida. Entonces la gente también vive buscando como otro tipo de cosas, como otro tipo de referentes.

Victoria

Al principio fue muy difícil en la medida en que fuimos conociendo, haciendo aportes al proceso organizativo, también cuestionamientos a lo que no me parecía, el espacio para las mujeres no era tan fácil. La direcciones estaban en hombres, el mayor nivel de dirección estaba bajo la responsabilidad de hombres y no era fácil para hombres que estuvieran en la dirección y aun para combatientes que una mujer llegara pues a trabajar con ellos cosas de formación, incluso en momentos en que tocaba orientar cosas y menos cuando uno no hacia parte del grupo combatiente. Entonces al principio fue difícil, digamos que en general no era la única mujer en esas condiciones, éramos un grupo considerable dentro del cual habíamos varias mujeres y para todas fue la misma sensación una actitud bastante hostil, bastante machista y uno si veía que las condiciones de la combatiente eran un poco difíciles, porque abrirse campo en un espacio de esos y ganarse a pulso los espacios.

Fue parte incluso de lo que empezamos a discutir con los mandos de la estructura militar en esa época y logramos, como que la dirección del frente se pudiera dar cuenta que la posibilidad de abrirle más espacio, no sé si es la palabra, de permitir que las mujeres desarrollaran su capacidad allí, enriquecía el trabajo del grupo, entonces, las mujeres muy capaces, inteligentes, muy buenas para lo militar, pero también para la estrategia, para lo político.

Parte de todas estas decisiones y todo este proceso de formación, logro que efectivamente, para esos años, por lo menos en los espacios en que nosotros estábamos, las mujeres tuviéramos un nivel mayor de participación de lo político hasta el punto en que finalmente muchas mujeres combatientes terminaron siendo dirección, direcciones medias del frente en este caso.

Lo que nosotros hacíamos en términos de formación, del trabajo del grupo que menciono, hacíamos con los combatientes, era trabajo político en termino de, quien dispara en este país hay mucho, era por qué se tiene que disparar en determinado momento. Yo personalmente logre entender, si de chiquita pensé que las armas no deberían usarse, termine entiendo, hay que saber para que usarlas

Roles en el campamento

Consuelo

Se turnaban para hacer el rancho, un día el hombre, otro día la mujer, la vigilancia.

Elena

Teníamos que levantarnos a las cinco de la mañana, hacer una hora de ejercicio. El rancho se repartía dos personas, depende del grupo si era muy grande o pequeño. Dos personas podían asumir, estamos hablando de una escuadra, doce quince personas, a veces se juntaba dos escuadras era un rancho por escuadra digamos.

Yo todavía no tengo muchas preguntas que aún no resuelvo, que algún día las resolveré cuando me sienta escribir. Todavía soy una cobarde porque me pasa lo que me paso hoy, me pongo a llorar. Pero yo creo que en nosotros, ese mismo cuento de la religiosidad, diría yo con el ELN especialmente porque las FARC también tuvo un grupo de mujeres en la costa por ejemplo. Pero nosotras creo que, había muchas mujeres universitarias, las chicas que estaban en las ciudades, generalmente no permanecieron, se iban del país y se quedaban allá. Pero el contacto de ellas con nosotras fue muy fuerte y eso permitía por ejemplo, cuando ellas llegaban a los campamentos y veían una compañera lavándole la ropa a su compañero, se emberracaban, decían, no señora, no laven la ropa. Estaban muy pendientes de la cocina, si cocinaba una mujer, al otro día un hombre y así. Si había poquitas mujeres sencillamente se repartían y les tocaba al mes 25 hombres y 5 mujeres el rancho. Era como que jugaba mucho con el tema de la equidad y se hacía de hecho, era una posibilidad.

Creo que eso fue muy importante. Nosotras también internamente hicimos unos ejercicios muy interesantes, por ejemplo alguna vez una compañera, que era muy valiente para el combate, muy fuerte, muy verraca, muy echada palante. Algún día la escuchamos llorar y el compañero le estaba pegando y ella se estaba dejando pegar. Eso fue para nosotros terrible. Entonces era como poder abordar a esta mujer con amor y contarle como la veíamos de valiente y de verraca y como el otro hijuemadre como iba a ser capaz de cogerle y cascarla. Entonces era como ir transformando esas realidades de a poquito. Entonces ese tipo de cosas sucedían, pero también dice uno, yo creo que mujeres como nosotras, como pensando ya en la vida posterior, en la dificultad ya de reconstruir las vidas afectivas de uno, yo no sé si es crisis generalizada en todas las mujeres, pero es muy difícil, porque uno ya no está dispuesto a tener una relación que no ponga, que no asuma también retos. Distinto a mis amigas que están en una lógica distinta. Yo no sé yo por ejemplo que ya andado un buen trecho. Ya uno no sabe si prefiero cariñitos ocasionales de vez en cuando, o si prefiere realmente uno una relación, pero uno sabe que construir una relación con el tipo de machismo que hay en este país, no sé si uno se la aguante. La verdad después de haber vivido todas las

cosas que uno ha vivido. Al fin y al cabo también, y lo otro es el tema de los roles, piensa uno, también el discurso se volvió eso, discurso. Porque en la práctica cuando yo después de salir del monte, fue que yo pude estudiar, estudie mi sociología con mucho sacrificio y con mucha dificultad.

Igualdad entre hombres y mujeres

Consuelo

No se veía ni discriminación, ni preferencias, nada, nos trataban igual, hacia uno las actividades normales

Camila

Allí no había esa discriminación hacia la mujer, o si había discriminación las mujeres lo peleaban, las mujeres defendían sus derechos. Y empecé a conocer la vida de la mujer guerrillera, y la mujer guerrillera tenía autoridad y si era una persona capacitada llegaba a tener mando, entonces eso me pareció bonito de que las mujeres tuvieran liderazgo, tuvieran autonomía en sus cosas, aunque la vida de la mujer guerrillera es muy difícil en todos los sentidos porque a pesar de que uno llega a tener esa igualdad de hacer las cosas igual que el hombre, uno no deja de ser mujer, uno no deja de ser delicado, uno no deja de ser humano, uno no deja de ser sensible, sobre todo sensible. No sé si es que las mujeres nacen más sensibles, aunque no lo creo, pero uno no pierde el sentimiento por la familia, por los hijos si los hay, uno se enamora. Es difícil en esa parte de manejar esa parte sensible, ante un mundo donde aparentemente uno tiene que asumirlo igual que el hombre, uno tiene que ser fuerte, uno no puede mostrar la sensibilidad, uno empieza a guardársela, a comérsela uno solo. Entonces uno tiene que ser fuerte igual que el hombre, no porque es mujer no conocía, porque es mujer tu no vas, tu no cargas. Tú eres mujer y vas, entonces esa igualdad, si uno se estas metido allí pues debes asumirlo. Además porque la vida de uno cambia mucho, demasiado.

Elena

Una vez un compañero llevo borracho y le estaba pegando a su compañera y ella mujer más valiente del putas y como ninguna otra para el combate y se estaba dejando cascar del man. Y a mí me dio una puta piedra y salí corriendo y le casque al tipo, menos mal que estaba borracho, porque el tipo militarmente era muy fuerte y si no me hubiera matado. Y además la cogí y la regañe, como se atreve, voz que sos la mujer más valiente dejándose pegar de un malparido. Pero eso de alguna manera fue fortaleciendo el carácter de muchas mujeres. Entonces era tan bien un lujo que leamos, entonces leíamos juntas, yo no era lo más ilustrado del mundo, pero leíamos, nos preguntábamos cosas.

Muerte

Camila

En varios momentos viví momentos muy difíciles, donde uno sentía que estaba muy cerca de la muerte, no lo miraba tanto por mí. Si me sentía muy segura que a mí no me podía pasar nada, y nunca me paso nada malo. Pero si vi muchos casos de otras mujeres que asumían esos momentos difíciles, como que hoy estoy viva y mañana puedo estar muerto. Estudiaba cada caso, lo analizaba y pensaba que muchas mujeres pensaban eso, muchos muchachos, que hoy estoy vivo, mañana puedo estar muerto, entonces yo hago lo que tengo que hacer hoy y se dedicaban hacer hoy, pero nunca pensaban que tenían que hacer mañana. Eso sí lo vi mucho

Muy duro, logre ver muchas veces cuando mataban a alguien cuando muere un compañero, así fuera un muchacho recién llegado se sentía el dolor, se sentía el vacío, algo que yo resalto en mi convivencia es que di con personas que no eran tan radicales, tan ortodoxas como pueden haber en otros lugares

Ya como muy personalmente uno en sus ratos solo, lloraba, cantaba se buscaba muchas formas, yo escribía, escribía poemas, eso como que dejaba escapar, tal vez esa parte de afecto, de amor que uno puede sentir por la familia, escribía me acuerdo que escribí muchos poemas, si los podía recoger todo se los daría a mi hija. Pero eso se quedaron allá botados. Ya como la parte de duelo, eso no puede ponerse a llorar en colectivo, todo mundo aparentemente era un roble, todo mundo era muy duro, pero uno si sabía que en el fondo de cada persona se sentía mucho dolor. Había mucho humanismo, a pesar de todo, de la dureza del aguerra, había sentimiento que uno, si era familiar de alguien se le brindaba solidaridad a esa persona. De igual forma también se hacía con el campesino y a esos se les ayudaba mucho, también en sus necesidades económicas.

Elena

Y además cuando caen compañeros cuando empiezan a morir, acompañando a las compañeras, y además los compañeros diciendo pero porque llora, porque estamos en la guerra todo mundo tiene que acostumbrarse a que aquí todos podemos morir en cualquier momento y a mí me parecía absolutamente duro porque puta eran ellas las que estaban sufriendo las pérdidas de sus compañeros

Cada uno sentía que uno era de su propiedad. Hasta que un día me pegue una emputada y mande una carta a la dirección nacional. A Manuel. Les dije mire, yo les pido, les exijo que me respeten y respeten mi dolor. Yo no sé de peleas internas, no quiero saber de eso, yo los amo a ustedes porque ustedes son mi tronco y fueron el tronco de mi compañero. Yo amo a la gente que viene del MIR porque ustedes la aceptaron en el ELN, y fueron nuestra familia y fueron nuestros compañeros en este tiempo. Yo no sé de discusiones ni de peleas internas, lo que menos quiero es que la organización se divida. Creo que eso le haría mucho daño en estos momentos al país. Lo único que les pido, les ruego que me dejen vivir mi dolor, mi compañero fue asesinado. No me prohíban hablar con unos y otros, déjenme hablar con todos, porque yo a todos los quiero, porque mi compañero los quería a todos. Las discusiones internas se pueden dar, si hay que tomar decisiones que se toman, pero por favor, respeten mi dolor, no me metan a ni en esa pelotera interna.

Retorno a la vida civil – dificultades**Camila**

La parte feliz porque me reencontré con la familia, con mis hijos, encontré mis tres hijos grandes, no los conocía, toda la vida si fueron tres años tan difíciles era imposible ver la familia, yo los conocía a ellos por fotos, yo tenía fotos cada vez que me podían enviar una foto una carta, si lo había visto dos o tres veces era mucho. Entonces llegue y los encontré grandes, estudiando, muy difícil la cosa porque se sentía en ellos el vacío, yo no podía llegar a decirles yo soy su mamá, déjenme ser su mamá. Yo tenía era que entrar a la casa y hacer parte de ellos y acomodarme a su vida, conocerlos a convivir con ellos, eso se me gasto más de un año, como dos años, es más aun todavía no lo hago, decirles que yo soy su mamá, como dicen normalmente los hogares que tienen sus hijos, es que yo soy su mamá, su papá y aquí se hace lo que yo mande. No eso todavía no lo logro porque ellos se criaron solos, ellos sortearon muchas situaciones solos, entonces fueron dos situaciones para mí muy resaltantes, porque era lo bonito de estar en casa, algo que me ayudo mucho a adaptarme a ellos y ellos a mí, que llevaba la otra niña, la bebe, la bebe nos unía, que rico llego mi mamá con la niña, todo mundo queriendo la niña.

Y para mí eso acaba de compensar un poco, porque dentro de mí había un trauma de la gente que se había quedado allí, el recuerdo de tantos niños, tantas mujeres, de tantos ancianos sufriendo todavía. Entonces para mí era muy difícil ser feliz, es, porque yo no he podido olvidar eso, ahorita por ejemplo de las regiones la gente me dice que la cosa esta calmada que la situación esta normalmente, que sobrevivieron algunos, que unos se fueron y otros no se fueron. Yo todavía tengo esos recuerdos de esos momentos mas difíciles, donde se vivía mas con la muerte que con la vida, entonces ya acá, fue muy difícil, yo creo que la parte mas difícil fue volverme a reencontrar con mi familia, porque es que cuando el niño esta pequeño, uno manipula al niño, uno le dice al niño haga esto y si no lo castigo, pero cuando el niño ya esta grande y el responde con otra cosa, usted que me viene a decir si usted no ha estado conmigo, usted que me viene a decir si usted no sabe como he tenido que vivir yo. Fue muy difícil venir a decirles a mis hijos, yo vengo a quedarme con ustedes, tal vez yo nunca se los he dicho, he vivido estos años pero nunca les he dicho, sino que estoy en eso todavía, de ver como reconstruyo, pues se lastima, se afecta todo ese tejido de la vida del niño, de que ellos empiezan a entender de que su papá ni su mamá no están y tienen que vivir con otras personas, así sea con personas que los quieran pero no es lo mismo, reconstruir ese tejido es muy difícil y en mi caso no fue con uno, fue con tres. Fue muy difícil, ya viene la adolescencia, es la parte más difícil del joven, mas en una ciudad como esta que está contaminada con todo tipo de contaminación, entonces el niño se vuelve muy irreverente, si todo ha sido muy difícil lograrme acoplar a unos muchachos adolescentes, y ahorita vivo con todos cuatro y ya son muchachos adultos, hemos logrado tener una relación muy bonita a pesar de todo, pero respetándole su vida que ha construido, logre ser parte de ellos. Ya siento que soy parte de ellos, que soy importante para ellos porque cualquier cosa que pasan, llegan mamá ayúdeme, entonces ya siento que soy importante para ellos, pero respetándoles esa vida que construyeron

Elena

Otra mujer, me llamo un día y me pregunto qué estaba haciendo, me dijo que como iba mi maestría, y entonces llego y me dijo, deja hasta ahí no vas a hacer más nada. Le

dije si, después de que termine mi maestría me quiero hacer un doctorado en la pedagógica sobre política social, o en la santa tomas, de sociología latinoamericana, me dijo, no porque vas a hacer eso, ya déjalo así.

Entonces yo le decía a alguien, será que mi formación y mi vida, me han generado un temperamento muy fuerte y muy duro de decir las cosas como a la gente no le gusta escucharlas, es posible no. que a veces uno puede decir las cosas muy fuerte y especialmente en Bogotá la gente no está acostumbrada que le hablen muy fuerte a uno. O dos, es porque se generan celos, yo he sentido celos de parte de una entidad donde estoy trabajando. Obviamente dicen, esta vieja quien es, es que tiene más méritos que nosotros, me han cerrado espacios a más no poder. Mi jefe me manda a la selva ahorita y listo, pero ella nunca me ha preguntado quien es tu hija, en qué condiciones queda tu hija. A mí me toca mover a mi hermana para que se venga a cuidar a mi hija, desajustar la vida de mi hermana, para poderme mover y pagarle obviamente. Irme a vivir a Quibdó y desde allí moverme a toda la región, porque necesito trabajar.

Otra mujer que conocía mi trabajo, armo su equipo y no me llamó para trabajar con ella, sabiendo que yo soy madre cabeza de familia, prefirió llamar niñas tontas que pueda mover y manipular. Entonces qué vas entendiendo con el tiempo, que te toca guerrear sola, que te toca abrirte espacios sola y que recibes puñaladas traperas por parte de muchas personas y de muchas mujeres. Pero también es un poco como, eso te fortalece a vos, porque si generas tantas resistencias dices, cala o duele, un poquito. Siento muchos celos, además porque esta mujer, que ha aparecido con un discurso bobalicón especialmente en derechos humanos y ella me está haciendo a un lado porque yo soy muy fuerte, pero los procesos a los que yo me les he metido como de afro, campesinos, costa atlántica, cauca, esos procesos donde yo he estado mantengo con la gente una relación muy fuerte, la gente habla maravillas.

Por ejemplo a mi nueva jefe, han ido varias personas a hablarle mal de mí, me lo dijo ella. En esos días les preguntaba a unos amigos, ustedes creen que el problema es de los otros o es mío y dímelo con toda sinceridad. Si es que me he vuelto muy intransigente, si es que he estado discutiendo mucho, o si realmente los demás sienten celos y que las mujeres no nos permiten avanzar. Sino que a las mujeres siempre nos limitan las posibilidades de crecer, son preguntas que yo me hago, porque la verdad no sé. Pero creo que hay que hacerse esas preguntas. Yo nunca quisiera ser como mi anterior jefe, porque ella termino siendo muy hermética, muy dura, muy brava y a la gente le da miedo hablarle, y trata a los hombres muy mal y los trata muy duro. Yo me imagino que ella ha tenido que ganarse los espacio que ha tenido a punto de trabajo y esfuerzo muy fuerte, para ella y además es una líder feminista muy reconocida y muy importante, pero la verdad yo no quisiera ser como ella, o sea, no quisiera endurecerme como ella a ese punto. A mí me gusta mantener mi forma de hablar, me gusta ser tierna, me gusta hacer el amor, me gusta que me acaricien y me consientan. Pero es muy difícil, porque tú te vas ganando la fama de ser muy fuerte, de ser muy dura, de ser muy conflictiva. Las mujeres siempre somos conflictivas, generalmente esa es la palabra con las que nos catalogan a todas. A mi alguien me dijo en estos días, que le habían dicho que yo era muy conflictiva. Además he sentido mucha resistencia por mis compañeros de trabajo.

Yo no quiero hacerle sombra a nadie, las mujeres pensamos así, pero ellos porque no piensan de esa manera con las mujeres. Porque nosotras tenemos que cederles a ellos los espacios. A mí me iban a nombrar de directora y de asuntos étnicos, pero el presidente pidió un hombre. Hay mucha oposición, yo soy mujer y ellos no tienen ni puta idea de quién soy yo

Tengo mucha rabia. Tú te sientes utilizada. Y esas cosas duelen mucho. P porque ha estado tan agresiva con todo el mundo, pues obvio, como que muerde porque me imagino así como el proceso de muchas mujeres de sentir agresión, tras agresión, pero a todas las mujeres no nos pasa eso.

En mi trabajo yo me hubiera ido para cualquier lado, incluso me hubiera podido llevar a mi hija a vivir a barranquilla, pero me voy para la selva y no tengo ningún problema. Pero asumir riesgos en mi vida, cuando yo tengo a mi hija y ella no tiene a más nadie, yo creo que hay falta solidaridad de otras mujeres. Mientras otro equipo de asesores, son un montón de hombres. Y yo tengo una hoja de vida que demuestro fortalezas en terreno y me mandan a mí a terreno. Un amigo me pregunta y tu hija, tu jefe no sabe. Yo le dije no te preocupes que yo más o menos, nombran a la nueva defensora del pueblo, yo voy a buscar para irme para allá. Pero muy tenaz, es muy duro. Por eso te digo, que estoy en un proceso como tratando, por ejemplo le pregunte a mis amigos, el problema es mío? Será que me estoy volviendo muy fuerte y yo pensé que no, porque tengo relaciones muy bacanas con la gente. Pero porque estoy sintiendo ese nivel de agresividad tan fuerte. Porque muchas de estas oposiciones vienen de mujeres.

Por lo menos, un hombre que no quieres volver a ver en tu vida, tienes que encontrártelo todos los días. Porque mi jefe no me manda a otro lado. Para las mujeres no es

fácil, es muy difícil. Pues yo me voy a ir. Y yo no puedo dejar a mi hija, y ella con su piernita esta con su proceso de rehabilitación, por eso no la puedo dejar sola. Mi jefe no se ha preguntado en cuantos obstáculos me meto yo y esas cosas unas mujeres no las preguntan. Además yo le explique era una mama cabeza de familia y aun así tomo la decisión de enviarme al Choco.

A las mujeres nos toca muy duro, pero además porque siente uno poca solidaridad de parte de otras mujeres, no es todas, pero eso por ejemplo es falta de solidaridad, sus asesores son un montón de hombres.

Pensando en los movimientos que agrupan gente desmovilizada, y se pone uno a pensar en cual fue la participación de las mujeres. Mira el M 19, tuvieron a Vera en un pedacito de tiempo, luego marginada. Las más valientes como la Negra Vázquez no fueron queridas ni aceptadas en el M. Las aceptaban como parte del proceso porque necesitaban mujeres que mostrar, para demostrar que no eran machistas, cierto. Pero en el fondo si fueron movimientos muy machitas porque si tú hablas con la negra Vázquez, la soledad en la que hoy vive la Negra, eso preocupa mucho. Se preocuparon por ejemplo en los acuerdos de paz y negociación, en hacer negociaciones meramente con perspectiva masculina, pero por ejemplo los problemas de salud, emocionales de las mujeres, los problemas de la maternidad, de la soledad en la maternidad de las mujeres, esos fueron temas que nunca fueron incluidos en la agenda de negociación, fueron temas que quedaron marginados.

Esas son cosas que merecen un análisis muy profundo. Yo no tengo ni idea de cuáles fueron los puntos que se negociaron, pero yo me imagino, conozco un poco lo que fue la corriente, entonces que entregaron, un hotel, una casa que queda por allí, para la gente de la corriente para que lo administraran, como un proyecto productivo, entregaron algunas fincas, y eso quien lo administra, se adueñaron unos. Se adueñaron, león valencia, Fernando Hernández, Antonio López, y tú vez en la página web de la corriente, se llama corporación nuevo arco iris. Si vez en las personas que escribes, una mujer escribe, la ex mujer de león valencia, escriben como 25 hombres y una mujer. Y ninguna de ellas es desmovilizada porque Gloria Tobón no es desmovilizada. Puros hombres y donde están las mujeres, y si vez en el M 19 exactamente lo mismo. Vera jugo un tiempo, la Negra Vázquez también y de resto nadie más. La negra la dejaron y casi nadie habla bien de la negra por conflictiva, si tu preguntas por mí a estos manes, te van a decir que soy muy conflictiva, pero siempre terminan estigmatizando a la gente de esa manera. A los hombres no.

Las agendas de negociación que se hicieron nunca tuvieron una perspectiva de género. Nunca. Además asumir relaciones de pareja uno que fue combatiente, es casi imposible. A mí me gustaría preguntarle a los hombres, a los que han sido pareja mía no les he podido preguntar, porque les da tanto miedo tener relaciones como más fuertes y de más de largo aliento, con una mujer como uno por ejemplo, porque será, porque uno no se calla. Porque uno no dice si a todo, porque uno pelea y discute las cosas, pero acaso las otras mujeres no lo hacen o porque les da miedo. Últimamente me estoy haciendo mucho esa pregunta, pensando mucho en esa última relación que tuve. Un tipo que pensé que me amaba y hace dos años salí corriendo y nunca más supe de él, yo creo que eso es parte del trauma que tengo, porque cada vez que fui a buscarlo a ver qué pasaba, salía corriendo y huía y yo no sé porque huía y al final dije, me tiene miedo y siempre está ahí escondido. Cualquier persona se vuelve loca con eso, y yo digo porque actúa de esa manera, o él está loco, o sencillamente me está enloqueciendo a mí o sencillamente me tiene miedo, pero yo puedo generarle miedo a un hombre. ¿Miedo? Que puedan tenerle a uno rivalidad sí, porque uno se mide con hombres de la misma edad de uno y no tienen ni esto del recorrido que uno tiene en la vida y eso de alguna manera les molesta.

Hoy día yo eso no lo había sentido nunca, quizás porque mi formación no había sido tan sólida, por lo menos no era tan visible, si era sólida, pero no tan visible, pero en los últimos tiempos en la medida en que uno va ganado nombre tiene dos posibilidades: una ganarse el nombre de conflictivo, que eso ya se está volviendo normal, todas las mujeres que conozco que tienen posiciones interesantes, posiciones claras, son mujeres conflictivas, para el resto de gente y eso de alguna manera va generando un estigma y eso de alguna manera está haciendo daño en la vida de estas mujeres.

Yo nunca veo mi participación en la guerrilla como un fracaso por lo menos en mi vida, eso me permitió no ser una mujer tradicional digamos, aguantándose un marido toda la vida que le pega, que llegue, que uno tiene que cocinar todo el tiempo, si no que eso permite de alguna manera ver que las mujeres tenemos una posición distinta, también hemos sufrido cosas muy fuertes, como mujeres y de alguna manera, le permite a uno, pensar en perspectiva de cambio y de transformación y eso es muy importante.

Finalmente uno que encuentra, que uno termina asumiendo el rol tradicional de las mujeres, en la misma práctica, madres cabezas de familia, con los hijos a cuestas, cierto. Con unas situaciones bastante difíciles, pero de todas maneras yo personalmente en mi vida yo vivo muy contenta porque creo que he logrado aportar en cositas, en la transformación de la visión especialmente de mujeres muy jóvenes, por ejemplo las pasantes que llegaban a la CNRR, trabajar con ellas fue muy vacano, ven, preséntalo

tú. Tú lo hiciste, preséntalo.

Esos son cosas que tenemos que pensárnosla muy en serio, porque ese tipo de cosas hay que transfórmalas, porque si no termina todo el mundo marginado. Entonces la negra Vásquez no tiene mayores espacios porque es una mujer muy conflictiva, entonces ella nunca pudo asumir una vocería del M, aunque escribió ese libro tan lindo que escribió y tan desde el corazón, porque ahí, ese es un libro bobalicon porque es que escribe muy desde la perspectiva de mujeres, pues qué pena, las mujeres y los hombres somos distintos, y las mujeres escribimos como mujeres y tenemos otras preocupaciones y los hombres otras. Si no fuera por las mujeres, el tejido social estaría vuelto mierda, peor de lo que está hoy en día.

Mi hija la operaron. pero yo estaba todo ese tiempo encerrada en la casa, porque no tengo quien me mantenga me ha tocado buscándome la vida por un lado y por otro, y eso genera mucha inestabilidad en la vida de las mujeres y no es justo, que después de haberme jodido tanto en la vida, hoy día pase una HV a corporación nuevo arco iris porque estaban necesitando quien les liderada la cosa de víctimas, y prefirieron dárselo a la novia de león valencia de turno, entonces dice uno que es esto. Yo no soy miembro de ese proceso, nunca he participado de hecho soy muy crítica, pero por lo mínimo, por el respeto que uno se merece, así como se reparten los hombres las cuotas y los pedazos de puesto, debieron haber pensado en mí.

Ese tipo de cosas te va generando como desequilibrios, como inestabilidad emocional muy fuerte, mas todo el tema afectivo, más la soledad afectiva tan hijueputa que no pasa. Todo ese tipo de cosas genera muchos dolores y llega un momento que uno empieza a entrar en crisis y yo le decía a leila en la carta que le mande. Leila me voy para cuba en diciembre porque necesito que vean allá especialistas, y necesito que tu como psicóloga empieces a hacer conmigo terapia de choque, si no lo puedes hacer conmigo porque eres mi amiga, entonces búscame una psicóloga muy buena, pero necesito alguien que me confronte y me saque de ese estado en el que estoy porque ese estado no me permite avanzar más. Estoy estancada, soy incapaz de decir cosas, de plantearlas, siento miedo, siento que si digo algo voy a agredir a alguien, porque como me he ganado el estigma de ser conflictiva por plantear mis cosas, ahora me da miedo hablar y plantear mis cosas.

No es una forma de hacernos daños las mujeres. Las feministas generalmente viven diciendo ahora somos las conflictivas, pero es que no es solamente una cosa de decirlo, es que eso genera daño y hace daño, un daño muy profundo, muy profundo, yo me pongo a pensar que en días pasado le decía a leila, en una carta, leila, tu que me conoces mucho, soy una persona conflictiva, ella soltó la risa y dijo no Claudia, la persona más vacana para convivir, yo viví contigo en tu casa, y la persona más vacana eras tú, y la relación que tus haces con toda la gente es muy vacana. Que dices las cosas como las sientes y cuando tienes que decirlas y cuando crees que debes decirlas y que les moleste a otros es distinto. Pero vos no sos conflictiva, convivir contigo es delicioso, yo le dije gracias, porque la verdad ya me da susto.

Que me dijo la señora con la que estoy trabajando, dijo tú tienes una excelente hoja de vida maravillosa, pero aquí han venido personas a decirme que tenga cuidado porque tú eres una mujer muy conflictiva, diciéndome una forma que tiene fama de conflictiva. Si tú hablas con Ana teresa, me quiere mucho, pero ella prefiere tener niñas que trabajen con ella, que si ella dice, una orden, le hagan las cosas y no a mí, porque yo le voy a decir, no estoy de acuerdo con eso.